



O HERDEIRO SUPREMO

SILVANO COLLI





O
HERDEIRO
SUPREMO

SILVANO COLLI

SUMÁRIO

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

O livro é um objeto mágico capaz de te transportar para vários mundos e viagens no tempo.

- Silvano Colli

CAPÍTULO 1

Estamos no planeta Primus, em frente às imensas muralhas do Castelo do Imperador Súrigam, em uma batalha sangrenta.

Entre o campo de batalha e o castelo, havia um fosso profundo onde corria um rio de lavas. De um lado da batalha, estavam os soldados de Súrigam; aparentemente, eram homens iguais aos terráqueos. Eles estavam armados com machados, martelos, espadas, lanças, dardos envenenados, dentre outras armas.

Contra eles, estavam seis raças diferentes e poderosas: os árguios, os brinos, os hulos, os ilírios, os mantros e os naturos.

Bastava uma pequena observação para percebermos que os soldados de Súrigam não eram simples homens: ao serem atingidos pelas flechas dos árguios ou pelas espadas dos hulos, eles simplesmente continuavam a luta como se não estivessem feridos. Até mesmo quando parte de seus corpos era decepada pelos inimigos, os soldados iam ao chão, mas logo juntavam seus pedaços e se remontavam.

Muitos aliados do Imperador eram derrubados pelos coices de criaturas bem esquisitas, conhecidas por brinos. Eles eram muito habilidosos e ainda usavam diversas armas de corte de formatos variados.

Com suas poderosas mãos, os gigantes conhecidos como mantros pegavam alguns soldados e os dilaceravam ou os arremessavam dentro do fosso. Mesmo com os corpos em chamas, os guerreiros começavam a escalada pelas paredes. Enquanto subiam, estavam nus, já que suas roupas foram queimadas pela lava; com isso, dava para ver as feridas sendo curadas.

Os magos conhecidos como ilírios disparavam raios que derrubavam os soldados e, por muitas vezes, abriam buracos em seus corpos, que logo eram restaurados.

Escondidos atrás de arbustos e em menor número, víamos algumas criaturinhas aparentemente fracas, semelhantes a primatas, conhecidas como naturos. Eles estavam controlando mentalmente feras poderosas, que atacavam os soldados.

Uma dessas feras era conhecida como cracos: com grandes saltos, ela conseguia se aproximar rapidamente dos soldados e usava as poderosas mandíbulas para estraçalhar os inimigos.

Outra fera também controlada pelos naturos e conhecida como gurtos usava suas garras para levar muitos soldados para voos bem altos. Em seguida, os soltava, fazendo com que eles se arreventassem no chão. Por vezes, a criatura degolava outros soldados usando sua cauda afiada.

Mas nada disso estava sendo muito eficaz contra o exército de Súrigan, pois, embora os soldados não fossem tão fortes, eram adversários quase invencíveis. Afinal não temiam a morte. A maioria dos invasores já estava ferida.

Depois de muita luta, a fadiga começou a tomar conta dos guerreiros, mas o ânimo dos soldados do Imperador permanecia o mesmo. Assim, o grupo começou a levar vantagem na batalha. Porém, inexplicavelmente, eles recuaram para dentro das muralhas do castelo. Mitro, o comandante dos hulos, gritou:

— Atrás deles, estão fugindo com medo. — Os hulos eram idênticos aos humanos.

Margom, o chefe dos ilírios, tentou conter o ímpeto de todos.

— Parem! Não façam isso. PAREM!

Como ninguém lhe deu ouvidos, exceto os ilírios, ele ordenou que os magos criassem uma parede de fogo com cerca de quatro metros de espessura por toda a extensão da ponte que levava até o portão de entrada do castelo, impedindo a perseguição.

A parede de chamas não conteve os soldados do Imperador, que ainda não haviam cruzado o local onde foi criado o encanto. Eles simplesmente se lançaram dentro das labaredas e logo surgiram do outro lado, ainda em chamas.

Mitro, mesmo com uma lança atravessada no ombro, queria ir atrás dos soldados e ficou furioso com Margom em razão do encanto que bloqueou o caminho. Esbravejando, o comandante escorou sua espada no pescoço de Margom.

— Está louco? Eles estavam fugindo, era nossa chance de finalmente tomar o castelo e você nos impede? Que espécie de traidor é você? Retire imediatamente essas chamas ou logo sua cabeça estará lá para queimar.

— Acalme-se, nem tudo é o que parece ser.

— Então explique por que não deixou que tomássemos o castelo e eu abaixo minha espada.

— Porque esse não era nosso objetivo aqui e, mesmo que entrássemos, não tomaríamos o castelo, só teríamos mais perdas. Nossos guerreiros já estão exaustos e seriam presas fáceis, viemos aqui apenas para provocar uma distração enquanto o verdadeiro objetivo estivesse sendo alcançado. E, pela reação dos soldados, parece que já está acontecendo, só espero que o tempo da distração tenha sido suficiente. Acalme-se, tire a espada de meu pescoço a fim de retornarmos para a proteção da Floresta dos Elcas, onde os poderes de Súrigan não nos alcançam. Lá, poderei explicar tudo.

Mitro hesitou em abaixar a espada. Suda, o soberano dos árguios, interveio:

— Vamos cuidar de nossos feridos, é melhor.

— Sim, vamos. Ajudem os feridos e deixem os mortos para trás. Rezaremos por suas almas, mas não podemos perder tempo levando seus corpos,

só iriam nos atrasar — completou Margom.

CAPÍTULO 2

Para podermos entender o porquê do recuo dos soldados de Súrigam, precisamos voltar um pouco no tempo. Para ser mais exato, devemos retornar ao momento em que a batalha estava no auge, em frente ao portão principal: do lado oposto, uma criatura única havia invadido o castelo, conhecida apenas como Fera.

Tratava-se de um quadrúpede com garras enormes; seu corpo era semelhante ao de uma hiena, porém muito maior, pesando cerca de cinco mil quilos; a cabeça era parecida com a de um lobo, com seus dentes pontiagudos e grandes. O animal era veloz, forte, exímio escalador, além de ter a habilidade de se camuflar conforme o ambiente por onde passava.

Graças a essa última capacidade, a Fera subiu em uma grande torre sem que as sentinelas percebessem. A construção escalada era a mais alta do castelo. Nela, havia apenas uma porta de entrada, que estava sendo vigiada por três soldados amados com machados.

Diferente das demais torres, a parte de cima dessa era feita de barras de ferro que formavam uma cúpula. No centro dessa cúpula, havia uma gaiola de metal, trancada com correntes e um cadeado. Logo que chegou ao topo, a Fera entortou as barras de ferro e entrou. Facilmente, arrebitou as correntes da gaiola e pegou com a boca um objeto que estava guardado ali.

Foi quando chegou o Imperador Súrigam, uma criatura com o porte físico de um hulo, usando uma armadura de metal e vestindo uma capa e capuz pretos e uma máscara azul-escuro que escondia o seu rosto, deixando aparecer apenas os olhos vermelhos e brilhantes. Graças aos seus poderes sobrenaturais, ele percebeu que alguém havia tocado no objeto guardado na torre. Nesse momento, se deu conta de que o ataque na entrada frontal do castelo era apenas uma distração para facilitar a invasão da construção, que ficava do lado oposto.

Usando seu controle mental, o Imperador ordenou que todos os soldados se dirigissem ao local para deter o invasor. Enquanto isso, a Fera já estava descendo as paredes; era impressionante como ela conseguia movimentar-se tão rápido no sentido vertical. Os três soldados que vigiavam a porta de entrada esperavam a postos lá embaixo, com seus machados em punho. Porém, faltando uns quatro metros para chegar ao solo, a Fera simplesmente saltou sobre eles, quebrando braço, perna e até o pescoço de um. Ela, então, saiu em disparada na direção através da qual havia entrado no castelo.

Antes que a Fera alcançasse as muralhas, alguns soldados cercaram o caminho que ela pretendia seguir. Então, a criatura freou, chegando a arrastar suas patas e escorregar. Com isso, mudou de direção: foi para a esquerda buscando o

outro muro. No entanto, para isso, teria que cruzar por um labirinto com paredes de aproximadamente cinco metros de altura. A Fera correu para o labirinto e os soldados vieram logo atrás. Ela era muito mais rápida, mas não conhecia o caminho como eles. A Fera correu pelo labirinto e, muitas vezes, entrou em becos sem saída, tendo que retornar. Em um desses retornos, ela encontrou um grupo de seis soldados e, rapidamente, saltou por cima deles, batendo as patas na parede. Em seguida, começou a sentir-se tonta: era o efeito de um dardo envenenado que acertou em sua barriga quando ela saltou sobre os soldados. A Fera ainda conseguiu correr por mais algum tempo.

Vindos de todos os lados, os guerreiros estavam apertando o cerco. Até que, enfim, o animal avistou a parede-limite do labirinto. A criatura correu em direção à ela para escalar, mas, faltando poucos metros para chegar, foi golpeada na cabeça por um martelo. Já estava tonta pelo veneno e acabou por sucumbir com a pancada: os olhos escureceram e ela caiu de barriga para cima.

Pronto, finalmente a Fera estava abatida.

— Peguem a relíquia que esse demônio me roubou e tragam também sua cabeça, para servir de exemplo a todos que tentarem se voltar contra o Império — ordenou Súrigam, se comunicando telepaticamente com os soldados.

Um dos soldados, armado com uma espada, aproximou-se da Fera, mirou seu pescoço e desferiu um violento golpe para decepá-lo.

Contudo, a Fera ainda não estava derrotada: antes que fosse atingida, com uma das patas dianteiras, arrancou o braço do soldado que tentava atacá-la e escalou a última parede do labirinto, fugindo em direção ao deserto que ficava próximo do castelo.

Os soldados demoraram para reagir, pois acreditavam que ela já estivesse abatida. Tentaram acertá-la com flechas, dardos, martelos, mas não tiveram sucesso.

Eles partiram em perseguição, porém a Fera era muito mais rápida.

Por mais que a criatura se distanciasse, cerca de cem soldados continuaram a persegui-la. Eles sabiam que ela estava envenenada e, a qualquer momento, não aguentaria mais em pé.

De fato, depois de algum tempo, ela já não era tão rápida, pois sentia o efeito do veneno. Alguns minutos depois, o animal já se arrastava e, com isso, os soldados estavam se aproximando.

A Fera não conseguia continuar, então deslizou mais alguns metros até chegar a um barranco às margens de uma floresta. Dali, se soltou barranco abaixo, na esperança de se esconder. Instantes antes de perder a consciência, usou suas habilidades para se camuflar no meio de arbustos.

Minutos depois, os soldados chegaram ao barranco por onde a Fera rolou e pararam temerosos.

Ora, mas o que poderia estar amedrontando essas criaturas que não temiam a morte?

Eles andavam de um lado para o outro, tentando ver algo dentro da floresta, mas não se arriscavam a entrar.

O que poderia existir de tão terrível ali?

Após alguns minutos de indecisão, ouviram o Imperador em suas mentes:

— Vamos, seus imbecis, estão esperando o que para continuar a perseguição?

— Mas, meu senhor, a Fera entrou na Floresta dos Elcas. Seremos destruídos se avançarmos — retrucou o comandante daquele pelotão.

Vejam só, finalmente algo que colocava medo nesses soldados! Mas o que de tão ameaçador podia existir nessa floresta?

— Esqueceram-se de quem deu a vida a vocês? Da mesma forma que lhes dou a vida, posso tirar. Agora, deixem de covardia e busquem minha relíquia, e não se esqueçam de trazer a cabeça daquele demônio como troféu.

— Vamos! Tenham cautela e nada de piedade — ordenou o comandante.

Os soldados entraram na floresta com muito cuidado, dava para ver suas fisionomias de pavor. A floresta era composta por árvores frondosas, além de alguns arbustos. Os guerreiros fizeram uma pequena busca ali onde a Fera havia rolado, mas, graças à camuflagem, eles não conseguiram vê-la. Por algumas vezes, passaram a centímetros dela.

— Não está por aqui, a floresta já deve ter dado cabo dela, vamos embora — disse o comandante.

Iam saindo quando um deles percebeu uma mancha de sangue em um arbusto.

— Comandante! Veja aqui, uma mancha de sangue.

Todos se aproximaram e perceberam que, na verdade, não era apenas uma mancha de sangue, mas sim a própria Fera.

— Cuidado, não vamos ser surpreendidos novamente. Você, arqueiro, meta-lhe algumas flechadas para termos certeza de sua morte — ordenou o comandante.

Imediatamente, o soldado apontou sua flecha para a Fera; parece que finalmente era o fim dela. O arqueiro mirou no crânio e disparou. Todavia, antes de atingir o alvo, a flecha foi interceptada por um cipó; outros cipós começaram a surgir dos troncos das árvores e foram sendo laçados contra os soldados. Eles começaram uma gritaria; ouviam-se palavras como: fujam, corram, saiam, mas já era tarde demais. Os guerreiros cortaram alguns cipós; contudo, outros apareceram

e voltaram a laçá-los. Os soldados estavam sendo desmembrados: enquanto um cipó agarrava uma perna, outro agarrava a cabeça, um terceiro agarrava os braços, e assim por diante.

Com isso, os cipós esticavam os corpos para todas as direções e, após estraçalhá-los, puxavam os pedaços para dentro das árvores, que absorviam as partes dos corpos dos soldados como se fossem uma gelatina; em seguida, os troncos voltavam a endurecer, deixando cada parte do inimigo em uma árvore diferente e impedindo que eles se remontassem.

Após um tempo de gritaria, o silêncio voltou a dominar o local: apenas algumas armas ficaram espalhadas pelo chão.

CAPÍTULO 3

Distante dali, mas ainda dentro dessa mesma floresta, o grupo que estava lutando em frente à entrada principal do Castelo de Súrigam ia chegando a um descampado localizado às margens de um rio. Ali, uma multidão de todas as raças, juntamente com os elcas e os gêmeos Aru e Ura, esperava ansiosa.

Os elcas eram criaturas místicas que controlavam a tal floresta. Eles não possuíam nenhum poder fora dela, mas ali dentro eram capazes de fazer coisas bem interessantes como, por exemplo, anular qualquer magia. Na força bruta, já vimos como são perigosas as suas árvores.

Os gêmeos Aru e Ura eram duas criaturas estranhas, os únicos registros de sua espécie no planeta. Não eram muito inteligentes, mediam pouco mais de meio metro de altura, eram bípedes e, por algumas vezes, se apoiavam na cauda, que tinha cerca de quarenta centímetros. Suas orelhas eram pontiagudas e os braços, longos, o que fazia suas mãos quase arrastarem no chão; o corpo era esguio e muito flexível.

Aqui, convém conhecermos um pouco mais sobre as criaturas e as espécies que participaram da suposta tentativa de invasão ao castelo de Súrigam.

Os árquios se pareciam com os terráqueos, porém tinham orelhas pontiagudas e cabelos compridos, lisos e vermelhos. Eram excelentes arqueiros. Quando chegavam à fase adulta, após os vinte anos de idade, eles paravam de envelhecer. Tinham também a visão mais desenvolvida de todo o planeta Primus, podendo enxergar a dezenas de quilômetros à luz do dia e a uma distância razoavelmente grande mesmo na escuridão.

Os brinos mediam cerca de um metro e meio de altura. Sua cabeça era semelhante a de um felino; o corpo, coberto por escamas; uma cauda de meio metro; garras nas mãos; presas afiadas; pés com cascos iguais aos de um cabrito; embora não tivessem tanta força, eram excelentes na luta corpo a corpo. Sua visão, durante o dia, não tinha nada de excepcional, mas possuíam excelente visão noturna, saltavam longe e alto e usavam pequenas armas de corte dos mais variados formatos. Conseguiram também perceber o mundo ao seu redor, como se tivessem radares em suas cabeças.

Os hulos realmente eram iguais aos terráqueos. Eles manejavam espadas com grande eficiência. Nenhuma raça, em todo o planeta, era mais inteligente ou manjava uma arma tão bem quanto os hulos.

Os ilírios eram magos poderosos que tinham o corpo parecido com os hulos, porém eram mais altos e esguios. Mediam cerca de dois metros de altura, vestiam túnicas das mais variadas cores, seguravam cajados de diversos formatos e

usavam magia. Essa raça era capaz de flutuar, sob qualquer superfície, a uma altura aproximada de quarenta centímetros.

Os mantros eram criaturas com pouco mais de três metros de altura, seus corpos e cabeças também lembravam os de um hulo. A principal diferença é que tinham braços alongados como os dos gorilas e pele capaz de resistir a objetos pontiagudos de pequeno impacto. Os mantros possuíam pouca inteligência, mas uma força descomunal.

Os naturos eram criaturas parecidas com primatas. Mediam cerca de setenta centímetros de altura, seu corpo era todo coberto por um pelo marrom e tinham um pequeno par de chifres. Eles nunca tentavam um combate corpo a corpo, pois não teriam nenhuma chance, já que eram lentos e de pouca força. Contudo, eram capazes de comandar telepaticamente quase todo tipo de animal irracional, inclusive duas espécies desses animais que também estiveram na batalha. Uma dessas criaturas recebe o nome de cracos.

Os cracos eram quadrúpedes, do tamanho de um touro grande. Tinham dentes afiadíssimos e davam grandes saltos. Seu corpo era forte, recoberto por um pelo liso de cor preta, com várias manchas esverdeadas num tom escuro. Sua cabeça lembrava a de um urso e, com apenas uma mordida, eram capazes de arrancar pedaços de suas vítimas.

A outra espécie comandada pelos naturos eram os gurtos, animais alados que mediam cerca de três metros de envergadura. Seu corpo era todo revestido de couro, com um pelo fino e curto. Tinham uma cauda de um metro e meio de comprimento com a ponta afiada, capaz de degolar um hulo em um único golpe, além de orelhas grandes e pontiagudas. Comum bico enorme semelhante ao de falcão; eles atacavam dando voos rasantes, agarrando suas vítimas e levando-as para o alto, soltando logo depois. No solo, desferiam violentas bicadas ou decepavam as vítimas com suas caudas.

Assim que Lara, a belíssima princesa árguia, avistou Suda, saiu correndo para abraçá-lo. Beijou sua face e disse:

— Graças ao Grande Espírito você está vivo, mas está todo sujo de sangue. Onde está ferido? Pedi tanto para não ir, mas não me ouve. — Enquanto falava sem parar, ia procurando pelos ferimentos. — É grave? Está doendo muito? Mostre-me, deixe-me ajudá-lo.

Suda, esboçando um sorriso, segurou os braços dela.

— Calma, meu anjo, este sangue não é meu, é dos feridos que ajudei a carregar, estou bem...

Lara, aliviada, abraçou Suda novamente.

— Graças ao Grande Espírito, estava tão preocupada.

Aru, que estava do lado de Suda, começou a falar sem parar:

— Estou vendo que há muitos feridos. Se eu tivesse ido, isso não teria acontecido. Eu teria acabado com pelo menos uns mil soldados, mas não, sempre tenho que ficar aqui no serviço pesado, nunca me deixam ir para a diversão. Já falei para vocês da vez que meu irmão e eu acabamos com trezentos soldados usando apenas um pedaço de madeira?

Suda beijou a testa de Lara e interrompeu o falastrão:

— Sim, você já deve ter contado essa história pelo menos duas vezes para cada soldado que diz ter derrotado. — Suda riu, se dirigindo à Lara: — Não se preocupe, eu sei me cuidar. Agora, use seus dons para ajudar os feridos. Nesse momento, eles precisam estar perto de suas mãos muito mais do que eu.

— Sim, é claro.

Lara foi auxiliar os feridos.

As fêmeas árguias não eram exímias arqueiras nem tinham uma visão tão apurada quanto a dos machos, mas possuíam o incrível dom da cura. Bastava que colocassem as mãos próximas a um ferimento para diminuir sua gravidade. Pequenos machucados podiam até mesmo ser completamente curados; os mais graves eram amenizados pelo seu poder. Suas mãos emitiam uma pequena radiação azul enquanto faziam a cura.

Ao mesmo tempo, os elcas iam colocando nos feridos uma pasta esverdeada feita de ervas medicinais. Ela ajudava a evitar infecções, era também cicatrizante e amenizava a dor.

Mitro aproximou-se de Margom e, em tom ríspido, cobrou os esclarecimentos prometidos:

— Qual a explicação para atrapalhar nossa tomada do castelo? Se é que tem uma.

— Acalme-se, meu amigo, cuide de sua ferida no ombro e logo esclareço a todos.

Nesse momento, Lara passava por perto e Margom a chamou:

— Lara, ajude-o com o ferimento.

Lara levou as mãos em direção ao ombro de Mitro para tentar remover o pedaço de lança, mas o hulo rejeitou a ajuda e continuou cobrando explicações de Margom:

— Não preciso de curandeiros, preciso de explicações. Era uma oportunidade única de vencermos aquele maldito exército, e você nos impediu.

Margom subiu em um tronco de árvore para ser visto por todos.

— Está bem, vou esclarecer tudo. Atenção! Prestem atenção para que eu não tenha que ficar dando explicações a todo instante. Nosso amigo Mitro está furioso porque não entende o motivo pelo qual impedi a perseguição aos soldados do imperador. Impedi porque, na verdade, os soldados não estavam fugindo, mas

sim indo defender o verdadeiro alvo de nosso ataque. A invasão não era nosso objetivo...

Alguns guerreiros hulos, motivados pela exaltação de seu comandante, também estavam exaltados. Um deles gritou:

— Como assim, não era nosso objetivo? Pois não foi você mesmo que nos reuniu com a finalidade de tomarmos o castelo?

— Isso foi o que eu lhes disse antes do ataque, mas não era a verdade.

— Então está confessando que é um traidor mentiroso? Não sabe que enforcamos os traidores? — esbravejou o guerreiro hulo.

— Acalme seu ímpeto, amigo, eu simplesmente não podia contar o verdadeiro objetivo de nosso ataque em razão da capacidade que Súrigam tem de ler mentes. Não podia deixar que vocês soubessem dos reais planos, pois, se ele lesse a mente de qualquer um, todo o nosso esforço seria em vão.

— E qual era o objetivo afinal? — perguntou Mitro.

Margom fez sinal para Mitro se calar.

— Alguns dias atrás, um dos guerreiros naturos escondeu-se em uns arbustos enquanto esperava um grupo de batedores de Súrigam passar pelo caminho. Ouviu comentarem da necessidade de proteger uma das seis partes do amuleto que estava na torre da luz, dentro do Castelo de Súrigam. Eles falavam algo sobre um antigo amuleto chamado Coração do Herdeiro Supremo, que guardava imenso poder dentro de si.

“O naturo imediatamente relatou a descoberta para nosso amigo Latus, que me procurou e planejamos como faríamos para recuperarmos a peça. Sabíamos que, em um ataque direto ao castelo, seria praticamente impossível termos sucesso; precisávamos, sim, criar uma distração bem grande do lado de fora para que a segurança da torre fosse diminuída. Aí, um de nós podia vencer as defesas do castelo pelo lado norte e invadir a torre”.

— Um de nós? Deve estar brincando. Ninguém dentre nós consegue invadir aquele castelo sozinho, mesmo com toda a distração desse mundo — retrucou Mitro.

— Dentre nós, provavelmente você tem razão. Mas existe uma criatura que teria grandes chances.

— Quem? — indagou Mitro.

— A Fera...

Uma agitação geral tomou conta de todos, ouviram-se murmúrios do tipo: “está louco”, “aquele demônio nunca iria cooperar”, “isso é idiotice”.

Um soldado mantro gritou:

— Nós, mantros, somos conhecidos pela pouca inteligência e grande força, mas até mesmo nós sabemos que a Fera não é o tipo de criatura para se ter como

amigo. Não passa de um demônio que mata nossos animais.

— Sim, é verdade que ela mata nossos animais ou qualquer outro ser que ela possa caçar. Contudo, apenas caça para se alimentar, e lhes digo que ninguém dentre nós seria mais indicado que a Fera para invadir o castelo: ela é uma criatura de grande inteligência, força física e agilidade incomparáveis, além de muitas outras qualidades de grande valia para o êxito da missão...

O soldado voltou a interromper:

— E quem garante que ela devolverá esse tal amuleto se de fato tiver conseguido roubar? Pois, sendo inteligente como diz que é, deverá descobrir o poder que a peça poderá lhe proporcionar.

— Exatamente por ser inteligente devolverá, porque sabe que, sem as outras cinco partes, de nada valerá aquela. Ademais, ela também tem interesse em destruir Súrigam.

— Que interesse essa Fera demoníaca poderia ter em destruir outro demônio como Súrigam? — questionou Mitro.

— Essa é uma longa história, meu amigo, mas acredito que a Fera ainda será uma peça fundamental no desfecho desta guerra.

— E sobre esse tal de Coração do Herdeiro Supremo, do que se trata exatamente? Por que somente agora estamos procurando? — perguntou Mitro.

— Não é somente agora que estou procurando; na verdade, nunca deixei de buscá-lo. Mas não é fácil achar pistas sobre ele. Para falar da peça, preciso voltar no tempo...

Margom, usando seu cajado, fez um círculo no ar, desenhando um rastro de fogo. Aos poucos, a imagem foi se tornado uma bola incandescente que tomou a forma de uma miniatura do planeta Primus. Com exceção das fêmeas árguias e dos elcas, que continuaram cuidando dos feridos enquanto Margom falava, todos foram sendo tomados por um transe hipnótico. É como se eles entrassem nessa miniatura do planeta, vivendo a história contada pelo mago.

— Há mais de dois mil anos, não éramos povos amigos como somos hoje. Éramos, sim, seis povos inimigos que há muitos séculos viviam em constantes guerras, cada um sempre tentando subjugar os demais para tentar dominar sozinho todo o planeta Primus. Porém, devido ao equilíbrio entre as raças, ninguém conseguiu êxito.

“Foi então que os ilírios propuseram uma aliança com os árguios e brinos, para que juntos pudessem destruir os demais inimigos. Depois, dividiriam o controle do planeta. Embora um não confiasse do outro, ambos aceitaram a aliança, pois entenderam que se, juntos, eliminassem as outras três raças, restariam menos concorrentes ao controle absoluto de Primus.”

“Sendo assim, começaram a execução do plano, que funcionaria da seguinte forma: juntos, eles atacariam uma raça de cada vez, para que esta não tivesse força para resistir. Assim que o adversário fosse eliminado, partiriam para o próximo inimigo e, em seguida, para o terceiro e último.”

“Escolheram atacar primeiro os hulos, o que foi um erro de estratégia, pois, embora fossem uma raça não tão forte quanto os mantros, nem tivessem o poder mental de dominar as feras selvagens como os naturos, eram os grandes estrategistas. Talvez fossem os únicos com inteligência e perspicácia suficientes para perceber a tempo o que estava acontecendo. Mas a aliança estava tão certa do sucesso que desprezou esse risco.”

“O primeiro ataque foi estrategicamente planejado em meio a uma noite, enquanto os ilírios se ocupavam em criar um encanto que produziria uma densa nuvem negra, capaz de cobrir todo o território dos hulos. Assim, uma grande escuridão seria criada, ainda maior que a própria noite, o que lhes daria boa vantagem. Isso porque os árguios, com sua visão apuradíssima, conseguiam ver mesmo na escuridão, e os brinos não precisavam olhar para saber o que havia por perto, já que percebiam tudo ao seu redor.”

“O local escolhido para o primeiro ataque foi Gorba, uma das duas grandes cidades dos hulos. Ela era cercada por uma imensa muralha, exceto pelo lado leste, onde existia uma proteção natural: um grande paredão rochoso de mais de trezentos metros de altura que margeava o mar da morte, o maior dos três oceanos do planeta. Este tinha o nome de “Mar da Morte” porque todos que tentaram navegar por ele foram engolidos pelas criaturas vorazes que habitavam aquelas águas ou por suas imensas ondas; algumas chegavam a mais de cinquenta metros de altura.”

“A muralha que cercava o restante da cidade media cerca de quarenta metros de altura, com três metros de largura. Vários soldados hulos circulavam por ela ininterruptamente. Essa vigilância era intensa em razão da guerra existente entre as seis raças que tentavam dominar o planeta. No entanto, naquela noite, devido à forte tempestade, havia apenas alguns soldados fazendo a guarda, pois parecia impossível que alguém pudesse se aventurar num ataque em uma noite tão escura. Escuridão essa que, para os hulos, era apenas em razão da tempestade.”

“E foi assim que começou a execução do plano da aliança: enquanto os ilírios se encarregavam de manter o encanto da escuridão, os árguios se posicionaram de forma estratégica para abater de uma só vez os poucos soldados que estavam fazendo a ronda em cima da muralha.”

“Estando posicionados, o líder árguio deu um assobio. As sentinelas hulo ouviram o assobio, mas, na escuridão, antes que pudessem descobrir o que era, todos sentiram sua carne sendo perfurada por flechas certeiras.”

“Como derrubar os portões acordaria o resto da cidade e isso acabaria com o fator surpresa, os brinos começaram a encostar suas escadas para escalar a muralha. Pouco tempo depois, muitos brinos já estavam na parte de cima da construção e se preparavam para descer as escadarias a fim de abrir os portões por onde o restante entraria para massacrar toda a população o mais silenciosamente possível. A ordem era não deixar nenhum sobrevivente.”

“Agora, o único movimento que se via era dos brinos descendo as escadarias. Foi quando um deles tropeçou em uma espada de um hulo morto e despertou outro soldado hulo que dormia. Imundos era seu nome, ele deveria estar fazendo ronda em cima das muralhas, porém, em razão da tempestade, Imundos havia abandonado o posto para procurar abrigo sob o teto de uma pequena guarita com cerca de oito metros quadrados e sinos para soar alarme em eventuais ataques. Existiam várias delas espalhadas pelas muralhas da cidade, e foi ali que Imundos acabou adormecendo.”

“Esse soldado era chamado assim porque dificilmente tomava banho, e a aversão à água foi o que salvou sua vida, pelo menos por enquanto. Como no interior de cada guarita existiam algumas tochas acesas, protegidas da chuva, o soldado pôde perceber os vultos de três invasores. Ele permaneceu imóvel até que os brinos passassem: ficou espiando apenas por uma minúscula fresta da manta que cobria seu corpo a fim de se proteger do frio. Foi ela que impediu os brinos de perceberem que ali havia um inimigo vivo. Quando os três já estavam longe o suficiente, Imundos cuidadosamente se dirigiu até os sinos e fez soar o alarme. Pronto, o plano já não sairia perfeito conforme o planejado. Entretanto, a vantagem da aliança ainda era grande, pois estavam preparados para a batalha. Os brinos se apressaram em abrir os pesados portões da cidade. Imediatamente, os demais guerreiros entraram, enquanto os hulos iam acordando assustados sem entender o que estava acontecendo...”

Um grito de dor ecoou pela floresta, interrompendo o relato de Margom. Lara acabara de remover o pedaço de lança cravado no ombro de Mitro. Este estava hipnotizado ouvindo a história, e não percebeu que a moça havia começado a cuidar de seu ferimento.

— Desculpe, senhor, mas precisava tirar a lança para cuidar da ferida — Lara falou com a delicadeza habitual, própria de sua personalidade dócil.

— Já disse que não preciso do cuidado de ninguém! — Mitro esbravejou sem nem mesmo olhar para quem o ajudava. Com o outro braço, tentou afastar as mãos dela, que começavam a brilhar para curar-lhe a ferida.

Lara recusou-se a afastar as mãos e respondeu não tão dócil como de costume:

— Não estou lhe perguntando o que você quer, agora engula sua soberba e aceite a ajuda ou perderá o braço, hulo ignorante.

Essa rispidez inesperada fez com que Mitro olhasse para Lara. Só então a criatura percebeu toda a beleza daquela árguia e, por alguns instantes, ficou hipnotizado: nunca tinha visto nenhuma fêmea tão linda, fosse ela árguia ou hula. Lara continuou com suas mãos sobre o ferimento para tentar diminuir a gravidade; era uma ferida grande, que já havia provocado muita perda de sangue. Nesse instante, porém, o hulo parecia nem sentir dor, tamanho o encantamento que ele estava vendo em sua frente. Enquanto Lara cuidava de seu ombro, Mitro a admirava. Não sabia o que era mais belo: os olhos verdes, com um contorno escuro que combinava perfeitamente com seus cabelos compridos e sedosos num tom vermelho, quase preto, sua pele morena ou os lábios vermelhos e carnudos. Enfim, tudo formava um conjunto de beleza rara. Até o som da respiração de Lara soava como música aos ouvidos de Mitro, que, naquele instante, nem percebeu que Margom já havia retomado a narrativa. O olhar de Lara cruzou com o de Mitro e ela percebeu o fascínio, ficando encabulada.

A árguia delicadamente desviou o olhar.

— Pronto, isso é tudo o que posso fazer, agora aguarde as ervas dos elcas, que acabarão por curar sua ferida. — Com os olhos baixos, Lara saiu.

Só então o hulo percebeu que já estava perdendo as explicações de Margom e se concentrou novamente nas palavras dele.

“Nesse ponto da história, a batalha já estava feroz dentro da cidade de Gorba. Havia muitos corpos no chão, a maioria era de hulos. Contudo, alguns invasores também tinham tombado, pois muitas tochas já estavam acesas e não era fácil enfrentar um hulo armado com uma espada na presença da luz. Percebendo isso, Creto, o comandante árguio, ordenou:

— Rápido, apaguem as tochas.

Os ilírios criaram um encanto que soprava as tochas, fazendo a penumbra, mais uma vez, tomar conta da cidade. Com isso, os hulos tornaram-se alvos fáceis. A batalha agora não estava apenas no pátio de entrada: muitos invasores já derrubavam portas das casas e matavam inclusive as mulheres e crianças. Duriam, o chefe da cidade de Gorba, que também empunhava uma espada, tendo inclusive derrubado muitos inimigos, decidiu fugir, pois percebeu que não havia mais nada a fazer. Nesse momento, ele estava próximo de Imundos, que já estava ferido na coxa direita por uma flecha, mas ainda lutava bravamente. Um brino atacou Imundos pelas costas, mas Duriam conseguiu interceptar o golpe, decepando o braço do brino. Imundos, percebendo que sua vida acabara de ser salva, acenou com a cabeça em sinal de agradecimento.

— Venha comigo, vamos fugir, não há mais nada que possamos fazer aqui.

Duriam foi puxando Imundos pelo braço para dentro do palácio, mas ele resistia.

— Não, meu senhor. Estão matando nossas mulheres e crianças, precisamos salvá-los!

— Esta batalha está perdida, não vale a pena um soldado tão valoroso ser sacrificado por nada. Ninguém que ficar aqui sobreviverá.

Imundos hesitou por, mas, ao olhar para trás e não conseguir ver nada na escuridão, apenas ouvir tantos gritos de desespero, percebeu que seu comandante estava correto.”

“Assim que os dois entraram pela porta principal do palácio, bem perto deles, apareceu mais um brino tentando surpreendê-los. Com um punhal, o adversário chegou a golpear as costas de Duriam; porém, o golpe passou de raspão graças à sombra criada pelas duas tochas que iluminavam o portão de entrada do palácio. O chefe hulo percebeu o ataque e pôde esquivar-se, caindo para a esquerda enquanto empurrava Imundos para a direita. Nesse instante, o brino se viu cercado pelos dois hulos e tentou fugir, mas Imundos, mesmo ferido, enfiou a espada na barriga do brino. Ao mesmo tempo, Duriam finalizou o ataque com um golpe no crânio do inimigo.”

“Eles, então, fecharam a porta, desceram a trava e seguiram direto para o dirigível localizado nos fundos do palácio. O veículo permanecia o tempo todo vigiado por dez soldados e dois pilotos com a ordem de nunca se afastarem.”

“Os soldados que estavam vigiando o dirigível podiam ouvir que algo estava errado, mas dali não era possível saber o que estava acontecendo exatamente. Assim que Solom, um dos pilotos, viu Duriam e Imundos se aproximando, perguntou:

— O que está acontecendo, meu senhor? Ouvimos o que nos pareceu ser gritos de socorro.

— E de fato são, mas agora não há tempo para explicações, precisamos partir. Rápido!

Sem questionar, todos ajudam a soltar as cordas que prendiam o dirigível e embarcaram.

Duriam orientou o piloto:

— Vá sobrevoando o Mar da Morte na direção leste. Suba acima das nuvens para que possamos nos orientar pelas estrelas e seguir em direção à cidade de Turik. Lá, organizaremos um contra-ataque junto com nossos irmãos.”

CAPÍTULO 4

“Solom fez o dirigível subir a fim de passar pelas nuvens da tempestade, que eles pensavam ser a única razão para tanta escuridão. Todavia, enquanto iam subindo, já tendo inclusive cruzado pelas nuvens de chuva, a escuridão continuava exatamente a mesma. Embora achassem o fato estranho, os hulos continuaram subindo, mas não tinham certeza se estavam na direção correta. Já estavam voando há cerca de quatro horas quando Solom comentou:

— Meu senhor, tem algo errado com essa escuridão, deveríamos estar acima de qualquer nuvem. E o ar está tão denso que até parece que podemos pegá-lo.

— É verdade, isso deve ser obra daqueles malditos bruxos. Vamos subir mais um pouco para ver se conseguimos passar por isso, seja lá o que for.

— Não podemos exagerar. Se subirmos muito mais, não teremos ar para respirar.

— Mas precisamos tentar voar um pouco mais alto, suba.

Quando já estavam no limite, finalmente venceram aquela barreira sombria e puderam ver as estrelas, bem como duas das três luas do planeta Primos. Acima deles, encontraram o céu que já estavam acostumados a observar, principalmente os dois pilotos: eles, muitas vezes, fizeram voos noturnos, e estavam habituados a se orientar pelas estrelas. Porém, quando olhavam para o horizonte, não parecia que estavam em um dirigível, e sim num barco que navegava sobre águas escuras, tamanha era a densidade daquelas nuvens.”

“Estavam definitivamente convencidos que aquilo não era algo da natureza.

Agora, orientado pelas estrelas, o piloto corrigiu o curso, seguindo em direção à cidade de Turik. Todos permaneciam em silêncio enquanto observavam aquela nuvem negra.”

“Estavam voando há umas dez horas. Todos haviam adormecido, exceto Solom, que já estava muito cansado e não tão alerta: naquela altitude, não parecia haver perigos a não ser o risco de seguir errado o caminho das estrelas. Amanhecia quando o piloto percebeu um vulto atrás dele, que segurou em seu ombro esquerdo. O hulo esquivou-se rapidamente e empunhou sua espada, então o vulto deu um salto para trás.

— Calma, Solom! Sou eu, Andrio. — Era o outro piloto, que veio rendê-lo.
— Vá descansar um pouco, meu amigo, eu concluo a viagem.

Solom, ainda sentindo o coração na boca, comentou:

— Nunca mais chegue assim tão silencioso por trás ou poderá perder a cabeça, meu amigo.

— Perdão! Não queria assustá-lo. Espero que estejamos próximos de nosso forte, já que o carvão está acabando e precisaremos abastecer. — O dirigível era movido por uma fornalha a carvão.

— Estamos perto. Daqui umas duas horas estaremos lá se continuarmos nesse ritmo, tome o comando que preciso descansar.

Os demais hulos começam a despertar e ficaram espantados com aquela visão estranha: acima deles, o sol; abaixo, uma grande escuridão. Permaneceram calados até que Andrio quebrou o silêncio:

— Vejam!

Andrio estava apontando para o horizonte à sua frente. Todos olharam, mas não perceberam nada.

— Bem lá na frente, não percebem? Parece que essa nuvem negra abaixo de nós se acaba!

Os demais hulos observaram com atenção: de fato, dava para ver os limites daquela escuridão abaixo deles. Enquanto voavam, perceberam que a nuvem ia crescendo, mas em ritmo mais lento do que eles. Assim, estavam vencendo a escuridão.”

“Pronto, agora eles já estavam além do encanto dos ilírios e enxergavam o que estava abaixo. Avistaram o forte hulo que ficava entre as cidades de Gorba e Turik e desceram para reabastecer, enquanto Duriam informou o que estava acontecendo para os cerca de cinquenta hulos que guardavam o forte.

— Vocês que vigiam esse forte deverão seguir para Turik montados nos pergus, pois o dirigível não comporta a todos.

Pergus são as montarias dos hulos, uma das poucas criaturas irracionais que não respondia aos comandos telepáticos dos naturos. Eles tinham os cascos e o corpo semelhantes ao de um cavalo, porém maiores. Mediam cerca de dois metros e meio de altura e quatro de comprimento; o pescoço e a cabeça pareciam com a de um lagarto gigante; tinham dentes pontiagudos e enfileirados por toda a extensão da boca. Seu corpo era recoberto por um pelo fino, liso e curto num tom marrom avermelhado. A partir do pescoço, não possuíam pelos: tanto o pescoço quanto a cabeça eram recobertos por um couro parecido com os de um réptil.”

“Enquanto os que viajavam no dirigível permaneceram ali para reabastecer-se de carvão, os demais se equiparam com tochas e partiram. Deveriam derrubar a ponte sobre o rio das lavas assim que atravessassem. Dessa forma, atrasariam o inimigo caso escolhessem aquele caminho para chegarem até Turik.”

“No forte, os demais ainda não tinham acabado de pegar o carvão quando a escuridão chegou. Finalmente abastecidos, eles voltaram a voar. Várias horas depois, o dirigível chegou ao destino.”

“Duriam imediatamente contou tudo o que estava acontecendo a Torbo, o chefe de Turik, que também era seu irmão. Torbo convocou seus conselheiros de guerra para discutir o que fazer. Depois de um bom tempo de conversa, chegaram ao consenso sobre algumas medidas necessárias para tentar conter o inimigo. Assim, começaram a se preparar para a guerra, pois sabiam que o adversário provavelmente estaria vindo a pé e chegaria em poucos dias.”

“Os hulos que viajavam nos pergus, naquele momento, tinham acabado de atravessar a ponte do rio de lavas e estavam derrubando-a. Com isso, quem viesse por aquele caminho teria que contornar pelo Vale do Fogo, o que atrasaria a viagem em cerca de cinco dias.”

“Para derrubar a ponte, eles usaram dois líquidos que separados eram inofensivos, mas, quando misturados, entravam em combustão. Espalharam sobre a ponte um dos componentes. Em seguida, todos ficaram do outro lado aguardando, exceto três deles: estes, montados em seus pergus, se posicionaram do lado oposto, com sacos cheios de líquido pendurados nos animais. Então, com suas espadas, fizeram furos nos sacos e partiram em disparada para unir-se aos demais. À medida que o líquido ia se misturando ao que já estava espalhado no chão, iniciava-se o fogo sobre a ponte de madeira. Em alguns minutos, as chamas iluminaram o local, já coberto pela nuvem negra. Com essa tarefa cumprida, os hulos seguiram para Turik.”

“Na cidade de Turik, o trabalho era intenso: todos preparavam o terreno para a luta. Sabiam que teriam pelo menos uns oito dias, com segurança, para se preparar. Depois disso, seria arriscado permanecer do lado de fora dos muros, pois o inimigo poderia chegar e pegá-los desprevenidos.”

“Já tinham passado quatro dias desde a invasão da cidade de Gorba quando a aliança chegou até a ponte do rio de lavas. Foi ali que desconfiaram que alguém tivesse sobrevivido ao massacre, pois estava evidente que aquela ponte tinha sido destruída propositalmente para atrasá-los. Sem alternativa, tiveram que seguir por um caminho mais longo e perigoso: o Vale do Fogo, que tinha esse nome devido às várias erupções vulcânicas do local. Elas eram, inclusive, as responsáveis pela formação do rio de lavas que estava bloqueando o caminho. Os guerreiros passariam por perigosos desfiladeiros e vulcões ativos.”

“Enquanto isso, na cidade de Turik, a população fugiu para as montanhas, ficando no local apenas os soldados, conselheiros e líderes que, após horas de discussões, decidiram buscar ajuda dos mantros e dos naturos. Embora a decisão não tenha sido unânime, a maioria concluiu que, sozinhos, até resistiriam por algum tempo e poderiam ganhar uma ou outra batalha. No entanto, a superioridade do exército inimigo era tanta que, em algum momento da guerra, certamente eles seriam exterminados. Dessa maneira, um pequeno grupo embarcou no dirigível e

seguiu em direção às terras dos naturos. Os demais hulos continuavam em ritmo intenso na cidade de Turik, ainda preparando o terreno para a guerra.”

“Voltando para o local onde a aliança estava, o exército precisou mesmo que seguir sua viagem rio acima. Em três dias, eles chegaram aos perigosos desfiladeiros do Vale do Fogo. A partir dali, era preciso tomar muito mais cuidado e, conseqüentemente, seguir bem mais devagar. O grupo devia estar sempre atento aos vulcões, que poderiam explodir a qualquer momento. Por isso, antes de iniciar a travessia dos desfiladeiros, os guerreiros resolveram acampar por algumas horas a fim de repor suas energias e se alimentar. Seis horas depois, já estavam caminhando novamente.”

“Não demorou muito para ocorrer o primeiro acidente. Como o caminho era estreito e a multidão era imensa, muitos passaram à beira do precipício; o terreno acabou cedendo, provocando um desmoronamento que engoliu um grupo de árguios, que foram parar dentro das lavas incandescentes. Entretanto, a viagem precisava continuar. Então, o comandante dos árguios, conhecido pelo nome de Creto, ordenou:

— Cuidado! Não fiquem tão à margem do precipício, pois, com tantas explosões vulcânicas, as rochas estão trincadas e as margens não suportam tanto peso. Façam fileiras de três, não aglomerem tanto assim.

Organizaram-se dessa forma: cada uma das três raças da aliança seguia com seus semelhantes, formando uma fila quilométrica que seguia o estreito caminho. O calor era intenso, deixando a temperatura quase insuportável, mas os soldados precisavam seguir com cuidado e suportar aquela temperatura escaldante.”

“Já viajavam há várias horas, estavam esgotados, mas sabiam que não podiam parar para descansar, pois a qualquer momento poderia haver uma nova explosão vulcânica, e ali não existiam meios para se proteger. Alguns soldados, tanto ilírios quanto brinos e árguios, não suportavam tanta exaustão e acabavam ficando para trás. Seus comandantes ordenavam ao grupo que seguisse sem parar. Alertavam a todos que cada um deveria cuidar de si mesmo, pois se alguém fosse querer carregar os que fraquejavam, eles também acabariam ficando para trás.”

“Finalmente! Depois de um dia inteiro seguindo sem parar por aquele caminho terrível, os que estavam na frente já tinham saído do desfiladeiro quando sentiram o início de um tremor da montanha: era o prenúncio de uma das temidas explosões vulcânicas. Mesmo exaustos, os guerreiros encontraram força para correr para fora e tentar salvar-se. Logo em seguida, ocorreu uma grande explosão, provocando um desmoronamento. Os poucos que tinham ficado para trás para descansar não tiveram nenhuma chance: uns caíram do penhasco com os tremores, outros foram incinerados pelas lavas que desciam do vulcão ou atingidos pelas pedras que rolavam montanha abaixo. O restante do grupo, agora já a uma

distância segura do Vale do Fogo, finalmente pôde montar acampamento e repor as energias.”

“Já era o nono dia de jornada quando a aliança chegou até a grande Turik. As muralhas eram ainda mais imponentes que as da cidade de Gorba. Estava tudo escuro: não havia mais nenhum movimento dos hulos; a cidade parecia estar abandonada; não existiam sentinelas nas torres de observação; nenhuma tocha estava acesa; e o silêncio só era quebrado eventualmente pelos sons que vinham de animais que habitavam a floresta próxima à cidade ou pelas gigantescas ondas das águas do Mar da Morte, que batiam nas paredes do grande penhasco margeando boa parte dos limites de Turik.”

“Isso dificultava muito a entrada de um inimigo, pois o acesso ao local só podia ser feito pela parte da frente, já que a cidade ficava em uma península do Mar da Morte. Ninguém se arriscava a navegar por aquele lugar, devido às já citadas ondas gigantescas e às criaturas, em sua maioria desconhecidas e mortais. Ainda por precaução, fora construída uma grande muralha que cercava toda a cidade, com várias torres de observação. Na parte da frente, onde havia o único acesso para entrar na cidade, os muros eram ainda maiores, formando o desenho de um V. O forte estava equipado com várias catapultas direcionadas para a parte de frente da cidade, ou seja, para se aproximar dos portões, o invasor teria que entrar nesse V, espaço em que poderia ser alvo fácil de arqueiros e catapultas. Turik era uma fortaleza tão bem protegida que ninguém jamais havia tentado invadi-la.”

“O exército da aliança, desta vez, sabia que provavelmente não contaria mais com o benefício da surpresa e, por isso, acampou próximo da cidade. Por dois dias, estudaram o terreno, tentaram ver algum movimento hulo, mas nada. Alguns arriscavam dizer que o inimigo, conhecendo a força do exército que vinha para combatê-los, preferiu abandonar tudo e fugir.”

“Porém, os comandantes da aliança sabiam que um povo guerreiro como os hulos não se deixaria vencer tão facilmente: aquilo parecia mais ser uma emboscada. Contudo, não havia alternativa: eles teriam que iniciar o ataque, pois ali parados acabariam virando alvos uma hora ou outra. Como possuíam exércitos muito mais numerosos, as chances de vitória eram boas.”

“Depois de estudada a região, os guerreiros organizaram o ataque da seguinte forma: com o encanto dos ilírios, que proporcionava toda aquela penumbra, era certo que os hulos não podiam vê-los se aproximando. Então, para verificar se não se tratava de uma armadilha e comprometer grandes tropas, apenas algumas dezenas de brinos e ilírios receberam a ordem de avançar. Esses poucos guerreiros sorrateiramente entraram no grande V da muralha para chegar até o portão, enquanto todos os árguios ficaram na retaguarda. Estes últimos se posicionaram em pontos altos, com seus arcos e flechas preparados. Caso

percebessem algum movimento hulo nas muralhas, eles os abateriam. As tropas da aliança foram, devagarzinho, se aproximando do portão; já começavam a colocar as escadas para escalar a muralha.”

“De fato, parecia que os hulos avaliaram que, naquela escuridão e contra um exército muito mais numeroso, não teriam chances de vitória e abandonaram a cidade.”

CAPÍTULO 5

Novamente, a narração de Margom foi interrompida por um grande ruído vindo do interior da floresta: um barulho intenso de galhos sendo chacoalhados. Todos ficaram na expectativa, pois tanta movimentação das árvores deveria sugerir alguma coisa bem grande. Finalmente, surgiu uma espécie de casulo enorme, feito de cipós, que uma árvore ia passando para a outra de galho em galho. Esses galhos pareciam braços que seguravam aquele emaranhado de cipós com zelo, como se fosse uma mãe carregando seu filho. Por fim, alguns galhos se esticaram para dentro da clareira e, com muito cuidado, o casulo foi deixado aos pés de Latus. As árvores voltaram a ficar imóveis e os cipós que formavam o casulo começaram a se desenrolar.

Aos poucos, foram mostrando o que eles protegiam: era a Fera. Houve murmurinho geral. Por alguns instantes, os soldados ficaram observando aquele corpo enquanto Latus, já agachado, examinava a Fera e percebia o ferimento.

Podia-se ver no semblante de todos uma mistura de espanto, curiosidade, admiração, medo... era difícil definir, tamanha a fusão de sentimentos que aquela criatura causava. Latus passou os dedos sobre a ferida e esfregou-os, analisando o sangue que estava num tom esverdeado e pegajoso. Levou a substância até o nariz e logo afastou: o cheiro era forte.

— Ela está gravemente ferida. Aru e Ura, rápido, tragam-me uma fruta da vida.

Enquanto falava, Latus levantou a cabeça e procurou os gêmeos, sem avistá-los. Então, gritou:

— ARU! URA! Cadê vocês?

Ao longe, se escutou a voz de Ura:

— Aqui, mestre.

— O que vocês estão fazendo aí em cima? Já estavam novamente se escondendo com medo?

— Mas é claro que não, mestre. É que, quando ouvimos o estranho barulho vindo da floresta, meu bravo irmão Aru e eu procuramos logo um lugar bem alto para termos uma visão melhor e atacarmos o inimigo assim que ele chegasse.

Margom dá um sorriso discreto.

— Mas é claro que sim, só vocês dois mesmo para me fazerem rir em uma hora de tamanha gravidade. Rápido! Tragam-me uma fruta da árvore da vida.

Os gêmeos desapareceram na floresta ao mesmo tempo em que os demais observavam à distância a Fera estirada no chão. Mitro foi aproximando-se lentamente e, quando já estava bem perto, empunhou a espada, dando a impressão

de que iria golpear a Fera. Um dos guerreiros árguios preparou uma investida para impedir a ação de Mitro, porém, foi contido pelo ilírio que estava ao seu lado e colocou a mão em seu peito. Com a espada, Mitro cuidadosamente afastou uma das patas dianteiras da Fera e deu uma volta ao redor do corpo, agindo como se procurasse algo. Todos os outros observavam imóveis, na expectativa de que algo surpreendente pudesse acontecer a qualquer momento. Mitro finalmente quebrou o silêncio:

— É... Parece que esse monstro não conseguiu pegar a parte do amuleto. Ou pegou e escondeu para si, o que não duvido nada, nada. Não se pode confiar numa criatura dessas...

Margom interrompeu:

— Não diga besteiras! Não ouviu o que Latus disse? Ela foi ferida. Concordo que talvez não tenha conseguido pegar a parte do amuleto, ou ainda que tenha pegado e os soldados do Império tenham recuperado, mas essa Fera nunca teria escondido o objeto para si.

Mitro, agora já abaixado próximo da cabeça da Fera para poder observá-la bem de perto, falou:

— Que seja. Podemos não ter conseguido essa parte do amuleto, mas ao menos parece que finalmente estamos livres desse demônio. Nem tudo foi em vão.

Margom estava bastante preocupado e perguntou para Latus:

— Isso é verdade? O ferimento é realmente muito grave? Ela irá sobreviver?

— Ainda não se pode afirmar. A viscosidade que sai de sua ferida deixa claro que foi envenenada por soldados do Imperador. Contudo, não se pode saber se ela sobreviverá. Teremos que esperar para ver como ela reagirá ao antídoto. — Latus olhou na direção por onde os gêmeos saíram. — Espero que Ura e Aru voltem logo com a fruta; a cada instante, as chances de sobrevivência da Fera diminuem.

Pouco tempo depois, os dois voltaram correndo, cada um com uma fruta.

— Aqui, mestre, encontramos. Trouxemos duas que estavam juntinhas naquele pé perto das três grandes pedras — falou Aru.

— Preciso apenas de uma.

Latus pegou uma delas da mão de Aru e, com uma faca, furou a fruta, que servia como antídoto para diversos tipos de veneno e ajudava na cicatrização de ferimentos. Ela tinha a forma arredondada, um sabor bastante azedo e pesava em média trezentos gramas. Era sempre vermelha com manchas amarelas, mesmo quando estava verde. Furando-a, a fruta escorria como se fosse um creme da mesma cor da casca, com pequenos flocos pretos que eram suas sementes.

Latus deixou a fruta escorrer sobre a ferida da Fera e ainda pressionou com os dedos para que o líquido pudesse penetrar mais profundamente.

— Pronto! Agora tudo o que podemos fazer é aguardar. Pode ser que a Fera se recupera logo, pode demorar muito, ou quem sabe aconteça o pior.

O sentimento dos que ali estavam se confundiam: não sabiam se deveriam torcer para a Fera se recuperar, já que nesse momento era uma aliada e somente ela poderia esclarecer o que havia acontecido com a relíquia, ou se deveriam desejar sua morte por ser uma criatura especialmente temida, voraz devoradora de diversos animais domésticos criados por todas as raças.

Já muitos tinham sido feridos tentando capturá-la, e agora o animal estava ali, indefeso. Sabendo da vontade de muitos de finalmente pôr fim àquela criatura, Latus não pretendia afastar-se dela um só instante. Assim, pediu para que Margom retomasse a narrativa da história, para mudar o foco de atenção de todos e dar tempo para a Fera se recuperar.

— Margom, o mestre poderia continuar nos contando os fatos ocorridos no passado para que possamos entender o que está acontecendo no presente?

Margom percebeu as intenções de Latus e, pela terceira vez, recriou o encanto, prosseguindo assim com a narrativa.

CAPÍTULO 6

“Os exércitos da aliança se encontravam em frente às imensas muralhas de Turik, e alguns brinos começaram a escalar os muros para abrir os portões, tal qual fizeram em Gorba. Enquanto isso, o restante do grupo se posicionaria perto, para invadir assim que os portões fossem abertos. Dessa forma, algum tempo depois, já havia brinos quase na metade da muralha, e a grande área em forma de V estava tomada por guerreiros da aliança quando começou uma leve chuva. Eram poucos pingos, que se multiplicaram rapidamente.”

“Na linha reta da parte de entrada do V, ocorreu uma grande explosão: chamas altas subiram, o fogo começou a se espalhar pelo ar próximo à cidade. Foi quando os guerreiros se deram conta de que aquilo que os molhava não era chuva, mas sim o líquido que os hulos fabricavam para produzir chamas.”

Os invasores caíram numa armadilha.

Tinham um fosso bem fundo, de aproximadamente quinze metros de largura, que ia de uma ponta à outra do grande V “

Os hulos tinham enchido o fosso com um dos líquidos e coberto o espaço com tábuas para que o inimigo pudesse entrar na armadilha. Agora, os soldados derramavam o outro componente da fusão, formando a mistura inflamável.”

“Os líquidos eram esguichados por todo o terreno que formava o grande V e, assim que se misturaram, iniciaram as chamas. O fosso, que agora se transformara em um grande muro de fogo, impedia que o inimigo recuasse. Poucos instantes depois, não se podia ver mais nada além de vultos contorcendo-se em meio às chamas.”

“Os que ainda não tinham cruzado o fosso rapidamente recuaram, mas estavam impotentes. Ficaram de longe, observando as chamas e ouvindo os gritos de horror dos companheiros. Podiam sentir o cheiro dos corpos queimando.”

“Assim que as chamas se extinguíram, havia apenas cadáveres carbonizados dentro do grande V, alguns ainda soltando fumaça.

Pronto. Nesse momento, os guerreiros tinham certeza de que os hulos não haviam fugido, mas sim preparado uma emboscada. E agora? Como fariam para invadir a cidade? Era a pergunta que todos faziam.”

“Os líderes da aliança tentavam encontrar uma forma de transpor aquelas muralhas. Mas de que maneira? Não podiam arriscar chegar perto. Então Creto, o líder dos árguios, sugeriu que os ilírios criassem um encanto que fizesse chover, já que sabiam que os líquidos dos hulos não pegavam fogo na presença de água. Se conseguissem uma forte chuva, não correriam o risco de serem incendiados.”

“Os ilírios realmente possuíam o poder necessário para provocar uma chuva torrencial, mas, para isso, precisariam pôr fim ao encanto da escuridão. Com isso, todos concordaram que seria mais prudente proceder dessa forma, pois os hulos já sabiam do ataque; naquele momento, seria melhor ter uma estratégia que impedisse o inimigo de utilizar o fogo como arma.”

“Mas isso não seria imediato, pois os ilírios ainda levariam um tempo para provocar a chuva: eles não podiam simplesmente fazer as nuvens carregadas de água surgirem do nada. Os guerreiros teriam que estimular a evaporação das águas do Mar da Morte, só depois começariam as chuvas. Sendo assim, iniciaram imediatamente a tarefa. Os primeiros sinais de chuva começaram a surgir antes mesmo da nuvem negra ter desaparecido por completo.”

“Após o primeiro dia, já podia se ver uma pequena chuva caindo. Contudo, ela ainda era fraca. Por isso, os ilírios continuaram provocando mais evaporação até que, no terceiro dia, chovia forte. Essa era a hora de atacar, pois já não havia o risco de serem queimados e o fosso tinha sido coberto por troncos de árvores posicionados por árguios e brinos. Eles tiveram o cuidado de deixar espaço para que as águas da chuva enchessem o local. Dessa forma, ali também não haveria risco de incêndio.”

“Alguns brinos começaram a escalar as muralhas, enquanto os árguios estavam com seus arcos armados e os ilírios com seus cajados prontos para disparar raios de energia caso algum hulo aparecesse. Os brinos chegaram ao topo das muralhas sem nenhum problema e acionaram o mecanismo de abertura dos portões. Turik foi tomada pela aliança e, estranhamente, não se via nenhum sinal dos hulos. Mas como isso era possível? Eles estiveram o tempo todo vigiando os portões da cidade, os inimigos que os atacaram não tinham como ter saído. Os hulos deviam estar ali dentro escondidos. O grupo continuou as buscas: revistou todas as casas, palácios; procurou por esconderijos subterrâneos, e nada. Foi então que um dos árguios gritou:

— Podem parar as buscas, pois nenhum hulo esteve nesta cidade desde que chegamos aqui.

— Como assim? Está louco? E quem nos atacou? Fantasmas? — indagou Creto.

O árguio apontou para o gatilho de uma armadilha.

— Veja!

Podia-se ver ainda o resto de um fio quase transparente amarrado no gatilho.”

“Quando os brinos escalaram o muro pela primeira vez, eles tocaram o fio que cruzava a muralha e dispararam a armadilha. Quatro pesadas rodas de pedra, duas pedras do lado sul e duas do lado norte, foram descendo e comprimindo os

líquidos inflamáveis que estavam em tanques separados. Isso fez com que os tais líquidos fossem esguichados com bastante pressão por pequenos canos que faziam os compostos respingarem no lado de fora da muralha. Além disso, a ação também abriu uma comporta, despejando uma das substâncias inflamáveis dentro do fosso do lado de fora, já estava abastecido com o outro líquido. Foi assim que aconteceu todo aquele incêndio medonho! O mais importante para os hulos: dessa maneira eles puderam deter o inimigo por um longo período, tempo que precisavam para que sua população pudesse ganhar mais distância na fuga.

Creto disse:

— Eles não estavam querendo nos derrotar, apenas procuravam ganhar tempo para a fuga, e nós caímos na armadilha exatamente como eles queriam. Não percamos mais tempo procurando alguém dentro desta cidade. Queimem tudo e vamos buscar pistas sobre a direção que os hulos tomaram.

Nisso, os guerreiros perderam mais algumas horas, pois a tempestade criada pelos ilírios apagou as pegadas dos hulos; somente muito tempo depois eles encontraram galhos quebrados. Agora, a aliança sabia ao menos para qual direção o inimigo tinha seguido. Foram atrás deles com precaução, pois aquela região era território desconhecido para o grupo, já que nenhum inimigo antes tinha estado tão perto da cidade de Turik.”

CAPÍTULO 7

“Agora, vamos voltar um pouco no tempo: para ser mais preciso, um dia antes da chegada do exército da aliança à cidade de Turik. Bem distante dali, voava no dirigível um grupo de dez hulos liderado por Duriam. Andrio anunciou:

— Veja, meu senhor, chegamos ao Rio dos Mistérios.

O Rio dos Mistérios dividia as terras dos hulos e dos naturos. Embora tivesse uma aparência bem calma, muitas coisas estranhas ocorriam em suas águas: vários navegantes desapareceram sem que ninguém jamais soubesse o que aconteceu, por isso era chamado de “Rio dos Mistérios”. Era largo e profundo.

Duriam ordenou:

— Desça bem próximo da margem do rio.

— Mas, meu Senhor, não seria melhor sobrevoarmos as terras deles para procurá-los? Os naturos não têm cidades fixas, por terra será difícil encontrá-los.

— Para vê-los, teríamos que fazer voos baixos e seríamos derrubados antes que tivéssemos a chance de mostrar que viemos em paz. Por terra, ao menos teremos a possibilidade de tentar conversar. Quanto a encontrarmos nossos possíveis aliados, não se preocupe: nem quando tentamos andar escondidos pelas terras deles nós conseguimos. Tenho certeza de que, em breve, eles nos acharão.”

“O grupo estava andando a pouco mais de quinze minutos quando ouviu alguns rosnados e barulho de galhos quebrando. Os hulos perceberam que algo se aproximava e ficaram alertas, empunhando suas espadas. Apareceram em sua frente cerca de oitenta cracos que formaram um semicírculo. Os animais caminhavam com o pelo todo arrepiado e rosnando, deixando à mostra suas enormes presas. Os hulos tomaram posição de combate, mas Duriam ordenou que abaixassem suas armas.

— Guardem suas espadas, vejam a formação dessas feras. Está claro que estão sob o comando dos naturos! Precisamos mostrar que não estamos aqui para lutar e, além do mais, é nossa única chance de sobrevivência, pois estamos em número muito menor e em terreno desfavorável. Não teríamos nenhuma chance.

Duriam soltou sua espada e ficou com um dos joelhos no chão, inclinando a cabeça levemente para baixo em sinal de respeito.

— Vamos, façam o mesmo, coloquem suas espadas no chão e curvem-se.

Com um pouco de hesitação, os demais hulos seguiram a ordem de seu comandante, enquanto os cracos continuaram se aproximando de forma ameaçadora. Agora, falando em tom mais alto, Duriam anunciou:

— Vejam, entregamos nossas armas para provar que estamos aqui em missão de paz. Viemos informar aos naturos sobre uma terrível ameaça que dará

cabo de todos nós caso não lutemos juntos. Levem-nos ao seu governante para que possamos explicar em detalhes o que está acontecendo.

Contudo, os cracos continuavam se aproximando e estavam prontos para atacar. Um dos soldados hulo que se encontrava à esquerda de Duriam ameaçou empunhar a espada, mas o comandante segurou seu punho.

— Se quiser ter alguma chance de continuar vivo, permaneça imóvel.

Agora, as ameaçadoras criaturas estavam bem próximas: os hulos já podiam sentir o calor da respiração das feras, que rosnavam o tempo todo, com os olhos fixos neles. Parecia que iriam realmente atacar. No entanto, quase que simultaneamente, todos os animais pararam de avançar, exceto onze deles, que deram duas passadas a mais e abocanharam as espadas dos hulos. Ao mesmo tempo, os outros cracos abriram um corredor para que os companheiros que estavam com as espadas na boca passassem. À medida que iam abrindo espaço, se posicionavam atrás dos hulos, ainda abaixados. Então os soldados perceberam que alguns naturos, cerca de vinte, montados em outros cracos, estavam posicionados logo à frente do grupo. Os cracos, atrás dos hulos, os empurraram com o focinho como se indicassem que deviam levantar. A ordem ficou clara quando os naturos receberam as onze espadas e um deles, com uma das mãos, fez sinal para que os hulos o seguissem. Duriam foi o primeiro a levantar-se e chamou seus companheiros.

— Vamos, andem com calma e sem movimentos bruscos.

Com os naturos montados em cracos à frente e os hulos alguns metros atrás, seguidos de perto pelos demais cracos — sempre rosnando —, a comitiva realizou uma caminhada de aproximadamente duas horas; atravessaram um pequeno riacho com águas escuras, batendo nos joelhos, e finalmente chegaram a um acampamento de naturos onde estava Zabadam, o rei daquela raça.

O naturo já estava esperando a chegada dos visitantes, pois tinha sido informado da presença desses hulos. Aliás, a comunicação rápida era um trunfo dos naturos em relação às demais raças do planeta Primus. Para isso, utilizavam pássaros velozes, que voavam diversos territórios sem parar. Assim, podiam levar uma informação rapidamente a longas distâncias.”

“Zabadam estava debaixo de uma tenda, sentado em uma poltrona acolchoada com lã e recoberta com couro de gurto. Havia algumas frutas e bebidas em grandes vasilhas ao seu redor. Ao seu lado, tinha dois zimbuás, feras que possuíam, em média, três metros de altura. Suas duas pernas mediam cerca de um metro e meio, eram cobertas por um couro marrom e bem grosso. Os animais tinham os joelhos voltados para trás, o que possibilitava grandes saltos. Seus olhos eram vermelhos, com o centro num tom verde brilhante. A parte da cabeça onde ficava a boca e as narinas tinha o formato triangular, terminando no focinho. As

criaturas possuíam dentes bem afiados de aproximadamente dez centímetros e os ouvidos eram apenas dois pequenos orifícios localizados logo atrás dos olhos. Seu corpo era recoberto por uma carapaça resistente que ia do pescoço até o início de suas pernas, cobrindo todo o tronco robusto. As patas eram formadas por cascos achatados parecido com pés de elefante, que os zimbuás usavam para esmagar suas vítimas. Mas o que eles tinham de mais mortal era um veneno que cuspiam a mais de quinze metros de distância, composto por um ácido altamente corrosivo que provocava uma infecção terrível.”

“Assim que os hulos foram encaminhados até Zabadam, ele levantou-se de sua poltrona e ordenou que os prisioneiros se ajoelhassem:

— Quando estiverem em minha presença, mantenham-se de joelhos, seus insolentes...

Os hulos imediatamente obedeceram. Zabadam, aproximando-se de Duriam, exclamou:

— Ora! Ora! Ora! Se não é o próprio Duriam. Que audácia invadir meu reino, e com uma tropa tão insignificante. Deve estar louco ou cansado de viver...

— Venho em paz...

Zabadam aumentou o tom da voz e, ao mesmo tempo, jogou no rosto de Duriam a bebida que estava ingerindo, fazendo os olhos do comandante arderem.

— Cale-se! Fale apenas quando eu autorizar. Como eu ia dizendo, deve estar cansado de viver, ou será que tem uma boa justificativa para tamanha ousadia? Diga-me, o que o traz ao meu reino?

— Venho informar sobre a grande ameaça que assombra tanto nossa espécie quanto a sua. Somente nossa união nos dará alguma chance de sobreviver...

Duriam relatou sobre a aliança dos outros inimigos e de como estavam atacando os hulos. Após o final da história, Zabadam ponderou:

— Pelo que vejo, essa aliança é uma ameaça para os hulos, que estão sendo dizimados, não para nós. Ademais, como vocês, os árquios, os brinos e os ilírios são nossos inimigos, quanto mais lutarem e matarem uns aos outros, melhor para nós. Dê-me uma boa razão para envolver minha nação nessa luta.

— Sozinhos nós não conseguiremos detê-los para sempre e, assim que formos vencidos, acha mesmo que eles irão se contentar? Vocês ou os mantros serão os próximos. E nenhum dos dois povos terá chances contra a união deles. Nossa única alternativa é também unir forças e tentar convencer os mantros a se juntarem a nós. Caso contrário, seremos massacrados um após o outro.

Zabadam ficou pensativo, se afastou e se reuniu com dois conselheiros. Cerca de trinta minutos depois, voltou para continuar a conversa com Duriam.

— Sabemos que os hulos são ardilosos e que não merecem nenhuma confiança, isso está nos parecendo mais uma armadilha das inúmeras que já

tentaram fazer para nos derrotar. Você tem como provar o que está falando?

— Não tenho forma de provar imediatamente, mas mande um batedor até Gorba que já foi destruída, ou até Turik. Se ela ainda não foi destruída, deve estar cercada pelo inimigo. E enquanto isso, já vá preparando seu povo para a guerra, pois tenho certeza de que irá comprovar o que estou lhe dizendo. Se tomar as providências apenas após a comprovação, terá perdido um tempo precioso.

Zabadam decidiu, então, manter os hulos como prisioneiros enquanto enviava um bando de corvos das montanhas sobrevoar a região de Turik, já que ela ficava mais próxima do que Gorba. Ao mesmo tempo, ordenou que seus guerreiros reunissem todas as criaturas do continente e das águas que pudessem ser utilizadas em uma batalha.”

“Zabadam voltou a conversar com Duriam:

— Providencie batedores para verificar sua história. Caso eles não possam confirmar o que me diz, ao menos vocês servirão de almoço para nossos animais. Tranquem esses imundos nas jaulas e aguardemos até podermos confirmar ou não o que nos contam.

Assim foi feito: Duriam e sua comitiva foram aprisionados e o bando de corvos partiu a caminho de Turik. Voavam com incrível velocidade e, ao se aproximarem da cidade, puderam confirmar que, de fato, ela estava coberta por uma estranha escuridão. Ainda assim, os animais perceberam a grande movimentação nos arredores das muralhas.”

“Os corvos foram avistados pelo líder dos árguios, que observou aquele bando de pássaros e chegou até mesmo a estranhar sua presença. Porém, como os corvos passaram direto, o soldado concluiu que eram apenas pássaros à procura de comida.”

“Assim os corvos retornaram para o reino dos naturos com todas as informações colhidas, as águas do Rio dos Mistérios estavam agitadas graças às mortais serpentes aquáticas que tinham sido convocadas para uma eventual batalha. Essas criaturas mediam cerca de cem metros de comprimento e três metros de circunferência. O continente, próximo ao acampamento dos naturos, estava repleto de cracos, zimbuás e gurtos.”

“Logo após receber as informações de seus batedores, Zabadam decidiu mandar suas tropas ao encontro dos hulos. O exército dos naturos seguiu acompanhado pelos hulos, que voaram em seu dirigível. A exceção era Duriam que, juntamente com dois soldados naturos e com Estúrio, filho de Zabadam, formou uma comitiva para tentar convencer os mantros a juntarem-se a esta guerra.”

CAPÍTULO 8

“Já era início da noite quando a comitiva voou em direção às terras dos mantros montada em crios. Eles eram grandes animais alados que chegavam a medir dez metros de envergadura. Eram quadrúpedes, com a cabeça parecida com a de um falcão, e seus pés eram compostos por três dedos voltados para frente e um voltado para trás, ótimo para agarrar objetos ou presas. O corpo dos animais era completamente recoberto por penas muito macias, o que os tornava confortáveis montarias. Além disso, as criaturas eram bastante velozes voando.”

“Após viajarem durante toda a noite e até o início do escurecer do dia seguinte, o grupo parou próximo a um rio de águas calmas para se alimentar e descansar. Os três naturos entraram na água e ali ficaram, imóveis por alguns instantes. Então, a água começou a ficar agitada com um cardume de peixes que nadava em torno dos naturos. Duriam estava observando a cena quando vários peixes saltaram para fora da água. Nesse instante, ele entendeu que os naturos estavam providenciando o jantar. Realmente, aquela era uma maneira muito fácil de conseguir peixes. O hulo tratou de buscar madeira seca para assá-los. Os crios engoliam os peixes inteiros, já que, para eles, cru já estava ótimo.”

“Após já ter uma grande quantidade de peixe do lado de fora, suficiente para alimentar a todos, os naturos saíram das águas para também se saciar. Duriam voltava com os braços cheios de lenha seca quando Estúrio perguntou:

— Para que essa madeira?

— Oras, para assar os peixes! Vocês os conseguiram, então vou prepará-los, me parece justo dividirmos o trabalho.

— Argh, hulo esquisito, vai estragar o sabor do peixe. Eles são mais saborosos crus.

Os três naturos se juntam aos crios e comeram peixes crus. Duriam olhou a cena, fez uma cara de nojo, acendeu uma fogueira, pegou um peixe e foi prepará-lo.”

“Eles repousaram por algumas horas. Ainda era escuro quando reiniciaram a viagem em direção às grandes cavernas, que era o principal reduto dos mantros. Estavam a pouco mais de uma hora do destino; então, pararam e enviaram apenas um crio com uma mensagem escrita informando suas intenções. Eles sabiam que, se chegassem às cavernas dos mantros sem avisar, seriam mortos, já que aquela raça costumava primeiro esmagar os invasores, para depois tentar descobrir o que queriam.”

“Obviamente, os mantros ficaram muito desconfiados, afinal, desde que eles se libertaram dos hulos — no passado, eram escravos daquele povo — nunca

uma criatura dessa espécie havia estabelecido um contado com os mantros, a não ser para tentar escravizá-los novamente. Ainda mais junto de um naturo, inimigos antigos tanto dos hulos quanto deles. Isso os deixou muito intrigados: o que dois adversários estavam fazendo juntos?”

“Os mantros responderam à mensagem autorizando que se aproximassem de suas cavernas. Ao mesmo tempo, mandaram batedores fazer uma varredura pelas vizinhanças para verificar se não se tratava de uma armadilha. A comitiva foi recebida com hostilidade: eram muitos mantros atentos e armados com enormes pedaços de madeiras, pedras e ossos afiados. Sem perder tempo, Duriam relatou tudo o que estava acontecendo. Os mantros logo decidiram que não iriam ajudar, pois os naturos diversas vezes já haviam tentado invadir suas terras para roubar-lhes animais que serviam de alimento, e os hulos eram ainda mais odiados em razão do período de escravidão. Duriam ainda tentou convencê-los de que, se não ajudassem, caso a aliança vencesse a guerra contra hulos e naturos, os mantros seriam os próximos, sozinhos não teriam chances.

“Então, a comitiva recebeu o ultimato de que, se quisessem permanecer vivos, deveriam se retirar imediatamente de suas terras, ou seriam esmagados da mesma forma que serão os ilírios, brinos e árguios que algum dia se atrevessem a atacá-los. Sem possibilidade de negociação, o grupo partiu consciente de que teriam de enfrentar a aliança em desvantagem numérica.”

CAPÍTULO 9

“Logo que os naturos chegaram onde os hulos estavam escondidos, Zabadam e os líderes hulos começaram a traçar a estratégia de batalha. Passados dois dias, corvos comandados por naturos avistaram sinais do inimigo.”

“Pouco tempo depois, os árguios visualizaram o exército de hulos com suas espadas e escudos em punho, posicionado a cerca de seiscentos metros depois do Rio dos Mistérios. Era estranho eles estarem ali, em um grande campo aberto; atrás deles, as montanhas e as minas, o que dificultava uma fuga rápida. Entre os guerreiros, apenas o Rio dos Mistérios, justamente um local que não tinha grande profundidade, ou seja, não seria difícil a aliança cruzar o rio e atacar. Era realmente muito esquisito os hulos, que sempre se destacaram pelas estratégias nas batalhas, estarem cometendo um erro tão infantil.”

“Como já estavam calejados com a última armadilha, os invasores resolveram tomar mais cuidado desta vez. Primeiro, tentaram disparar flechas e raios de magia. Porém, como a distância era ainda muito grande, esses ataques não surtiram nenhum efeito. Decidiram prosseguir com cuidado, verificando sempre se o terreno não continha alguma surpresa. Enquanto a aliança avançava, os hulos permaneciam imóveis.”

“Os inimigos já estavam às margens do Rio dos Mistérios quando o líder árguio percebeu que tinha alguma coisa dentro d’água, formando um corredor livre ao centro. No entanto, algo se movimentava lentamente tanto rio acima quanto rio abaixo. Creto, então, ordenou que a trombeta feita de chifre fosse tocada, dando o sinal para que todos parassem imediatamente.

— PAREM! Eles não fogem porque estão esperando que entremos no rio. Se olharem com atenção, perceberão que apenas o centro por onde devemos passar está livre, mas tem algo dentro d’água à espreita para nos atacar de ambos os lados.”

“De fato, ali estava preparada uma armadilha. Enquanto o exército hulo estava lá para atrair o inimigo, os naturos e suas criaturas permaneciam escondidos atrás das pedras e arbustos. A ideia era fazer a aliança começar a atravessar o rio. Quando parte do grupo já tivesse atravessado, várias serpentes aquáticas viriam dos dois lados para tentar fazer o restante do exército da aliança recuar. Assim, poderiam dividir as tropas inimigas e combateriam em vantagem. Contudo, graças à visão apuradíssima dos árguios, seu líder conseguiu ver as serpentes aquáticas submersas. Isso deixou claro que agora eles lutavam não apenas contra os hulos, mas também contra os naturos. Mesmo assim, ainda estavam em vantagem.”

“Os árguios e os brinos recuaram, enquanto os ilírios se aproximaram da margem e colocaram a ponta de seus cajados dentro da água, murmuram algo. Pouco tempo depois, uma mancha escura aparecia na ponta de cada cajado, se espalhando rapidamente pelo rio. Os naturos imediatamente ordenaram que suas serpentes fugissem dali, pois aquele encanto já era conhecido: tratava-se de um veneno que se espalhava pela água, independentemente do lado para o qual se dirigisse a correnteza. O feitiço matava em segundos qualquer um que o ingerisse. Agora as águas já estavam completamente escuras, tomadas pelo veneno.

— Pronto, agora podemos atravessar sem problema, basta não deixarem que a água toque seus lábios ou narinas — avisou o líder dos ilírios.”

“O exército da aliança avançou rio adentro, ao mesmo tempo em que, do outro lado, saíam os animais dos naturos de trás das pedras e arbustos. Seguiu-se agora uma sequência de cenas de grande brutalidade: antes mesmo dos exércitos se encontrarem, os ilírios, com seus raios, e os árguios, com suas flechas certeiras, derrubaram alguns oponentes. Por isso, os hulos e os animais dos naturos avançaram rapidamente para o combate. Os primeiros a se encontrarem foram os brinos e os hulos. Ocorreram muitas mortes para os dois lados, pois os brinos eram bastante ágeis, mas os hulos eram mortais empunhando suas espadas. A essa altura, os árguios e ilírios não podiam disparar em alvos muito distantes, pois os brinos já estavam misturados com os hulos.”

“Os cracos dilaceravam membros do inimigo com suas poderosas mandíbulas, enquanto os gurtos davam voos rasantes, agarrando os oponentes, levando-os para o alto e soltando-os, fazendo com que se espatifassem no chão. Os gurtos atacavam, principalmente, os ilírios e árguios que estavam mais afastados. Os zimbuás, por sua vez, cuspiam seu veneno e, quando tinha algum ferido perto, pisavam no inimigo, esmagando-o.”

“Agora, muitos guerreiros da aliança estavam sendo mortos. Contudo, eles eram também soldados valorosos e letais. Os brinos, graças às suas garras, suas armas afiadas e sua agilidade, conseguiam abater muitos inimigos, vários hulos foram degolados por eles. Esquivavam-se muito bem das cusparadas dos zimbuás. Como são de baixa estatura, ao se aproximarem de um animal, atacavam suas pernas, fazendo-os ajoelharem-se. Com isso, davam o golpe fatal cavando suas armas nos olhos da criatura até atingir o cérebro. Faziam o mesmo contra os cracos.”

“Os árguios, com suas flechas certeiras, derrubavam muitos gurtos. Estes últimos, que não conseguiam mais voar, ainda não se encontravam fora de combate: apesar das asas feridas, ainda tinham suas caudas afiadas capazes de decapitar quem se aproximasse.”

“Os ilírios, por sua vez, com poderosos disparos, abatiam qualquer alvo atingido. Até mesmo os fortes zimbuás caíam com um único ataque deles. Por longo período, seguiu-se a sangrenta batalha: eram corpos explodindo, cabeças sendo decapitadas, inimigos sendo jogados do alto, corroídos pelo ácido dos zimbuás ou pisoteados por esses mesmos animais. Aconteciam cenas como a de um cracos tentando abocanhar um ilírio caído, que enfiou o cajado na boca da fera, fazendo voar pedaços para todos os lados. Em outra situação, Torbo —um dos reis hulos — teve a mão arrancada por um golpe de um brino e, mesmo assim, conseguiu golpeá-lo com a espada, atravessando o corpo do adversário. Com o ferimento, Torbo ficou atordoado e não percebeu que um árguio o tinha na mira. O arqueiro puxou a flecha para disparar no momento em que era surpreendido por um zimbuá. A criatura pisou sobre o soldado, esmagando-o.”

“Aos poucos, os hulos e os naturos foram recuando, inclusive alguns dos últimos tinham sido mortos, não haveria como resistir. Por mais que matassem soldados da aliança, eles eram muito mais numerosos. A batalha parecia perdida quando se sentiu um forte tremor de terra. Logo, todos viram que não era um simples terremoto, mas sim uma tropa de mantros que vinha correndo, parecendo um estouro de animais descontrolados. Aquela multidão de gigantes saindo da floresta entrou na batalha. Tudo o que encontravam pela frente servia de arma: arrancavam árvores e usavam como tacos para bater; jogavam grandes pedras. Os inimigos que ficassem ao alcance de suas mãos eram esticados até terem os corpos rasgados.”

“Agora, a aliança já não tinha tanta vantagem e percebeu que, de fato, corria risco de ser eliminada se continuasse ali. Creto decretou o toque de retirada, enquanto os hulos e brinos, mesmo cansados, ficaram motivados com a chegada dos mantros e investiram novamente contra o inimigo. Os ilírios criaram um escudo que podia ser atravessado apenas por seus aliados. Nem mesmo os mantros, com toda a sua força, conseguiam ter êxito no avanço: eles tentaram cruzar a barreira mágica, mas batiam nela e caíam. Então, arremessaram grandes pedras, que se despedaçavam no ar ao tocar o escudo. Enquanto isso, a aliança ia recuando.

O líder dos ilírios gritou:

— Rápido, se apressem para recuar, este encanto não durará para sempre!”

“Alguns árguios que já haviam cruzado o escudo mágico tentaram se aproveitar do fato de que o inimigo não conseguia vir até eles e iniciaram um contra-ataque, disparando flechas. Todavia, assim como as pedras dos mantros, as flechas também eram bloqueadas. Então, o líder dos ilírios esclareceu:

— Não percam energia. Nenhum ataque poderá atravessar essa barreira, então não desperdicem o pouco tempo que nos resta e busquem um abrigo seguro, vamos todos para dentro da floresta.

— Está maluco? Esta floresta é amaldiçoada! — exclamou Creto.

— E você vê outra rota de fuga? Se quiser, fique aí com seu povo, o meu irá. Rápido! Venham todos para a floresta ou fiquem aí e morram.

Todos os membros da aliança que conseguiram atravessar a barreira mágica seguiram em direção à floresta, enquanto os guerreiros das outras raças inimigas tentavam romper o escudo. Após alguns minutos dando pancadas no campo de força mágico, finalmente começaram a surgir alguns feixes de luz exatamente na linha onde as pedras eram despedaçadas no ar: eram pequenas fendas que começavam a se abrir. Mais algumas pedras e troncos arremessados, e um grande clarão surgiu. Finalmente eles conseguem romper o encanto e partiram em perseguição. Os soldados restantes também hesitaram um pouco em entrar na floresta, mas a oportunidade de pegar o inimigo era única, e por isso continuaram.”

CAPÍTULO 10

“Já dentro da floresta, os guerreiros conseguiram avistar os inimigos, que estavam em dificuldade de seguir na fuga: repentinamente, o espaço ficou tão fechado que eles não encontravam um caminho para continuar. Na iminência de novo combate, uma ventania muito forte começou a levantar um monte de folhas secas; ninguém conseguia sequer andar, não era possível nem mesmo abrir os olhos de tantas folhas que batiam no rosto de cada um. Os perseguidores pensaram tratar-se de mais uma bruxaria dos ilírios e, sem ter muito o que fazer, ficaram parados, apenas tentando proteger os olhos daquela nuvem de folhas. Começaram a sentir o solo cedendo como se estivessem dentro de um atoleiro.”

“Quando finalmente a ventania acalmou e puderam abrir os olhos, todos estavam com as pernas enterradas e o terreno se encontrava firme novamente. Apenas os animais, que tinham entrado na floresta sob o comando dos naturos, estavam livres. As criaturas começaram a voltar pelo mesmo caminho. Sentindo-se presos, os naturos ordenaram que suas feras os ajudassem a sair de dentro do chão. Contudo, os comandos telepáticos foram ignorados e os animais continuaram a se afastar. Foi quando ouviram uma voz serena, mas que se fazia escutar por todos, pois parecia sair de cada árvore daquele lugar:

— Não percam seu tempo. Em nossa floresta, seus poderes telepáticos funcionarão apenas com nossa permissão. Aqui, todos os animais, plantas ou qualquer forma de magia atenderá apenas nossa vontade.”

“Por um instante, os guerreiros procuraram identificar de onde vinha aquela voz, que parecia estar em todos os lugares, até que viram os seis elcas, criaturas ainda desconhecidas para todos ali, que estavam entre os dois exércitos inimigos. Ao lado dos elcas, se encontravam presos os líderes de cada uma das raças. Eles estavam com o corpo dentro do tronco de uma grande árvore, ficando apenas com a cabeça do lado de fora. Todos ficaram paralisados por alguns segundos, tentando entender o que estava acontecendo, até que alguns ilírios, vendo seu líder prisioneiro, ergueram seus cajados para invocar um encanto. No entanto, nada aconteceu. Então, um dos elcas falou:

— Mas o que é isso, ilírios? Vocês estão surdos? Não ouviram eu dizer que aqui em nossa floresta nenhuma magia funciona sem nossa permissão?

— Quem são vocês e o que pretendem nos aprisionando assim? — perguntou Creto.

— Nós somos os elcas, responsáveis por manter o equilíbrio desta floresta sagrada. Tentamos também sustentar a harmonia do planeta Primus. Contudo, as constantes guerras de vocês estão colocando em risco a sobrevivência de todo o

planeta. Por isso, estamos há muito tempo procurando uma forma de acabar com essas lutas insensatas. Porém, fora desta floresta, somos muito vulneráveis; há décadas esperávamos uma oportunidade para que cada um dos líderes de vocês entrasse na floresta e pudéssemos colocar nosso plano em prática. Por maravilhosa obra do destino, todos vocês vieram ao mesmo tempo, o que facilitou muito nosso trabalho...”

“Todos ouviram um zumbido antes de verem uma flecha entrando pelo olho e atravessando a cabeça do elca que falava. O corpo do ser ainda estava caindo quando o arqueiro começou a falar:

— A telepatia dos naturos ou a magia dos ilírios podem não funcionar, mas os arcos dos árguios estão prontos para disparar caso não nos...”

“O arqueiro nem completou a frase e já estava sendo enrolado por alguns cipós, que o arrancaram de dentro do solo. Um dos cipós laçou seu tórax, enquanto os outros amarraram seus braços e pernas. Cada um esticou para um lado diferente até arrancarem os membros do árguios, que berrava de dor. Por fim, outro cipó arrancou-lhe a cabeça e todas as partes foram literalmente engolidas pelo solo. O corpo sem vida do elca também foi desaparecendo dentro do solo. No mesmo lugar, poucos segundos depois, ressurgiu novamente o mesmo ser, totalmente recomposto, como se nunca tivesse sido atingido por nenhuma flecha. Ele desafiou:

— Mais alguém aí gostaria de bancar o herói? Entendam que nesta floresta, mesmo que destruam nossos corpos, nossos espíritos vivem, e assim nossos corpos sempre serão recompostos para que novamente nossos espíritos ganhem forma neste mundo. Bem, conforme eu ia dizendo, precisávamos de todos os líderes para colhermos uma pequena quantia de sangue, a fim de fazermos uma poção capaz de tornar quem a beber um ser supremo que herdará todos os poderes de cada um de vocês. Ou seja, essa criatura terá a longevidade e a visão apurada dos árguios, a magia dos ilírios, a força dos mantros, o poder mental sobre os animais dos naturos, a agilidade e capacidade de perceber objetos e movimentos próximos dos brinos e a inteligência e a perspicácia dos hulos. Tudo isso, só que com uma intensidade que qualquer um de vocês jamais sonhou em ter. Esse ser terá a missão de governar este planeta para sempre, promovendo a união de todos os povos e punindo severamente quem tentar colocar em risco a paz de Primus novamente.

Então, Creto questionou:

— Se alguém se tornar assim tão poderoso, que garantia terão de que ele não será corrompido por tanto poder e se tornará um ditador cruel, já que ninguém poderá detê-lo?

— Sim, concordamos que tanto poder poderá corromper até mesmo a mais pura das criaturas. Por isso, também criamos uma forma de destruí-lo, e isso

somente seria possível no caso de o ser herdeiro se corromper. Assim, também fabricamos uma arma que pode ser ativada somente com o consentimento de cada uma de vossas raças ou pelo próprio Herdeiro Supremo, já que ele possuirá os poderes de todas as raças. Quando essa arma for ativada pela união de vocês, deverá drenar todo o poder do Herdeiro Supremo. Contudo, no caso de a arma estar na posse desse ser, ela drenará toda a magia de nossa floresta. Portanto, ela nunca poderá ficar nas mãos dele. Mesmo que essa criatura seja criada para nos proteger, é preciso haver sempre uma forma de ela ser detida, ou seja, a união de vocês irá ativar a arma e cada uma de suas partes terá que ser protegida por um de vocês.

— Quem será o escolhido e onde está tal arma que poderá destruí-lo? — perguntou Creto.

— A arma é esse amuleto. — Latus esticou a mão em direção à árvore que aprisionara os seis líderes e, de dentro dela, foi surgindo um amuleto de formato circular. Latus pegou o objeto e entregou-o a um cipó, que ergueu o amuleto até uma altura em que todos pudessem vê-lo. Latus continuou:

— *Esse amuleto é composto por seis partes; cada uma delas pertence a uma raça diferente e será guardada por um de vocês, sem que ninguém mais saiba onde ela estará. Não adianta alguém tentar sozinho vencer o Herdeiro Supremo, pois somente a união de todos teria alguma chance. Quanto ao escolhido, essa decisão sempre nos trouxe muita preocupação, pois sabemos que seria difícil o corpo físico de qualquer um suportar os efeitos da poção que traz consigo a energia de todos vocês. Contudo, há muitos anos, quando os hulos invadiram as terras dos árguios e massacraram uma aldeia inteira, matando não somente os guerreiros, mas também crianças e mulheres, houve um fato interessante. Após terem massacrado uma família árguia em uma das casas, todos já iam saindo quando um soldado hulo percebeu que havia alguém por ali. Todos saíram e ele ficou quieto, tentando descobrir de onde vinha o choro abafado. Ele escutou até perceber que estava vindo debaixo do piso. O guerreiro arrastou um tapete e encontrou uma passagem para um porão. Logo, pegou uma tocha e desceu. Lá, encontrou uma jovem árguia segurando sua irmãzinha ainda bebê, que chorava em seus braços. Ela tentava abafar o ruído com a mão, mas o gesto não foi suficiente. O soldado caminhou em direção a elas e levantou sua espada. Nesse momento, seu braço foi segurado por outro soldado chamado Piro, muito respeitado e considerado um campeão das artes da guerra. Piro disse ao seu companheiro:*

— *Não precisamos ser tão cruéis, essas são absolutamente inofensivas. Não perca seu tempo com elas.*

O outro soldado hulo retrucou:

— *O que é isso? Está querendo unir-se ao nosso inimigo?*

— Não estou me unindo a ninguém, apenas acho que essa carnificina não é necessária. Não concordo com a matança das fêmeas e crianças; por mim, atacariamos apenas os soldados. Deixe-as aí, e que a sorte defina seus destinos, ninguém saberá que as poupamos.

O outro soldado discordava plenamente da opinião de seu companheiro, mas, sabendo que se tratava do grande campeão hulo nas artes da guerra, não ofereceu resistência e abaixou sua espada.

— Está bem, que assim seja então. Deixemos alguém para contar a história, assim todos saberão que não devem se meter conosco.

Piro soltou o braço do companheiro e dava-lhe as costas quando foi covardemente golpeado.

— Mesmo você sendo um de nossos melhores campeões, nesse momento não passa de um traidor, e traidores merecem o mesmo fim de nossos inimigos. Se gosta tanto dessas duas infames, então ficará aqui junto com elas, e eu serei vangloriado quando souberem que dei cabo do grande campeão após ele ter traído nosso povo para defender duas árguias asquerosas.

O soldado virou-se para as duas árguias que estavam acuadas no canto, com a bebê chorando muito. Ele colocou a tocha, que ainda segurava em uma das mãos, em um orifício na parede onde parecia se encaixar e falou:

— Primeiro irá a filhote, pois não aguento mais esse chororô irritante.

A árguia implorou por piedade, mas sua irmã foi arrancada de seus braços enquanto ela ficou jogada no chão com o soldado hulo pisando em seu pescoço. Ele colocou a criança também no chão, em frente aos olhos da irmã.

— Em seus últimos segundos de vida, você verá a cabeça desse filhote irritante sendo separada do corpo!

O soldado soltou uma sonora gargalhada que terminou com um apavorante grito de dor, e logo muito sangue começou a cair sobre a criança. Foi Piro que, mesmo muito ferido, ainda teve forças para atravessar o corpo do outro soldado com sua espada. Ele tirou a lâmina de dentro do corpo do outro soldado, que caiu de costas ainda respirando. Então, Piro desabou sobre o corpo do ex-companheiro e conseguiu pronunciar algumas palavras:

— Sim, eu ficarei aqui, mas você ficará comigo e não será vangloriado por ninguém. Será apenas mais um soldado morto em combate.

O guerreiro ferido por Piro começou a sangrar também pelo nariz e faleceu. A bebê, naquele momento, parou de chorar como se soubesse o que acabara de acontecer. Sua irmã pegou-a no colo e ficou ali parada olhando para seu salvador. Agora ela chorava, mas não de medo, e sim de alívio. Depois, sussurrou baixinho:

— Obrigada! Muito obrigada...

— Anda, sua tola, feche logo a passagem do porão antes que mais alguém venha aqui.

As vistas de Piro escureceram e sua cabeça tombou para o lado sem nenhum movimento. A árguia correu, fechou a passagem de entrada do porão e, com um cordão, puxou o tapete; mais uma vez, a peça camuflou a entrada. Ficaram ali por longo tempo. Com a criança no colo, ela se espremia em um canto, temendo que a qualquer momento mais alguém entrasse. A garota olhava fixamente para o corpo daquele hulo. Era estranho que um membro de uma raça historicamente inimiga tivesse lhe salvado a vida. De vez em quando, desviava o olhar para a entrada do porão para conferir se ninguém tentava abri-lo. As duas árguias ficaram ali por um período bastante longo. A criança já estava dormindo nos braços da irmã e a tocha trazida pelo soldado hulo estava quase apagada. No entanto, finalmente parecia que todos já haviam ido embora, pois não se podia ouvir mais nada lá fora. A menina, então, colocou cuidadosamente a bebê ainda dormindo sobre alguns panos e saiu para conferir se tudo estava calmo. Momentos depois, voltou e pegou sua irmã, que acordou e fez um pequeno choramingo. A garota imediatamente tentou conter o barulho, dando-lhe um beijo na face e balançando a criança nos braços. As duas saíram do porão, deixando os dois corpos ali estendidos.

Ela colocou a irmã em um lugar seguro e retornou para, ao menos, fazer um sepultamento descente para aquele que salvara suas vidas. A árguia levou uma maca com a intenção de colocar o corpo em cima do objeto e arrastá-lo para fora, onde iria cremá-lo junto com os demais membros de sua família: esse era o maior sinal de respeito pela lembrança de um árguio. Aquele hulo iria receber essa honra, pois, para ela, ele não foi um inimigo, mas um irmão.

Quando ela tentou rolar o corpo para cima da maca, percebeu que ele ainda estava quente; aliás, muito quente. Piro ainda estava vivo e com uma febre muito alta; ela concluiu que restava alguma esperança. Sem titubear, subiu e, logo depois, voltou com água limpa. Tentou dar um pouco do líquido para o hulo, mas ele estava desacordado. Então, a menina lavou o ferimento e derramou água fresca sobre o corpo do soldado, tentando abaixar a febre. Além disso, a árguia usou seu dom de cura para diminuir a gravidade do ferimento. Contudo, o hulo já havia perdido bastante sangue e o estado era muito grave. Se ela tivesse percebido antes que ele ainda estava vivo, seus cuidados teriam melhores resultados. Mas, no momento em que ela poderia ter feito isso, estava tão abalada e assustada com a situação que acabou deixando passar sem notar. Enfim, a menina gastou toda a sua energia de cura. Em seguida, preparou algumas ervas e colocou sobre o ferimento. Após algumas horas, o hulo acordou amarrado em uma maca no meio

da floresta. Sentia-se muito tonto, pois tinha perdido sangue demais. A árguia falou com ele:

— Finalmente você acordou, beba isso que vai lhe ajudar.

Sem entender o que estava acontecendo, Piro deu um gole naquele líquido verde e amargo, tão amargo que ele cuspiu o primeiro gole. A árguia insistiu que ele bebesse:

— Beba, vai ajudar a controlar a febre e curar o ferimento.

— Mas onde estamos? Como viemos parar aqui?

— Eu o trouxe para fora da vila, pois logo a notícia do ataque de vocês chegará às demais comunidades e os nossos virão para ver tudo como está; tenha certeza de que você seria morto se te encontrassem lá. Então, te amarrei nessa maca e a preendi na montaria desses dois animais que vocês usam para viajar; em seguida, te arrastei para cá. Seus amigos deixaram algumas dessas criaturas para trás. Provavelmente são de soldados hulos mortos em combate. Você vai ficar aqui até eu levar minha irmã para outra vila e logo voltarei para cuidar de você, isso lhe prometo. Aqui tem água fresca e alguma comida. De tempos em tempos, beba um pouco desse chá, que ajudará a controlar a febre e a infecção de sua ferida.

A árguia pegou sua irmã e ia saindo quando Piro lhe chamou:

— Espere... diga-me ao menos seu nome.

— Angine.

— O meu é Piro.

Angine, então, sem dizer mais nenhuma palavra, saiu. Piro ficou ali, sentindo muita dor. Já tarde da noite, ele adormeceu. No outro dia, acordou com água gelada no corpo. Era Angine tentando baixar a febre que, mais uma vez, estava perigosamente alta. Novamente, a garota usou seus dons para diminuir a gravidade do ferimento.

E assim ficaram por mais alguns dias, até que Piro já estivesse se sentindo bem melhor. Num desses dias, Angine saiu para buscar alimento e, quando voltou, não encontrou mais o soldado. Ela gritou por seu nome, mas não obteve nenhuma resposta. Um desespero tomou-lhe conta. Teriam os árguios encontrado Piro? Ou será que ele havia ido embora? Qualquer uma das opções lhe dava grande tristeza, pois ela estava sentindo algo muito especial por aquele hulo. No desespero, ela soltou um sonoro grito:

— PIROOOOOOOOOOOOOOOO!

Piro surgiu a passos largos, assustado, para ver o que estava acontecendo. Viu Angine com lágrimas nos olhos, ajoelhada do lado de onde ele costumava dormir.

— ANGINEEEE, o que está acontecendo?

Angine virou-se e viu Piro chegando. Ela o esmurrou e disse, com voz chorosa:

— Nunca mais saia assim sem avisar, pensei que tinha ido embora.

— Calma, Angine, não sei bem porquê, mas não tenho vontade de partir. Apenas fui olhar a armadilha que fiz para caçar alguma coisa para comermos, meu amor.

Angine ficou parada, olhando para ele com uma expressão de alívio e alegria.

— Do que você me chamou?

Piro não entendeu direito a pergunta e tentou responder:

— Não sei... Angine?

— Não. Depois, no final da frase.

— Como assim?

— Repete toda a frase que você me disse.

— É... calma, Angine... apenas fui olhar a armadilha...é... que fiz para caçar alguma coisa para comermos?

— E... as últimas palavras?

— É... meu amor?

Angine o segurou pelo pescoço e os dois se beijaram longamente. Naquele instante, nem se lembravam de que eram de raças inimigas e se amaram apaixonadamente até adormecerem.

Já estava amanhecendo quando Angine acordou, deitada e envolvida pelo braço do hulo. Fazendo um movimento somente com os olhos, a árguia observou o braço do seu herói e amado, deixando escapar um pequeno sorriso; logo após, voltou a fechar os olhos. Um tempo depois, Piro também acordou, e os dois se olharam.

— Quantos anos você tem? — Piro perguntou.

— Quantos você acha que tenho?

— Não sei, nunca dá para saber a idade de uma árguia. Parece ter vinte e um ou vinte e dois.

Angine sorri.

— Mais de duzentos. Duzentos e um para ser mais precisa. — Os dois riram.

Ficaram ali por mais alguns dias. Os árguios já haviam recuperado o controle da vila que tinha sido devastada. Era arriscado para Piro permanecer naquele local, mas ele se recusava a deixar Angine, nem ela queria que ele a deixasse. Ambos sabiam que aquele amor era proibido. E agora, o que fazer se ele não podia ficar e nem ela poderia ir junto para as terras dos hulos? Então, decidiram que só havia um jeito: teriam que fugir para algum lugar que não fosse

dominado por árguios nem hulos, e nem tampouco por alguma outra raça inimiga. Só lhes restavam os desertos inóspitos do planeta, onde criaturas letais habitavam. Elas provavelmente dariam cabo de suas vidas, ou então essa tarefa ficaria a cargo da misteriosa floresta que ficava depois das terras do hulos e ocupava um terço do planeta Primus. Qualquer uma das opções era aterrorizante, pois não se tinha notícias de alguém ter retornado daquela floresta. Por isso, os dois decidiram ficar ali por mais algum tempo. Angine tentaria contar sua história para ver se seu povo aceitaria seu amado.

E assim fizeram. Sempre que possível, Angine, às escondidas, fugia para ver Piro. Na maioria das vezes, ela tocava no assunto de uma possibilidade de paz, questionando o porquê dessa guerra entre os povos, em especial entre árguios e hulos. A resposta era a mesma em todas as ocasiões: “sempre fomos inimigos, e somente deixaremos de ser quando acabarmos com eles...” Certo dia, a árguia teve a oportunidade de conversar com o líder da aldeia e lhe perguntou:

— Suponhamos que, um dia, um hulo bom de coração salvasse a vida de um árguido. Ele não poderia ser considerado um amigo e ser trazido para viver entre nós?

— Sim, ele poderia ser trazido para a aldeia — respondeu o líder árguido. Angine abriu um grande sorriso, mas o árguido concluiu. — Trazido e, em seguida, esquartejado, pois aqueles animais nunca teriam um ato de compaixão gratuita; certamente, ele estaria tramando para ganhar nossa confiança e descobrir nossas fraquezas.

Angine pediu licença, saiu e, como já havia feito muitas vezes, foi às escondidas até seu amado. Lá chegando, ela falou sobre a conversa que teve com um dos líderes e sobre sua resposta desanimadora. Lágrimas correram de seus olhos e a garota começou a sentir um mal-estar. Piro a acariciou, tentando acalmá-la.

— Calma, daremos um jeito... — Para distraí-la, ele mudou de assunto. — Veja o que peguei para nós em uma das armadilhas. — Piro apontou para uma ave já limpa de um quilo e meio mais ou menos, muito apreciada tanto por hulos quanto por árguios. — Faremos um banquete e depois nos amaremos, quero ver um sorriso nesses lábios lindos.

Com os dedos, puxou os lábios dela, esticando como se fosse um sorriso. Angine, então, sorriu e falou:

— Vou preparar um delicioso suco para acompanhar.

— Isso mesmo.

Logo que tudo ficou pronto, o hulo colocou a ave assada sobre um tronco que estava forrado com uma folha comestível e separou um generoso pedaço de carne para sua amada.

— Hum, o cheiro está delicioso. — Angine pegou a carne com a mão e soltou rapidamente — Ai, ainda está quente! — Risos.

— Deixe que eu te sirva, minha linda.

Piro, com as pontas dos dedos, pegou um pequeno pedaço de carne e colocou na boca dela. A árguia começou a mastigar e, repentinamente, levantou-se e correu para o lado, cuspiendo tudo. O soldado, sem entender, perguntou:

— O que foi? Está muito quente?

Angine não falou nada, apenas sacudiu a mão para demonstrar sua negação e continuou com a cabeça baixa.

— O que foi então?

Ele provou um pedaço para ver se a comida estava estragada ou mal temperada.

— Não entendo, para mim parece ótimo.

— Sim, parece ótimo. Porém, quando coloquei na boca, me deu enjoo e uma vontade irresistível de vomitar.

Piro ofereceu um pouco do suco que Angine tinha preparado.

— Beba isso, então, para tirar o gosto da boca.

Angine tomou um pouco de suco, enxaguou a boca e os dois se olharam por alguns instantes. Ela colocou a mão na barriga. O casal observou aquela parte do corpo da árguia. Piro pôs sua mão sobre a mão dela.

— Seria possível? O mal-estar que às vezes venho sentindo, esse vômito agora?

— Você está achando que...?

— São sintomas comuns em uma árguia grávida.

— Mas seria possível? Eu sou um hulo, e você uma árguia...

— Como saber? Não se tem história de amor entre nossas raças.

Passados alguns dias, ambos constataram que, de fato, ela estava grávida, pois a barriga já estava crescendo. Então, teriam mesmo que fugir; afinal, como explicar aquela gravidez?

Decidiram que só lhes restava arriscar ir para a temida floresta. Mais uma vez, o destino estava a favor dos dois, pois aqueles pergus que Angine havia utilizado para ajudar a arrastar Piro agora serviriam para a viagem, já que a pé eles demorariam muito, talvez nem conseguissem chegar ao destino. Sem perder mais tempo, os dois juntaram suprimentos e partiram. Graças à suavidade com que os pergus galopavam, era possível viajar a toda velocidade sem comprometer a segurança do feto. Com a grande resistência e velocidade desses animais, seria possível, se tudo corresse bem, alcançar o objetivo antes que a barriga estivesse muito grande.

Quando entraram nas terras dos hulos, Piro roubou algumas roupas que estavam secando em um varal para vestir Angine. Vestida como um deles, seria mais fácil a árdua passar despercebida enquanto cruzasse aqueles territórios.

CAPÍTULO 11

Chegando à floresta, viveram algum tempo se escondendo, com medo de que, a qualquer momento, algo terrível pudesse acontecer. Como não viam nada de estranho e mais nenhuma forma de vida inteligente, os dois foram perdendo o medo.

Aproximava-se o dia do parto; a expectativa era grande, principalmente porque nem ao menos sabiam qual seria o resultado dessa mistura de raças.

No dia marcado, tudo foi complicado, parecia que o bebê estava atravessado no ventre. Após horas de esforço, Angine já estava quase perdendo a consciência. Então, ela segurou na mão de Piro e disse:

— Suplico que salve nosso filho, corte-me e tire-o de minha barriga.

— Não, isso poderá te matar, meu amor.

— Se não fizer isso, ambos morreremos, não aguento mais.

Piro ficou indeciso por alguns instantes, e depois se levantou para pegar sua faca. Foi então que percebeu a presença de seis criaturinhas estranhas. Ele pegou um galho e tomou uma posição defensiva. Seriam aquelas as criaturas responsáveis por nunca ninguém sair desta floresta, os seres que eles pensavam já nem existir?

Na verdade, tratavam-se dos elcas. Um deles foi logo tentando acalmar Piro:

— Acalme-se, caro hulo, estamos aqui para ajudar. Se quiséssemos tentar algo contra vocês, esteja certo de que já estariam mortos há muito tempo. Temos observado os dois desde o dia em que chegaram. A princípio, pensamos se tratar apenas de dois hulos, mas, logo que a jovem tirou o capuz, percebemos que era uma árdua. Ficamos intrigados com o fato de dois membros de raças historicamente inimigas viajarem juntos, e mais curiosos ainda quando percebemos que formavam um casal. Logo que notamos a barriga da jovem, deslumbramos a possibilidade do nascimento de alguém que pudesse mudar a história. No entanto, agora vejo que esse herdeiro corre grande risco de nem mesmo nascer; por isso, estamos aqui para ajudar.

Piro queria acreditar, pois precisava muito de ajuda. Entretanto, sabia das histórias assustadoras a respeito da floresta e decidiu não baixar a guarda. Então, um dos elcas apenas olhou para o alto e um cipó laçou o braço do hulo, arrancando-lhe o galho da mão.

— Veja, seria fácil se quiséssemos matá-los.

Piro desarmou suas defesas.

— Está bem. Vocês podem salvar ela e a criança?

— *A criança com certeza; ela, talvez.*

Piro foi solto pelos cipós. Os seis elcas aproximaram-se da jovem quase desfalecida: dois deles colocaram as mãos sobre o peito da árguia enquanto o outro aproximou a boca do ventre e balbuciou algumas palavras. Um quarto elca segurou a cabeça de Angine e enxugou sua testa, que estava suada. Pôde-se ver a criança se mexendo dentro do ventre: era como se ela estivesse mudando de posição, preparando-se para nascer. Os outros dois elcas que estavam de pé próximos a Piro deram um leve empurrão no hulo, como se mandassem ele se aproximar de sua amada. Mas Piro permaneceu imóvel. Nesse momento, um dos elcas quase esbravejou:

— *Anda, hulo, vá lá segurar seu bebê quando ele nascer.*

Piro ajoelhou-se em frente às pernas de Angine. Os elcas que estavam com as mãos no peito dela e iam fazendo massagem sobre o ventre, empurrando o feto para o nascimento. Logo, a criança começou a nascer. Piro a segurou em suas mãos e, ainda de joelhos, percebeu quando suas vistas passaram a escurecer.

Rapidamente, uma das criaturas ajudantes agarrou a criança antes que o hulo caísse de costas, desmaiado.

— *Hum, tesc, tesc, tesc, sempre assim esses machos: tão fortes, durões, tão corajosos com suas armas, mas uns molengas diante da beleza de uma vida.*

Piro acordou com um balde d'água no rosto e deu de cara com um elca em pé à sua frente. O hulo ficou imóvel por alguns instantes. Seu mais novo amigo deu-lhe um cutucão com um cajado.

— *Ande! Levante-se logo, seu molenga. Você tem um filho para sustentar. Vá logo caçar uma succulenta ave e faça uma canja para a mãe.*

Piro deu um salto, se colocou de pé e, todo esbaforido, olhou de um lado para outro.

— *Onde eles estão? — O elca bateu-lhe na cabeça com o cajado. — Aiii.*

— *Shiuuu. Dá para fazer menos auê? Eles estão descansando. Pensa que é somente você que tem direito de ficar aí, horas, deitado?*

— *Por quanto tempo eu apaguei?*

— *Por muito tempo — rebateu o elca, falando entre os dentes. — Seu frouxo.*

— *Que disse?*

O elca respondeu com sarcasmo:

— *Nada, nada... valentão, hum... eles estão descansando na barraca. Vá vê-los e depois providencie a canja, afinal, ela vai precisar se alimentar quando acordar.*

— *Então ela sobreviveu? Está bem? — Conversando, Piro foi caminhando em direção à barraca. Mais uma vez, o elca lhe bateu com o cajado e fez sinal com*

as mãos pedindo silêncio. A criatura sinalizou para o soldado ir mais devagar.

— Aiii! Ei, dá pra parar com isso ou... — Piro cerrou os punhos como se ameaçasse esmurrar o ser da floresta.

— Huuuu, que valentão! Menos, tá? Shiuuu! — retrucou o elca, colocando o dedo sobre os lábios. Piro, então, seguiu cauteloso. Viu sua amada deitada com a criança sobre o peito e, nesse instante, ele virou-se para o elca. Com um grande sorriso e em tom um pouco alto, falou:

— É macho!

O elca ergueu mais uma vez o cajado e, com a outra mão, fez o gesto de silêncio novamente. Piro levantou as duas mãos como se pedisse desculpas e caminhou em direção ao elca, falando baixinho:

— Nasceu, é macho, é macho, é macho... — Pegou o elca no colo e saiu rodando. — É macho, é macho, é macho...

Deu um beijo no ser da floresta e largou-o no chão.

O elca passou a mão na face que foi beijada pelo hulo.

— Sai, seu escroto...

— Só mais uma coisa antes de eu ir: quais os nomes de cada um de vocês? E que espécie de criatura são?

— Nosso nome é Latus e somos os elcas, os guardiões dessa floresta.

— Tá, o seu nome é Latus, mas e o nome dos outros cinco?

— Nosso nome é Latus, pois somos seis, mas também somos apenas um; o que um vê, ouve ou sente, os seis veem, ouvem e sentem. Por isso, nosso nome é Latus, pois somos o mesmo.

— Não entendo.

— Chega de conversa, talvez no futuro você possa entender. Agora vá e traga o alimento.

Piro saiu floresta adentro.

O bebê recebeu o nome de Emiro e, após dois anos, ganhou uma irmãzinha chamada Inaiala. Eles tinham características de ambas as espécies: o cabelo era preto como os de seu pai, e as orelhas, pontiagudas como as de sua mãe. Já na adolescência, ambos demonstravam toda a inteligência e a perspicácia de um hulo, e já tinham também as habilidades dos árguios: Emiro com sua visão apuradíssima, e Inaiala já desenvolvendo o poder de cura. Quando chegaram à fase adulta, simplesmente pararam de envelhecer, diferentemente de seus pais, que continuaram esse processo. Piro pela própria natureza de sua existência, e Angine pela decisão de abdicar da dádiva da juventude com a ajuda de encantos da floresta. Ela dizia que não suportaria mais viver eternamente sem seu grande amor e que os mais de duzentos anos que vivera antes de conhecê-lo valeram menos do

que aqueles em que teve a oportunidade de estar ao lado do hulo. A árguia queria envelhecer feliz junto de seu herói salvador.

Angine e Piro viveram mais algumas décadas de forma bastante intensa e usufruíram de um amor verdadeiro, capaz de superar todas as diferenças e o ódio cultivado por séculos entre suas raças. Seus filhos continuaram sob a orientação dos elcas, sabendo que aquelas criaturas planejavam um dia transformar um deles no ser mais poderoso que o planeta Primus já havia visto. Por isso, os irmãos precisavam sempre cultivar a compaixão e a harmonia entre todas as espécies, afinal, eles eram a prova viva de que isso era possível. Quando um deles fosse se tornar o Herdeiro do Supremo Poder, precisaria estar preparado para governar com bondade, mas também devia saber repreender quem tentasse trazer a desordem ao planeta.

“— E por isso vocês estão aqui — Latus revelou para os seis líderes presos na grande árvore. — Precisaremos tirar uma gota de sangue de cada um para que possamos criar a poção e dar ao escolhido. Essa criatura já traz o DNA de duas espécies e estará mais bem preparada para receber o soro que iremos conceber. Ademais, ela é o fruto de um amor verdadeiro e foi educada sabendo que é possível todos viverem em paz, independentemente das diferenças.”

“Com um pequeno espinho, o elca furou a orelha de cada líder e colheu o sangue necessário em um pequeno recipiente. Outro elca trouxe um cálice contendo uma resina extraída das plantas. Tudo foi misturado no mesmo recipiente, colocado sobre um tronco. Os seis elcas dispuseram sua mão direita sobre o cálice, encostando os dedos nesse pequeno frasco. Balbuciaram algumas palavras incompreensíveis e, após alguns instantes, o líquido começou a brilhar.

Latus, segurando o cálice, disse:

— Aqui está. Agora o escolhido deverá beber uma pequena dose da poção por seis dias seguidos. A dose será medida através dessa flor. — Era uma flor que tinha o formato de um pequeno copo. — A poção dá exatas seis doses, pois não é seguro nem mesmo para o fruto de Angine e Piro receber todo o poder de uma única vez. Nesses dias, todos vocês permanecerão aqui para testemunhar esse momento, que deverá ser o mais importante da história de Primus. Convido, aqui, para receber sua primeira doze... — Emiro já começara a se aproximar para tomar a poção — Inaiala.”

“Emiro ficou visivelmente contrariado.

— Mas como assim? Eu sou o filho mais velho. Vocês disseram a meus pais que eu poderia ser um grande líder. Esperei por toda a vida para me tornar o maior governante que esse planeta já teve. Como escolheram minha irmã?

Latus explicou:

— Exatamente por isso, caro Emiro. Você almejou demais ter esse poder, e alguém com tanta sede poderia ser uma grande ameaça ao se tornar tão poderoso. Sabemos de suas qualidades, mas tememos que tanto poder possa te corromper.

— Discordo plenamente, estou absolutamente preparado.

Emiro disse isso e continuou andando em direção à poção. Latus, em um tom de voz mais ríspido, ordenou:

— Pare!

Emiro, sabendo do que um elca era capaz dentro daquela floresta, parou imediatamente.

— Está bem, me desculpe pela minha prepotência. Tenho certeza de que minha irmã, que amo do fundo de meu coração, será uma grande líder. Eu a apoiarei em tudo que for necessário.”

“Latus chamou Inaiala:

— Aproxime-se, Inaiala, venha receber a primeira dose.

— Mas eu nunca almejei me tornar a Grande Herdeira Suprema.

— Exatamente por isso você foi escolhida: mesmo tendo todas as qualidades para controlar todo o poder, isso nunca foi seu grande desejo, e por isso achamos que você não deixará seu nobre coração ser corrompido. Você demonstrou, nesses anos todos, ser sensata, justa e desprovida de ambição.”

“Inaiala se aproximou. Cinco elcas se afastaram, ficando apenas um deles para servir-lhe a primeira dose. Enquanto a criatura da floresta enchia a pequena flor, outro elca separou o amuleto em seis partes e falou com os líderes:

— Hoje será entregue para cada líder uma parte do amuleto, única possibilidade de derrotar Inaiala caso um dia ela se deixe corromper pelo poder. Isso só acontecerá através da união sincera de todas as raças. Sendo assim, vocês terão que se unir, seja pela força ou pela necessidade. Digo-vos pela força caso alguém tente quebrar a harmonia entre os povos. Aí, Inaiala forçará a união novamente; ou pela necessidade, caso ela venha a se corromper e tornar-se uma ameaça. Então, será necessária a união de todos para derrotá-la.”

“O outro elca entregou a flor cheia da poção para a menina, deixando o recipiente com o restante depositado sob um tronco de árvore ao seu lado.

— Vamos, beba de uma só vez...

Inaiala entornou a pequena dose com um único gole e, alguns segundos depois, se ajoelhou com as mãos na barriga.

— Aiiiii! Como dói, parece que está rasgando minha carne.

— É o poder que se espalha pelo seu corpo, aguente firme que logo passará. Levante-se e mantenha o corpo ereto, isso ajudará a dor a passar mais rapidamente — orientou o elca enquanto lhe estendia a mão para ajudá-la a se levantar.

Emiro se aproximou.

— Deixe-me ajudar, irmã.”

“Emiro segurou Inaiala pelas axilas e ela colocou os braços sobre seus ombros para se apoiar. A garota gemia de dor. Algum tempo depois, ela tirou os braços dos ombros de seu irmão.

— Está passando, pode me soltar, já começo a sentir algo diferente em meu corpo: sinto como se uma força imensa estivesse tomando conta de mim.”

“Todos ainda estavam com as atenções totalmente voltadas para Inaiala. Emiro, estando tão perto da poção, decidiu que aquela poderia ser a oportunidade única de ele sentir o poder. Se, com uma dose, sua irmã estava sentindo algo, talvez ele suportasse beber todo o resto de uma só vez; então, teria muito mais poder e provaria a todos que era, sim, capaz de se tornar o governante que os elcas tanto queriam.

Sem perder mais tempo, apanhou o cálice.

— PARE! — gritou um dos elcas.”

“O ser da floresta imediatamente invocou cipós, que se lançaram em direção a Emiro e amarraram o punho que segurava o cálice, mas já era tarde: o garoto conseguira beber a poção. Logo seu corpo foi suspenso no ar por vários cipós e ele começou a se contorcer de tanta dor provocada pela poção. Em alguns segundos, passou a sair sangue pela boca e pelo nariz do garoto. Seus olhos também já estavam vermelhos, tomados pelo sangue. Ele deu um grito agonizante:

— Seu tolo, avisamos que ninguém poderia receber tanto poder de uma única vez; as consequências seriam imprevisíveis, seu corpo não resistirá a tanto — esbravejou Latus.

Emiro grita se contorcendo de dor.

— Não vou desistir.

“Por um longo tempo, Emiro se contorceu e gritou. Agora já tinha sangue saindo também pelos ouvidos, até que deu um último suspiro e ficou imóvel. Seu corpo foi sendo colocado no chão cuidadosamente pelos cipós e sua irmã se aproximou chorando.

— Meu irmão, por que você fez isso? — Inaiala suplicou para os elcas. — Vocês podem fazer alguma coisa, não é?

— Infelizmente não.

— Mas e o amuleto, ele não pode reverter os efeitos da poção?

— Ele poderia tirar todo o poder adquirido, mas não trazer de volta à vida...”

“Inaiala colocou a cabeça de Emiro em seu colo e chorou muito. Seu irmão tossiu engasgado pelo sangue, então ela falou quase gritando:

— Ele ainda vive. Ajudem-me, por favor!

Emiro abriu os olhos, que estavam com um brilho vermelho intenso.

— Haaaa, eu disse que não iria desistir. — Emiro tentou se levantar.

— Pare, meu irmão, não faça esforço, você perdeu muito sangue, deixe-me ajudá-lo — enquanto falava, Inalaia tentava segurar seu irmão, que lhe deu um empurrão.

— Me solte, sua tola, você não manda em mim. Aliás, ninguém manda em mim, sinto o poder correndo por todo meu corpo e mostrarei que serei o maior governante que Primus já viu... — Emiro olhou para suas mãos, que emitiam um brilho intenso. — Me sinto como se pudesse fazer qualquer coisa.

— Talvez não possa, pois vocês dividiram parte da poção. O poder ficou dividido entre os dois, não temos certeza de qual será o resultado — falou Latus.

— Eu sei qual será o resultado: se ela tem parte do poder, então representa uma ameaça, e ameaças precisam ser eliminadas.”

“Emiro disparou um raio com suas mãos, atingindo Inalaia e a arremessando para longe. Os elcas tentaram invocar a floresta para contê-lo, mas uma energia que dizimou a vida de todos os presentes emanou do corpo de Emiro; até mesmo os elcas caíram ao chão. Contudo, como já vimos antes, logo seus corpos desapareceram dentro do solo e ressurgiram novamente, agora com vida.”

“As árvores começaram a investir contra Emiro, que sentiu seus poderes falhando: era a magia da floresta que estava combatendo Emiro. Ele percebeu que não podia permanecer na floresta. Assim, pegou três partes do amuleto que estavam caídas no chão e, na velocidade de um raio, desapareceu, restando ali apenas milhares de corpos. Com vida, apenas os seis elcas e os líderes que foram protegidos pela grande árvore, pois, no momento do ataque de Emiro, eles foram totalmente envolvidos pelo tronco, o que lhes protegeu. Em seguida, a árvore começou a expulsá-los de dentro do tronco. Já no chão, livre, Creto esbravejou:

— Acharam mesmo que tanto poder poderia ser dado para alguém? E agora nem temos mais exércitos para contê-lo. Quem irá proteger nossas mulheres e crianças?

— A resposta não é quem, e sim o que ou onde — respondeu Latus. — Se ele entrar em nossa floresta ou em qualquer outro lugar, poderemos anular seu poder, desde que vocês unam as partes do amuleto; aí poderemos enfrentá-lo. E quanto à criação de alguém tão poderoso, acreditamos estar corretos, pois estamos certos de que Inalaia seria uma grande líder. Porém, fomos traídos por quem tanto amávamos. Agora ele representa grande perigo; então, precisamos eliminá-lo. Temos que recuperar as partes do amuleto que ele levou; aqui ficaram apenas três, mas de nada valerão sem as outras.”

“Creto, ainda inconformado, questionou:

— Se acham que alguém pode ser capaz de controlar tanto poder, por que não fazem novamente a poção. Essa criatura, então, não poderia vencer o traidor?

— Infelizmente não podemos fazer outra poção, e a criatura que teria condições de controlar todo esse poder foi morta diante de seus olhos.

CAPÍTULO 12

— Mestre, veja, ela resistiu, ela ainda vive.”

Estávamos de volta no tempo presente, dentro da Floresta dos Elcas. Aru não havia tirado os olhos de cima da Fera enquanto Margom fazia a narrativa.

Margom desfez o encanto que recriava uma miniatura do planeta Primus e agora todos observavam atentos a Fera, que começou a se levantar. Ainda um pouco sonolenta, a criatura viu nos olhos de muitos o desejo de exterminá-la. Isso fez com que arrepiasse seus ásperos pelos e caminhasse lentamente, rosnando em direção a Margom. Ao mesmo tempo, com o movimento dos olhos, vigiava os demais. Mesmo com a boca fechada, enquanto ela rosnava, as bochechas deixavam aparecer suas grandes presas. Era aquele um momento de grande tensão: os gêmeos Aru e Ura refugiarão-se atrás de Margom.

Já bem pertinho do Mago, a Fera começou a abrir a boca.

— Eita lasquera! Agora o bicho vai pegar...

A Fera deixou cair de sua boca a parte do amuleto que havia recuperado e ficou ali parada em frente ao mago.

Margom se abaixou e juntou a peça, que estava toda recoberta pela saliva da Fera.

— Então você conseguiu mesmo! — exclamou o comandante.

Ura, espiando, fez cara de nojo.

— Eca, que nojeira...

A Fera fixou os olhos no pequeno Ura, que se retraiu e tentou amenizar o que disse:

— Mas nada que um pouquinho de água não resolva, não é mesmo? Hehehehe...

— Pronto, agora temos quatro das seis partes e ainda conseguimos mais uma aliada magnífica. Precisamos concentrar nossos esforços para recuperar as outras duas partes, e então teremos chances de derrotar Súrigam — anunciou Margom.

Mitro não estava muito convencido.

— E como sabemos o que de fato é real e o que é fruto de sua imaginação nessa história?

Suda respondeu antes que Margom pudesse falar algo:

— Posso te garantir, meu amigo, que tudo o que foi dito aconteceu.

— E como você tem tanta certeza?

— Porque eu estava lá.

— Estava lá? Como assim? Se, conforme o relato de Margom, todos naquele dia ali presentes foram exterminados.

— Exceto os líderes que ficaram protegidos dentro do tronco da grande árvore, lembra?

— Mas então...

— Exatamente, eu sou Creto. A partir daquele dia, percebi o tamanho da ignorância de cultivar tanto ódio por todos que não fossem meus semelhantes. Então, ali nasceu um novo árguio. Por isso decidi me rebatizar: a partir daquele momento, deixei de me chamar Creto e adotei Suda como meu novo nome. Dos presentes naquele episódio, restaram apenas eu; os elcas, que, enquanto permanecerem dentro da floresta, não morrem; e Margom: como eu, ele foi salvo pela árvore.

Mais uma vez surpreso, Mitro se virou para Margom.

— Você?

— Sim, era eu o mago que sobreviveu. Bem mais jovem, verdade. Afinal, diferente dos árguios, nós, ilírios, vivemos por milhares de anos. Um dia, no entanto, sucumbiremos pela idade, se nada acontecer antes. Quanto aos outros quatro líderes, o tempo se encarregou de levá-los.

— Se nossos povos foram exterminados, como estamos aqui hoje? — perguntou Mitro.

Margom respondeu:

— Mas nossos povos não foram exterminados, apenas nossos exércitos, pois nem todos estavam presentes nas batalhas. Dos que sobraram, muitos foram escravizados por Emiro, que também mudou seu nome. Ele próprio se intitulou de “Súrigam, o Imperador Supremo”. Já faz dois mil anos que governa Primus com imensa tirania e crueldade. Na época, conseguimos salvar muitos para dentro dessa floresta, onde cada povo pôde formar novamente suas cidades. Mas infelizmente um número muito maior foi escravizado por Súrigam.

— E esse monstro, o que tem a ver com tudo isso?

— Não sabemos qual a origem da Fera — comentou Margom. — Porém, se a luta é contra o Imperador, ela sempre está pronta para a briga. A primeira vez que a vimos, a criatura nos salvou. Isso ocorreu cerca de cem anos após o início da tirania. Suda e eu fomos apanhados por Súrigam fora da floresta. Ele já estava pronto para acabar conosco quando, como um fantasma, a Fera apareceu e atacou o Imperador. Os dois começaram uma intensa batalha: Súrigam disparava seus potentes raios e a Fera ia resistindo bravamente, ao mesmo tempo em que atacava o Imperador. Isso ajudou-nos a ganhar tempo. Eu consegui recuperar meu cajado, que havia sido arrancado de minhas mãos por Súrigam, e invoquei um encanto que nos tirou dali. Junto, levei a Fera, afinal, ela já estava bastante ferida e não

resistiria por muito tempo mais. Fugimos para dentro da floresta. Contudo, logo que se recuperou, a Fera desapareceu, e assim tem sido ao longo dos anos: de tempos em tempos, ela nos ajuda contra Súrigan, mas também precisa se alimentar; por isso caça nossos animais.

— E nos ataca também... — completou Mitro.

— Se você analisar bem, verá que ela não nos ataca, apenas se defende quando é atacada. A criatura somente caça nossas criações para se alimentar.

Mitro concordou:

— Está bem, mas isso não me parece ser o mais importante agora. Se nós precisamos das seis partes do amuleto e você levou dois mil anos para descobrir onde estava uma delas, então me parece que ainda levará muito tempo para que possamos nos ver livres da tirania do Imperador.

— Não esteja tão certo disso, pois, tendo mais da metade do amuleto montado, ele mesmo indicará onde estão as outras duas partes. Por isso, agora não será difícil descobrir suas localizações; o difícil agora será passar por Súrigan para pegá-las...

Fargo, o rei dos naturos, interrompeu o diálogo entre Margom e Mitro para fazer um questionamento interessante:

— Margom, estive aqui pensando enquanto você dizia que a única coisa conhecida capaz de vencer o Imperador é a junção das seis partes do amuleto. Certo?

— Uhum! — Margom acenou com a cabeça, concordando.

— Então não faz sentido ele ter passado tanto tempo de posse de três das seis partes e nunca as ter destruído; uma vez que ele tivesse dado fim nessas partes, não teríamos mais como montar o amuleto, já que, segundo seus relatos, não se pode mais fabricar outro.

— Sim, você tem razão, em parte. Se Súrigan tivesse destruído qualquer uma das partes, estaríamos ainda mais encalhados. Mas não pense que o Imperador não tentou dar fim nelas. Ele usou magia, usou força bruta; contudo, nada pode nem mesmo causar um arranhão nas partes desse amuleto. Súrigan já tentou, inclusive, jogá-las dentro de um vulcão, mas os pedaços simplesmente ressurgiram. Esse amuleto somente será destruído se as seis partes estiverem juntas, com o consentimento de cada uma das espécies.

Fargo continuou intrigado.

— E como elas ressurgiram de dentro do vulcão? Pois, diante de tamanha força da natureza, não creio que nenhum de nós poderia recuperá-las.

— Simplesmente porque elas não podem ficar escondidas abaixo da superfície. Qualquer uma das partes pode ser jogada dentro de um vulcão ou enterrada, mas ela sempre vencerá os obstáculos e emergirá em busca da luz que a

alimenta. Vamos fazer um teste para que todos possam entender o que estou falando.

Usando magia, Margom fez um buraco no chão, enterrou as partes do amuleto, cobriu com o escudo de um hulo e pediu para que um mantró colocasse uma grande pedra em cima. Alguns instantes depois, a pedra começou a rachar e, no alto, surgiram as quatro partes do amuleto. O mantró retirou a pedra, que estava com um buraco pelo qual passou o amuleto, assim como o escudo, que teve seu centro derretido.

— Como podem ver, nenhuma parte do amuleto pode ser escondida embaixo da superfície, nem tampouco é conhecida uma forma de destruir seus pedaços separadamente. Sendo assim, embora não saibamos onde estão as outras duas partes, sabemos que elas estão guardadas em algum lugar acima da superfície de Primus.

Enquanto Margom falava, a Fera começou a se afastar. O movimento da criatura fez com que todos os presentes ficassem focados nela, que sentiu os olhares. A criatura arrepiou seu pelo e, lentamente, saiu. Enquanto caminhava, os que estavam na direção de seu trajeto foram se afastando, e a Fera simplesmente desapareceu na floresta.

— Será que ainda a veremos? — questionou Fargo.

Latus respondeu:

— Estou certo de que sim; não sei como, mas sempre que precisamos verdadeiramente de sua ajuda contra Súrigan, ela aparece como que por milagre.

CAPÍTULO 13

Quando a Fera desapareceu entre as árvores, o olhar de Mitro encontrou Lara e ficou admirando. Sua beleza simplesmente era irresistível. Todos ali ainda conversaram muito e, de tempos em tempos, Mitro se pegava admirando a belíssima árguia, que não saía de perto de Suda. Aos poucos, a multidão foi se dispersando; agora já era tarde da noite e muitos dormiam. O que se podia ouvir era o barulho de animais e insetos da floresta ou os gemidos de dor dos feridos.

Quando o dia amanheceu, os primeiros movimentos foram das árguias, que já tinham recuperado suas energias e voltavam novamente para ajudar os que ainda não estavam totalmente curados. Alguns, infelizmente, não resistiram aos ferimentos. Contudo, a grande maioria estava curada ou fora de perigo. A floresta se encarregava de absorver em seu solo os corpos dos poucos que não resistiram. Eles serviriam de alimento para a lugar. Todos estavam acostumados com isso, já que, depois do surgimento de Súrigam, todas as raças viviam dentro da floresta. Sempre que alguém falecia, era engolido pelo solo; parecia ser uma troca justa: aquela floresta encantada lhes dava abrigo e, em contrapartida, seus corpos sem vida serviam para manter o espaço vivo e forte.

Mitro ainda dormia quando Lara se aproximou para examinar seu ferimento. O barulho dos passos da árguia fez com que o homem acordasse, tendo como primeira visão do dia a estonteante beleza da moça. Ele sentiu uma alegria inexplicável ao vê-la.

— Já estou com minha mana recuperada e vim ver se ainda precisa de meus cuidados. Como está sua ferida?

Mitro, extasiado, ficou admirando a árguia sem responder. Lara não entendeu o silêncio e insistiu:

— Hulo? Parece que ainda dorme? Diga-me, como está seu ombro?

— Ah, sim, me desculpe! Ainda dói, mas já me sinto bem melhor.

— Deixe-me ver. — Lara examinou a ferida e, em seguida, colocou suas mãos no machucado. Elas começaram a emitir a luz curativa; em alguns minutos, sua mana estava descarregada. A árguia retirou as mãos de cima do ferimento e, como por um milagre, no local da ferida havia apenas uma mancha vermelha.

Mitro olhou para seu ombro e, com a outra mão, apertou o local onde teve uma lança atravessada no dia anterior.

— Incrível o que vocês, árguias, conseguem fazer. Como meus antepassados puderam ser inimigos de um povo tão fantástico! Como os hulos, que são conhecidos por sua grande inteligência, puderam ser tão imbecis?

— Bem, eu não vivi naquela época, mas Suda, que esteve presente nos anos de guerra, me conta que todos os povos erraram: o ódio era mútuo e eles só pensavam em vingança, que trazia mais violência. O ódio foi crescendo, sem dar espaço para o perdão, condenando todos a viverem longe da felicidade. Como Margom nos relatou, foi necessário um inimigo em comum para percebermos que viveríamos muito melhor unidos.

Por alguns instantes, os dois fixaram os olhares. Lara, sem graça, abaixou a cabeça e foi saindo.

— Agora me dê licença. Você não precisará de mais cuidados, tenho outras obrigações e você também deverá ter algo de útil a fazer.

Chegou a noite e as árguias foram recuperar sua energia de cura.

Logo que o dia amanheceu, o que se via pelo acampamento eram árguias usando seu dom de cura para ajudar os poucos que ainda estavam feridos.

Os que tinham se recuperado se ocupavam em conseguir alimento para aquela multidão.

Por diversas vezes, naquele restante de dia, Mitro se flagrou admirando Lara em atividades diversas, ao mesmo tempo em que ajudava a arrumar a bagunça deixada por todos naquele acampamento.

Mais uma noite se passou e, no terceiro dia, todos os soldados curados voltaram para suas casas. Com o acampamento mais vazio, Mitro encontrava Lara mais facilmente para poder admirá-la. Ele sabia que não devia, mas não conseguia resistir.

Lara já havia percebido que o hulo a observava constantemente.

No quarto dia, no final da tarde, Mitro recebeu a tarefa de buscar um pouco d'água em uma fonte ali próxima. Embora fosse o Rei dos hulos, naquele acampamento, ninguém tinha nenhum privilégio: o trabalho era dividido conforme as condições físicas e habilidades, não por sua posição hierárquica. Sendo assim, o homem pegou dois baldes e foi buscar a água. Alguns minutos depois, já podia ouvir o barulho da cachoeira e, ao aproximar-se, percebeu que tinha alguém tomando banho; era ninguém mais ninguém menos do que Lara. Mitro, então, se pôs a observá-la.

Ele já estava ali por alguns minutos quando Lara teve a sensação de estar sendo observada. Então, com muita artimanha, a árguia utilizou-se de um pequeno pedaço de espelho e fingiu estar arrumando seu cabelo enquanto fazia uma varredura procurando quem a vigiava, até que finalmente viu o hulo escondido atrás de uma árvore. Ela deixou escapar um pequeno sorriso, pois gostou de estar sendo observada por ele. Lara largou o espelho e continuou seu banho, inclusive demorou bem mais do que o habitual e tentou ser sensual. O hulo permaneceu ali

até que, em um determinado momento, apoiou-se sobre um galho seco, que não resistiu ao seu peso. Ele rolou barranco abaixo, caindo dentro da água.

Enquanto o hulo rolava, a moça virou-se e, sem que nada pudesse fazer, ficou olhando a queda.

Mitro levantou-se rapidamente, mas um dos baldes também desceu rolando e caiu sobre sua cabeça.

— Aiii! — ele disse.

— Uiii! — respondeu Lara. Em seguida, deu uma bela gargalhada.

Mitro ficou sem graça.

— Hehehe, ops, não tinha te visto, vim apenas buscar um pouco d'água...

Lara, ainda com um sorriso nos lábios:

— Você está bem?

— Sim, não foi nada.

Um fio de sangue começou a escorrer pela testa do hulo.

— Veja, está escorrendo sangue em sua testa, deixe-me ver. Tem um pequeno corte, coisa simples, já te deixo novinho em folha.

Lara colocou suas mãos sobre o ferimento. O guerreiro ficou paralisado por ter a árdua assim tão próxima.

— Você mentiu... — disse Lara.

— Como?

— Você mentiu quando disse que não tinha me visto aqui.

— Não vi. Sério.

— Hahaha! Eu te vi quando você estava lá em cima me espiando.

As bochechas de Mitro ficaram coradas de vergonha.

— É verdade, você me pegou em flagrante, mas saiba que foi por acaso: quando vim buscar a água, não sabia que você estava aqui...

— Não tem problema, eu até que gostei. — Pausa. — Aliás, percebi que você tem me observado muito nesses dias.

— É... bem... desculpe-me, não farei mais...

— Eu estava gostando também...

Os dois se olharam por alguns segundos e acabaram trocando um longo beijo. De repente, Mitro largou Lara, pegou os baldes, encheu-os de água e saiu rapidamente.

— O que foi? — perguntou ela.

— Não posso fazer isso, está errado. — Mitro foi embora sem olhar para trás.

— Não estou entendendo, o que houve?

— Não posso trair meu amigo.

— Mas...

— Por favor, não piore as coisas, não diga nada.

— Mas...

— Chega, não quero ouvir nada.

Mitro saiu rapidamente e, escorregando, quase caiu novamente na pressa de se afastar. Lara permaneceu parada, sem entender a reação do hulo.

— Que diabos! Que bicho o mordeu?

Durante o jantar, Lara, como de costume, estava ao lado de Suda enquanto comiam; junto deles estavam também todos os líderes. Mitro sentia-se incomodado pela atração que estava sentido por aquela árguia, pois não poderia trair Suda, grande líder de um povo amigo. Comeram e, enquanto os demais conversavam, Mitro permanecia calado. Suda percebeu que algo o incomodava. Em um dado momento, quando Mitro afastou-se, o guerreiro aproveitou para ver o que estava acontecendo.

— Percebi que o amigo está muito calado, parece que tem algo o incomodando.

— Nada, meu amigo, coisa minha. Decidi ir embora, deixarei alguém me representando...

— Penso que estamos em uma situação na qual não existe coisa sua, minha ou de qualquer um que seja. Estamos todos juntos e devemos confiar uns nos outros para que tenhamos chances de sucesso em nossa guerra.

— Não posso mais ficar aqui, não estou sendo digno.

— Como assim, meu amigo? Não entendo o que está acontecendo. Você sempre foi um líder exemplar, que conduz seu povo com grande sabedoria, além de ser um excelente guerreiro. Precisamos de você nessa luta. Diga-me o que o aflige e tentaremos achar uma solução juntos, é para isso que nos unimos: para que um possa ajudar o outro. Juntos somos fortes.

— Concordo contigo, Suda, e, para não quebrar essa confiança, preciso retirar-me. O que me aflige é mais forte do que eu. Irei embora e deixarei outro tomar meu lugar na mesa de decisões...

— Não faça isso, diga-me o que é para que possamos pensar juntos.

— O problema está em meu coração, fui tomado por uma paixão incontrolável.

— Uma paixão? Mas isso não deveria ser um problema. Para nós, árguios, a paixão é sempre motivo de alegria.

— Sim, poderia ser, mas minha paixão é no mínimo proibida.

— Proibida? Por quê? Essa jovem hula já é comprometida com alguém de seu povo?

— Sim, quer dizer, não...

— Não entendi a resposta: é sim ou não?

— Os dois.

— Como assim?

— Quando digo que não, me refiro ao fato de que ela não é uma hula comprometida com ninguém de meu povo, mas já é prometida.

— Hummm! Confie em mim, me deixe tentar ajudar.

— Eu confio em você, mas não acho que eu esteja merecendo sua confiança.

— Não entendo...

— Estou apaixonado por sua esposa!

Agora, Suda realmente ficou sem entender nada.

— O quê?

— Perdoe-me, aconteceu sem querer, foi mais forte do que eu. Por isso vou embora.

— Minha esposa? Você está enganado, é impossível.

— Não estou e vejo que o amigo gosta muito de Lara.

Suda dá uma sonora gargalhada.

— Eu amo Lara, mataria ou morreria por ela, mas... — Após uma pausa, o guerreiro deu outra gargalhada.

— Por que está rindo assim?

— Desculpe-me, não consigo segurar. — Deu mais uma gostosa risada.

Mitro ficou irritado com a reação de Suda.

— Estou sendo sincero contigo e você debocha da minha cara? Prefiro que me dê um soco, mas não faça isso, por favor!

— Mais uma vez, peço desculpas por meu riso. Aguarde aqui um pouco.

Suda foi falar com Lara. Mitro observou de longe os dois conversando. De tempos em tempos, eles olhavam na direção do hulo, que disfarçava, olhando para baixo. Foram apenas alguns minutos de conversa entre Suda e Lara, mas, para Mitro, estavam parecendo horas. Então, os dois vieram na direção dele.

— Lara me contou que você estava espionando ela no rio e que ainda se beijaram...

Mitro interrompeu Suda:

— É... não... bem, é que... bem, eu fiquei observando enquanto ela tomava banho, mas foi por acaso. Fui buscar água, conforme você mesmo havia me pedido, e quando cheguei lá...

— Não perca seu tempo relatando o que ela já me contou...

— Então já sabe tudo o que precisa saber. Estou indo embora e espero que esse erro meu não afete a relação entre nossos povos. — Mitro foi saindo.

Suda segurou o amigo pelo braço.

— Na verdade, isso poderá até nos unir mais...

—O quê?

— Lara não é minha esposa...

— Mas você disse que era...

— Eu disse? Quando?

— Agora há pouco você disse que a amava e que seria inclusive capaz de matar ou morrer por ela...

— Sim, eu a amo e sou capaz de matar ou morrer por ela, afinal, é minha única filha. Nunca disse que era outra coisa. Minha esposa faleceu quando Lara tinha apenas cinquenta anos de idade.

— E então por que me deixou aqui angustiado? Por que não me disse logo que ela não era sua esposa?

Suda deu outra gargalhada ainda mais gostosa.

— Achei divertida sua confusão, foi engraçado ver você aí, todo preocupado enquanto eu conversava com Lara! — E riu novamente.

Mitro deu um sorriso sem graça.

— Você foi cruel, meu amigo! Mas estou aliviado.

— Agora entendi por que saiu daquele jeito lá na fonte após nos beijarmos, parecia um louco. Hihihih!

Conversaram ali por um longo tempo e, agora com tudo esclarecido, havia mais uma vez o início de um romance entre árguia e hulo. Da primeira vez que isso ocorreu, a união rendeu frutos que poderiam ter sido a solução das guerras de Primus, mas acabaram se tornando o maior mal que já havia surgido naquele planeta.

Mais quatro meses se passaram sem que os guerreiros pudessem determinar onde estavam as outras partes do amuleto. Enquanto isso, o casal apaixonado pôde aproveitar bons momentos juntos. Passearam pelos bosques, pelos campos floridos, tomaram banho na cachoeira e, então, resolveram unir-se com a promessa de assim ficarem até o fim de suas vidas. Os preparativos eram tantos para a grande comemoração desse matrimônio que até esqueceram um pouco as preocupações referentes à luta contra Súrigan.

Finalmente chegou o dia. Com a benção dos elcas, foi realizada a cerimônia, que ocorreu na Grande Vila. Comilanças e bebidas completaram a festa; todos, dançando e rindo muito, nem perceberam que o mais novo casal fugiu disfarçadamente, pois estavam ansiosos para momentos mais íntimos. Com muita paixão e carinho, se amaram.

Já tinham saído há muito tempo, quando um árguio percebeu que os dois não estavam entre eles e comentou com Suda:

— Mas onde Mitro e Lara se meteram, afinal de contas?

Suda olhou ao redor, tentando avistá-los, e depois riu.

— Não sei, mas tenho certeza de que estão bem e não querem nossa companhia.

— Claro que não, então vamos festejar! — O outro árguio saiu rindo, pulando e cantarolando.

A essa altura, a festa já tinha acabado e todos estavam adormecendo, inclusive Mitro e Lara. Nesse momento, uma espécie de sombra pairou sobre os dois deitados.

Simultaneamente, um vulto idêntico caiu sobre os seis elcas quando uma luz piscou em seus olhos, deixando-os catatônicos. Um galho brotou do chão e, com um espinho fino, furou o braço dos presentes. Uma gota de sangue de cada elca foi recolhida e guardada dentro de um pequeno casulo. Então, o vulto desapareceu, ao mesmo tempo, de perto dos elcas e dos recém-casados. Nesse instante, Lara acordou e, ainda sonolenta, cutucou Mitro.

— Amor, amor, amor...

— O que foi, linda?

Ela olhou ao redor procurando algo.

— Nada, nada, me desculpe por ter te acordado, mas é que tinha certeza de que algo ou alguém estava nos observando.

Eles olharam à sua volta.

— Deve ter sido só um sonho, minha linda, não se preocupe. Se tivesse alguém por perto, não estaríamos em perigo, afinal, estamos entre amigos. Venha cá, deite aqui e vamos descansar.

Lara acomodou a cabeça sobre o peito de seu amado, recebeu um carinho, esboçou um leve sorriso e os dois voltaram a dormir.

No dia seguinte, os elcas acordaram muito fracos, como se não tivessem dormido. Todos estavam com uma leve dor no braço, onde agora havia uma cicatriz em forma de triângulo. Eles acharam aquilo muito estranho, mas não faziam a menor ideia do que acontecera.

CAPÍTULO 14

Passaram-se mais vinte dias até que finalmente os líderes foram convocados por Margom para uma reunião.

— Amigos, finalmente temos o paradeiro de mais uma peça do amuleto. Ela foi localizada no Labirinto de Vitom.

O Labirinto de Vitom existia antes mesmo do surgimento de Súrigam e era dominado pela criatura chamada Vitom. Tratava-se de um labirinto cujos caminhos sofriam constantes mudanças. Vitom se alimentava da energia roubada dos que ousavam entrar para pegar os tesouros lá guardados. Para atrair suas vítimas, Vitom prometia seu imenso tesouro para aquele que eventualmente conseguisse encontrar o caminho da saída. Contudo, até hoje, ninguém havia obtido sucesso.

— Ótimo, então vamos lá recuperar essa também — disse Fargo, o Rei dos naturos.

— Calma, meu amigo, não é tão simples assim. Súrigam colocou a peça lá exatamente por ser um lugar distante de qualquer ponto daqui, ou seja, para chegarmos até o local, teremos que viajar muito sem a proteção da floresta. Todos sabem que, em um conflito contra Súrigam e seu exército, nós nos cansamos, enquanto eles não. Portanto, enfrentar uma batalha sem ter um lugar seguro para se refugiar seria suicídio, tem que ser bem planejado — respondeu Margom.

Após muito debaterem, concluíram que, ao invés de mandarem grandes tropas para um lugar tão distante, seria melhor que um pequeno grupo composto por cada um dos seis governantes de cada povo e os gêmeos Aru e Ura se deslocasse para o lugar. Assim, tentariam chegar até a parte do amuleto sem que Súrigam percebesse. No entanto, isso não seria fácil, pois o Imperador sabia que eles almejavam pegar a peça. Dessa forma, certamente o caminho estaria bem vigiado. Por isso, escolheram um trajeto bem mais longo, porém com maiores chances de não estar sendo vigiado.

Sendo assim, decidiram ir pela água a maior parte da viagem. Seguiriam com um barco pelo grande rio que cruzava a Floresta dos Elcas, desaguando no Oceano da Calmaria; navegariam pela costa da região das antigas terras dos brinos, árguios e ilírios. Logo que concluíssem o trecho de navegação, todos continuariam a pé, exceto os gêmeos, que permaneceriam no barco, a fim de deixá-lo pronto para quando o restante retornasse. Os guerreiros acreditavam que, dando a volta pelo oceano, poderiam chegar sem serem percebidos. Imaginavam que Súrigam não esperava ninguém pelo lado oposto da Floresta dos Elcas.

Então, iniciaram a jornada. Na intenção de viajar com mais velocidade, adaptaram o barco para ser puxado por duas serpentes aquáticas controladas por

Fargo.

Já estavam nessa aventura há três dias pelas fortes correntezas do grande rio que cruzava a Floresta dos Elcas quando chegaram às tranquilas águas do Oceano da Calmaria. Agora, era necessário viajarem mais atentos a qualquer criatura que aparecesse, pois poderia ser um espião de Súrigam, já que ele também tinha o poder de controlar outros animais, assim como os naturos.

O grupo viajava praticamente sem parar: as pausas eram curtas, apenas para o descanso das serpentes que puxavam o barco, e pouco tempo era necessário para elas descansarem. O naturo atraía alguns peixes para que as criaturas se alimentassem e elas rapidamente estavam prontas para seguir. No final do quinto dia da jornada, as serpentes repentinamente pararam de puxar o barco e desapareceram.

— O que houve? Paramos por quê? — perguntou Suda.

— Não sei, as serpentes estão resistindo ao meu comando. É como se outra força estivesse interferindo em minhas ordens — respondeu Fargo.

— Súrigam, só pode ser ele — afirmou Suda.

Neste instante, as duas serpentes surgiram na frente do barco como inimigas, pois estavam, de fato, sendo controladas por Súrigam. Elas atacaram cada uma de um lado do barco, já que naquele instante os tripulantes estavam divididos em dois grupos; do lado esquerdo estavam Margom, Mitro e Julcra, o Rei dos brinos. Margom tratou logo de disparar raios na serpente que vinha em sua direção. Contudo, eram ineficazes aqueles raios, tanto é que ela chegou ao barco sem dificuldades e, com tamanha violência, arrancou pedaços da embarcação. Mitro e Julcra atacaram nesse mesmo instante: enquanto o hulo, com sua espada, golpeou a serpente na parte frontal da boca, o brino, com sua grande agilidade, tomou impulso e deu uma cambalhota. Logo, segurou-se em uma corda suspensa, deu um giro e lançou-se sobre a cabeça da criatura. Com uma pequena adaga de duas lâminas, golpeou-a o olho, mas nada estava adiantando. As serpentes aquáticas são feras realmente muito poderosas.

Simultaneamente, do outro lado do barco, Suda, Fargo e Gigante, o governante dos mantros, enfrentavam a outra serpente. Ela também chegou arrancando pedaços do convés e Suda já havia feito alguns disparos com seu arco, como sempre, certo. Um deles atingiu o interior da boca da serpente, que parecia ser blindado, pois a lâmina não penetrou. Então, o guerreiro colocou duas flechas em seu arco e as disparou ao mesmo tempo, acertando em cheio cada um dos olhos da serpente. Entretanto, tal qual o ataque do brino, não surtiu nenhum efeito: a serpente continuou atacando. Gigante desferiu um potente soco na cabeça da fera. Esse golpe seria capaz de estraçalhar muitas criaturas daquele planeta, mas não era potente o suficiente para deter aquele monstro. A fera sentiu o golpe, mas logo

revidou com uma cabeçada, jogando o mantró contra a parede da cabine, fazendo-o atravessá-la. Porém, Gigante também era durão e não se deu nem sequer ao trabalho de voltar pelo mesmo buraco que entrou. Com um salto, arrebentou o teto da cabine e caiu próximo da serpente.

— Agora você me deixou furioso, fera medonha!

Dizendo isso, o mantró desferiu mais alguns golpes usando o cotovelo e os punhos. Todavia, embora a serpente sentisse as pancadas, não parecia que seria derrotada por elas. Mais atrás, se protegendo, Fargo gritou:

— Tem que a atingi-la sobre a cabeça com algo perfurante, num pequeno orifício localizado exatamente entre os dois olhos, é seu único ponto fraco.

Logo que deu essa informação, partiu em direção ao outro lado do barco.

— Gigante! Vire a cabeça dela para baixo para que eu possa ter a mira — gritou Suda.

A serpente o derrubou novamente, mas o mantró segura sua boca, já que a criatura tentava mordê-lo.

— Vamos, Gigante, abaixe a cabeça dela para eu acertá-la com minha flecha.

— Falar é fácil — retrucou Gigante.

E a batalha continuava, até que Gigante, com seus longos braços, conseguiu abraçar a cabeça da serpente e abaixá-la. O problema é que ele estava com seu rosto exatamente em cima do orifício no qual o árguio precisava acertar flecha. Suda ficou com o arco preparado esperando uma oportunidade. Foi quando o mantró afastou sua cabeça a centímetros de distância do orifício. Suda, sem titubear, disparou, dando um susto em Gigante: a flecha passou riscando sua face e atingiu, como de costume, exatamente o alvo desejado. Gigante olhou para o árguio com a cara fechada como quem diz “está maluco?”, mas logo se voltou para a serpente que ainda lutava e viu que a flecha não tinha penetrado o suficiente. Então, com uma das mãos, ele acabou de enterrá-la. Finalmente essa fera estava derrotada.

Do outro lado, Fargo já tinha avisado sobre o ponto fraco da criatura, exatamente quando o brino e o hulo estavam deitados no convés e a serpente tentou abocanhar os dois. O primeiro deu uma cambalhota para trás e o segundo rolou para a esquerda. Como os raios que o ilírio continuava a disparar não estavam surtindo grande efeito, já que ricocheteavam na serpente, ele fez uma corda de energia que enrolou na cabeça da cobra, amarrou em uma parte do barco e disse:

— Vou tentar segurá-la por alguns segundos, atinjam o orifício de que Fargo falou.

Julcra colocou sua arma na boca e, para tomar impulso, saltou em direção ao mastro no qual Margom havia amarrado sua corda mágica, se segurou, deu duas

voltas no ar e se lançou em direção à serpente. Já no ar, o guerreiro pegou sua arma com a mão e mirou no ponto fraco da criatura.

O mastro não foi forte o suficiente para segurar uma criatura daquele tamanho e despedaçou-se. Um desses pedaços atingiu o brino em pleno ar, desviando sua trajetória. Ele caiu atordoado próximo da serpente, que se preparou para abocanhá-lo. Julcra, mesmo tonto, conseguiu rolar e fugir do ataque. Mitro saiu correndo desesperado, tentando salvar o amigo: aproveitou que a serpente estava com a cabeça baixa para pegar o brino e, segurando a espada com as duas mãos, pulou e cravou a afiada lâmina no orifício que a fera tinha entre os olhos. Sem vida, o corpo da serpente caiu do barco e afundou na água.

— Alguém está ferido? — perguntou Suda.

Julcra, ainda tonto, respondeu:

— Estou, mas nada muito grave, apenas a dor da pancada e um pequeno corte nas costas.

O pedaço de madeira que atingiu o brino pelas costas causou-lhe um ferimento razoável.

Suda se aproximou para ver a gravidade do corte.

— Deixe-me ver.... hum! Requer cuidados, acho melhor pensarmos em uma forma de voltar para a floresta e, assim, uma árguia cuidará desse ferimento.

— Se for somente por meu ferimento, não é necessário; supero isso facilmente, meu orgulho foi mais ferido que meu corpo.

Enquanto Julcra falava, Mitro procurou pelos gêmeos e não os viu.

— Hei, os gêmeos sumiram do barco, devem ter caído...

Os gêmeos responderam juntos:

— Estamos aqui...

Os demais olharam para a popa do barco e viram apenas as duas cabeças deles, que atravessaram a parede de um compartimento e ficaram sem entender o que estavam vendo.

— E aí, as cobras sumiram? — perguntou Ura.

Mitro, boquiaberto, respondeu ao mesmo tempo em que tentava entender como os gêmeos estavam daquele jeito:

— Sim, mas as serpentes não passaram por nós. Como vocês ficaram atravessados nessa parede?

— Ah, isso? Bem, nós entramos aqui apenas para caso elas passassem por vocês. Pegaríamos as criaturas de surpresa e aí elas iam ver o que era bom para a tosse — disfarçou Ura.

Os dois saíram de dentro do compartimento, atravessando pela parede do lugar.

— Como vocês fizeram isso? — perguntou Gigante.

— O quê?

— Vocês atravessaram a parede... tudo bem, eu também atravesso paredes com muita frequência, mas só que abro um buraco nelas; vocês simplesmente passaram por ela como se não fosse nada...

Aru interrompeu Gigante:

— Ah, isso? Para nós é normal, conseguimos passar por qualquer objeto sólido, quer ver?

Aru enfiou sua mão no assoalho do barco.

Gigante, espantado, afirmou:

— Que coisa esquisita... vocês sabiam que eles faziam isso?

Todos responderam ao mesmo tempo: “não”, “nem eu”, ou simplesmente balançaram a cabeça negativamente.

Aru continuou:

— Atravessamos praticamente tudo, exceto corpos que tenham sangue, ou seja, não podemos atravessar o corpo de nenhum de vocês.

— Bem útil para uma fuga. — disse Mitro.

Aru, querendo parecer corajoso:

— Fuga? Negativo, não somos do tipo que foge. Isso é bem útil para fazermos uma emboscada, pois não gostamos de perder uma briga. Queria mesmo era ter pegado essas minhoquinhas que atacaram nosso barco e ter feito picadinho delas.

Mitro riu, pois bem sabia que coragem era algo que os gêmeos não tinham.

— Claro que sim... bem, então poderiam dar conta dessas duas que estão vindo aí atrás de vocês?

Os gêmeos deram um tremendo salto de susto e foram parar atrás de Gigante. Todos riram, pois não havia nenhuma serpente, era apenas Mitro provocando os dois.

Julcra sentiu um cheiro horrível.

— Aff! E que cheiro é esse?

Ura, ainda atrás de Gigante, colocou a mão na boca e respondeu:

— Ops! Acho que fui eu que deixei escapar alguns gases...

Todos se abanaram tentando afastar o cheiro.

Julcra disse:

— Argh!!! Que diabos vocês comem? Como podem soltar gases tão fedorentos?

— Bem feito, quem mandou ficar com brincadeira de mau gosto — rebateu Ura.

Suda apontou para trás dos gêmeos.

— Vejam! Que monstro é aquele?

Ura, dessa vez, não acreditou.

— Deixe de besteira, não irei cair no mesmo truque duas vezes.

Exceto os gêmeos, todos olharam e viram uma imensa criatura que se aproximava. Tinha pelo menos uns cento e vinte metros de altura, isso só na parte que ficava fora da água. Ademais, também possuía vários tentáculos gigantesco que batiam sobre as águas enquanto se aproximava. Seu tronco era todo recoberto por escamas espessas com quase um metro de comprimento cada; o pescoço devia ter pelo menos uns quinze metros; a cabeça parecia com a de uma cobra: era tão grande que a boca seria capaz de engolir o barco; tinha dentes afiados proporcionais ao tamanho da boca.

Todos os demais tomaram uma postura de combate, mas os gêmeos, ainda de costas para a criatura, continuavam indiferentes, como se nada estivesse por acontecer. Fargo estava tentando dominar mentalmente o monstro, mas sem sucesso.

Aru, ainda sem olhar, desdenhou:

— Aff! Parem de besteira, não irei cair nesse truque novamente, pensam que sou tolo?

Fargo tentou novamente controlar telepaticamente a criatura, mas nada aconteceu.

— Não está respondendo aos meus comandos telepáticos. Tal qual as serpentes, esse monstro deve estar sob o comando de Súrigan.

— E o que vamos fazer? É muito grande, não vai dar para segurar esse— disse Suda.

Aru riu pausadamente, com desdém.

— Ha... ha... ha. Pensam que vão me enganar, é? Vocês são péssimos mentirosos, vou me virar apenas para mostrar a vocês o quanto estão sendo tolos...

— Enquanto falava, ia se virando e ficou imóvel diante da visão tão aterrorizante. Depois, deu um sonoro grito de pavor. Com o berro de seu irmão, Ura olhou e também permaneceu estático enquanto a criatura vinha se aproximando.

— Rápido, fiquem todos juntos. Margom, crie um de seus campos de força sobre nós! — ordenou Fargo.

— Mas meu escudo não vai resistir por muito tempo.

— Rápido, faça o que estou dizendo! — insistiu Fargo. A criatura já estava a poucos metros quando o ilírio criou o escudo protetor sobre todos, segundos antes de o monstro abocanhar a embarcação. Dentro da boca, o escudo não aguentou, conforme o mago já havia previsto. Com a língua, o monstro jogou o barco de um lado para outro e ficou mastigando, tentando dilacerar suas vítimas.

Os gêmeos, que ainda estavam catatônicos, nem tiveram chance de se defender e foram lançados contra os dentes da criatura. Os dois ficaram

desacordados e tiveram seus corpos partidos ao meio com uma dentada. Em uma das mastigadas, o brino saltou para fora da boca, tentando desesperadamente fugir, mas foi lançado no ar por um tentáculo e teve o corpo completamente esmagado.

A criatura continuou com sua língua, jogando tudo de um lado para outro e tentando morder, até que conseguiu prender o hulo em seus dentes. O mantro tentou ajudar: com um violento soco, quebrou o dente superior do monstro, que ficou cravado nas costas de Mitro. Giante tentou tirá-lo e percebeu que o amigo já estava sem vida. Nesse momento de distração, Giante foi jogado para fora da boca e, tal qual o brino, também foi laçado por tentáculos. Porém, ao invés de ser esmagado, ele teve seu corpo separado ao meio por dois tentáculos; em seguida, cada parte foi arremessada para longe. Margom atacava a criatura com raios, causando pequenos ferimentos na boca do monstro, mas também foi atingido pelos afiados dentes, que dilaceraram seu corpo. Fargo, por sua vez, continuava tentando controlar a fera mentalmente e acabou sendo atingido por um pedaço de madeira do barco. Ele entrou por suas costas e saiu no peito; ali mesmo, o guerreiro caiu sem vida. Restava apenas o árguio lutando. Ele disparava flechas que entravam na carne da criatura, mas os ferimentos eram insignificantes. Sem muita demora, com um golpe da língua, o monstro arremessou o árguio contra os dentes. Este último bateu com a cabeça, ficou desacordado e foi engolido.

Pronto, esse era o fim de todos. Ouviu-se uma gargalhada horripilante.

Essa gargalhada foi de Súrigam: dentro da mente da criatura, o Imperador conseguiu ver tudo o que se passou. Em seguida, a fera foi embora, pois agora já não estava mais sob o domínio de Súrigam.

CAPÍTULO 15

Em sua fortaleza, Súrigam preparava uma investida contra a Floresta dos Elcas. Com os líderes inimigos derrotados, essa era a grande chance de invadi-la. Ordenou a seus generais que organizassem o exército e partissem para a batalha: eram milhares de soldados e centenas de catapultas.

O local escolhido para o ataque não era muito distante da fortaleza de Súrigam. De fato, aparentava ser o local da floresta mais próximo das muralhas de seu castelo, exatamente onde o grupo da aliança costumava se reunir, tanto para iniciar os ataques contra o castelo, como para fugir após os conflitos. Enfim, exatamente onde Mitro e Lara se conheceram. Lara, aliás, estava naquele momento conversando com Latus.

ZUUUUUUUUUMMMMMMMMMMMMMMMMMM!

A conversa foi interrompida por um som estridente que podia ser ouvido a quilômetros de distância: era o barulho de um chifre gigante tocado pelo exército de Súrigam, que estava, naquele momento, posicionado às margens da floresta.

Todos já sabiam que, quando aquele som era ouvido, problemas sérios estavam por vir; por isso, correram para o acampamento. Algum tempo depois, Súrigam, usando magia para fazer com que sua voz fosse ouvida por todos, começou a falar:

— Rebeldes, hoje é um grande dia, pelo menos para mim! — Dá uma gargalhada sarcástica. — Hoje eliminei de uma só vez todos os seus líderes. É isso mesmo, vocês ouviram corretamente, hoje exterminei todos.

Dentro da floresta, todos estavam sem entender, sem saber se acreditavam ou não.

— Portanto, se não quiserem ter o mesmo fim de seus heróis, ordeno que me entreguem as partes do amuleto que estão com vocês e se curvem diante de minha soberania! E permitirei que vivam como meus escravos. Se não me entregarem, exterminarei a todos e depois pegarei o que me interessa do mesmo jeito.

Lara, que estava ao lado de Latus, parecia querer chorar.

— Não é possível que seja verdade, esse monstro não poderia saber onde eles estão! Não é?

— Não se desespere, esse demônio não merece nenhuma credibilidade.

Lá fora, Súrigam continuou:

— Não estou com muita paciência, portanto espero uma resposta rápida ou ordenarei que meu exército ataque. Depois do início do ataque, não aceitarei mais rendição...

Latus, fazendo com que sua voz ecoasse através das árvores, a fim de que todos possam ouvi-lo:

— Pensa mesmo que somos tolos, criatura infame? Acha que vamos cair em seu blefe? Nossos líderes estão sãos e salvos, prontos para comandarem nossos exércitos sempre que for preciso. Tente nos atacar e terá sua resposta. Sabe perfeitamente que não pode entrar em nossa floresta.

— Ousa me desafiar e ainda dizer que estou blefando? Pois lhe digo que você está mentindo quando fala que seus líderes estão a salvo. Eu os embosquei nas águas do Oceano da Calmaria. Foi muito fácil derrotá-los lá; não foi nada inteligente ficarem em um pequeno barco, tão longe da floresta.

Lara entrou em desespero.

— NÃO! Não é possível, deve mesmo ter acabado com eles. Afinal, como poderia saber que eles estavam lá, juntos, em um barco? É porque ele os localizou mesmo. — Lara estava em prantos.

Súrigam continuou:

— Pensaram mesmo que ficariam longe de meus olhos estando fora da floresta? Confesso que estou decepcionado, esperava mais de vocês. Como pude demorar tanto para derrotar criaturas tão ingênuas? Mas chega de perder tempo. A partir de agora, vocês têm exatamente uma hora para se renderem ou serão massacrados. Sem seus comandantes para liderá-los, a floresta não poderá defendê-los sozinha.

Dentro da floresta, restava a todos esperar uma decisão de Latus. Súrigam estava certo, um exército precisa de comando para uma batalha, seria muito difícil enfrentar o Imperador sem líderes. Sem falar que estavam todos atordoados com a notícia da morte de seus governantes. Isso tudo provocou o início de um pequeno tumulto, então Latus tentou pôr ordem:

— Acalmem-se! Se realmente for verdade o que Súrigam está dizendo, o que estou quase certo que não é — na realidade, Latus acreditava que o Imperador estava falando a verdade, mas precisava motivar e dar alguma esperança a seus amigos —, mas, supondo que nossos amigos tenham sido massacrados, ainda assim o nosso inimigo não poderá nos vencer dentro desta floresta. Se ele tentar, vamos enfrentá-lo e destruí-lo de uma vez por todas em nome de nossos heróis; não apenas esses que ele diz ter exterminado: lutaremos por todos que perderam suas vidas combatendo esse monstro ao longo da história. Vocês estão comigo?

Um instante de silêncio até que alguém gritou:

— Sim!

— NÃO ESTOU OUVINDO... VOCÊS ESTÃO COMIGOOO?

Agora uma multidão respondeu:

— SIM!

E Latus continuou:

— Pois então que venha o Imperador com seu exército. Empunhem suas armas e esperem. Assim que eles tentarem entrar na floresta, terão que lutar contra ela e serão alvos fáceis para nós.

A multidão agora estava empolgada e com sede de vingança. Apenas Lara não conseguia se conformar: perdera de uma só vez seu pai e seu amado. Embora ao seu redor estivesse ocorrendo grande agitação, era como se ela estivesse em outro mundo, mergulhada em seu desespero. A árguia se afastou, indo para a cachoeira onde beijou Mitro pela primeira vez. Ali, ficou relembrando os bons momentos que teve com seu amado.

Já se passara uma hora e Lara resolveu seguir para sua casa. Enquanto isso, Súrigam, do lado de fora da floresta, ordenava que seu exército se preparasse para dar início ao ataque.

— ATENÇÃO, SOLDADOS! Armem as catapultas.

Ao invés de entrar na floresta, como esperava Latus, Súrigam optou por atacar sem, inicialmente, adentrar na região proibida a ele.

Latus não era um grande estrategista, foi ingenuidade achar que Súrigam entraria na floresta assim. Para a estratégia de batalha, Mitro estava fazendo muita falta.

As catapultas foram armadas com grandes bolas incandescentes. O plano era ir queimando a floresta e avançando aos poucos. Sem um general capacitado do outro lado para contra-atacar, a aliança estava em apuros. Logo, centenas de catapultas estavam prontas e surgiu a primeira ordem.

— ATENÇÃO...PREPARAR...DISPARAR!

As bolas de fogo ecoaram, cortando o céu e caindo nas árvores próximas, onde a primeira linha de defesa esperava. Se ficassem ali, os guerreiros seriam feridos antes mesmo de entrarem em combate. Então, Latus ordenou:

— RECUEEEM! VAMOS, RECUEEEM!

As bolas de fogo cobriram o céu, caindo sobre a floresta, explodindo ao tocarem o solo e espalhando as chamas. Aparentemente, tudo estava perdido; parecia que a floresta não poderia se defender desse ataque. Os galhos das árvores tentavam juntar o que estava queimando, mas ficava uma bola de fogo ainda maior.

Seria o fim da floresta?

O exército lá fora já preparava as catapultas para o segundo ataque e as árvores estavam agora com bolas de fogo imensas em seus galhos.

Ora! Ora! Parece que as árvores não estavam tentando apagar o fogo, e sim criando chamas ainda maiores propositalmente, para contra-atacar; e essas bolas de fogo foram arremessadas de volta nas catapultas antes que elas pudessem fazer o segundo disparo.

Todos que estavam acuados dentro da floresta agora comemoravam. Lá fora, Súrigam ficou contrariado.

— MALDITOS! Recuem! Recuem!

Os soldados do Imperador abandonaram as catapultas e se afastaram da floresta. Muitos foram atingidos, mas, como de costume, conseguiram se reconstruir.

É, parece que essa estratégia de incendiar a floresta não funcionou, o Imperador teria de encontrar outra forma se quisesse se apoderar de todas as partes do amuleto.

CAPÍTULO 16

Voltando um pouco no tempo ao exato momento em que Súrigam saiu da mente do monstro que ele usou para atacar nossos heróis, a criatura ia se afastando rapidamente do local onde encontrou o barco. Então, se ouviu uma voz que vinha de dentro de sua boca. Era a voz de Margom.

— E então, qual o plano, Fargo? Meu campo de força já está por se desfazer.

— Quietos, parece que meu plano funcionou— disse Fargo, sussurrando.

— Como assim? Não fizemos nada ainda! — questionou Margom confuso.

— Não consegui tomar o controle da criatura, pois Súrigam de fato a dominava. Então, coloquei imagens dentro da cabeça dela, fazendo com que ela pensasse estar nos massacrando. Como Súrigam via tudo o que a criatura via, ele enxergou todos nós sendo mortos, o que não passou de uma ilusão implantada na mente do monstro por mim. Fiz parecer que todos nós fomos abatidos e, logo em seguida, o Imperador parou de controlar essa fera, que agora está sob meu comando. Temos uma boa vantagem, pois nosso inimigo está certo de que nos venceu. Por isso, poderemos contar com o anonimato e, eventualmente, com menos precaução de Súrigam, isso poderá facilitar a nossa jornada.

Os demais comemoraram eufóricos.

— Shiuuuu! Não façam tanto alvoroço. Podem conversar, mas sejam mais contidos ou dificultarão meu controle, afinal, esse monstro não é fácil.

Giante, tampando o nariz.

— Argh! E que fedor é esse? Vocês soltaram gases novamente, gêmeos?

— Não... dessa vez eu me caguei mesmo... — respondeu Aru

— Nossa, que cheiro horrível... — reclamou Giante.

— Hehehehehe, é minha arma secreta.

Aru se lavou na água que foi abocanhada junto com o barco e amenizou o fedor. E agora, sob o controle de Fargo, a criatura era o novo transporte, muito mais rápido do que eles poderiam navegar com o barco. Viajaram por mais cinco dias e cinco noites sem grandes preocupações, pois aquela fera era capaz de afastar qualquer perigo conhecido. Porém, antes de chegarem ao local ao qual tinham planejado ir com o barco, o monstro encostou na margem onde havia um grande penhasco e se levantou até alcançar o topo. Com exceção de Fargo, todos os demais estavam dormindo quando a criatura abriu a boca, iluminando seu interior com a luz do dia, fazendo com que eles acordassem.

Giante, ainda meio sonolento e protegendo os olhos da luz, disse:

— Caramba! Já chegamos? Esse bicho é rápido mesmo!

Fargo respondeu:

— Infelizmente, não chegamos ainda. Contudo, vocês precisam seguir a pé, pois não posso mais garantir a segurança aqui dentro. Desçam todos, por favor.

A criatura estendeu a língua para fora e todos desceram, enquanto Fargo permaneceu parado.

Margom olhou para trás e questionou:

— Que foi? Está ferido? Precisa de ajuda para sair?

— Não estou ferido, mas infelizmente não poderei seguir nessa jornada com vocês.

— Como assim?

Fargo afastou um pedaço de madeira do barco e só então seus companheiros puderam perceber que suas pernas se fundiram com a língua da criatura. Todos se espantaram.

— Não se preocupem, foi uma honra lutar ao lado de guerreiros tão nobres. Apenas lamento não poder ajudar mais; foi necessária minha integração total ou não conseguiria o domínio desta fera. Por isso fundi meu organismo ao dela. Mas, assim que nossos corpos se fundirem por completo, o resultado será imprevisível. Então saiam logo e destruam o maldito Súrigam.

Margom não queria seguir sem o amigo.

— Não iremos sem você, amigo. Tem que ter um jeito.

— Não seja tolo. Se ficarem, eu poderei acabar matando todos assim que me tornar totalmente parte deste monstro. Sumam daqui logo!

O grupo permaneceu imóvel, como se esperassem por uma alternativa. Nesse momento, Fargo falou em um tom bem mais ríspido, com a voz quase como se fosse um rugido:

— SAIAM LOGO, ESTOU MANDANDO!

Rapidamente, todos se afastaram e a criatura virou as costas, desaparecendo dentro das águas.

Eles andavam há algumas horas quando Suda percebe que Julcra não estava nada bem e caminhava com dificuldades.

— Você está bem, Julcra?

— Parece que também não vou poder acompanhá-los até o final dessa jornada, acho que o ferimento que sofri durante o ataque das serpentes foi pior do que eu pensava.

Suda afastou uma escama que estava quase solta nas costas do amigo e percebeu que o corte era bastante grave. Além disso, o corpo do brino estava bastante sujo, o que indicava que ele teria perdido muito sangue.

Julcra, então, disse:

— Vamos achar um abrigo e ficarei bem, vocês seguem adiante.

Suda retrucou:

— Sim, vamos achar um bom abrigo, mas não seguiremos adiante. Estamos juntos e, se houver uma possibilidade de permanecermos juntos, assim o faremos. Vamos cuidar de você até que tenha condições de seguir conosco. Apoie-se em mim e encontraremos um local mais seguro.

Giante se aproximou.

— Acho que posso fazer isso melhor do que você, Suda.

Giante pegou o brino nos braços e eles seguiram adiante. Andaram por cerca de duas horas até encontrarem uma caverna. Verificaram que o lugar estava vazia e ainda havia um rio que passava ao fundo, ou seja, tinham abrigo e água, precisariam apenas procurar alimento.

Margom avaliou o local.

— Esse parece um bom lugar para acamparmos. Ficaremos aqui até nosso amigo estar recuperado, mesmo que demore dias.

Mitro ponderou:

— Precisamos ficar atentos, pois essas cavernas costumam servir de morada para diversas criaturas.

— É verdade, mas, enquanto isso, precisamos encontrar alimento para todos e remédio para cuidar de nosso amigo — disse Margom.

Suda concordou:

— Sim, precisamos dos dois, mas prioritariamente o remédio.

Depois, dirigindo-se aos gêmeos:

— Procurem alguma erva boa para uma ferida já infeccionada.

— Sim — Aru e Ura responderam juntos.

— Eu irei com os gêmeos, enquanto Giante e Mitro vão procurar alguma coisa para comermos e Margom fica aqui com Julcra. O que acham?

— Bem pensado — afirmou Margom.

Já havia passado cerca de uma hora quando Aru finalmente avistou, do outro lado de uma cratera, uma árvore com frutos arredondados de cor lilás e tamanho aproximado de uma laranja.

— Vejam lá, aquele fruto é bom para combater a infecção e ainda serve para controlar a febre.

Ura complementou:

— Verdade, mas como vamos conseguir chegar até lá? Não dá para atravessarmos, vamos ter que encontrar algum deste lado do abismo.

— Eu pego — disse Suda.

— É mesmo? Como? Aprendeu a voar agora, é?

— Qual você quer? — perguntou Suda.

— Hihihihhi, árguio teimoso! Já que acha que pode chegar até lá, quero aquele bem no topo da copa, está vendo? — Com uma das mãos, o gêmeo fez sombra para os olhos e, com a outra, apontou para o fruto. — E então, não vai buscar? Estou esperando. — Dá uma gargalhada irônica.

Ouviu-se o som da flecha cortando o ar e atingindo em cheio o alvo. Ela estava amarrada por um fio fino e muito resistente. Então, o árguio a puxou de volta e trouxe junto o fruto.

— Pronto, agora só preciso tomar cuidado para que ele não se desprenda da flecha e se perca no precipício.

Com cuidado, o árguio puxou a flecha. Quando chegou ao precipício, ela despencou e todos ficaram na expectativa para ver se o fruto não se desprenderia quando batesse na parede do penhasco. Ufa, o fruto continuou preso.

Suda respirou fundo.

— Pronto, o mais arriscado passou, agora é só tomar cuidado para não enroscar em nada.

Devagar, Suda foi puxando. Quando finalmente recolheu todo o fio, ele olhou para Ura em tom de gozação:

— Gostou do meu voo? Hahahaha! Pronto, já podemos ir.

Bem, esses cumpriram com sua tarefa, mas Gigante e Mitro ainda não haviam encontrado nada.

Na caverna, Margom esperava ansioso, pois Julcra estava muito quente. Se a febre piorasse, podia ser que o brino não resistisse.

De repente, Margom escutou um barulho e ficou na expectativa para ver se era o alimento ou o remédio que vinha chegando, torcendo para ser o remédio, contudo. Quando ele viu a sombra, percebeu que não se tratava de nenhum de seus amigos: era um vulto enorme e já podia ouvir um rosnado.

Sem dúvida era alguma fera selvagem e, pela sombra, parecia muito grande.

O mago empunhou seu cajado e ficou de pé em frente ao amigo, que estava delirando em razão da febre. A expectativa era grande para saber qual a ameaça que ele teria de enfrentar; seu cajado estava brilhando e pronto para disparar contra a criatura, que se aproximava rosnando.

Assim que apareceu na entrada da caverna, Margom não conseguiu identificar o que era, pois a luz que vinha de fora deixava sua visão um tanto ofuscada. O monstro se aproximou um pouco mais e só então Margom percebeu o que, ou de quem se tratava: era a enigmática Fera que sempre aparecia nas horas mais difíceis, mas ele nunca esperava encontrá-la por esta região. De qualquer forma, foi um alívio. A fera trazia um dalubi na boca.

Os dalubis são animais de carne muito saborosa; andavam sob quatro patas. No que diz respeito à cabeça, eram praticamente idênticos a porcos. A principal diferença é que eles tinham orelhas largas e enormes que caíam com o peso. Seu corpo era recoberto por pelos bem macios de cor branca e eles pesavam cerca de cinquenta quilos.

A Fera se aproximou do mago e colocou o animal no chão como se estivesse oferecendo a ele o alimento. Depois, olhou para o brino deitado e, em seguida, para dentro dos olhos de Margom. Mesmo sem poder trocar palavras, a comunicação estava clara.

O ilírio mostrou a ferida de Julcra, colocou a mão em sua testa e olhou para a Fera com ar de muita preocupação. A criatura entendeu que o brino estava com febre: ela praticamente encostou seu focinho no ferimento, deixando seu hálito quente soprar sobre a ferida. De sua boca, saía uma espécie de gás azul.

À medida em que a Fera dava suas baforadas, a ferida ia se fechando. Poucos minutos depois, já estava praticamente curada. Isso deixou a Fera exausta: ela se afastou para um canto da caverna e adormeceu. Logo depois, Julcra recobrou a consciência e já não estava mais com febre. Levou a mão ao seu ferimento e não entendeu como a ferida tinha desaparecido. Então, olhou para Margom, que estava sentado em uma pedra bem na sua frente, e perguntou:

— Como você fez isso? Não sabia que você tinha poderes de cura.

— E não tenho.

— Mas então...

Margom fez um gesto com a cabeça, apontando em direção à Fera deitada. Julcra, com a visão ainda um tanto embaralhada, demorou um pouco para conseguir identificar o que era.

— Mas é a Fera?

— Sim, ela te curou.

— Ela? Mas como?

— Acredito que essa Fera ainda tem muitos segredos; sempre consegue nos encontrar quando precisamos, e agora essa. Parece que ela tem poderes semelhantes aos das árguias, porém mais potentes, já que a ferida que você tinha estava tão grave que uma árguia não conseguiria curar em uma única tentativa. Já a Fera, resolveu em poucos minutos.

Margom contou em detalhes como tudo havia acontecido. Enquanto isso, Gante e Mitro tinham encontrado apenas alguns frutos, não seriam o suficiente para saciar a todos, mas precisavam voltar; pelo menos seriam o bastante para alimentar Julcra, que precisava de maiores cuidados.

Nesse momento, Mitro viu um raio disparado para cima exatamente na direção da caverna.

— Veja! Deve ser Margom precisando de ajuda urgente. Vamos!

E os dois partiram em disparada. Da mesma forma, Suda e os gêmeos, que também viram o raio, começaram a correr, chegando praticamente junto dos outros companheiros ao acampamento. Com cuidado, se aproximaram da entrada, esperando encontrar alguma ameaça. Porém, ouviram uma conversa animada e até risos. Assim, o grupo entrou e, lá no fundo, conseguiu ver o ilírio e o brino de costas, sendo iluminados pela luz do cajado de Margom. Contudo, a luz não era muita e não dava para ver exatamente o que eles faziam. Os guerreiros foram se aproximando: parecia que eles lavavam algo nas águas do rio. Os gêmeos seguiam mais atrás, sem coragem de se aproximar.

Quando Suda, Mitro e Giante chegaram bem perto, ficaram surpresos em ver o brino aparentemente saudável, limpando um dalubi.

Suda perguntou:

— Mas como?

Julcra olhou para trás e, com um sorriso, afirmou:

— Vejam, teremos carne para a janta!

Suda, confuso, disse:

— Trouxemos esse fruto que ajudaria com seu ferimento, mas...

— Acho que não vou precisar.

— Mas como? Estava tão gravemente ferido! Como pode estar bem? E onde encontraram esse dalubi?

— Bem, uma resposta de cada vez. O dalubi foi um presente dela, que também me curou.

Apontou em direção à Fera, que agora começava a se levantar. Todos olharam em direção à criatura, inclusive os gêmeos, que não tinham se aproximado muito e, consequentemente, estavam perto da Fera. Quando se viraram, ela estava de pé, próxima deles. Os dois se assustaram, deram um forte grito e saltaram para trás, tirando gargalhadas de Margom e Julcra. Embora a cena tenha sido engraçada, Mitro, Suda e Giante permaneceram imóveis, tamanha a surpresa de ver a Fera ali. Ficaram por algum tempo com o semblante surpreso enquanto os gêmeos se recuperavam do susto.

Aru, ainda ofegante, disse:

— Pelo Grande Espírito! Não chegue assim de surpresa perto de mim, eu poderia ter te ferido gravemente, minha cara.

Ura completou a bravata do irmão:

— Sorte a sua que, graças à nossa perspicácia, percebemos em tempo que era você e, para não a ferir, saltamos para trás. Senão você já era, bichinho.

A Fera dá um pequeno rugido e os dois novamente saltaram dando um grito de pavor e correram para junto dos outros.

— Não sei se fico mais surpreso em vê-la aqui ou de você me dizer que foi ela quem o curou. Conte-nos essa história.

— Bem, creio que Margom pode contá-la melhor, já que, em boa parte dela, eu estava inconsciente.

Margom respondeu:

— Bem, foi o seguinte: eu estava aqui já angustiado, pois nosso amigo estava à beira da morte, quando...

E assim, Margom contou em detalhes como a Fera apareceu e tudo o que aconteceu. Enquanto ele narrava, todos ficaram em silêncio, impressionados principalmente pelo dom de cura da Fera; nem notaram que ela foi, devagarzinho, saindo da caverna. Quando Margo acabou sua narrativa, eles procuraram pela criatura. Só então perceberam que a Fera já não estava mais ali.

— Cadê ela? — perguntou Mitro.

Margom disse:

— Como sempre, desapareceu sem explicação. Se acostume, meu amigo, há milênios estou acostumado com isso: ela aparece e desaparece sem justificativas ou cerimônias.

Suda, admirado, exclamou:

— Puxa! Quando pensamos que já a conhecemos, ela apronta uma nova. Realmente é um ser intrigante...

Giante completou:

— Na minha ignorância, me arrisco a dizer que é fantástica...

Continuaram conversando; obviamente o assunto não poderia ser outro a não ser a Fera. Enquanto conversavam, iam preparando o dalubi para a refeição. Depois, comeram e descansaram por algumas horas.

CAPÍTULO 17

Ainda era madrugada quando os guerreiros seguiram em direção ao Labirinto de Vitom. Andaram parando o mínimo possível até que, no final do décimo primeiro dia de caminhada, Margom, que seguia à frente, parou.

— Vejam! Lá está!

Margom apontou para uma pequena construção quadrada medindo não mais do que cinco metros de lado. Ela parecia estar suspensa no ar e tinha uma escada de pedras com mais de duzentos degraus que tocavam o chão e iam até a porta do cubículo, sendo essa a única entrada para a tal construção. Exceto Margom, que já conhecia o labirinto, os demais ficaram surpresos e até desapontados com o que viram: esperavam algo mais grandioso, já que o mago sempre se referia a ele como o “imenso Labirinto de Vitom”. Uma coisa, porém, eles precisavam admitir: era muito esquisita a construção que parecia flutuar.

— Aquilo ali é o tal imenso Labirinto de Vitom? — perguntou Gigante.

— O próprio — respondeu Margom.

— Confesso que esperava algo maior, vai ser moleza encontrar o amuleto em um cubículo tão pequeno.

— Não esteja tão certo disso, caro gigante, não é somente a nossa enigmática Fera que tem segredos.

Gigante não pareceu convencido da dificuldade de encontrar o que queriam.

— Pode ser, mas, em um lugar tão pequeno, não pode ser difícil de encontrarmos nosso tesouro.

Margom retrucou:

— Adoraria dizer que você está certo. Contudo, ainda teremos que aceitar o desafio do próprio Vitom para podermos entrar e tentar achar o que desejamos. E, dentro do labirinto, ainda teremos que procurar o caminho correto; muitos já tentaram pegar os diversos tesouros lá guardados, mas ninguém até hoje obteve êxito, pois Vitom controla suas paredes. Quando alguém está no caminho certo, ele as mudam de lugar e faz com que você se perca novamente.

Gigante deu um soco na outra mão, mostrando como pretendia passar pelas paredes.

— Então deixe comigo: a primeira parede que mudar de lugar coloco no chão.

— Acho que ninguém tentou isso, porém não acredito que irá funcionar — refletiu Margom.

Julcra, então, falou:

— Se a brutalidade não funcionar, em um lugar tão pequeno, posso tentar usar meus sensores de movimento: assim como identifico algo se mexendo perto de mim, também consigo perceber onde tem um caminho livre nas proximidades. E, com o tamanho do labirinto, não vai mesmo ser difícil.

Margom balançou a cabeça negativamente para Julcra.

— Talvez a ideia de derrubar as paredes tenha uma chance maior, pois, como já disse anteriormente, encontrar o caminho certo não leva ao destino dentro do labirinto, já que esse trajeto será alterado. Enfim, o melhor mesmo é tentarmos negociar e ver se o amuleto tem um preço. Antes de tudo, Vitom é um mercador, e o que ele mais quer é a energia de cada um. Estou disposto a negociar meus poderes e minha vida se for preciso.

— Isso não! — retrucou Mitro. — Nós não podemos perder você...

— Se for preciso... — insistiu Margom.

— Não será. Acho que sei como conseguir contornar o problema do caminho certo dentro desse labirinto, até mesmo porque não parece ser tão grande como dizem. Podemos fazer o seguinte: é só...

Margom, interrompendo Mitro, pediu:

— Não percam tempo com suposições antes de realmente conhecerem o Labirinto. Vamos até lá e tentaremos negociar primeiro; se não der, planejaremos outra coisa.

E assim iniciaram a subida da escada. Era estranho estar subindo por uma escada sem sustentação aparente, levando a uma construção que também parecia estar flutuando. Giente, que ficou por último, colocou um dos pés no primeiro degrau e ficou dando pisadas, como se testasse a segurança.

Margom achou engraçado e deu uma gostosa gargalhada.

— Pode vir, meu amigo, te garanto que é segura.

— É que sou bem pesado, viu?

— Eu te garanto que esta escada sustentaria um exército de mantros. Venha logo, meu amigo.

Giente iniciou sua subida, cauteloso nos primeiros passos. Após os duzentos degraus, finalmente chegaram à porta do cubículo; ela não tinha fechadura nem maçaneta. Lá em cima, o vento era forte e frio. Margom bateu na porta.

Por alguns segundos, todos ficaram em absoluto silêncio; dava para ouvir apenas o barulho do forte vento. Então, inexplicavelmente, ele parou por completo e ouviu-se um barulho que parecia um assobio. Ao mesmo tempo, a porta começou a emitir um brilho dourado ser completamente tomada por ele. Bem no centro da abertura, surgiu um rosto. Todos olhavam espantados para a imagem, pois cada um via a si mesmo.

— Mas que maravilha! Tenho visitas! — disse Vitom.

— Mas como? O que meu rosto está fazendo aí nessa porta? — perguntou Mitro espantado.

— Como assim, o seu rosto? Está maluco? Esse sou eu! — retrucou Julcra. Todos os outros começaram a falar ao mesmo tempo dizendo:

— Não, esse se parece comigo.

Vitom apenas riu até que Margom gritou:

— PAAREEEM! Esse é apenas um dos muitos truques dele para confundirlos. Ele não se parece com nenhum de vocês, apenas faz com que cada um veja a própria imagem ao invés de ver a sua real fisionomia. Mostre-se, Vitom, viemos aqui para negociar contigo e não para aturar seus truques.

Com sarcasmo, Vitom falou:

— Haaaa! É que recebo tão poucas visitas e essa solidão me deixa entediado. Mas o que querem mesmo?

— Queremos recuperar uma peça que foi deixada em seu labirinto — respondeu Margom.

— Mas é claro que sim, meus amigos, me desculpem pela brincadeira. Como recompensa por esse momento de diversão que me proporcionaram, deixarei entrarem para procurar o que quiserem.

Aru já começou a caminhar em direção à porta.

— Uia, uia! Foi mais fácil do que você esperava, hein, Margom? Vamos logo então.

Margom o segurou.

— Calma, meu caro, não é bem assim. Como já disse antes, Vitom é cheio de truques.

— Mas ele acabou de dizer que nos deixaria entrar para procurar o que quiséssemos, vamos logo — insistiu Aru.

Margom continuou segurando o gêmeo.

— Exatamente, ele disse que poderíamos entrar para procurarmos, mas não disse que, se encontrarmos o que queremos, poderemos sair. Ou seja: nesse caso, ele tem o direito acordado de não deixar nenhuma porta de saída. Assim, estaríamos presos aí dentro e ele ficaria com toda a nossa energia vital.

Vitom, contrariado, rebateu:

— Haaaa, que saco, você é muito chato! Por que não deixou o esquisitinho aí entrar? Hum, magoei! — Vitom ficou fazendo bico. Ele era mesmo uma criatura bem sarcástica.

Margom o interrompeu:

— Poupe-nos de seu sarcasmo e truques, sei de suas tentativas de fazer pactos nos quais você impõe alguma condição que teremos de cumprir para ter o

direito de sair. Caso não consigamos, ficaremos presos pelo resto de nossas vidas. Portanto, vamos ao que interessa. Viemos aqui para buscar um objeto deixado pelo Imperador. Qual o seu preço por ele?

— Haaaa! Bem, este objeto não está à venda. Como disse, eu trabalho com pactos, e o pacto que fiz com Súrigam foi: guardarei o tal objeto sob a proteção de meu labirinto e, em troca, terei o suprimento de litênio que precisar enquanto o objeto estiver sob minha guarda.

Litênio é um mineral extremamente resistente e raríssimo.

— E para que o poderoso Vitom precisaria de litênio? — perguntou Gigante.

— Olha, o ogro fala!

Gigante se irritou com a ironia de Vitom e deu um soco na porta como se tentasse acertar Vitom. Porém, ao invés de acertar a porta, ele simplesmente a atravessou e caiu de cara no chão. Meio confuso, sem entender direito o que tinha acontecido, ele se voltou para a porta e tentou atravessá-la novamente, mas desta vez a entrada estava sólida.

— Hihihih, ogro idiota, acabou de descobrir para que eu quero litênio. Esse mineral possui a maravilhosa propriedade de permitir que qualquer coisa atravesse sua estrutura molecular quando eu quero, e bloqueia quando não desejo que algo ultrapasse. Parecido com um encanto de seu amigo ilírio, que está do lado de fora. Não é maravilhoso? Portanto, agora sua energia vital será minha, hihihihih...

Gigante cerrou os punhos para esmurrar a porta.

— Pois eu costumo atravessar qualquer coisa, ela permitindo ou não. — E desferiu um soco com toda a sua força na porta, que apresentou uma pequena rachadura, mas imediatamente se reconstruiu. Gigante, então, realizou mais alguns golpes, mas sempre acontecia a mesma coisa.

— Poupe suas energias, ogro, afinal, as paredes de meu labirinto se reconstituirão imediatamente toda vez que sofrerem alguma avaria enquanto eu tiver o mineral em estoque, e meu depósito de litênio está imenso.

Margom fez uma proposta a Vitom:

— Eu proponho um pacto a você, Vitom: ofereço meus poderes em troca de você deixar Gigante ir pegar o que queremos e sair livre do labirinto.

— Hum! Tentador. — Silêncio por alguns instantes.

— E então? Aceita minha proposta?

— Mas é claro... que não! — Vitom ri com muito sarcasmo. — Adoro fazer esse suspense e essa piadinha; todos caem, ficam alegres e depois ficam com a cara de “ahhh, que droga!”. — Riu com deboche — Como disse antes, fiz um pacto, e palavra é palavra, não quero quebrar um acordo ainda na minha juventude. Caso não saibam, não tenho nem um milhão de anos ainda. Hahahaha! Portanto, a

única forma de seu amigo sair é vocês proporem um pacto que não me exija facilitar a localização do objeto que querem. Por exemplo: todos vocês entram e procuram o que querem, enfrentando as dificuldades de meu labirinto; se encontrarem, vocês vencem e pronto. Simples assim.

— Aceito — falou Mitro.

— NÃO — gritou Margom.

Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, foram todos engolidos pela porta e se viram do lado de dentro do labirinto. Caíram inclusive em cima de Giate, que estava ali de pé, em frente, junto da porta.

Margom reclamou com Mitro:

— O que você fez, meu amigo? Caiu no truque dele; fez um pacto permitindo que todos ficassem dentro do labirinto. Agora seremos prisioneiros, pois não há como encontrar o caminho sem que Vitom permita...

— Em um lugar tão pequeno, não deverá ser difícil encontrarmos o amuleto — falou Julcra.

— Tão pequeno? Acho melhor dar outra olhada — retrucou Margom.

Só então os aventureiros observaram o labirinto: pequeninho por fora, o lugar era uma imensidão por dentro. Eles estavam no alto e podiam ver um túnel que levava até um labirinto imenso, tão grande que não se conseguia enxergar até onde ele alcançava. Suas paredes eram bem altas. Na frente desse túnel estava flutuando uma criatura esquelética de mais de dois metros de altura, cabeça grande com dois chifres retorcidos para trás e um par de olhos grandes e esbugalhados. As narinas eram apenas dois buracos. Enfim, sua cabeça parecia um crânio de bode com dois enormes olhos pretos saltando para fora. O monstro tinha dois braços longos e finos e suas mãos possuíam apenas três dedos compridos com enormes garras. Suas pernas eram muito pequenas, desproporcionais ao tamanho do corpo: enquanto o tronco media quase dois metros, as pernas finas não passavam de quarenta centímetros. A criatura tinha um ar sarcástico e, ao mesmo tempo, aterrorizante.

— Uh, la, la! Parece que hoje a colheita vai ser farta, já que vocês não vão encontrar o caminho mesmo — Vitom riu eufórico.

Margom disparou um raio em direção a Vitom, que facilmente se esquivou e, com um dos dedos, balançou de um lado para o outro, fazendo sinal de reprovação.

— Nananinanão, lutarmos não está no acordo. Isso significa que você já quebrou o pacto quando me atacou. Portanto, vocês são todos meus. HAHAAHAHAHAHAHA!

— E quem disse que eu te ataquei?

— Ora, ora! Você acabou de disparar contra mim.

— Tem certeza de que disparei contra você? Olhe para trás. No pacto diz que temos apenas que encontrar o caminho, não estabelece como. Veja.

Vitom se virou e viu o raio entrando pelo túnel. Sempre que encontrava mais de um caminho para seguir, ele se dividia e um feixe seguia para cada direção possível; quando encontrava um beco sem saída, aquele feixe de raio desaparecia. Assim continuava até que finalmente sobrava um único feixe de luz, que iniciava no cajado de Margom e ia até o local onde estava a parte do amuleto.

— Brilhante, meu amigo. Hehehe, parece que vai faltar chuva na sua plantação não é mesmo, Vitom? — provocou Julcra.

Vitom, demonstrando irritação, reclamou:

— Porcaria! Assim fica muito fácil achar o caminho.

O grupo seguiu pelo caminho indicado pelo feixe deluz, entrou no túnel e andou por alguns metros, fazendo umas cinco ou seis curvas. Agora, estavam diante de um corredor de aproximadamente cinquenta metros de comprimento quando uma parede cruzou o caminho, fechando o corredor e abrindo em outra direção. Com isso, aquele já não era mais o caminho correto. Portanto, o raio desapareceu. Logo os guerreiros ouviram uma gargalhada maquiavélica e em seguida a voz de Vitom.

— Ops!!! Surpreesaaaaa! Como eu sou divertido! Eu não me aguento. Ora bolas! Pensaram que ia ser assim tão fácil, é? Confesso que estou decepcionado com vocês, esperava um pouquinho mais desse grupo... mentira, eu não esperava nada. Para mim, assim está ótimo! Essas paredes têm vida, pode disparar seu raio quantas vezes quiser; cada vez que ele encontrar o caminho, logo o trajeto certo será outro, ou seja, não tem caminho certo.

Margom, desolado, confessou:

— Estamos perdidos e, que ironia, não fomos derrotados pelo Imperador, mas sim por essa criatura maldita.

— Não desista assim tão fácil, meu amigo — disse Mitro.

Margom, visivelmente irritado, falou em tom bastante ríspido:

— Você fique calado, pois graças à sua displicência caímos nessa armadilha.

— Realmente não era meu plano todos entrarem no labirinto; aceitei o pacto não exatamente da forma que eu queria, mas, antes de iniciarmos a subida pela escada, eu já tinha a ideia de como conseguir pegar a parte do amuleto e sair do labirinto. No entanto, você não quis me ouvir. Por isso, cale-se você.

— Ah, ótimo, então diga: por qual caminho devemos seguir? Já que acha que consegue achar a direção correta...

— Por caminho nenhum, devemos ficar exatamente aqui parados.

Margom ficou ainda mais irritado.

— Mas que maravilha, então é esse seu plano brilhante? Ficarmos parados até Vitom sentir compaixão e nos dar de presente a parte do amuleto? Pois lhe digo o que vai acontecer: iremos morrer aqui por falta de água ou alimento. Vou ao menos tentar sair, e não ficar aqui como um covarde.

Margom disparou um raio contra uma das paredes e fez um pequeno buraco, mas imediatamente a parede se recompôs. Gigante também tentou, em vão, dar pancadas que não resultaram em nada.

Mitro interrompeu os dois.

— Parem! Não percebem que isso não resolve? Deixem-me explicar...

No fundo, Margom e Gigante já sabiam que seus ataques contra as paredes não resultariam em nada, mas precisavam descarregar a raiva em alguma coisa.

Mitro continuou:

— Como já sabemos, não dá para encontrarmos o caminho e nem derrubar as paredes. Portanto, nós ficaremos aqui parados e deixaremos que os gêmeos procurem.

Aru parecia surpreso.

— Hummm?

— Eles não precisam derrubar paredes e nem encontrar o caminho correto, simplesmente podem ir para onde quiserem.

Todos permaneceram em silêncio sem entender. Suda agarrou Mitro e lhe deu um beijo no rosto.

— Mas é claro, isso, sim, é que é uma ideia brilhante.

— Ou, ou, ou... pare com isso, se ao menos fosse sua filha me beijando, mas teus beijos eu dispenso, obrigado. Eles podem seguir em qualquer direção dentro desse labirinto sem se importar se há parede ou não, já que podem atravessá-las. Uma hora os gêmeos encontrarão o que queremos, não é? Conforme fiz o pacto, estaremos todos livres quando a parte do amuleto for encontrada e levada até a porta de entrada, certo?

Nesse momento, ouviu-se a voz de Vitom:

— Humm, que criatura inteligente você, hein, hulo? Mas sinto dizer que essas paredes são imunes à magia e isso não funcionará, vocês estão perdidos mesmo. Vitom solta uma gargalhada eufórica.

Mitro disse:

— Tem que dar certo, é nossa única esperança. Vão, tentem atravessar.

Aru foi saindo e Ura segurou-o pelo braço.

— Pare, nunca atravessamos uma parede de litênio. Isso poderá nos matar, deixe-me tentar primeiro.

— Não, se pode nos matar, eu vou...

— Sem essa, maninho, tenho uma ideia, confie em mim.

Ura falou isso e deu uma piscada para o irmão, que não entendeu qual era a intenção de Ura, mas resolveu atendê-lo. Ura foi com a mão em direção à parede que havia surgido no caminho deles e, ao invés de atravessar, seus dedos esbarraram na solidez do litênio.

Ouviu-se novamente a voz de Vitom:

— Ops, de novo! Falei que não daria certo. Hihihihihhi.

Ura começou a atravessar a parede e desapareceu do outro lado. Em seguida, voltou apenas com a cabeça e falou:

— Ops para você também, eu estava apenas te zuando, isso não é magia, está em nosso DNA... mané. Vamos, meu irmão, eu vou para esse lado e você pelo outro, nos vemos na saída.

E assim os dois foram atravessando parede após parede e, depois de exaustivas quatro horas de procura, finalmente Ura encontrou o pedaço do amuleto. Agora ele precisava apenas achar a porta de saída. Após mais de duas horas, enfim o gêmeo chegou à porta do túnel. A partir dali, foi só caminhar mais alguns metros até a saída. Vitom já não estava mais tão risonho, mas, como precisava respeitar o acordo feito, pois nem mesmo ele podia violar o pacto, sob a pena de morrer, simplesmente teve que ficar parado vendo aquela criaturinha aparentemente inofensiva fazendo o que muitos outros guerreiros e aventureiros poderosos não tinham conseguido.

Em outro ponto do labirinto, seus amigos estavam ansiosos esperando: Mitro andava de um lado para outro; Suda roía as unhas; Margom estava sentado segurando o cajado à sua frente com as duas mãos e apoiando a cabeça nos pulsos; Gigante e Julcra estavam encostados, com um dos pés apoiado na parede atrás deles. Em algum momento, essa parede simplesmente se abriu, fazendo com que os dois caíssem de costas. As outras paredes foram se abrindo até surgir um corredor que levava diretamente para o túnel de entrada do labirinto. O mesmo aconteceu para Aru em outro ponto do labirinto. Todos perceberam que a missão estava cumprida e seguiram direto para a saída. Comemoraram muito e ficaram apenas esperando por Aru, que foi o último a chegar, exausto; estava praticamente se arrastando e foi recebido com festa pelos amigos.

Gigante se aproximou e pegou cada gêmeo em um braço.

— Venham, deixem que eu carregue vocês, meus heróis. — Riu eufórico

— Vamos logo que a essa altura o Imperador já deve ter sentido que estamos de posse dessa peça — falou Margom.

Já na saída, Ura gritou:

— Parem, esperem, ainda falta uma coisa... coloque-me no chão, Gigante.

“Essa não! O que será agora?”, foi o que todos pensaram. Ura olhou para Vitom, que estava ali flutuando com cara de poucos amigos.

— Vitom? É o seguinte: você não pode nos atacar, pois assim quebraria o pacto, não é?

Vitom fez cara de quem diz: “sim, e daí?”

— Pois é, então eu só queria dizer mais uma coisa.

Ura virou de costas para Vitom, colocou as mãos na cintura, começou a rebolar e, olhando com a cabeça por cima do ombro, disse:

— Nhênhênhêeeee, ops de novo! — Riu debochadamente.

Enquanto ria, o gêmeo soltou um pum.

Giante falou:

— Argh! De novo? Precisamos ir embora logo daqui não apenas por causa do Imperador, mas para sair dessa carniça.

Todos riram.

Ura saltou nas costas de Gigante e Vitom ficou irritadíssimo, mas, por força do pacto, lhe restava apenas ficar olhando o grupo ir embora. Em passos apressados, todos começaram a descida da longa escadaria. De fato, precisavam se apressar, pois Súrigam já havia sentido que alguém tinha se apoderado daquela parte do amuleto.

CAPÍTULO 18

O grupo andou por horas. Pelo caminho, encontraram uma fruta chamada saba, que ficava pendurada como vagem em sua árvore, tinha o formato de uma banana gigante com a casca verde e aveludada e era alaranjada por dentro. A saba tinha sabor doce e era bastante nutritiva, ótimo alimento para viajantes. Cada fruta pesava cerca de dois quilos. Eles se fartaram e ainda levaram algumas na bagagem.

Já estava perto de escurecer. Os guerreiros estavam exaustos quando chegaram até uma cachoeira que descia da montanha que eles teriam de transpor e pararam um instante para beber água. Todos saciaram a sede e encheram seus cantis. Depois, foram saindo para procurarem um local adequado para passarem a noite, mas Julcra ficou imóvel olhando para a cachoeira.

Suda chamou seu amigo:

— O que foi, Julcra? Vamos!

Julcra levantou sua mão direita como se dissesse “calma, espere!” Os demais ficaram sem entender, esperando uma explicação. Julcra apontou para a cachoeira e disse:

— Vamos acampar ali.

Todos olharam para o lugar sem entender direito.

— Dentro da água? — perguntou Suda.

— Não... atrás dela.

Aru, rodando o dedo ao lado da cabeça, indicou que Julcra estava maluco.

— Acho que o sol fritou os teus miolos, nenhum de nós consegue viver debaixo d’água.

— E quem disse que vamos ficar debaixo d’água?

Aru, caçoando, falou:

— Tesc, tesc, tesc, pirou mesmo o coitadinho. Você acabou de dizer.

— Não... veja bem, eu disse “atrás” dela, e não dentro dela.

Sem dizer mais nada, Julcra caminhou pela margem do poço d’água enquanto os demais permaneceram parados esperando para ver o que Julcra iria fazer. Ele andou até o paredão de rocha onde a água caía. Ali havia uma estreita passagem. Julcra sumiu atrás da água. Todos ouviram apenas a sua voz:

— Vão ficar aí parados?

O grupo seguiu os mesmos passos do brino, que, graças às suas habilidades mentais, percebeu que havia uma caverna atrás da queda d’água. Ao entrarem na caverna, Margom usou seu cajado para iluminar. Então puderam ver que se tratava de um espaço imenso; realmente parecia ser o lugar ideal para passarem a noite longe dos olhos de Súrigan.

Assim, acomodaram-se. Margom deixou de iluminar a caverna e caíram no sono. Cerca de sete horas depois, ainda era escuro. Margom acordou e viu um vulto entrando na caverna. Ele sacudiu Gíante que roncava ao seu lado, empunhou o cajado e, ainda de joelhos, iluminou o ambiente, já apontando para o vulto, pronto para disparar.

— Pare e identifique-se!

Com esse grito, os demais acordaram assustados.

— Hei, hei, hei... Calma, meu amigo, abaixe isso. — Era Suda, que trazia alguns peixes amarrados em um cipó. — Trouxe nossa refeição da manhã, não queria assustá-los, me desculpem.

Passado o espanto, os guerreiros trataram de limpar os peixes e fizeram uma fogueira dentro da caverna mesmo, pois ali o fogo estava escondido e não deixaria pistas da passagem deles por aquela região. Comeram e seguiram viagem.

Agora precisavam subir a montanha, caminho difícil e perigoso, mas dar a volta era inviável. Com dificuldade, foram subindo; andaram por horas. Já estavam viajando há cinco dias pelo topo da montanha coberta de neve quando Suda avistou de longe uma nuvem negra que se aproximava.

— Vejam aquela nuvem, me parece muito suspeita.

Os demais olharam, mas estava muito longe para os olhos deles. Alguns minutos depois, a nuvem já estava mais próxima e os demais também puderam ver.

— Está se aproximando rápido e contra o vento, algo está errado — afirmou Suda, que continuava com os olhos fixos na nuvem.

Pouco tempo depois, ele concluiu:

— Não é uma nuvem, é um bando de pássaros, mas não deveriam estar voando para cá nessa época de inverno; teriam que estar indo para o lado oposto, devem estar sob o comando de Súrigam. Rápido, precisamos encontrar um lugar para nos escondermos.

Mas se esconder onde? Eles estavam no topo da montanha sem nenhuma vegetação; havia apenas o solo cheio de neve. Olharam em volta e nada, nenhum abrigo dos olhos daqueles pássaros.

Margom disse:

— Rápido, fiquem todos juntos e deitem-se no chão.

— Isso não vai dar certo, eles nos verão desse jeito — retrucou Gíante.

— Rápido, façam o que digo — insistiu Margom.

Sem ter alternativa, todos se deitaram próximos ao ilírio. Então, Margom começou a rodar rapidamente o cajado sobre sua cabeça. O objeto ia girando cada vez mais ligeiro, até que a neve próxima a eles começou a se levantar e formou uma redoma. Pouco tempo depois, os pássaros sobrevoavam o grupo, olhavam e viam apenas um monte de neve. Ao mesmo tempo, o grupo, debaixo daquela

redoma, podia ver tudo do lado de fora: graças à magia, a neve que os envolvia ficava transparente aos seus olhos; assim, os pássaros seguiram viagem. Assim que as aves se afastaram, eles continuaram a viagem. Andavam por aproximadamente duas horas quando sentiram a montanha se mexendo: era um terremoto.

Julcra foi o primeiro a senti-lo.

— O que é isso? O chão está tremendo.

— Parece que estamos em meio a um terremoto — disse Mitro.

Ura era um dos mais assustados.

— Pelo Grande Espírito, o que vamos fazer?

— Não se preocupe, estamos no alto da montanha, sem nada para cair sobre nós. Estaríamos em perigo se estivéssemos mais abaixo, pois esse terremoto certamente causará avalanches. Permaneçam parados até o tremor passar e estaremos bem.

E assim fizeram. O hulo estava certo: o tremor fez toneladas de neve descerem montanha abaixo, mas ali onde estavam parecia tudo tranquilo; só parecia, pois o chão começou a ceder: a montanha estava se abrindo, e eles foram engolidos por uma cratera.

Começaram a escorregar por um túnel de gelo, não havia nada onde eles pudessem se segurar, foram apenas escorregando. O caminho fazia curvas pela direita e pela esquerda; os guerreiros davam pequenos saltos. Às vezes, parecia que iam se estatelar no fim do túnel, mas logo aparecia outra curva e continuavam escorregando. Tudo o que eles faziam era gritar, pois a superfície era toda de gelo, muito lisa para que qualquer um deles pudesse se segurar. Já estavam escorregando há um bom tempo quando saíram de dentro da montanha para um salto maior. Olharam para baixo e não dava nem mesmo para ver o chão de tão alto que era o precipício. Certamente iriam se arrebentar ao cair no chão.

Um sonoro grito foi tudo o que pronunciaram. No entanto, ao invés de caírem no precipício, os guerreiros foram jogados para o outro lado e continuaram escorregando, até que foram lançados no ar e caíram sob um monte de neve. Cada um caiu para um lado, nas mais esquisitas posições. A neve era tanta que eles ficaram enterrados nela; essa foi a sorte, pois ela amorteceu a queda do grupo.

— Alguém está ferido? — perguntou Suda.

Todos foram respondendo ao mesmo tempo que não, exceto Aru, que olhou para o alto da montanha e exclamou, triste:

— Ah, não!!!

— Que foi? Está ferido?

— Não, mas como vou subir para escorregar novamente? Foi demais!

Suda pegou um punhado de neve e jogou na cara de Aru.

— Ora, sua peste, pare de me assustar.

Os demais riram e decidiram continuar a viagem. Ainda faltava descer mais um trecho de montanha e, em seguida, chegariam até uma floresta de árvores bem altas. Andaram por mais quatro dias dentro dessa floresta; já estavam viajando há quarenta e seis dias desde que iniciaram a jornada, parando apenas para curtos descansos, para comer algumas frutas ou pequenos animais caçados ao longo do caminho. Estavam sofrendo com a falta de água, principalmente Julcra e Suda: eles não aguentariam por muito tempo sem água. Já estavam desidratados; precisavam encontrar alguma planta que tivesse depósito de água ou um rio, mas nada. Julcra, já não se aguentando, caiu no chão e disse:

— Não dá mais para mim.

— Aiii, eu também não aguento mais, fico com você, meu amigo. Vocês sigam viagem, pois só iremos atrasar.

Mitro foi para junto deles para tentar incentivá-los.

— Nunca, estamos juntos e vamos ajudá-los.

Suda permaneceu sentado ao lado de Julcra.

— Acho que Julcra está certo, nós não temos chances de continuar sem nos hidratarmos. Nossas fisiologias necessitam muito de água, vamos apenas atrapalhar o grupo. Levem essa parte do amuleto e digam a todos que fizemos nossa parte. Mitro, cuide de Lara e diga a ela que sempre foi a melhor filha que um pai poderia ter. Diga que ela é a criatura mais magnífica que encontrei em toda a minha vida.

— Não vou dizer nada, diga você pessoalmente quando chegarmos.

Dizendo isso, Mitro ajudou Suda a se levantar, jogou-o em seus ombros e apontou com a cabeça para Gigante ajudar Julcra. Prontamente, Gigante pegou o brinco e seguiram viagem. Os gêmeos, que estavam em melhores condições, iam mais à frente para verificar se não havia nenhum espião do Imperador pelo caminho. Andaram aproximadamente mais uma hora até que os dois voltaram correndo, com Ura gritando:

— Achei! Achei! Achei!

Mitro perguntou:

— Quem você achou? Fale baixo ou vão nos ouvir!

— Não! Eu achei! — afirmou Ura.

— Desembucha. Achou o quê? — perguntou Margom.

— Água — respondeu Ura.

Todos comemoraram. Gigante ficou tão alegre que jogou Julcra para cima e foi abraçar Ura. Julcra se esborrachou no chão e só então Gigante percebeu o que tinha feito.

— Ops! Desculpe, meu amigo, fiquei empolgado.

Segurou Julcra novamente em seus braços e todos seguiram os gêmeos.

CAPÍTULO 19

Enquanto isso, Súrigan chegava ao Labirinto de Vitom.

— Abra a porta, pois vim cobrar a dívida.

Como de costume, a imagem apareceu na porta do labirinto, era idêntica à do Imperador, e isso o irritou:

— Ora, me poupe de seus truques baratos, conheço bem sua real forma, não estou aqui para brincadeiras.

Vitom, fazendo aparecer a imagem de sua forma real na porta, com um tom irônico, falou:

— Pois não? O que lhe traz aqui, nobre Imperador?

— Você não cumpriu com nosso acordo, entregando para outros o que lhe pedi para guardar. Portanto, me deve todo seu litênio, o que lhe deixará sem seu labirinto. Aí você aprenderá o que acontece com quem me trai.

— Mas eu não lhe traí.

— Não minta, posso sentir quando alguém pega em qualquer parte do amuleto e sei que não está mais aí dentro.

— De fato não está, mas eu não lhe traí. Entre e poderá verificar o que aconteceu pessoalmente. — A porta se abriu. — Vamos, entre.

Súrigan ficou ainda mais irritado.

— Pensa que sou algum idiota mesmo? Se eu estiver aí dentro, não poderei exigir o cumprimento de nosso pacto; ninguém pode sair daí sem sua permissão. Por que não sai você, já que se acha tão esperto?

— Bem, eu não sairei e, já que nem você vai entrar, então estamos entendidos. Não me aborreça mais. Tchau, seu chato.

— Nem você e nem eu podíamos descumprir o acordo, você sabe disso. Você quebrou o pacto e será obrigado a arcar com as consequências.

— Que pacto mesmo que eu descumpri? Você me prometeu litênio à vontade enquanto eu guardasse seu objeto. Em contrapartida, eu não poderia entregá-lo para ninguém. Não tenho mais seu objeto, é verdade; uma pena, pois não terei mais seu litênio. Mas é só isso e pronto. Tchaaaaau!

— Negativo. Você entregou meu objeto, descumprindo o acordo. Portanto, eu invoco a punição de quem quebra um pacto do Labirinto de Vitom.

— Mas você é fraquinho das ideias mesmo, hein? Alôoooo. Vou ter que desenhar para você entender? No pacto, eu dizia que não entregaria o objeto para ninguém; e eu não entreguei, ele foi conquistado. As leis do labirinto dizem que qualquer um é livre para entrar e tentar pegar o que quiser. Foi o que aconteceu, embora eu achasse que isso era impossível. Mas uma criaturinha insignificante

conseguiu. Portanto, ele entrou e pegou, não fui eu que entreguei. Logo, não quebrei pacto nenhum. Se você não sabe ler o contrato direito o problema é seu, quem manda não ler as letrinhas pequenas. — Solto uma gargalhada irônica. — Imperador Supremo... hum, tá mais para Imperador sem cérebro, isso sim.

— E que criatura é essa que pegou meu objeto?

— Bem, na verdade, eles estavam em um grupo e...

Vitom contou em detalhes o que aconteceu e só então Súrigam percebeu que foi enganado, que o grupo não foi morto na batalha contra o monstro marinho. Num ataque de fúria, disparou contra as paredes do labirinto, abrindo um grande buraco.

— Hei!!! Pare com isso. Oh, não, você derrubou minhas paredes! Por favor, não venha me pegar.

Súrigam deu as costas.

— Droga, você não vai entrar mesmo, né? Seu covarde, volte aqui.

— Se é tão corajoso, por que não sai de seu labirinto?

Vitom respondeu com sarcasmo:

— Porque não sou trouxa, hahahahahah! Sei que você iria me trucidar. — Súrigam saiu e Vitom ainda provocou mais uma vez. — Tchaaaauuu! Volte sempre.

Dizendo isso, o buraco na parede feito por Súrigam se fechou.

CAPÍTULO 20

Voltando ao grupo de aventureiros, eles seguiram os gêmeos até chegarem a um belo poço com água cristalina, decidiram acampar ali até que todos estivessem em condições para seguir viagem. Mitro saiu para caçar enquanto os gêmeos foram procurar frutas e ervas comestíveis pela redondeza. No primeiro dia, Mitro conseguiu abater um belo dalubi; foi ótimo, eles estavam com água abundante e comida. Os demais já haviam dormido, mas Mitro, sentado e encostado em uma pedra, observava os gêmeos, que se aconchegavam um no outro.

— Já que ainda estão acordados, me tirem uma dúvida...

— Qual? — perguntou Ura.

— Nunca vi mais ninguém igual a vocês. De onde vieram?

— Aru e eu gostaríamos de saber também, mas ninguém sabe dizer. Fomos encontrados por Margom ainda bebês. Ele andava por uma parte isolada da Floresta dos Elcas, próximo de um rio, e ouviu um choro que vinha de dentro de uma moita. Olhou com atenção e nos encontrou. Percebeu que, nas proximidades, havia sinais de luta, com muito sangue espalhado pelo chão, mas não encontrou ninguém. Como estava frio, ele achou melhor nos levar para casa.

— Mas não voltaram ao local onde foram encontrados para ver se aparecia alguém procurando por vocês?

— O mestre procurou várias vezes, mas nunca viu nenhum sinal de mais ninguém. Acreditamos que o sangue encontrado onde estávamos era de nossos pais, ou seja lá quem cuidava de nós. Deve ter sido devorado por algum animal selvagem.

— Que história horrível...

Ura balançou a cabeça, concordando com tristeza.

— É, gostaríamos muito de saber se tem mais de nós, mas parece que somos os únicos da espécie, nunca ninguém viu um rasto sequer parecido com os nossos. Somos gratos ao mestre. Para nós, ele é nosso pai...

Continuaram conversando por mais um bom tempo e depois foram dormir.

Passaram-se dois dias. Julcra e Suda estavam bem melhores, decidiram permanecer ali por mais um dia para que todos estivessem em plenas condições. Mais uma vez, Mitro saiu para tentar conseguir uma caça. Os gêmeos partiram em outra direção, à procura de plantas comestíveis, pois iriam precisar de suprimentos para a viagem. Após cerca de meia hora procurando, já distantes do acampamento, Aru e Ura conversavam tranquilamente e não perceberam que um grupo de

soldados de Súrígam se aproximava. Continuaram conversando quando notaram uma sombra atrás deles, mas, antes que pudessem se virar, foram agarrados e tiveram as bocas tampadas. Os irmãos foram forçados a olhar para quem os prendia e perceberam que era Mitro, que imediatamente fez sinal de silêncio e apontou na direção da qual os soldados estavam vindo. Em seguida, indicou um pequeno barranco ali perto. Eles pularam e se esconderam embaixo de um enorme tronco de árvore caído. Os soldados passaram por ali e um deles viu os rastros dos gêmeos.

— Vejam. Esses rastros não são de nada que conhecemos.

Nenhum soldado reconheceu as pegadas, pois os gêmeos não eram criaturas conhecidas fora da floresta.

— Talvez sejam de uma das criaturas que atravessam paredes das quais o Imperador nos falou. Vamos seguir a trilha — disse outro soldado.

Os gêmeos e Mitro permaneceram calados, espremidos embaixo do tronco enquanto os soldados, bem ali em cima, procuravam por mais rastros. Depois de um tempo, os inimigos seguiram o caminho por onde os gêmeos vieram e foram se afastando dos três.

— Ufa! Essa foi por pouco, estamos salvos — comentou Aru.

— Estamos salvos nada, não percebe? Eles estão seguindo seus rastros — retrucou Mitro.

Aru, batendo na própria cabeça como se dissesse para Mitro raciocinar, falou:

— Dammmmm! E daí? Eles estão indo para lá e nós estamos para cá, não vão nos achar.

— E vocês vieram de onde para chegar nesse lugar?

— Do acampamento, ora bolas.

— Logo, vão encontrar o resto do grupo desprevenido, precisamos chegar lá antes dos soldados.

Os gêmeos, então, se deram conta do problema.

— Mas como? Eles estão na nossa frente. Nem pela melhor trilha chegaremos a tempo se dermos a volta.

— Então vocês vão chamar os soldados de volta.

— Como? Tá maluco? — indagou Ura.

— É isso mesmo, vocês chamam a atenção deles e fazemos soldados virem atrás de vocês. Eu fico aqui escondido e, quando eles passarem por esse lugar, indo atrás de vocês, eu corro para avisar os outros. Vocês são ótimos em se esconder, acho que dão conta dessa missão.

Enquanto Mitro conversava com Ura, não percebeu que Aru já estava em cima do barranco com uma pedra na mão. Ele correu um pouco para frente,

gritando. Quando um soldado olhou para trás, o gêmeo arremessou a pedra, acertando na testa do adversário. Mitro falou para Ura:

— Vá você também. Rápido!

Ura saltou para cima do barranco e os dois correram na direção oposta ao acampamento. Em seguida, um foi para a direita e outro para a esquerda. Os soldados seguiram atrás dos gêmeos e Mitro aproveitou para ir em direção ao acampamento. Cada um dos gêmeos se escondeu atrás de uma árvore. Aru espiou para ver se os soldados estavam chegando bem na hora que um deles olhava em sua direção. O gêmeo novamente se escondeu atrás da árvore, mas o soldado já o tinha visto. Então, o inimigo fez sinal para que os outros soldados seguissem juntos, apontando para onde Aru estava escondido. Ele sinalizou para que um grupo fosse por um lado, enquanto outro iria pelo lado oposto da árvore. Aru permaneceu imóvel, encostado no tronco. Somente quando os dois grupos já estavam chegando ele percebeu a sombra de ambos os lados. Os soldados atacaram, desferindo golpes mortais bem onde Aru estava. Porém, para a surpresa deles, não acertaram nada além do tronco da árvore e ficaram sem entender para onde a criatura teria ido. Olharam para cima para ver se teria subido na árvore, procuraram rastros e nada.

Quando um dos soldados foi acertado por outra pedra, desta vez era Ura quem tinha jogado; rapidamente, o gêmeo saiu correndo e desapareceu atrás de outra árvore. Os soldados foram até lá, mas também não encontraram nada. Aru, então, chamou a atenção do outro lado, e assim ficaram por um bom tempo: Ura chamava atenção de um lado; quando os soldados iam em sua direção, Aru chamava a atenção do outro lado.

Depois disso se repetir algumas vezes, o comandante inimigo desconfiou do que estava acontecendo e ordenou:

— Parem! Um dos grupos permanece ali onde um deles apareceu; a outra metade vai onde a segunda criaturinha foi vista pela última vez.

O comandante lembrou-se da habilidade de atravessar objetos sólidos que os gêmeos tinham e descobriu que eles estavam entrando nas árvores, e não se escondendo atrás delas.

Então, ordenou que cortassem os troncos onde cada um dos gêmeos se escondera. Aru e Ura, percebendo que sua estratégia tinha sido descoberta, tiveram que partir para a fuga. À toda velocidade, saíram correndo e, dessa vez, na mesma direção. Atravessaram uma vegetação espinhosa usando seus dons e ganharam tempo, pois os soldados tiveram certa dificuldade para transpor os espinhos. Mas o caminho que escolheram, que a princípio pareceu ser a melhor, foi péssima, pois logo à frente se depararam com um grande precipício. Os dois quase caíram, Aru chegou a escorregar e foi segurado por seu irmão.

Sem poder seguir adiante e nem retornar, optaram por se esconder. Entraram debaixo do capim. Logo, os soldados transpuseram a vegetação espinhosa e também chegaram ao precipício. O comandante ordenou que vasculhassem tudo.

— Bem, eles não podem ter seguido adiante e nem passaram por nós. Estão por aqui, procurem por toda parte até encontrá-los.

E assim começaram as buscas. Naquele lugar não havia nenhuma árvore com tronco grosso o suficiente para eles se esconderem. Então, os soldados procuravam pela vegetação rasteira mesmo. Já estavam há um bom tempo buscando e nada, até que um soldado disse ao seu comandante:

— Senhor, eles devem ter passado por nós sem serem percebidos. Não é possível estarem por aqui, já vasculhamos tudo. Vamos voltar e procurar por pistas.

O comandante hesitou por um tempo e concordou. Ordenou que voltassem pelo mesmo caminho para ver se encontravam algum vestígio dos dois. Nisso, um dos soldados acabou tropeçando em Aru, que permaneceu imóvel, torcendo para que o soldado não percebesse no que havia tropeçado. Mas, para o azar de Aru, o soldado notou e o agarrou. O pequenino tentou correr, mas já era tarde.

— Veja só o que acabo de encontrar, comandante!

— Haaa, muito bem, soldado! Rápido, procurem o outro, que com certeza está por aí.

Nisso, Ura saltou de seu esconderijo e, com um pequeno punhal, atingiu o soldado que segurava seu irmão, fazendo-o soltá-lo. Os dois agora só tinham uma alternativa: correr. No entanto, atrás havia o precipício; então, só restou a eles tentarem passar entre vários soldados. Desse modo, os gêmeos iniciaram a correria.

Logo de cara, um soldado tentou atingir Aru com uma espada que simplesmente atravessou pelo crânio do gêmeo sem causar-lhe nenhum ferimento. Dessa forma, os dois foram indo desviando de um e de outro golpe. Ura chegou a escorregar e passou por baixo das pernas de um soldado. Eles corriam para um lado, o caminho era bloqueado; com isso, eles mudavam de direção bruscamente. Os soldados, às vezes, escorregavam e caíam, pois não conseguiam mudar de direção tão rápido quanto os gêmeos.

Nesse instante, Ura estava passando próximo do comandante. Mais uma vez, o gêmeo se jogou, escorregando para passar por baixo das pernas tal qual tinha feito anteriormente. Mas dessa vez não funcionou: o comandante colocou o pé no caminho de Ura, abaixou e agarrou o pequeno com sua mão direita. Como Aru estava perto, tentou salvar seu irmão. Saltou com o punhal preparado para atingir o comandante, mas este simplesmente esticou seu braço esquerdo e agarrou o pequeno Aru pelo pescoço. Pronto, os dois estavam capturados, se sacrificaram para salvar o resto do grupo.

Ouviu-se o zumbido de duas flechas cortando o ar, seguido de um grito de dor do comandante que teve seus punhos acertados em cheio. O inimigo acabou soltando os gêmeos que, sem nem saberem como tinham sido libertados, partiram para a correria novamente. Os soldados se voltaram para trás e puderam ver que as flechas haviam sido disparadas por Suda.

Julcra saltou em direção a um soldado que tentou atingi-lo com um golpe de espada, mas o brino, dando uma pirueta em círculo, passou por cima do golpe. No ar, completou a cambalhota e, com as garras da mão esquerda, arrancou um dos olhos do oponente. No mesmo instante, com uma das pernas, atingiu o peito de outro soldado que estava do lado, derrubando-o de costas. Um terceiro tentou golpeá-lo, mas o brino era muito mais eficiente na luta corpo a corpo e, com o rabo, deu uma rasteira. No movimento dessa rasteira já aproveitou o impulso e, com os pés, acertou o rosto de outro inimigo; isso tudo em questão de segundos.

Flechas disparadas por Suda cortavam o ar, atingindo outros soldados. Ao mesmo tempo, Mitro também já estava em batalha; seu primeiro golpe foi decepar o braço de um adversário que tentava erguer sua espada para o enfrentamento. Esse soldado teve o braço arrancado e, em seguida, sentiu a lâmina de Mitro rasgando seu pescoço: sua cabeça foi separada.

Mitro já estava agora defendendo outro golpe. Ele bloqueou-o com seu braço, graças a uma proteção metálica que vestia, e mais uma cabeça rolou pelo chão. Não daria tempo de virar a lâmina da espada para atingir o soldado que se aproximava pelas costas. Então, Mitro se abaixou, esquivando-se do ataque. Com o cabo, atingiu o rosto do inimigo, e agora, sim, desferiu um potente golpe que fez rolar a terceira cabeça.

Ao mesmo tempo, Margom disparou raios que abriram buracos nos corpos dos inimigos. Margom mirava principalmente nas pernas, para impedi-los de se locomover; nos braços, para desarmá-los; e na cabeça, para arrancá-las: sem cabeça, os soldados não conseguiam lutar, tinham que tentar reconstituir o corpo primeiro.

Giante, por sua vez, ia na força bruta. O primeiro soldado no qual ele tentou um soco foi pego apenas de raspão. Porém, foi o suficiente para derrubar o oponente, que prontamente levantou-se e ironizou:

— Ai, ai! Desse tamanho e é só isso que pode fazer? Venha me mostrar do que é capaz. Você não pode me matar, brutamontes; já eu preciso acertá-lo com minha espada apenas uma vez. Vem!

O soldado não tinha noção do que estava enfrentando mesmo. Os mantros já eram muito fortes, e Giante era simplesmente o grande campeão daquele povo. Giante se aproximou e o soldado tentou atingi-lo com a espada. O guerreiro segurou o braço do inimigo, pegou a lâmina e, com o polegar, entortou-o. Em

seguida, com as costas da mão, deu uma bofetada no soldado, fazendo sua cabeça sumir no precipício em que os gêmeos quase caíram; jogou o resto do corpo para outro lado, e assim seguiu na luta. Cada soco fazia um ou dois soldados cair longe, algumas vezes com uma parte do corpo para um lado e outra para outro, tamanha a força dos golpes de Gigante.

Um dos soldados que teve sua cabeça decepada por Mitro tentava recolocá-la de volta no lugar, mas, antes que conseguisse se remontar, o guerreiro desferiu outro golpe, decepando-lhe os braços; com um chute, afastou para longe a cabeça do soldado e gritou para seus amigos:

— Vamos desmontá-los, e não deixem que eles se reconstruam.

— Deixa comigo — disse Gigante.

Gigante simplesmente agarrava o soldado mais próximo e o partia em dois pedaços, arremessando um no precipício e o outro na direção oposta. Julcra uniu-se a Mitro: à medida que o hulo decepava cabeças, ele tratava de jogá-las precipício abaixo, ao mesmo tempo em que atacava outros soldados com seus fenomenais golpes marciais. Enquanto isso, Suda e Margom, de longe, atingiam com flechas e raios os que tentavam partir para cima de seus amigos, assim os inimigos não conseguiam vir em muitos ao mesmo tempo. Em alguns minutos, tudo o que se via eram corpos pela metade graças às mãos de Gigante ou sem cabeça devido à espada de Mitro. Dessa forma, o pequeno pelotão de soldados de Súrigan não estava mais em condições de combate.

Gigante procurou, mas não encontrou nenhum soldado em pé.

— Cadê? Já acabou? Nem esquentei ainda.

Julcra, ofegante, retrucou:

— Pois para mim já está bom. E cadê nossos amiguinhos?

Todos olharam ao redor e nada. Nesse momento, detrás de uma moita, surgiram os gêmeos.

Ura já foi logo falando:

— Estamos aqui, iríamos acabar com eles, mas, já que vocês chegaram, não quisemos ficar com todo o mérito e deixamos esses para vocês. Senão, quando voltarmos, não terão nada para contar. Por isso nos afastamos para não interferir.

Todos riram.

Margom disse:

— Claro! Claro! De qualquer forma, vocês foram fantásticos e muito corajosos os distraíndo enquanto Mitro nos avisava. Se fôssemos pegos de surpresa, o resultado dessa batalha poderia ter sido outro. Agora precisamos seguir imediatamente; logo Súrigan saberá desse conflito, precisamos sumir daqui rápido.

CAPÍTULO 21

Enquanto isso, na Floresta dos Elcas, uma árguia encontrou um bilhete e, logo que começou a ler, deu um grito de espanto e saiu correndo à procura de Latus. Ele leu e imediatamente desapareceu dentro do solo.

O bilhete tinha sido escrito por Lara alguns minutos antes de ser encontrado pela sua amiga árguia. À medida que Lara escrevia, lágrimas brotavam de seus olhos, escorrendo por seu lindo rosto; algumas chegaram a manchar o bilhete. Ela concluiu o recado, deixou sobre uma mesa com uma pequena pedra segurando e saiu chorando em direção à cachoeira onde tantas vezes tomou banho com seu amado. No bilhete, estava escrito: “Peço desculpas a todos, mas não tenho mais alegria de viver. Perdi meu pai e meu grande amor, razões de minha vida. A tristeza que me consome é tamanha que prefiro levar meu espírito ao encontro dos espíritos deles. Vou deixar meu corpo descansar nas águas da cachoeira, onde tive momentos tão alegres e inesquecíveis com meu grande amor.”

A essa altura, Lara já estava no ponto mais alto da cachoeira, de onde pretendia se jogar. Na parte debaixo, Latus brotou do chão e conseguiu ainda avistar Lara na beira do penhasco. Ele gritou, mas não foi ouvido, pois ela estava longe e distraída. Neste instante, surgiu ali um ilírio que ouviu os gritos de Latus e viu a árguia pronta para pular. Juntos, os dois começaram a gritar pedindo que ela parasse, mas a árguia não ouvia ou então não queria escutar. Latus se concentrou nas raízes lá do alto para tentar lançá-la. Logo atrás dela, uma raiz saiu do solo em direção aos tornozelos da jovem, mas a árguia percebeu e, antes que tivesse seu tornozelo laçado, se jogou para a morte. O ilírio empunhou seu cajado para criar algum encanto que pudesse ajudar, mas já era tarde: o corpo de Lara já estava em queda livre. De repente, uma tromba d’água se ergueu em direção ao corpo que caía e tomou a forma de uma mão gigante, Lara foi mergulhada nessa mão. Os dois lá embaixo podiam ver o corpo dela dentro da água transparente. A princípio, a jovem afundou no braço, mas logo emergiu. Agora na superfície da palma da mão, foi trazida para baixo. Os espectadores ficaram ali, estáticos. A mão deixou Lara aos pés deles e se desfez, dando um tremendo banho nos dois. A árguia se levantou, olhou para eles e começou a esmurrar o peito do ilírio. Em desespero, esbravejou:

— Por que fizeram isso? Por que não me deixam em paz, não entendem que não tenho mais razões para viver?

O ilírio tentou segurá-la sem ferir, enquanto Latus pegou, em uma pequena sacola que tinha na cintura, um pó e soprou nas narinas da garota. Imediatamente, Lara perdeu os sentidos e caiu nos braços do ilírio, que disse para Latus:

— Magnífico isso que você fez com a água, nem mesmo o ilírio mais talentoso faria um encanto tão grandioso em tão pouco tempo. A cada dia vocês se mostram criaturas mais surpreendentes...

Latus ficou surpreso, pois estava certo que tinha sido um encanto do ilírio.

— Hein?! Pensei que tinha sido você...

— Não consegui agir, ela estava muito longe e eu precisaria de mais tempo para fazer algo que funcionasse.

— Bem, se não foi você e tampouco eu, preciso conversar com meus irmãos, porque algo muito estranho está acontecendo.

De volta à casa de Lara, enquanto ela ainda dormia no quarto, os seis elcas conversavam baixinho na sala. Não era possível ouvi-los, mas, pelas suas expressões, percebia-se que estavam intrigados e que a conversa era muito séria. Ficaram confabulando por muito tempo enquanto esperavam a jovem acordar.

Já estava quase amanhecendo e Lara ainda dormia. Em seu quarto, também estava a árguia que encontrou o bilhete, cujo nome é Samir. Ela permanecia sentada em uma cadeira, com a cabeça encostada na parede. Lara parecia estar sonhando: podia-se perceber, pelas pálpebras fechadas, o movimento intenso de seus olhos. A amiga, dormindo, não percebeu que um vulto entrou flutuando pela janela e pairou sobre o corpo de Lara. Surgiu, então, um barulho agradável, como se fossem pequenos sinos. O vulto lembrava a forma física de um elca, porém era maior; não dava para ver exatamente como ele era, pois sua forma não parecia bem definida. Era como se a sombra fosse feita de fumaça, e a pouca luz também dificultava a visualização.

O vulto flutuou por um instante sobre Lara e, em seguida, baixou sobre seu corpo e colocou o que parecia ser a mão sobre a face da jovem, tampando todo seu rosto. Com a outra mão, segurou em seu braço direito. Nisso, ela acordou, mas não conseguiu se mover, pois sentiu um corpo sobre o seu que a deixava completamente imobilizada. Também não conseguia gritar. Ficou ali, imóvel, e sentiu seu braço sendo perfurado. A sensação era de que agulhas estavam entrando em sua carne. Logo em seguida, a árguia sentiu que algo estava se espalhando em sua corrente sanguínea; queimava muito, mas ela nada podia fazer. Lara tinha a nítida impressão de que estava sendo envenenada.

O desespero tomou conta dela. Com muito esforço, a jovem conseguiu virar a cabeça para o lado, tirando a tal mão que prendia sua face, e soltou um estrondoso grito.

Sua amiga acordou assustada, a ponto de cair da cadeira, e viu Lara sentada na cama. No mesmo instante, os elcas entraram no quarto para ver o que estava acontecendo. Lara, ofegante, olhou de um lado para o outro procurando o que lhe atacou. Sua amiga foi até ela e segurou suas mãos.

— O que foi?

— Cadê? Cadê? — perguntou Lara enquanto buscava para todos os lados.

Os demais olharam ao redor sem saber o que procurar e perguntaram quase ao mesmo tempo:

— Cadê o quê?

— Fui atacada, estava me envenenando...

— Como assim? Quem? Não tem mais ninguém aqui — disse Latus.

— Não sei, mas ele debruçou-se sobre mim e senti-me envenenada.

Latus tentou acalmar Lara.

— Shiuuuu, acalme-se, minha querida, foi somente um sonho ruim. Aqui você está cercada somente de amigos, ninguém iria te fazer mal. Vamos, respire fundo e acalme-se.

Lara olhou ao redor, respirou e constatou que realmente não havia nada de estranho dentro de seu quarto; tudo era um sonho mesmo. Então, ela se recordou de seu resgate na cachoeira e agora, ao invés de reclamar, agradeceu:

— Antes eu estava descontrolada e reclamei por não terem me deixado morrer na cachoeira, mas agora agradeço por terem me impedido de cometer aquela loucura num momento de tremenda insensatez.

— Não agradeça a nós, pois não fizemos nada.

— Se não foi um de vocês, então foi aquele ilírio? Onde ele está? Quero muito agradecê-lo.

— Também não foi ele.

— Mas quem então?

— Isso é o que nos intriga, estamos achando que o Espírito da Floresta se manifestou espontaneamente.

— Mas como assim?

— Estamos sem entender, pois o Espírito da Floresta não interfere em suicídios, dá o direito do livre-arbítrio. A não ser....

Nesse momento, Latus parou de falar e olhou para os demais elcas com um ar de mistério.

— A não ser o quê? — perguntou Lara.

— A não ser que a criatura prestes a morrer tenha algo de fantástico ainda para realizar, ou seja, para você ter sido salva pelo Espírito da Floresta, teria que ser alguém especial, com algo muito importante a fazer ainda.

— Eu? Deve ter outra explicação, pois Suda, meu amado ou qualquer um dos outros que partiram para a infeliz missão, sim, poderiam fazer algo que mudaria o mundo; eu não.

— Não sabemos explicar o que aconteceu, são apenas suposições.

Samir saiu do quarto e eles ficaram ali conversando até o dia amanhecer. Em um determinado instante, foram interrompidos pela amiga, que apareceu na porta e convidou a todos para uma deliciosa refeição.

— Acredito que o papo esteja muito gostoso, mas garanto que o bolo e o suco que preparei para o desjejum estão muito mais apetitosos.

Lara lambeu os lábios.

— Hum! O cheirinho está ótimo e eu estou faminta, parece que seu bolo está delicioso como sempre.

Lara, que estava sentada na cama, foi a primeira a chegar até a cozinha. Quando os outros chegaram, ela já estava com um enorme pedaço de bolo na mão e com a boca cheia.

Todos saborearam as guloseimas preparadas por Samir, mas ninguém comeu com tanta vontade quanto Lara. A amiga a observou comendo e sorriu.

— Puxa! Eu tinha feito outro bolo para o lanche da tarde, mas acho que não vai sobrar.

Samir trouxe o outro bolo. Lara nem tinha acabado ainda de comer o que estava em sua mão e já pegou outro pedaço.

— Humm! Dessa vez você se superou, que delícia!

Samir dá uma gostosa gargalhada.

— Sinto-me lisonjeada, obrigada, amiga! Nunca tinha visto você comer tanto assim.

Todos acabaram de se alimentar, exceto Lara, que continuava devorando tudo. Os outros ficaram ali, só observando-a, quando finalmente ela se deu por satisfeita.

— Amiga, estava divino, fantástico!

Samir riu e agradeceu o elogio.

Passou aquele dia todo sem que nada demais acontecesse, mas, por precaução, os elcas resolveram ficar aquela noite e quantas mais fossem necessárias na casa de Lara, até terem certeza do que estava acontecendo. Sentiam que algo estranho pairava no ar. Então, se acomodaram na sala enquanto Lara dormia tranquilamente em seu quarto. No mesmo horário da noite anterior, mais uma vez, os olhos de Lara se agitaram durante o sono. O mesmo sonho começou, com o vulto entrando pela janela e pairando sobre ela. Dessa vez, porém, ele ficou no alto, apenas observando. A jovem permanece dormindo por alguns minutos e, depois, começou a ouvir o badalar dos sinos. Sentiu uma picada no braço e abriu os olhos: estava deitada de lado dessa vez. Quando virou sua cabeça para olhar para cima, nada viu, e também parou de ouvir o barulho de antes.

Ela chamou pelos elcas, que imediatamente entraram no quarto. Lara contou o que aconteceu, porém, novamente, não tinha nada de estranho no quarto.

Eles ficaram ali conversando e Lara insistentemente coçava seu braço. Coçou tanto que chamou a atenção dos elcas. Quando olharam mais atentamente, perceberam que, no lugar onde a árguia coçava, havia uma marca idêntica à que apareceu no braço deles no dia do casamento de Lara com Mitro, quando ficaram paralisados com aquele feixe de luz. Perguntaram se ela estava se sentindo fraca como eles se sentiram naquela ocasião, mas Lara relatou que, muito pelo contrário, ela sentia uma disposição como nunca antes e, mais uma vez, estava com muita fome.

Embora nem tivesse amanhecido ainda, Samir preparou mais um desjejum, que Lara devorou gulosamente. Enquanto estavam sentados à mesa, admirados com o quanto a jovem comia, Lara foi pegar mais um pedaço de bolo e esbarrou no copo com suco, derrubando-o da mesa. Contudo, antes que o copo chegasse ao chão, com muito reflexo, ela o pegou no ar.

Agora já estava amanhecendo e Lara insistiu que queria sair, pois estava sentindo muita energia, gostaria de se movimentar. Eles caminharam por longo tempo; depois, já cansados, pediram para retornar à casa. Voltando, ficaram sentados enquanto Lara continuou indo de um lado para o outro, rindo, brincando e conversando com todos; a árguia parecia estar possuída. Lara pegou um arco e uma flecha e saiu brincando, deixando alguns apreensivos. Finalmente, ela resolveu parar de correr e juntou-se aos elcas. Um deles estendeu a mão pedindo para ela entregar o arco e a flecha, mas a jovem mirou nele e, séria, disse com um ar ameaçador:

— Você quer mesmo esta flecha?

Todos paralisaram, surpresos com a reação. Então, Lara começou a rir...

— Ei! Cadê o bom humor de todos? não percebem que estou brincando?

Haaa, fala sério! Mal sei segurar um arco, mesmo que quisesse não saberia disparar.

Todos continuam sérios.

— Haaa! Vamos, gente, estou brincando. — Pausa. — Tá bom, me desculpe! Pegue o arco.

Lara entregou o arco e a flecha para o elca e, assim que ele pegou, a jovem saltou e empurrou Samir, jogando-a para longe. Samir deu um grito de espanto quando foi atacada por Lara, mas o que pareceu ser um ataque na verdade foi uma reação de defesa, pois Lara acabara de salvar a amiga de uma flecha que seria certa. A flecha ficou cravada em uma árvore próxima. Então, os olhares se voltaram para ver de onde veio a flecha e perceberam que foi disparada por um árguio aprendiz: ele tinha sido atingido por uma bola jogada por crianças que brincavam ali próximo bem na hora que se preparava para disparar em seu alvo de treinamento. A bolada o fez mudar a mira, disparando em direção de Samir, que teve algumas escoriações. Lara correu até ela e ajudou-a a se levantar.

— Desculpe por ter te empurrado tão forte, mas, quando vi a flecha, não pensei em nada mais além de tirar você do caminho. Machucou?

— Não se preocupe, sofri apenas alguns arranhões, eu acho — disse Samir, e em seguida as duas riram. — O pior mesmo foi o susto quando achei que você estava me atacando.

As duas deram risada novamente e, como os ferimentos foram pequenos, a própria Lara, usando seus dons, tratou de curar a amiga.

Enquanto Lara curava seus ferimentos, Samir comentou:

— Caramba! Como você foi rápida! E que força é essa, amiga? Parecia mais um mantro me empurrando.

— Foi o desespero; nessas horas, buscamos força onde nem sequer imaginamos.

As duas continuaram conversando enquanto eram atentamente observadas pelos elcas que, de tempo em tempo, falavam algo entre si.

No final do dia, os elcas acompanharam as duas até a casa de Lara para conversarem. Mal entraram e Lara já estava procurando o que comer; encontrou um pão e foi devorando enquanto falava:

— Pronto, aqui estamos, mas acho que não será mais necessário os amigos permanecerem em vigília. Já me sinto ótima e meu braço não coça mais. Estou me sentindo incrível como nunca antes, não têm com o que se preocuparem.

— Mas é exatamente isso que nos preocupa. Aliás, preocupar não é exatamente a palavra. Você está agindo de forma muito diferente e isso muito nos intriga — confessou Latus.

— Como assim, diferente? Estou me sentindo fantástica, com uma vitalidade incrível.

— Exatamente, uma vitalidade acima das expectativas de uma jovem árguia, não é?

— Sim, e não é ótimo para quem queria suicidar-se há pouco tempo?

— Vendo por esse ponto de vista, sim, mas, no geral, percebemos que tem algo muito estranho em você.

— Como o que, por exemplo?

— Sua fome desproporcional.

— Ops! Desculpem-me! Ora, isso não é nada demais, só estou faminta...

— E sua vitalidade hoje? Você não parou por um instante sequer.

— Claro, precisava queimar as energias, afinal, eu comi muuuuito! — Lara ri descontraidamente!

— E como você percebeu a flecha se aproximando?

— Eu vi, ué!

— Mas você estava de costas. Para um brino, isso seria normal, perceber uma ameaça vindo mesmo não estando na mira de seus olhos; mas nunca para uma árguia.

— Isso não sei explicar; eu percebi por acaso, talvez.

— Não achamos que foi por acaso. E não notou a força com que jogou sua amiga para salvá-la da flecha?

— Nessas horas, arranjamos força de onde nem imaginamos...

— Não tanta força. Você parecia um mantro, jogou sua amiga longe com um simples toque.

— Não estou entendendo onde querem chegar...

— Estamos começando a entender porque o Espírito da Floresta impediu seu suicídio...

— Então me expliquem, continuo sem entender nada.

— Quando, supostamente, nós seis — ele falava dele e dos demais elcas — tivemos o mesmo sonho no dia de seu casamento e depois acordamos com a sensação de fraqueza, percebemos que nos foi deixado uma marca igual em nossos braços, sem que pudéssemos saber o que tinha acontecido. Agora, parece ter ocorrido algo semelhante com você, deixando a mesma marca. Mas, diferente de nós, você se sente bem-disposta, com mais energia, mais habilidade, mais força...Acreditamos que ainda tem outros “mais” para descobrirmos.

— Como assim? Outros “mais”?

— Sabes que nós, elcas, possuímos em nosso DNA a essência de todas as raças. Acreditamos que um pouco dela nos foi tirada no dia de sua união com o hulo, sintetizada e agora dada a você pelo Espírito da Floresta. Achamos que você já recebeu duas doses nessas duas últimas noites.

— E por que seria feito isso? Por que eu? Não tenho nada de especial.

— Estamos propensos a acreditar que você possa ser o Herdeiro Supremo...

— Haaa, não sejam idiotas, vocês criaram, há muito tempo, o Herdeiro Supremo e ficou comprovado que foi o maior erro já cometido na história deste planeta.

— Você está certa quando diz que foi o maior erro já cometido neste planeta, mas erra quando diz que criamos o Herdeiro Supremo. Nós tentamos criá-lo, e o que conseguimos foi fazer surgir o pior monstro que já existiu. Só agora entendemos que não cabia a nós escolher quem seria o Herdeiro Supremo: ele viria pela vontade do Grande Espírito. Tentamos fazer o que não era de nossa alçada, acreditamos ter interpretado de forma errada a profecia. Dentre os erros, o mais grave é achar que a gota de sangue deveria ser dos chefes políticos de cada espécie; na verdade, agora acreditamos que o correto seria uma gota de sangue de cada um de nós, elcas, já que nós é que possuímos o DNA de origem de cada um de vocês.

— Mas lembro-me que vocês mesmos disseram que alguém de pura raça não resistiria a tanto poder, que seria necessário alguém fruto de raças diferentes.

— Essa era nossa interpretação da profecia, mas podemos ter nos enganado nessa parte também. Por exemplo: a interpretação poderia ser alguém com um verdadeiro amor entre raças diferentes, e você se encaixa perfeitamente neste perfil.

— Não creio em nada disso. Mais uma vez, vocês estão procurando uma solução milagrosa, o que não está certo, como não estive no passado quando tentaram encontrar uma resolução por este caminho. Não sinto esse poder em meu corpo.

— Mas acreditamos que irá sentir quando o ritual tiver sido completado. Por enquanto, você está apenas com parte desse poder.

Lara olhou para suas mãos.

— Não sinto nada de extraordinário.

— Por isso estamos aqui para fazer alguns testes, embora já tenhamos visto alguma coisa sem você perceber, tal como a força dos mantros e o reflexo e o sentido dos brinos.

— Não há nada de diferente em meus reflexos ou...

Intencionalmente, um dos elcas esbarrou em uma caneca que estava sobre a mesa nas costas de Lara, e ela rapidamente virou-se e pegou a caneca enquanto caía.

— Está vendo, só um brino poderia fazer isso.

Lara parou por alguns instantes, pensando no ocorrido, e Latus continuou:

— Você poderia tentar levantar essa mesa?

A mesa era muito pesada, impossível de ser levantada por qualquer árguio. Lara, agora já sem a certeza de que não havia nada de diferente nela, segurou na mesa, mas não colocou força nenhuma, como se estivesse com medo de conseguir levantar. Depois de alguns segundos, ela aplicou um pouco de força e nada aconteceu.

— Vamos, faça com vontade — pediu Latus.

Lara fechou os olhos e foi aumentando a força. Nada estava acontecendo. Ela continuou puxando a mesa para cima e começou a gritar.

A jovem levantou o móvel e logo estava com os braços estendidos acima da cabeça, derrubando tudo que estava sobre a mesa, inclusive o bolo feito por sua amiga. Com o barulho, Lara abriu os olhos, percebendo o que tinha feito, e exclamou:

— NÃO! Derrubei o bolo!

Samir, numa mistura de espanto e entusiasmo, riu da reação de Lara.

— Você faz algo incrível assim e está preocupada com o bolo? Deixa que faço outro.

Todos riram dela, que colocou a mesa novamente no chão.

— Mas por que eu?

— Não sabemos o porquê, mas o Espírito da Floresta sempre tem suas razões para todos nós...

Alguém bateu na porta e Samir prontamente atendeu. Era o ilírio que foi tentar salvar Lara no dia em que ela quis suicidar-se.

— Aqui estou, mestre, por que mandou me chamar?

— Sente-se aqui, a história é um pouco longa...— Latus apontou para um banco próximo de onde ele estava sentado e lhe contou tudo o que estava acontecendo. — E por isso precisamos de um cajado: para ver se ela consegue tirar a magia dele.

— Bem, não se tira a magia do cajado, pois, de fato, ele não tem magia alguma; o poder está em cada um de nossa espécie. O cajado é apenas um instrumento que amplia nosso poder; cada vez que o empunhamos, é como se sentíssemos nossas baterias sendo recarregadas. Se observar em nossos olhos nesse instante, parece que faíscas de um relâmpago disparam dentro deles. Mas enfim, aqui estou para ajudar no que for preciso; meu cajado está à disposição para o que o mestre necessitar.

O ilírio estendeu o braço, oferecendo o cajado para Latus. Este, por sua vez, indicou que Lara é quem devia segurá-lo. Então, ela empunhou o objeto, apertou-o e trocou-o de mão enquanto os demais ficaram observando, na expectativa de acontecer algo, mas nada demais ocorreu.

— Huuum! Não estou sentindo bateria nenhuma, acho que um bolo recarregaria minhas baterias muito mais que esse pedaço de madeira. — Dizendo isso, Lara olhou para o ilírio. — Desculpe, meu amigo, não quis ofender. Sei que é um objeto importante para você, mas para mim parece que serve apenas para acender uma fogueira; não sinto nada.

— Talvez não esteja sabendo como usar, ensine a ela, meu amigo.

— Lamento, Latus, mas não tem o que ser ensinado. Nós simplesmente sentimos o poder; não deve ter nenhuma magia nela. Caso contrário, só o fato de empunhar o cajado já faria a garota sentir a energia correndo por seu corpo.

— Não entendemos, nós estávamos certos que ela teria um pouco de cada uma das seis espécies, tudo está muito complicado para ser explicado...

O ilírio interrompeu a fala de Latus:

— Se está muito complicado, talvez nenhum de nós aqui seja o mais indicado para entender, pois os hulos são, de fato, a espécie mais inteligente dentre nós. Quem sabe Matiacam não possa desenvolver uma boa teoria sobre tudo.

Matiacam era uma grande sábia hula, já de idade bem avançada, que sempre aconselhava a todos sobre os assuntos mais variados.

— Tem razão, vamos até ela — concordou Latus.

— Estou com tanta fome, será que não poderíamos comer algo antes? — perguntou Lara.

— Posso arrumar algo rapidinho — disse Samir.

— Faça isso então, e depois iremos — confirmou Latus.

Lara, mais uma vez, comeu muito além do que era de costume. Em seguida, todos foram para a casa de Matiacam. No caminho, Lara teve enjoo e vomitou novamente, preocupando seus amigos.

Logo que colocaram Matiacam a par da situação, a sábia hula ponderou:

— Vejam bem: se vossa teoria estiver correta e que a jovem aqui for o famoso Herdeiro Supremo, que neste caso seria a Herdeira Suprema... Se o Espírito da Floresta estiver, a cada dia, injetando uma dose sintetizada das características de cada espécie nela, tornando-a uma criatura poderosa, a mais poderosa... Se esse poder, por ser tão grande, for muito perigoso para ser absorvido de uma única vez por qualquer criatura deste planeta... E considerando que ela recebeu duas visitas até agora e a certeza de que Lara possui os atributos dos brinos e mantros, logo, arrisco-me a dizer que, por essa razão, ela ainda não tem a magia dos ilírios, assim como não tem os atributos das outras espécies: a cada visita do Espírito da Floresta, ela está recebendo uma dose da suposta “poção”. Assim, duas visitas, dois atributos incorporados em seu organismo. Concluo, então, que nas próximas noites ela receberá mais visitas do Espírito da Floresta e, assim, terá tudo em seu organismo dentro do tempo necessário para que possa ser absorvido com segurança.

— Está afirmando, portanto, que ela será visitada mais três vezes pelo Espírito para que receba as doses referentes aos ilírios, hulos e naturos? — perguntou Latus.

— Está errado duas vezes. Primeiro, não estou afirmando, pois trata-se apenas de uma suposição; e erra também quando entende que faltam apenas três visitas; se minha teoria estiver certa, faltam quatro visitas, já que, embora seja uma árguia, ela necessitará receber a dose de sua própria espécie, pois os árguios tem uma particularidade que não ocorre nas demais espécies. Por exemplo: os mantros são muito fortes, independentemente do sexo. O mesmo ocorre com os ilírios, que, apesar do sexo, possuem a magia; quanto aos brinos, ambos os sexos possuem agilidade e capacidade de perceber tudo ao seu redor; os hulos têm como principal atributo a inteligência, que está presente em ambos os sexos também. Os naturos não têm sexo, ou seja, não existe o macho ou a fêmea. Agora, os árguios não; as características dos machos são completamente diferentes das particularidades das

fêmeas. Enquanto os primeiros têm a visão apuradíssima, que proporciona uma pontaria quase infalível com seus arcos, as segundas não têm essa visão tão boa. Mas, em minha opinião, possuem um dos dons mais incríveis desse mundo, que é o poder da cura. Por isso, acredito que o Espírito da Floresta terá que injetar nela também a dose referente aos árguios.

— Tem razão — refletiu Latus.

Continuaram conversando e já era tarde da noite quando resolveram voltar para a casa de Lara. Lá chegando, o ilírio foi para sua casa, os elcas acomodaram-se na sala e Lara seguiu para o seu quarto, chamando sua amiga para acompanhá-la.

— Samir, você poderia dormir comigo em meu quarto? Não gostaria de ficar só.

— É tudo o que quero, pois vou ficar totalmente alerta para ver se de fato está recebendo a visita do Espírito da Floresta.

Latus, então, disse:

— Se estivermos certos de que realmente é o Espírito, eu duvido que você possa vê-lo quando ele vir.

Todos foram acomodar-se para passar a noite; os elcas ficaram na sala e, mesmo que Lara tenha oferecido uma parte da cama para que sua amiga se deitasse ao seu lado, Samir preferiu ficar na cadeira das outras noites, pois estava decidida a permanecer acordada para ver o que acontecia. No meio da madrugada, ouviram-se apenas alguns barulhos normais da noite, mas Samir continuava alerta. De repente, a janela, que lhe parecia sempre fechada, fez um barulho como se estivesse sendo batida para fechar, mas isso não poderia ter acontecido, pois já estava assim. Samir, então, desviou o olhar para a cama, onde Lara estava meio sonolenta. Ela sentou-se e, olhando para seu braço direito, reclamou:

— Aí, está queimando. Aconteceu novamente: quando percebi, já estava sobre mim. Você viu tudo o que aconteceu?

— Mas não aconteceu nada — respondeu Samir.

— Claro que aconteceu, mais uma vez senti aquela presença estranha que veio, me observou e, em seguida, tomou conta de meu ser. Senti algo rasgando a pele de meu braço, mas não conseguia abrir os olhos ou me mover, e o ser sumiu. Parece que meu sangue está fervendo...

— Mas estive o tempo todo acordada e nada entrou aqui, tenho certeza.

Na verdade, Samir pensou que passou o tempo todo acordada. Porém, sem que ela percebesse, instantes antes de a janela ser aberta, sua mente foi controlada e ela ficou inconsciente enquanto, mais uma vez, a estranha sombra repetiu o que já tinha feito nas duas noites anteriores. Só após o tal ser ter ido embora e bater a janela foi que Samir recobrou a consciência.

— Está enganada. Aconteceu novamente, sim, tenho certeza.

Os elcas ouviram o barulho da conversa e bateram na porta.

— Entrem, por favor. — Os elcas entraram. — Aconteceu novamente, ele fez tudo como das outras vezes. Meu sangue queima ao mesmo tempo em que sinto uma sensação muito gostosa, já não estou assustada como antes.

Os elcas olharam para Samir, que levantou os ombros e abriu as mãos, no gesto típico de quem não sabe o que aconteceu.

— Eu não vi nada.

— Imaginamos que não veria mesmo, estamos cada vez mais convencidos sobre nossa teoria. Pois nunca ninguém viu o Espírito da Floresta; podemos senti-lo, mas nunca o vimos...

Lara interrompeu Latus:

— Bem, sendo assim, agora eu deveria ter mais algum poder, não é? Mas não sinto nada de diferente, quer dizer, nada a mais do que já vinha sentindo.

— Esperemos até amanhecer e veremos se descobrimos algo — ponderou Latus.

Assim que amanheceu, eles saíram. Latus viu uns pássaros que ciscavam o chão e sugeriu para a árguia:

— Concentre-se naqueles pássaros e ordene que um deles lhe traga algo.

Lara olhou ao redor e viu lindas flores na copa de uma árvore. Concentrou-se, pedindo que o pássaro lhe trouxesse uma delas, mas as aves continuaram a ciscar o chão.

— Vamos, faça o que lhe pedi — insistiu Latus.

— Já estou tentando há um tempinho, parece que não tenho o poder dos naturos, não.

— E o que você pediu?

— Que me trouxessem uma daquelas flores.

Lara apontou para as flores. Os elcas olharam e não viram nada.

— Mas que flor?

— Lá naquela árvore, são tão lindas...

— Essas árvores ali atrás de sua casa? Não vemos flor alguma.

— Não nessas, naquelas árvores lá na beirada da estrada, na curva.

Lara apontou para umas árvores a cerca de quinhentos metros de distância, muito longe para os olhos de um elca enxergarem uma flor tão pequena; muito longe também para uma fêmea árguia ver algo tão diminuto. Então, Latus perguntou:

— Você conseguiu ver uma flor na copa de uma árvore lá naquela curva? Realmente você não adquiriu o poder dos naturos, mas sim o poder dos árguios.

Lara passou o dia testando suas novas habilidades. Já estava gostando disso tudo, sem falar que se sentia maravilhosamente bem. Chegou a noite e, mais uma vez, durante a madrugada, recebeu a misteriosa visita sem que mais ninguém pudesse presenciar nada, inclusive sua amiga que, devido ao cansaço por ter passado a outra noite em vigília, desta vez dormiu tanto que nem percebeu quando Lara se levantou e correu para fora para descobrir o que de novo poderia fazer. A jovem passou pela sala com tanta pressa que nem sequer respondeu ao bom dia dos elcas, que saíram depressa atrás dela.

Todos estavam ansiosos para ver o que Lara poderia fazer: teria ela desenvolvido a capacidade de raciocínio dos hulos? Ou ela agora teria o poder de controlar as feras? Ou quem sabe, talvez, a magia dos ilírios?

Bem, quando os elcas a alcançaram, a árguia estava encarando alguns dalubis presos num cercado no quintal da casa de um hulo. Ela olhava esses animais, fazia caretas, gemia. Colocou as pontas dos dedos na cabeça como se estivesse tentando concentrar-se nos animais; era engraçado ver a cena da jovem árguia, até que ela abaixou as mãos, suspirando, sentou-se no chão e conversou consigo mesma.

— Aff! Definitivamente não adquiri o poder telepático dos naturos.

Lara ficou um pouco desapontada, pois não estava se vendo mais inteligente e nem mesmo sentindo a tal magia da qual o ilírio falara. Latus se aproximou dela e disse:

— Calma! Talvez só precise aprender como utilizar seu novo dom. Temos certeza de que pode fazer algo de novo, talvez o poder dos ilírios. Pode ser que precise de um cajado para ativar, sei lá.

Dirigindo-se a um dos seus irmãos, o elca disse:

— Vá buscar nosso amigo ilírio para que ele empreste novamente seu cajado para ver se hoje conseguimos algo...

Não foi preciso, pois o ilírio estava chegando.

— Não precisa mandar me chamar, aqui estou, acham que eu não estava ansioso para descobrir o que nossa garota maravilhosa pode fazer hoje? Meu cajado está à disposição.

Lara rapidamente o pegou. Todos ficaram parados por um instante, esperando para ver se algo acontecia. Como ela permaneceu indiferente, o ilírio perguntou:

— Então, sente algo?

— Sim, sinto uma fome danada! — Todos riram. — Hei! Falo sério, saí com tanta pressa e vim aqui fazer esse esforço danado para controlar essas porcarias que nem me deram bola. Gastei muita energia, preciso repor.

A jovem avistou algumas sabas maduras na copa de uma árvore ali próxima.

— Me deixaram com água na boca aqueles sabas. — Lara apontou para as frutas com o cajado e acidentalmente disparou um raio que acertou em cheio, explodindo as sabas. — MERDA!

— Merda? Como assim? Você acaba de descobrir sua mais nova habilidade, acho que não foi merda o que você quis dizer — argumentou Latus.

— Foi exatamente merda que eu quis dizer, não percebe? Acabo de destruir meu lanche. — A árguia provocou uma gargalhada em todos.

Latus solta uma gargalhada.

— Acho que isso vai ser muito mais divertido do que eu imaginava. Você é cômica!

Lara distraidamente apontou o cajado em direção aos demais e ele começou a brilhar.

O ilírio, segurando o cajado, pediu:

— Cuidado! Abaixar isso!

Assim iniciou-se mais um dia de treino para as novas habilidades da árguia. Ela estava ainda mais forte e mais ágil do que no dia anterior, sua visão ainda mais apurada. Parece que, a cada dia, a intensidade de suas novas habilidades ia sendo ampliada.

Mais uma noite chegou e todos que tentaram ficar acordados para ver o Espírito da Floresta foram tomados por uma espécie de hipnose no exato momento em que Lara começou a ouvir o costumeiro badalar de sinos.

Dessa vez, ela estava completamente consciente, sentada na cama, e pôde perceber quando o ser entrou pela janela. Havia pouca luz; Lara não conseguiu definir exatamente como era a forma e nem pôde ver com clareza aquele que se aproximava flutuando como uma nuvem, mas sentiu seu olhar penetrante. Isso lhe trouxe uma sensação muito gostosa, uma mistura de alívio e entusiasmo. O ser olhou para o braço da árguia e ela o ergueu, oferecendo-o para ele. Logo em seguida, sentiu algo entrando em sua pele, deitou-se e imediatamente foi tomada por um sono profundo, que perdurou até o dia amanhecer.

Dessa vez, embora estivesse ansiosa para descobrir o que poderia fazer, a jovem preferiu alimentar-se primeiro. Quando saiu, uma multidão a aguardava em sua porta, afinal, a notícia já havia se espalhado por diversas vilas. Ela, então, tentou controlar os mesmos dalubis do dia anterior, e agora eles responderam aos seus comandos. A árguia ficou maravilhada e logo chamou um crios, que se curvou diante dela. Lara montou e o animal alçou voo.

Divertiu-se muito pelos ares, passou próximo de cachoeiras, chegou a tocar na água, fez diversas piruetas no ar. Foram horas de pura diversão.

Os demais já estavam preocupados com tanta demora quando ela finalmente surgiu lá no alto. O crio pousou em frente à sua casa, Lara desceu e agradeceu ao animal pelo passeio. O crio, então, foi embora.

Ela contou a todos como foi maravilhoso o passeio e tudo o mais, mas estava cansada e queria entrar em sua casa.

A garota estava ansiosa, pois, segundo a teoria de Maticam, ainda teria mais uma visita. Lara estava deitada esperando a misteriosa sombra chegar, mas de repente, sem que ela percebesse como, a criatura estava flutuando sobre seu corpo. Tentou conversar com ela. Contudo, seus lábios e sua língua pareciam congelados e nenhuma palavra saía de sua boca. Então, a árdua ouviu uma voz que vinha da criatura.

— Acalme-se, jovem! Sou um dos enviados do Grande Espírito. Para conversar comigo, você não precisa de palavras: seus pensamentos serão ouvidos por mim, e os meus serão ouvidos por você.

— Por que eu? O que tenho de especial para ser escolhida como a Herdeira Suprema?

— Acalme-se, tudo se faz conforme a vontade do Grande Espírito; nem tudo lhe é revelado agora e tampouco é exatamente como lhe parece.

Essas palavras do enviado deixaram Lara confusa.

— Como? Seja mais claro, não entendi nada.

— Você é o caminho para que a grande profecia se realize, apenas isso basta você saber agora, jovem árdua.

— Como assim? Não entendo.

— Confie nos planos do Grande Espírito e tudo sairá bem. Agora durma que lhe darei a última dose, a qual contém a Inteligência dos hulos.

— Mas eu não quero dormir, quero saber mais.

— Você precisa repousar ou poderá fazer mal ao bebê que leva em seu ventre.

Lara se espantou com a revelação do bebê, mas, antes que pudesse fazer ou dizer qualquer outra coisa, perdeu a consciência. Quando acordou, já com o dia claro, contou aos elcas que a criatura revelou que ela estava grávida, causando um alvoroço geral.

— Então é por isso que andou com tanta fome e com aqueles enjoos! — refletiu Samir.

— Falando em fome, estou com muita agora.

— Pois preparo um banquete em instantes.

A notícia da gravidez se espalhou rapidamente por toda a floresta.

CAPÍTULO 22

Voltando para o local onde nossos aventureiros seguiam na jornada, além desses seis dias em que Lara passou por toda essa experiência magnífica, eles ainda caminharam por mais algum tempo, parando o mínimo possível. Atravessaram matas fechadas, terrenos alagados, despenhadeiros, até que chegaram a mais uma floresta. No total, andaram por mais trinta e um dias depois da batalha contra o pequeno grupo de soldados de Súrigan. Quando chegaram às margens de um rio de forte correnteza, se refrescaram e iniciaram a caminhada novamente.

Mitro ficou parado. Suda, então, perguntou:

— O que foi, meu amigo? Algum problema?

— Problema? Não, acho que seria melhor dizer uma solução.

— Como assim?

— Veja a força dessas águas. Se navegarmos por elas, viajaremos muito mais rápido.

— Com certeza, mas falta só uma coisinha: um barco.

Mitro apontou para a floresta.

— Verdade, mas olha ali.

— Estou olhando, mas e aí?

— Aquela árvore, a maior.

— Sim, e daí?

— Ela possui uma casca bem grossa, é excelente para flutuar, daria um ótimo barco.

Suda, ainda sem entender direito, disse:

— Sei que vocês hulos fazem ótimos barcos, mas faltam ferramentas aqui para construir um, não acha?

— Temos tudo o que precisamos. Margom, você poderia usar sua magia para fazer cortes na casca?

— Sim, seria muito fácil.

— Então, faça um corte em linha reta no tronco, bem próximo ao solo; apenas até a metade da árvore, não circule ela toda. Depois, faça o mesmo a uns dez metros de altura e, em seguida, corte nas laterais. Mas antes vamos pegar essas folhas grandes, dobrá-las e fazer uma bacia a fim de usarmos para recolher a seiva que sairá da árvore.

Logo que eles conseguiram arrumar onde guardar a seiva, Margom, em pouco tempo, fez o que Mitro pedira. A seiva começou a escorrer e eles recolheram o produto. Então, Mitro pediu para Gigante:

— Agora, descole esse pedaço de casca que Margom riscou.

Giante, sem dizer uma palavra, enfiou seus dedos por uma das frestas onde Margom tinha feito o talho e começou a puxar a casca, que foi descolando. Ela era bem grossa, com cerca de cinquenta centímetros de espessura, e bastante flexível.

Pouco tempo depois, tinham um pedaço enorme, curvado, parecia até uma canoa; mas com as pontas abertas não serviria para navegar.

Então, Mitro pediu para que Margom cortasse mais dois pedaços do outro lado da árvore, de modo que se eles encaixassem em cada extremidade. Em seguida, os guerreiros arrastaram os três pedaços para perto da água: uma das pontas da parte maior ficou dentro da água. Eles encaixaram uma das partes menores e, em seguida, Mitro orientou que derramassem a seiva na junção dos dois pedaços ao mesmo tempo em que fossem jogando água. Quando o líquido batia na seiva, ela começava a endurecer, soldando as duas partes, e assim fizeram com a outra extremidade. Pronto, tinham uma canoa gigante.

Suda ficou surpreso com a engenhosidade do amigo.

— Maravilha! Você realmente é criativo, mas como vamos nos guiar pela água?

— Há cerca de trinta minutos de caminhada, lá atrás, eu vi algumas carceiras, vão dar excelentes remos — respondeu Mitro.

Carceiras eram plantas que cresciam em formato de colheres, eram leves e bem resistentes. Eles retornaram e colheram algumas delas de tamanhos diferentes, de modo que cada um pudesse usar como remo conforme o tamanho adequado para si.

Navegaram por dez dias. Alimentavam-se basicamente de peixes e de algumas frutas que tinham colhido antes de embarcar e, para saciar a sede, usavam a água do rio. Amanhecendo o décimo primeiro dia, Mitro percebeu que a correnteza estava muito forte.

— Estamos indo rápido demais!

— Sim, muito bom! Se continuar assim, a viagem vai ser mais rápida do que pensávamos — comemorou Julcra.

Mitro discordou:

— Temo que isso não seja bom, meu amigo. Estamos muito ligeiros, isso é sinal de queda d'água muito grande. Rápido, remem para a margem, vamos tentar ancorar naquela curva do rio.

Chegaram até a curva sem conseguir alcançar a margem: estavam a cerca de quinze metros dela. A correnteza estava ainda mais forte e, para piorar, logo à frente viram uma imensa queda d'água que caía em pedras; seria morte certa se chegassem até ela.

— Não vamos conseguir! — exclamou Mitro.

Margom usou um encanto, criando um laço mágico que amarrou em uma árvore na margem.

— Vamos, me ajudem a segurar aqui.

Giante rapidamente agarrou no cajado e, em seguida, os outros largaram os remos e foram ajudar. Conseguiram arrastar o barco até a margem.

Ficaram ali por algum tempo até conseguirem se recuperar. Agora, só restava continuarem a viagem mais uma vez a pé.

Mitro achou melhor destruírem o barco improvisado para não deixar evidências. Giante tratou logo de pôr em prática a sugestão e, com facilidade, fez em pedaços a embarcação. Esses restos de madeira foram lançados na correnteza para que as águas cuidassem de espalhar o material.

Mitro disse:

— Bem, parece que teremos que retomar nossa caminhada. De qualquer forma, tivemos grande vantagem com esses dias de navegação, pois Súrigam não imagina que estejamos já tão distantes. Seus soldados ou espiões devem estar nos procurando bem mais atrás. Vamos seguir adiante sem perder tempo.

CAPÍTULO 23

Enquanto isso, os comandados pelo Imperador, inicialmente, faziam suas buscas bem mais atrás, obviamente sem encontrar nenhuma pista. Logo, Súrigam percebeu que algo estava errado, pois o grupo não poderia simplesmente ter desaparecido. Ele sabia também que não tinham chegado ao destino, já que todos os caminhos que levavam para a Floresta dos Elcas estavam bem vigiados em suas proximidades. Dessa forma, o Imperador tinha certeza de que o grupo ainda estava em algum lugar fora dos domínios da Floresta. Resolveu, então, reunir o maior exército que já tinha criado e intensificou as buscas, agora por uma área bem mais extensa.

Após mais dezoito dias de viagem, sem que os heróis aventureiros percebessem, enquanto eles repousavam, as árvores retorciam seus troncos, inclinavam seus galhos e até arrastavam pedras, bloqueando os caminhos existentes e abrindo uma nova trilha, forçando o grupo a seguir por onde elas queriam.

À medida que eles avançavam, as árvores continuaram a fazer isso por mais dois dias.

O mesmo estava acontecendo com o caminho que os soldados de Súrigam faziam. Enfim, essas misteriosas árvores é que determinavam os rumos tanto de nossos heróis quanto dos soldados até que, em certo momento, o pequeno grupo que tentava chegar à Floresta dos Elcas se viu cercado por frondosas árvores e percebeu que algo estava errado.

Sob o comando de Mitro, prepararam-se para a batalha. Então, as raízes dessas árvores começaram a sair do solo como se fossem pés. No alto de seus troncos surgiram olhos e bocas; os galhos pareciam ser braços. Algumas árvores começaram a se aproximar dos heróis. Eles rapidamente reagiram, cada um à sua maneira: Mitro desferiu golpes, cortando galhos; Margom invocou sua magia; os gêmeos trataram de ficar junto de Giate, pois este era o mais forte em uma luta corpo a corpo; enquanto Julcra e Suda ficaram próximos, um protegendo a retaguarda do outro. No entanto, Mitro logo percebeu que não estavam sendo atacados, pois em nenhum momento as árvores reagiram aos golpes desferidos por eles. Então gritou:

— Parem! Algo está estranho, elas não parecem querer lutar.

Eles abaixaram as armas ao mesmo tempo em que surgiu um pequeno redemoinho, trazendo pétalas de flores. Aos poucos, essas pétalas se juntaram e tomaram a forma semelhante a do ser espiritual que visitou Lara algumas noites atrás. Os guerreiros ouviram uma voz que dizia:

— Não temam, meus amigos, estou aqui por vontade do Grande Espírito. Fui enviado para guiá-los em sua jornada, afastando-os do caminho dos soldados do Imperador. No entanto, eles são muitos e, por mais que eu tenha distanciado os inimigos de vosso caminho, tudo está cercado agora. Portanto, invoquei meus últimos poderes para que essas árvores sejam vosso meio de locomoção e tentemos transpor a barreira. Mas estejam preparados, pois a qualquer momento poderá ser necessário enfrentarem o inimigo em uma batalha mortal.

As pétalas que davam forma ao Ser Espiritual começaram a cair por terra. Em seguida, as árvores se inclinaram para que cada um pegasse carona em uma delas. Eles foram acomodados no alto das copas, a fim de que ficassem o mais longe possível do alcance dos soldados inimigos que estavam nas proximidades.

Reiniciaram a viagem. Aproximadamente duzentas árvores cercavam as sete que carregavam cada um dos bravos aventureiros. Viajaram assim por mais trinta e cinco dias, até que foram encontrados pelos soldados do Imperador.

As árvores passaram por cima dos primeiros inimigos que tentaram enfrentá-las e despedaçaram os demais. Eram cerca de quatrocentos soldados que foram rapidamente destroçados e jogados longe. Quando esses soldados conseguiram se remontar, o grupo já estava bem distante.

Agora, Súrigam tinha conhecimento da localização do grupo, bem como de seu pequeno exército de apoio. Poucas horas depois, lá do alto de sua árvore, Suda pôde ver que, a alguns quilômetros à frente, vinham de encontro a eles algumas centenas de milhares de soldados.

— Preparem-se, amigos, pois vejo que o inimigo se aproxima com imenso exército.

As sete árvores que conduziam os heróis pararam, enquanto as demais continuaram avançando contra ao inimigo. Quando já estavam próximas do exército de Súrigam, elas formaram um paredão, unindo alguns galhos; com os outros, se defendiam dos soldados e os golpeavam, arremessando para longe muitos deles. A cada ataque, as árvores derrubavam dezenas de adversários. Contudo, eram muitos soldados e eles iam atacando suas raízes e galhos, lançando fogo sobre elas. Pouco a pouco, cada uma foi sucumbindo. Lá atrás, nossos heróis assistiam, impotentes, às árvores sendo derrotadas.

Mitro se dirigiu a Suda:

— Busque a melhor rota de fuga, não teremos nenhuma chance contra um exército tão grande.

— Já estou fazendo isso, mas tudo o que vejo são soldados surgindo em todas as direções. São milhares, estamos completamente cercados.

Após algum tempo, o cerco já estava a poucos metros do grupo. A situação nunca esteve tão desesperadora para eles, pois as chances de vitória contra um

exército tão grande simplesmente não existiam e eles ainda estavam muito distantes de alcançarem a proteção da Floresta dos Elcas. Os soldados abriram um caminho, fazendo um corredor por onde surgiu Súrigam, que se aproximou montado em um craco.

— Ora, ora, aí estão vocês! Como enganaram minha criatura antes, me fazendo acreditar que tinham morrido, resolvi vir pessoalmente me certificar de que, desta vez, não reste nenhuma possibilidade de um sequer permanecer vivo. Vim pegar o que me roubaram lá no Labirinto de Vitom. Entreguem e concederei uma morte com pouco sofrimento; resistam e tomarei o que me pertence de qualquer jeito, ainda acrescentarei a morte mais cruel e dolorosa que vocês nem sequer conseguem imaginar.

Margom tentou acertar o Imperador com sua magia, mas, antes que o raio disparado chegasse até Súrigam, ele, com um simples levantar de mão, dissipou o ataque.

Súrigam dá uma gargalhada debochada.

— Você me diverte achando que essa sua magia medíocre tem alguma chance contra mim. Sou o Herdeiro Supremo, o poder que corre em cada um de vocês está em mim ampliado muitas e muitas vezes. Você acha que isso aí é magia? Isso é magia.

Súrigam invocou um encanto, fazendo com que as árvores comessem a se esfacelar até caírem ao chão. Agora os sete aventureiros estavam cercados por milhares de soldados inimigos além do impiedoso Imperador. Aquele realmente parecia ser o fim.

Nisso, todos ouviram um barulho alto vindo da direção de onde as árvores foram derrotadas na batalha recente. Sentiram também um tremor de terra. Olharam naquela direção e avistaram uma montanha que surgia rapidamente. Novos tremores se sucederam e a montanha continuou ficando mais alta. Ninguém estava entendendo. Mais um pouco e perceberam que não era uma montanha o que estava surgindo; trata-se de algo que vinha se aproximando rapidamente, algo imenso e veloz. Os soldados do Imperador começaram a voar pelos ares. Agora mais próximos, todos já podiam perceber que o que se aproximava era uma criatura semelhante à que atacou os aventureiros enquanto navegavam pelo mar da calmaria.

Fora d'água, finalmente puderam ver o quanto essas feras eram imensas; nunca imaginaram que pudesse existir algo tão grande no planeta. Enquanto ela se aproximava, batia com seus tentáculos no solo provocando tremores. Com esses mesmos tentáculos, o monstro arrastava e jogava longe os soldados do Imperador que estavam em seu caminho. Eles tentaram enfrentá-la, mas pareciam insetos inofensivos diante daquela criatura magnífica.

Tanto Súrigam quanto os demais até esqueceram por um instante de seu enfrentamento, pois, com um monstro daquela magnitude vindo na direção deles, era difícil se preocupar com outra coisa. Já bem próxima, puderam perceber que, montada em um de seus tentáculos, estava a Fera. Esta saltou em direção ao Imperador. Porém, antes que ela conseguisse chegar até ele, Súrigam levantou suas duas mãos e fez um gesto como se estivesse pegando a Fera no ar e jogando por cima dele.

A criatura deu uma pirueta no ar, caindo de pé e deslizando de costas em direção aos aventureiros, com as garras cravadas no solo, tentando frear. Ela parou e já iniciou uma nova investida contra Súrigam, que invocou um encanto, disparando um raio de magia para conter o ataque da Fera.

Com dificuldade, o ser foi rompendo esse raio e continuou lentamente se aproximando de Súrigam, até que ele conseguiu fazer a Fera levitar e a arremessou com força ao chão.

A Fera se levantou um pouco atordoada, sacudiu a cabeça e já se preparava para nova investida quando a criatura monstruosa aproveitou que o Imperador estava de costas para ela e, com um de seus tentáculos, esmagou-o, fazendo espirrar sangue para todos os lados. Quando o ser levantou o tentáculo, tudo o que se via eram pedaços de carne esmagada e muito sangue; parecia o fim de Súrigam.

Mas não se iludam, esse é um inimigo muito poderoso para ser exterminado assim, com um único golpe. Na verdade, ele foi afundado para dentro do chão; o sangue e a carne esmagada que se via eram do craco que Súrigam montava.

Súrigam surgiu de dentro da terra, levitando. A criatura desferiu um poderoso golpe com um dos tentáculos, jogando o Imperador a vários metros para a esquerda. Ao mesmo tempo, o ser colocou-se entre ele e os aventureiros.

Em seguida, a criatura falou com o grupo:

— Não temam, meus amigos, sou eu, Fargo. A Fera me trouxe até vocês. Rápido, sigam por esse caminho que eu seguro Súrigam por enquanto. Corram!

A criatura, ou seja, o novo Fargo criou um túnel por baixo de seu corpo para que seus amigos pudessem ter uma rota de fuga protegidos dos soldados do Imperador. Enquanto isso, o próprio Fargo tratava de ocupar Súrigam para que ele não pudesse ir atrás dos aventureiros.

A Fera se curvou para que os guerreiros montassem nela e pudessem fugir mais rápido. Assim, todos o fizeram, exceto Gigante, que poderia correr muito rápido também.

Iniciaram a fuga: correram por baixo de Fargo e, quando saíram debaixo dele, o caminho estava livre de soldados, pois era exatamente por onde Fargo veio esstraçalhando tudo que estava à sua frente.

Os soldados que ainda restavam por ali seguiram o comando de Súrigam e deram a volta para irem atrás dos fugitivos, mas tanto a Fera quanto Giente eram bem mais rápidos e foram, a cada instante, se afastando mais.

Nesse mesmo tempo, o Imperador procurava passar por Fargo para ir atrás do que realmente o interessava, que era recuperar o objeto pendurado no pescoço de Margom. Contudo, Fargo o atacava violentamente. Logo Súrigam percebeu que a única solução seria enfrentar essa criatura monstruosa. Por isso, tentou dominar a consciência de Fargo, que riu do Imperador:

— Não me decepcione. Embora eu esteja com o corpo dessa criatura, a mente não é de ninguém irracional. Você não vai conseguir dominar minha mente; usarei esse corpo para te esmagar, seu verme infame.

E lá veio mais um tentáculo para esmagar o Imperador, mas, desta vez, antes que fosse atingido, Súrigam abriu seus braços e paralisou o ataque. Fargo colocou toda sua força para continuar o golpe. Eles ficaram por alguns instantes medindo força até que o Imperador conseguiu arrancar parte desse tentáculo. Fargo desferiu outros ataques que exigiram imenso esforço de Súrigam para contê-los.

Batalharam por mais de três horas; o Imperador já estava bastante cansado e com alguns ferimentos, mas levando vantagem, pois Fargo já se encontrava muito ferido. Parecia que nem esse monstro era páreo para Súrigam. Em uma última tentativa, Fargo deixou seu corpo cair sobre o Imperador, conseguindo abocanhá-lo junto com uma grande porção de terra. Pouco tempo depois, raios de luz começaram a surgir pela boca de Fargo e vários buracos foram sendo abertos até que seu corpo ficasse todo perfurado; era a magia de Súrigam fazendo esse estrago. Finalmente, a magnífica criatura foi derrotada. Seu corpo ficou sem vida, enquanto o Imperador saiu de dentro de sua boca e imediatamente foi em busca dos inimigos fugitivos. Estes, por sua vez, estavam com uma razoável vantagem.

Bem à frente, nossos heróis seguiam em disparada, mas Giente começou a ficar para trás; não conseguia mais acompanhar o ritmo de corrida da Fera, mesmo com ela carregando os demais na garupa. Então, a Fera diminuiu a corrida para esperá-lo, mas Giente pediu que continuassem:

— Não parem! Por favor, sigam, logo irei também.

Giente parou, exausto. Primeiro, colocou as mãos nas coxas e, em seguida, ajoelhou-se. Embora os mantros fossem criaturas muito resistentes, Giente vinha de uma jornada exaustiva, e essas horas de corrida forte acabaram de exaurir sua energia. Ele sabia perfeitamente que não iria continuar depois que seus amigos fossem, mas preferia assim. Contudo, Mitro também sabia que seu amigo não iria conseguir seguir sozinho.

— Negativo, não vamos abandonar ninguém, vamos te ajudar a seguir. — Falando agora com a Fera. — Nós seguiremos a pé enquanto você ajuda nosso

amigo a continuar.

Giante insistiu:

— Não sejam inconsequentes, vocês sabem que o importante é chegarmos com essa parte do amuleto a salvo na Floresta dos Elcas. Assim que me recuperar, eu sigo; sou forte, vocês sabem disso. Andem! Se seguirem sem mim, conseguirão atingir o objetivo pelo qual iniciamos essa jornada.

Mitro, mais uma vez, não aceitou.

— Negativo. Vamos, desçam todos da garupa da Fera. Iremos andando o mais rápido que pudermos com nossos próprios pés. Fera, ainda tem forças para ajudar nosso amigo a seguir?

A Fera também estava cansada e Giante era muito grande e pesado para que ela corresse com ele nas costas: mesmo sozinho o guerreiro era, sem dúvida, uma carga maior que todos os outros juntos. No entanto, a criatura ainda poderia apoiá-lo na caminhada. E assim ela fez: encostou-se a ele para que Giante se segurasse nela enquanto caminhava. Contudo, agora o ritmo de fuga era muito lento. Sem dúvida Súrigam os alcançaria se mantivessem esse passo. Não restando alternativa, seguiram em direção à Floresta dos Elcas.

— Vocês viram o que estava pendurado no peito do Imperador? — perguntou Mitro ao restante do grupo.

Suda respondeu:

— Sim, ele carrega consigo a última parte do amuleto, essa será a mais difícil de todas para recuperarmos.

Todos seguiam a passos lentos conforme Giante conseguisse acompanhar, apoiando-se na Fera. Ele mal trocava os passos de tão exausto que estava. À medida que andava, Suda ia sempre olhando para trás para ver se o inimigo aparecia no horizonte. Quando chegaram às margens de um pequeno rio, o árquo viu o que não queria.

— Vejo que os soldados do Imperador já se aproximam. Estão a poucos quilômetros de nós; logo, logo eles conseguirão nos avistar, é questão de tempo para eles nos alcançarem.

Giante parou de se apoiar na Fera e ajoelhou-se dentro da água.

— Eu insisto que sigam sem mim, assim somente eu serei pego. Se ficarem, todos morrerão. De que vai adiantar isso? VÃO!

A Fera empurrou Giante com a cabeça, fazendo ele se levantar e andar em direção à uma montanha logo à esquerda. Ela empurrou Giante por dentro do rio enquanto os demais ficam parados, olhando sem entender. A Fera fez gestos com a cabeça, como se chamasse todos para seguirem na mesma direção que ela. Então, Suda tentou falar com a Fera.

— O que está querendo? Essa não é a direção da Floresta dos Elcas, deveríamos atravessar o rio e seguir adiante. O que está planejando?

A Fera insistiu no gesto.

— Acho melhor segui-la, afinal, parece que ela sempre sabe de algo a mais que nós — disse Mitro.

Andaram cerca de duzentos metros por dentro do rio, com a água batendo um pouco acima da cintura do brino, até chegarem ao pé da montanha, onde o rio fazia uma curva. Então, a Fera rosnou, como se convidasse a todos para segui-la. Em seguida, mergulhou, nadando em direção às pedras da montanha. Todos hesitaram em segui-la até que Mitro tomou coragem.

— Vou dar uma olhada, esperem aqui.

O hulo mergulhou. Passaram-se cerca de dois minutos e nada de ele aparecer; os demais já estavam apreensivos quando o companheiro ressurgiu.

— Vamos, venham todos, um mergulho curto e, ao que parece, há uma grande caverna que nos dará abrigo até descansarmos e despistarmos Súrigam. Enquanto caminhamos pelo rio, não deixamos pegadas e, desse modo, eles não terão ideia de onde estamos. Sigam-me.

Mitro mergulhou e foi seguido pelos demais. Logo, emergiram em uma caverna que, estranhamente, não estava na total escuridão, embora não tivesse nenhuma entrada aparente de luz. A pouca luz que havia vinha de uma passagem mais adiante, em que deveria estar ainda mais escuro. Esse era o espaço onde estava a Fera, aguardando que todos a seguissem.

Lá fora, algum tempo depois, os soldados chegaram até onde havia pegadas, mas elas sumiram nas águas do rio. Os inimigos ficaram sem saber para onde seguir, pois não havia mais trilha.

CAPÍTULO 24

Dentro da montanha, o grupo ficou impressionado com o que viu: era uma caverna enorme, com imensas galerias em vários níveis. A iluminação era feita por pedras cravadas nas paredes; elas permaneciam sempre brilhando.

Era um mundo desconhecido, mas o que mais impressionou foi a descoberta de quem vivia ali. Ficaram por um bom tempo paralisados porque, diante de seus olhos, estava uma multidão de criaturas idênticas aos gêmeos.

Esses eram os mineradores. Carrinhos cheios de minério corriam pelos trilhos: ele era a matéria-prima para a criação das pedras de luz.

Assim que o grupo foi avistado, essas criaturas desapareceram para dentro das paredes, assustadas, deixando as ferramentas caírem pelo chão. A Fera, então, deu um rugido, e muitas cabeças começaram a sair de dentro das paredes.

De um lado, um grupo espantado e maravilhado com o que via; de outro, uma multidão ainda temerosa.

A Fera se aproximou de alguns deles, que saíram completamente da parede e acariciaram o focinho da criatura. Com isso, a Fera sinalizou para que o grupo de aventureiros avançasse; ninguém conseguiu falar nada.

Os gêmeos se aproximaram, estenderam a mão em direção à de dois garimpeiros e compararam as semelhanças. Dava para ver a fisionomia de satisfação de Aru e Ura.

— Então não somos os únicos, eu sabia! — exclamou Ura.

Um deles, chamado Jirá, o soberano dessas criaturas do subterrâneo, perguntou para Ura:

— Quem são vocês dois? São iguais a nós, mas não os reconheço, nunca os vi aqui.

— Nem sei se já estivemos aqui, mas olhe para nós, olhe para vocês... só pode ser daqui nossa origem.

— Mas então onde estiveram esses anos todos?

— Desde que me lembro, vivemos na Floresta dos Elcas, fomos encontrados por nosso mestre ainda bebês.

— E há quanto tempo foi isso?

— Já faz mais de setenta anos — respondeu Ura.

Outra criatura do subterrâneo chamada Fiori, que, no lugar de uma das pernas, tinha um pedaço de madeira, foi se aproximando com lágrimas nos olhos e abraçou Ura e Aru.

— Então estão vivos!

Ura e Aru permaneceram imóveis enquanto Fiori os apertava, sem entender o que estava acontecendo.

Aru disse:

— Bem... é o que parece, né! Estamos vivos. Mas acho que não por muito tempo se continuar nos apertando assim!

— Me desculpem! Mas é que pensei ter perdido os dois há aproximadamente setenta anos, o mesmo tempo que vocês acabaram de relatar terem sido encontrados; nunca mais sumiu ninguém dessas minas. Só podem ser vocês.

Aru, sem compreender, questionou:

— Não tô entendendo muito bem, podia explicar melhor?

— Eu tinha dois filhos com Majú. Os filhos ainda eram bebês. Há muitos anos, setenta e um para ser exato, uma grande enchente ocorreu em nossas galerias e provocou um deslizamento que atingiu minha casa, levando a gaiola em que vocês dormiam para dentro do rio subterrâneo. Sua mãe, tentando segurar, foi arrastada junto. Passamos dias procurando, mas não encontramos nada, até que sua mãe apareceu muito ferida e nos relatou que foi arrastada por muitos quilômetros para a superfície junto com os dois bebês. Então, ela teria que encontrar outro caminho para retornar para casa, pois pelo rio não seria possível subir contra a correnteza tão forte. Enquanto tentava voltar, foi atacada por uma criatura monstruosa que andava sobre quatro patas e tinha dentes afiadíssimos. O monstro dava grandes saltos, era de cor preta e tinha manchas verde-escuras...

— Parece ser um craco, muito ferozes e carnívoros... — disse Aru, interrompendo o relato de Fiori.

— Sim, era uma criatura muito feroz, Majú percebeu que não poderia fugir com os bebês, pois a fera era muito rápida. Por isso, ela escondeu os dois na vegetação, mas, antes que pudesse ir para longe, chamando a atenção do animal, foi atingida por ele e ali mesmo já perdeu muito sangue. Os bebês choravam dentro da moita, o que chamou a atenção da criatura selvagem, que começou a caminhar em direção aos dois. Então, Majú, mesmo sangrando, pegou um galho com ponta afiada e golpeou o animal. Este, por sua vez, voltou-se novamente contra Majú, saltando sobre ela. Os dois rolaram por um grande barranco e caíram no rio. Na queda, a fera teve seu coração perfurado pelo pedaço de madeira.

“Majú foi levada correnteza abaixo. Já era escuro quando ela conseguiu retornar até onde tinha deixado os filhos, mas eles haviam desaparecido. Não restou alternativa senão voltar para casa.”

“Nós a encontramos nas proximidades de nossas galerias, ainda na superfície. Ela mal pode nos relatar o ocorrido e não resistiu aos ferimentos.”

“Nunca mais soubemos dos bebês. Fizemos várias buscas, porém nunca encontramos nenhum vestígio de vocês. Então acabamos desistindo de procurar, pois evitamos contato com as criaturas da superfície, já que sempre soubemos que lá habitam seres horríveis.”

Margom entrou na conversa.

— Realmente, quando eu encontrei os dois ainda bebês havia marcas de luta e de sangue próximas, mas nada além disso. Como nunca tínhamos visto criatura semelhante, não restou alternativa senão cuidar deles, e fiz isso como se fossem meus filhos.

Fiori se aproximou de Margom.

— Então foi você que os salvou? Agradeço imensamente. Precisamos comemorar, hoje é dia de muita alegria. Convido você, criatura esquisita, mas de bom coração, para, juntamente com seus amigos, comerem e beberem em minha casa.

Margom achou graça de Fiori.

— Não sei bem se isso foi um elogio ou uma ofensa, mas aceitaremos um lugar para repousarmos, pois estamos vindo de longa e exaustiva jornada.

Fiori conduziu o grupo para sua casa, que obviamente era uma das escavações com suas devidas repartições. Essas criaturas subterrâneas alimentavam-se basicamente de raízes e criaturas aquáticas capturadas nos rios que cruzavam suas cavernas. Era uma culinária diferente da que os demais estavam acostumados, porém muito saborosa.

Assim, com exceção da Fera, que mais uma vez tinha desaparecido sem que ninguém percebesse, todos se alimentaram.

Embora tivessem muitas coisas para conversar, os viajantes estavam exaustos e precisavam repousar. Assim, resolveram adiar a conversa para depois de algumas horas de sono.

Cerca de oito horas depois, um a um foi acordando. Fiori e Jirá esperavam ansiosos para saber mais do mundo da superfície. No entanto, o primeiro a questionar foi Mitro.

— Não entendo uma coisa: se, como disseste ontem, sempre evitaram contato com os habitantes da superfície, como conheceram a Fera, uma das criaturas mais perigosas e assustadoras de lá? Não tem como olhar para ela pela primeira vez e não tremer.

Fiori respondeu:

— De fato, tremi quando a vi pela primeira vez; mas graças a ela estou aqui para contar a história para vocês. Ainda naqueles dias, quando meus filhos desapareceram, enquanto fazíamos uma das buscas, fomos surpreendidos por mais

uma monstruosidade da superfície. Ela caminhava pelo ar e tinha uma grande lâmina no rabo. Sua boca parecia ser uma pinça gigante feita de osso...

Mitro interrompeu a narrativa de Fiori:

— Acho que você está tentando descrever um gurto. O que você diz parecer uma caminhada pelo ar, nós chamamos de voar; e o que você chama de pinça gigante, nós chamamos de bico. O animal que tenta descrever seria mais ou menos assim?

Mitro, utilizando um pedaço de raiz, desenhou um esboço de um gurto no chão. Fiori olhou e reconheceu o desenho.

— Sim, se parece muito com esse desenho. Esse monstro tentou agarrar um dos nossos e levar embora. Nós o atingimos com pedras e o monstro soltou nosso irmão. Em seguida, ele parou de andar pelo ar. Nós todos procuramos nos esconder, mas, antes que eu conseguisse fugir, ele me acertou com a lâmina do rabo, cortou minha perna fora, eu caí ferido e o monstro pisou em cima de mim. Foi quando apareceu o Glorioso e afugentou o monstro.

— E quem é esse “Glorioso”? — perguntou Mitro.

— Esse que vocês chamam de Fera; nós o chamamos de Glorioso.

— Huum, e por que a Fera te salvaria se nunca tinham se encontrado com ela? — quis saber Mitro.

— Não sei dizer, mas o Glorioso apareceu como um fantasma, rosnando. O monstro até pensou em enfrentá-lo, mas logo percebeu que não seria uma boa escolha, então fugiu pelo ar. Eu estava tremendo, pois imaginei que ele simplesmente colocou o outro monstro para correr para ficar com o banquete que, no caso, era eu. Ele veio se aproximando e eu tremia, tentava me afastar rastejando, mas, num piscar de olhos, o Glorioso estava sobre mim, aproximou sua boca do que sobrou de minha perna e, ao invés de me devorar, ele parecia estar soprando. Saiu uma luz de sua boca, desmaiei e, quando acordei, já estava aqui dentro de nossas cavernas, com a hemorragia estancada.

“Contaram-me que, após algum tempo sobre mim, aquela criatura monstruosa foi, na verdade, a salvação: sem ela, o ferimento teria me matado. O Glorioso minimizou grande parte do estrago que o outro monstro tinha feito, então eu fui carregado para cá.”

“O Glorioso acompanhou o grupo, sempre muito atento aos nossos caminhos subterrâneos. Analisava tudo, parece que estudava nossas passagens para utilizar em seu proveito. E de fato isso vem acontecendo ao longo desses anos. Muitas vezes, o vemos descansando em alguma galeria ou utilizando nossos túneis como passagem. Ele já conhece praticamente todos os nossos caminhos, que são muito úteis para alguém da superfície: ao invés de subir montanhas ou fazer curvas

para desviar de caminhos difíceis, nossas galerias normalmente oferecem trajetos retos e bem menos cansativos, economizando energia e tempo...”

Mitro e seu novo amigo conversaram muito ainda. O grupo falou sobre o que estavam fazendo, sobre a longa guerra contra o Imperador, sobre as criaturas da superfície... Falaram muito a respeito da Floresta dos Elcas, tudo era muito interessante para Jirá e Fiori.

Foram horas de conversa. Jirá também falou muito de como viviam no subterrâneo, disse que não entendia porque o povo da superfície guerreava tanto; eu seu mundo não havia essas guerras.

Não fazia sentido lutarem tanto para dominar tudo se o planeta era tão grande e tinha lugar para todos. O ser não entendia por que as criaturas da superfície eram tão violentas.

Muitas outras coisas ainda foram conversadas, até que Mitro alertou que precisavam seguir viagem.

— Sei que ainda temos tantas e tantas coisas para descobrirmos uns dos outros, mas, infelizmente, agora temos que seguir nosso caminho. Imagino o quanto nossas famílias estão apreensivas sem saber onde estamos ou sem nem ter certeza se estamos vivos. Mas por certo que ainda poderemos nos encontrar muitas outras vezes, pois, como podem ver, nem todos são maus na superfície. Com vossa permissão, Mestre Jirá, teremos grande alegria de ainda podermos voltar aqui para visitar seu povo. E com maior alegria ficaremos se nos derem a honra de visitar nossas casas.

— Nossas portas estarão abertas para vocês, caro Mitro, mas será muito difícil irmos até a superfície. Nas poucas vezes em que lá estivemos, descobrimos que existem muitas criaturas más como as que nos atacaram.

— Não tenha a impressão errada, meu amigo, nem todos os lugares lá são perigosos. É porque estiveram em lugares afastados, onde vivem criaturas selvagens, o que é diferente de seres maus. Certamente, existem criaturas muito ruins, como o Imperador Súrigam do qual vos falamos, mas estas que lhes atacaram não são más...

— Como não são más se assassinaram Majú e aleijaram Fiori?

— Como disse, são selvagens, não más. Por exemplo: vocês capturam outras criaturas nas águas para se alimentarem. No entanto, não são ruins; apenas as capturam para se alimentar. O mesmo ocorre com esses seres que vos atacaram naquelas ocasiões. Para eles, vocês eram presas que serviriam de alimento, nada mais. Mas, quando estiverem nos visitando em nossas vilas, estarão seguros no que diz respeito a essas criaturas selvagens, pois elas não circulam por lá. Se por ventura aparecer alguma, estará sob o domínio de nossos amigos naturos, que as controlarão, tornando-as absolutamente dóceis. Mas enfim, o convite está feito.

Agora ficaríamos muito contentes se nos oferecesse um guia que pudesse nos mostrar o melhor caminho em direção à floresta da qual falamos.

— Mas claro que sim, meus amigos, será um prazer.

Imediatamente, Jirá mandou chamar um guia e eles começaram a se despedir, enquanto Aru e Ura ficaram parados. Então, Margom falou:

— E vocês? Vão ficar aí parados, meus pequeninos? Vamos.

— Mestre, sabemos que sempre cuidou de nós como verdadeiros filhos, e o temos como um grande pai também, mas Ura e eu sempre fomos diferentes de todos lá, sempre quisemos saber de onde viemos. E veja agora, aqui está nosso pai, ou melhor, nosso outro pai. Aqui vive nosso povo, sem guerras, sem a tristeza de ver tantos amigos sendo levados pela violência das batalhas. Nos perdoem, mas acho que esse é nosso lugar.

— Eu entendo, meus pequeninos; a saudade será grande, mas vocês têm o direito de escolher o que querem para suas vidas. — Lágrimas começaram a brotar dos olhos dos gêmeos. — Vamos, venham cá e me deem um abraço de despedida, tenho certeza de que não faltarão oportunidades para nos vermos.

Os dois deram um apertado abraço em Margom e ficaram ali agarrados por um bom tempo.

Margom também estava com lágrimas nos olhos, assim como os demais ali presentes, até que uma catinga insuportável tomou conta do ambiente. Suda torceu o nariz.

— Pelos céus, os pequeninos atacaram de novo com sua arma secreta. Qual dos dois terá sido desta vez?

— Eu não — disse Aru.

— Nem eu — rebateu Ura.

— Fui eu! — exclamou Fiori.

Todos olharam em sua direção e ele estava envergonhado, com o dedo levantado, se acusando.

Suda continuou:

— Nossa, que fedor! Ele é ainda pior que vocês dois, cruze! Sem dúvida vocês fazem parte da família.

Todos deram boas gargalhadas, e os gêmeos começaram a se despedir: Aru foi abraçar Gigante, que estava mais próximo, e percebeu que ele estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Ora, vejam só, o brutamonte destemido também é sentimental. Está chorando por mim, que honra, hihihihii!

E agarrou a perna de Gigante num abraço, afinal, era só ali que ele alcançava. Gigante passou a mão sobre a cabeça de Aru, assim, meio sem jeito.

— Não são lágrimas de emoção, é que essa catinga toda me fez chorar também.

— Sei, sei — disse Aru, ainda agarrado à perna de Gigante.

Enfim, os gêmeos se despediram de todos, deram um último e demorado abraço em Margom e, em seguida, se juntaram a Fiori enquanto o grupo, agora composto por apenas cinco dos oito que iniciaram a jornada, foi se afastando.

Já haviam caminhado por cerca de uma hora quando Mitro perguntou:

— Margom, estive pensando: você disse que nenhuma parte do amuleto poderia ser escondida abaixo da superfície, mas estamos andando há muito tempo nessas grutas e esse pedaço do amuleto não buscou a superfície. Como pode isso?

— É porque não estamos tentando escondê-la ou guardá-la aqui embaixo, por isso ela não buscou a superfície. Ela consegue sentir quais as intenções de quem a carrega. Acredite, esse objeto tem vida e inteligência...

Margom parou repentinamente de falar, pois teve a impressão de ter ouvido seu nome sendo chamado. Ele olhou para trás, mas nada viu.

— O que foi? Por que parou, amigo? — perguntou Mitro.

— Nada, nada... quer dizer... pensei ter ouvido aqueles dois pentelhos me chamando.

— Força, meu amigo, mal saímos e já está sentindo tanta falta deles que ouve vozes? Relaxa, tenho certeza de que vamos vê-los muitas e muitas vezes ainda.

— Mestre... ei, vocês, esperem por nós.

Agora puderam ouvir claramente que alguém chamava lá atrás. Então, surgiram Aru e Ura correndo em uma curva do caminho.

O grupo parou, surpreso, e ficou olhando enquanto os dois se aproximavam.

Eles alcançam o grupo e estavam esbaforidos, Ura mal conseguia falar.

— Ufa, alcançamos!

Margom estava feliz por vê-los, mas não queria deixar transparecer.

— Mas o que estão fazendo aqui? Mal ficaram longe de mim e já estão fazendo besteiras? O que foi agora?

— Nós vamos junto para a Floresta dos Elcas.

— Parem de besteira, a caminhada ainda é longa. Vocês já vêm de cansativa jornada e depois ainda terão que encarar o caminho de volta para o subterrâneo, vai ser muito exaustivo.

— Nós não iremos voltar, pelo menos não tão cedo. Voltaremos para cá novamente apenas quando o mestre vier conosco para visitar nosso outro pai.

— Como assim?

— Conversamos com nosso pai, o outro pai... ai, que confusão... enfim, conversamos com nosso pai do subterrâneo e chegamos à conclusão de que nossa vida é na Floresta dos Elcas. Lá é nossa casa, e viremos visitá-lo sempre que for possível. Ele também vai vencer o medo da superfície e vai nos ver sempre que der.

— Meu irmão está certo, não foi uma ótima decisão? Estou me sentindo tão alegre que parece que vou explodir...

Giante cortou a fala de Ura:

— Então sossega, porque sabemos qual é o fedor quando vocês resolvem explodir.

O grupo riu. Margom, querendo parecer durão, foi andando na frente.

— Vamos, andem logo! Temos muito caminho pela frente.

Os gêmeos correram e caminharam próximos, bem atrás do ilírio, que não resistiu e se virou.

— Ah, venham cá e me deem mais um abraço.

Margom solta uma gargalhada cheia de ternura, se abraçaram e seguiram a jornada.

Caminharam por mais sete dias pelo subterrâneo até que chegaram a uma saída já dentro da Floresta dos Elcas. Essa saída ficava entre pedras grandes, escondida por uma vegetação espinhosa que não era problema para as criaturas do subterrâneo atravessarem, já que podiam passar por dentro delas. Mas, para o restante do grupo passar, teriam que tirar os galhos cheios de espinhos, e isso seria ruim, pois deixaria a passagem descoberta.

Então, Margom invocou um encanto, fazendo com que os espinhos se afastassem. Todos agradeceram ao guia, que retornou para seu lar. Logo que os guerreiros tinham passado, os espinhos voltaram para o lugar.

CAPÍTULO 25

Embora estivessem dentro da Floresta dos Elcas, ainda se encontravam em um lugar isolado e tiveram mais três dias de caminhada.

Finalmente estavam a cerca de quatro horas de chegar à Grande Vila quando se aproximaram de dois hulos que ingeriam uma bebida alcoólica. O hulo que segurava a garrafa avistou o grupo, ficou olhando por um tempo e esfregou os olhos para ver melhor, pois não acreditava no que via.

— Eita ferro! Vou mais beber isso, não, já tô vendo coisas, segura aí para você. — Entregou a garrafa para o amigo.

— Vendo o quê?

— Hic! Olha lá, ó, pensei que era o grupo que saiu na jornada para resgatar a parte do amuleto.

— Eita! Hic! Hic! Também tô vendo! Essa porcaria deve estar vencida... mas acho que vou jogar fora, não, melhor ver fantasma do que ser cego, hehehe.

— Você também está vendo sete deles?

— Não, eu tô vendo catorze, tá tudo dobrado! Hic!

— Já, já somem, é alucinação nossa. Afinal estamos bêbados.

O grupo foi se aproximando e Suda, a poucos metros deles, os cumprimentou. O bêbado que estava com a garrafa perguntou para o outro:

— Alucinação fala?

— Acho que não, e também não sumiram, devem ser fantasmas mesmo.

— Fantasmas? Socorro!!!

Jogou a garrafa para cima e saiu correndo em direção à Grande Vila, seguido por seu amigo, que também fugiu. Os dois só pararam de correr quando encontraram um dos elcas e contaram o que viram.

O elca ficou em dúvida do que os bêbados tinham realmente visto, já que estavam visivelmente embriagados, mas preferiu averiguar. Algum tempo depois, o elca conseguiu localizar o grupo, que agora estava a menos de quarenta minutos. Foi tempo suficiente para que a notícia se espalhasse e, assim, uma multidão se formou na entrada da Grande Vila. Todos estavam ansiosos para saber se tinham logrado êxito na busca e também ter certeza de quem vinha exatamente, pois o que se sabia era que estavam voltando apenas sete dos oito que haviam partido.

Logo que surgiram no horizonte, alguns árguios conseguiram ver que quem faltava era Fargo, o que trouxe tristeza. Mas todos sabiam que o risco era grande quando partiram para a jornada.

Enfim, mais alguns minutos se passaram e o grupo chegou ao local em que a multidão os aguardava ansiosa. Mal se aproximaram e uma chuva de perguntas

foi feita, com todos falando ao mesmo tempo.

Formou-se um grande tumulto ao redor dos recém-chegados. Então, Latus invocou as árvores para que fizessem uma parede entre eles e a multidão. Galhos começaram a se trançar e foram rodeando os sete; logo surgiu uma redoma afastando a multidão. Os galhos, então, abriram um corredor para que o grupo seguisse em frente, enquanto Latus tentava acalmar a todos.

— ACALMEM-SE! Sei que todos estão ansiosos, mas ao menos deixem-nos acabar de chegar, organizemo-nos de tal forma que todos possam ouvir.

Assim, as árvores criaram um caminho até o centro de uma praça onde havia um coreto. Os sete, acompanhados por Latus, subiram no púlpito e, em seguida, se prepararam para contar as novidades a toda aquela multidão.

Mitro procurava por Lara, mas não a avistou. Então, perguntou a Latus:

— Não estou vendo Lara, onde ela está?

— Ela não deve estar sabendo ainda, não deu tempo de avisar a todos, provavelmente esteja em casa.

— Preciso vê-la agora...

— Eu sei que sim, meu amigo, vá lá...

Antes mesmo que o elca terminasse a frase, Mitro saiu em busca de seu amor. Seguiu a passos apressados; sentia o coração batendo na garganta de tanta ansiedade. Não havia cansaço ou qualquer outra coisa, pois o desejo de encontrar Lara tomava conta de todos os seus pensamentos.

Já no quintal da casa, avistou Samir, que colhia algumas folhas para fazer chá. Ela estava de costas para ele e, ao ouvir os passos apressados, virou-se com as mãos cheias de folhas.

A jovem gritou de susto, estremeceu, sentiu os pelos de seu corpo se arrepiarem e acabou deixando cair as folhas que segurava.

— Mas... mas... mas você não está morto?

— Ao que parece não, né?

— Mas...

— Estou bem, e preciso ver meu amor logo, senão vou acabar morrendo mesmo, mas é de saudade. Sabe se ela está aí dentro de casa?

— Sim, está... e os demais? Também estão vivos?

— Todos, exceto Fargo, eu acho. Não temos certeza se ele sobreviveu.

Mitro já começara a andar em direção à casa quando foi contido por Samir.

— Calma, não vá entrando assim, no estado dela pode ser perigoso!

— No estado dela? Como assim? Ela está doente?

Mais uma vez, Mitro tentou entrar, e novamente foi impedido por Samir.

— Não, ela não está doente, está muito bem de saúde. Porém, no estado de Lara, é melhor que não leve sustos, pode ser perigoso.

— Como assim? Que estado? Não estou entendendo.

Samir dá um riso maroto.

— Não vou estragar a surpresa, mas te aquiete aí que vou prepará-la com sutileza para recebê-lo.

— Não posso mais esperar, vou entrar.

— Eu te garanto que isso poderá ser uma péssima ideia, espere aí um pouco. — Samir foi entrando, olhou para trás e viu que Mitro estava prestes a vir também. — Olha lá, hein? Se vier, poderá causar muito mal a ela, e vai se arrepender para o resto de sua vida. Fique aí!

Mitro não entendeu nada, mas Samir foi tão enfática que ele resolveu obedecer. Lá dentro, com cuidado, Samir deu a notícia para Lara, que estava em uma banheira tomando um banho de espuma. Foram apenas alguns minutos que Samir ficou lá dentro, mas para Mitro parecia uma eternidade. Ele estava com os olhos fixos na porta, esperando que Lara surgisse. Quando a entrada finalmente começou a abrir, ele viu apenas uma mão. Mitro estava tremendo de nervoso e, para sua agonia aumentar ainda mais, quem surgiu foi Samir, e não Lara.

— Pronto, pode entrar, mas calma. Ela está na banheira, relaxando num banho de espumas.

Mitro entrou e seguiu em direção à banheira. Lara estava de costas, sentada na espuma até a altura do ombro.

— Meu amor, eu voltei para você!

Lara se levantou de costas; estava nua, mas seu corpo se encontrava escondido pela densa espuma do banho. Então, ela vira apenas a cabeça, olhando por cima do ombro, e abriu um grande sorriso. Mitro ficou paralisado, parecia que era a primeira vez que via aquele rosto tão lindo.

— Vem! Abrace-me e beije-me, meu amor.

Lara permaneceu de costas. Mitro chegou para envolvê-la em seus braços e acabou batendo as pontas dos dedos na barriga dela, pois a espuma não permitiu que ele percebesse que sua amada estava gestante.

— Mas?

— Sim, meu amor, vamos ter um bebê.

Lara se virou e os dois se beijaram ardentemente. Ficaram um bom tempo nesse beijo; só depois ela começou a tirar a roupa dele e os dois entraram na banheira. Trocam muitas carícias e, após muito tempo, conseguiram realmente começar a conversar. Ela contou a ele algumas coisas sobre sua gravidez, mas deu poucos detalhes, e ele narrou para sua amada particularidades da aventura.

Os dois ficaram ali na banheira por mais de duas horas.

Enquanto isso, na praça central, o restante do grupo estava relatando à multidão todos os detalhes da jornada.

Todos riram muito quando os gêmeos contaram como conseguiram vencer o Labirinto de Vitom e como ainda fizeram chacota com ele. É claro que relataram a maneira como enfrentaram cerca de cinquenta soldados do Imperador sozinhos, até que o resto do grupo chegasse para ajudá-los, exagerando em sua bravura, lógico.

Enfim, o grupo narrou em pormenores toda a aventura. Suda destacou que, nessa jornada, todos foram importantes, mas os grandes heróis foram os gêmeos e, principalmente, Fargo.

— Por ter se sacrificado para salvar seus amigos, por mais de uma vez, inclusive, nunca deveremos esquecer-nos de Fargo, um dos mais notáveis naturos que esse mundo já viu. Ou melhor, um dos mais notáveis, não: o maior naturo que já existiu. Um viva para nosso amigo que nunca será esquecido. Viva! Viva!

Suda disse isso levantando seu punho cerrado enquanto gritava viva. Logo a multidão fez o mesmo, homenageando Fargo.

CAPÍTULO 26

Voltando para a casa de Lara, agora o casal já estava vestido. Ela puxou Mitro para fora.

— Venha comigo, tenho muitas novidades que ainda não te contei.

— Novidades? Então conte!

— Venha!

Ela o chamou, dando um sorriso encantador. Mesmo se não houvesse nenhuma novidade para ser contada, Mitro certamente não resistiria à jovem, pois ele a amava mais do que a própria vida. Com aquele sorriso, ela poderia pedir qualquer coisa que seria atendida.

Do lado de fora da casa, existiam duas grandes pedras; a árguia sentou em uma delas.

— Vamos, meu amor, sente-se nessa outra pedra.

Mitro sentou-se.

— Humm, não está bom assim, estamos muito longe. Traga essa pedra aqui para perto de mim.

— Hahahaha, engraçadinha. Mesmo sendo bastante forte para um hulo, bem sabe que não conseguiria levantar essa pedra. Um mantra, sim, poderia, mas...

— Eu te ajudo.

— Ainda assim não conseguiríamos. Você está fazendo graça comigo, né? Só que eu ainda não entendi.

Lara levantou-se e foi até ele.

— Vamos, levante-se e levaremos a pedra até junto da minha, te quero sentado bem pertinho de mim.

— Não conseguiremos. Diga logo, meu amor, o que está armando? Estou ansioso.

— Está bem. Permaneça sentado, mas com os olhos fechados.

Mitro continuou olhando para ela.

— Vamos, feche os olhos.

Mitro tapou os olhos com as mãos e, fazendo graça, deixou os dedos entreabertos, espiando.

— Vamos, meu amor, deixe de graça, feche seus olhos.

— Está bem.

— Não use as mãos para tapar os olhos, apenas feche-os. As mãos você precisa usar para se segurar na pedra. E não importa o que sintam, não vale espiar, hein? Senão passarei dois dias sem te dar um beijo sequer... ou melhor, dois dias, não, porque eu também não aguentaria. — Os dois riram. — Hummm, deixe-me

ver.... ficarei duas horas sem pegar na sua mão, vamos ter que nos beijar sem nos abraçar. — Ri carinhosamente.

— Castigo muito pesado...Vou te obedecer, prometo que não vou olhar.

— Lá vai, segure-se firme e lembre-se: não importa o que aconteça, apenas abra os olhos quando eu mandar.

— Ok!

Lara, então, levantou a pedra na qual seu amado estava sentado juntamente com ele e a levou até perto da sua. Ela ainda estava segurando alto sobre sua cabeça. Mitro sentiu o chão sumir de seus pés e, embora quisesse muito abrir os olhos, não o fez, pois tinha prometido à sua amada.

— Pronto, abra os olhos.

Mitro se espantou. A primeira sensação que teve era de que a pedra estava flutuando, e ficou mais espantado ainda quando olhou para baixo e viu que era Lara quem a segurava.

— Mas... mas... mas...

— Hahahaha! Viu? Você não quis me ajudar, eu trouxe sozinha.

— Mas...

— Te falei que muitas coisas aconteceram e que tenho muito mais ainda para te mostrar.

— Mas como pode? Você está tão forte quanto um mantro.

Lara colocou seu amor no chão.

— Na verdade, agora estou muito mais forte do que um mantro, e a cada dia ficando mais forte.

— Mas como?

— Como? Contarei depois, primeiro vou te mostrar as outras novidades. Prepare-se para grandes surpresas, hihihih. Hum, vejamos... — Lara olhou ao redor, procurando algo. — Tá vendo aquele pedaço de galho ali no chão?

Lara estendeu sua mão direita em direção ao galho e, alguns segundos depois, ele começou a levitar e veio até sua mão. Mitro estava tão espantado que nem percebeu um gurto que acabara de pousar logo atrás deles. O gurto agora já estava tão perto que Mitro pôde sentir a respiração do animal em suas costas. Ele deu um salto e empunhou a espada, afinal, aqueles eram animais agressivos, que normalmente não estariam ali.

— Fique atrás de mim, não se pode brincar com um desses. Mas o que um gurto faz aqui no meio da vila sem que um naturo tenha chamado? Cuidado, meu amor, para trás.

Mitro estava apontando a espada para o animal.

— Calma, meu amado, fui eu quem o chamou até aqui.

— Você?

— Sim, estou mais forte do que um mantro, tenho a magia dos ilírios, domino as feras tal qual os naturos, veja.

Lara arremessou o pedaço de madeira bem alto e gritou para o gurto:

— Pegue!

O animal partiu velozmente em busca do galho. Ele estava tão perto de Mitro que esbarrou nele ao alçar voo e quase o derrubou. Logo em seguida, a criatura retornou com o galho no bico e colocou-o aos pés de Lara. Mitro estava muito impressionado, tanto que nem conseguia falar; permaneceu ali, boquiaberto. Lara empurrou o queixo dele, fechando a boca.

— Cuidado, senão vai acabar engolindo algum inseto. — Ela solta uma gargalhada gostosa.

— Mas como pode isso tudo?

— Calma! Tudo ao seu tempo. Quando eu te mostrar tudo o que posso fazer, te conto como aconteceu.

— Ainda tem mais?

— Mas é claro.

Lara mandou o gurto embora, pegou o pedaço de madeira que estava aos seus pés e o entregou para Mitro.

— Pegue e afaste-se uns dez metros, por favor — Mitro caminhou com o pedaço de madeira na mão. — Aí está bom. Agora, eu irei virar de costas e você joga esse pequeno galho em mim.

— Ah, não, isso não posso fazer.

Lara já estava de costas. Então, ela olhou por cima do ombro e, com aquele sorriso irresistível, pediu:

— Vamos, confie em mim, me acerte com esse galho assim que eu olhar para frente.

— Ok, me diga quando devo jogar.

— Saber quando você iria jogar ia ser muito fácil, não teria graça, jogue quando você achar que deve. — Mitro ficou hesitando em jogar. — Hummm, pode ser quando você achar que deve jogar, mas temos outras coisas para fazer, não precisamos levar o dia todo nisso né?

Após Lara dizer isso, Mitro arremessou o galho em direção à Lara, mira certa. Porém, instantes antes, ela virou-se e segurou o objeto.

— Digno dos melhores brinos isso, não é? hihih. Tenho todas as habilidades de cada uma das seis raças, e sendo ampliadas a cada dia. Além do que já te mostrei, ainda posso ver tão longe quanto os árguios machos e minha perspicácia não deixa a desejar a nenhum hulo.

— Mas explique logo, como conseguiu tudo isso?

— Muito bem, agora, sim, chegou a hora de contar, mas a história é um pouco longa, então nós iremos para um lugar que eu amo, no alto daquela serra. Vamos voar até lá.

— Voar?

— Sim.

— Como?

— Já providenciei nossa carona.

Lara apontou para um crios que se aproximava.

O crios pousou próximo dos dois e a jovem fez um carinho logo abaixo de seu bico; ele ficou todo arrepiado, os crios simplesmente adoravam esse carinho. Em seguida, o animal abaixou-se para que os dois pudessem montar. Lara sentou na frente e Mitro logo atrás, coladinho nela.

Eles iniciaram o voo. Antes de chegarem ao destino, Lara ordenou que o crios passasse perto de uma cachoeira onde ela havia feito passeios constantes para sentir a água respingando em seu corpo. Depois, finalmente chegaram no alto da serrana qual caía a água daquela cachoeira.

É um vale lindo, com um rio de águas cristalinas, muitas árvores, vários pássaros e borboletas coloridas, diversas flores fazendo um espetáculo de cores. Eles pousaram sobre uma grama macia, que crescia apenas ali e parecia veludo. Lara liberou o crios, que saiu voando. Ela sentou em uma pedra na beira do rio e colocou os pés na água.

— Venha para pertinho de mim. Esse lugar não é lindo? Amo vir aqui, já vim várias vezes, mas nunca foi tão bom quanto hoje, porque você está ao meu lado.

Lara fez um carinho na face de Mitro e os dois se beijaram.

— Agora me conte como você ficou assim, senão vou acabar explodindo de curiosidade.

— Bem, tudo começou na noite de nosso casamento. Lembra-se de quando fugimos da festa para nos amarmos?

— Sim.

— Então, lembra que, em determinado momento, disse estar com a sensação de estarmos sendo observados?

Mitro pensou um pouco e balançou a cabeça positivamente.

— Então, naquele mesmo instante, os elcas recebiam uma visita... — Lara contou toda a história, desde o dia em que os elcas tiveram sua amostra de DNA retirada do corpo até a última visita do enviado durante seus sonos.

— Então você é a Herdeira Suprema?

— É o que parece...Tenho todos os poderes de cada raça e estão aumentando a cada dia.

Depois de tudo narrado, os dois ficaram horas namorando naquele lugar maravilhoso, matando toda a saudade. Já era escuro quando voltaram para casa, mais uma vez montados em um crios.

CAPÍTULO 27

Passaram-se mais cento e vinte e sete dias desde que o grupo chegou da aventura. Nesse período, nada de muito anormal aconteceu, nem em relação à gestação de Lara nem à luta contra o Imperador; até que, no ducentésimo octogésimo dia de gestação, cerca de vinte dias antes do normal para uma árguia, Lara estava na sala acariciando sua barriga enquanto Mitro preparava um chá. Era uma tarde bastante chuvosa: muitos raios, vento forte. O tempo estava tão fechado que o dia estava escuro, parecendo noite. A todo instante entreva um clarão provocado pelos raios e o barulho dos trovões parecia assustar o bebê. Por isso, Lara estava acariciando a barriga na tentativa de acalmá-lo.

— Shiu, shiu, acalme-se, meu anjo, é só uma chuva. Não se preocupe, meu amor.

O vento forte fez abrir uma janela perto de onde Lara estava sentada, e a rajada de ar que entrou derrubou algumas coisas que estavam sobre a mesa. Mitro, que estava no fogão, virou-se para fechar a janela, mas Lara logo se levantou.

— Deixa que eu fecho, meu amor, estou aqui do lado.

Então Mitro junta as coisas que tinham caído enquanto Lara foi até a janela. Ela fechou um dos lados e já estava partindo para o outro quando um raio caiu bem rente à janela, provocando um grande estrondo. Lara foi jogada para trás, caindo desacordada. Até Mitro, que estava mais distante, ficou atordoado com a descarga elétrica, mas isso não o impediu de correr em direção à sua amada.

— LARA!

Mitro pegou Lara no colo e sentiu seu braço molhar. Concluiu que ela estava sangrando. Desesperado, levou a amada até a cama, a segurou pelos ombros e tentou falar com ela. Sua voz saiu misturada com choro e desespero.

— Lara! Vamos, fala comigo, meu amor. Acorde, por favor! SOCORRO! SOCORRO!

Mitro gritava, mas logo percebeu que, com o barulho daquela forte chuva, dos vento e dos trovões, ninguém iria ouvi-lo. Então, ele deixou Lara na cama e saiu correndo para buscar ajuda. A primeira casa em que ele chegou foi a de Samir. Esmurrou a porta com força ao mesmo tempo em que a chamava pelo nome. A jovem, assustada com o desespero do amigo, atendeu.

— Que foi, Mitro? O que está acontecendo?

— Lara, foi Lara, ajude, por favor!

— Lara o quê? Fale, hulo!

— Ela foi atingida por um raio, está desacordada e sangrando, me ajude.

— Pelo Grande Espírito, onde ela está?

— Lá em casa, vá até lá e tente estancar o sangramento enquanto vou atrás de mais ajuda.

Enquanto Samir foi até Lara, Mitro saiu gritando por socorro. Então, surgiu Latus. Mitro contou o ocorrido.

— Pois então volte para junto dela que eu providenciarei a ajuda necessária.

Assim, Mitro retornou para casa enquanto Latus chamou outras árguias para ajudar a curar os possíveis ferimentos. Mitro chegou em casa e entrou correndo, deixando a porta aberta. Dessa forma, o vento alcançou até o quarto onde Lara estava deitada.

Samir gritou:

— Feche essa porta! Não vê que o vento está muito forte?

Mitro voltou e fechou a porta.

— Como ela está? Acordou? Conseguiu estancar o sangramento?

— Calma! Uma pergunta de cada vez. Ela está viva, ainda está desacordada e não estanquei nenhum sangramento.

— Pelo Grande Espírito! Ela vai perder muito sangue assim, faça algo.

— Não tem nada para fazer quanto ao sangramento...

— Como não? Você tem o poder da cura...

— Acalme-se. Não tem sangramento nenhum.

— Claro que tem, pois me molhei com o sangue dela quando fui pegá-la no colo, ela estava pingando.

— Olhe para suas mãos e veja, não tem sangue nenhum nelas. É verdade que Lara estava pingando, mas não era de sangue: era o líquido amniótico; foi a bolsa de seu útero que estourou, vamos ter que fazer o parto.

Nisso, alguém bateu à porta. Mitro foi abrir apressado. Era Latus, que se dirigiu para o quarto.

— Pronto. Já, já a ajuda chegará.

— A bolsa dela estourou, o bebê vai nascer — disse Mitro.

— Mas já? Não está na época ainda... e o sangramento como está?

— Não era sangue, era o líquido amniótico, no desespero, eu me confundi.

— Mas acho que faltam alguns dias ainda para completar a gestação, não é, Samir? — perguntou Latus.

— Sim. Mas não podemos esperar, estou tentando posicionar o feto para fazermos o parto. — Com as mãos posicionadas sobre o ventre de Lara, a árguia usava seu poder de cura para influenciar a posição do feto. — Mas não sou parteira. Chamem uma com urgência. Precisaremos acordar Lara também, isso facilitará o trabalho de parto.

— Pedi para que meus irmãos tragam Matiacam. Ela é a melhor parteira que temos. Irei providenciar para que Lara acorde; se ela tiver condições de ficar consciente ao cheirar esse pó, ela acordará.

Latus fez brotar de suas mãos uma pequena quantia de pó verde. Em seguida, colocou-o no nariz de Lara. Logo depois, a árguia deu uma respirada profunda como se estivesse saindo de dentro da água; logo, Lara arregalou os olhos e tentou se levantar, assustada. Latus segurou-a pelos ombros, fazendo com que ela permanecesse deitada, pois a jovem estava muito tonta.

— Acalme-se...

— O que houve?

— Parece que você foi atingida por um raio...

— Meu bebê? — Lara levou as mãos ao ventre e tentou mais uma vez se levantar, mas foi contida novamente por Latus. Com as mãos, sentiu que o bebê estava se mexendo e ficou aliviada por ver que ele continuava vivo.

— Teremos que fazer seu parto, a ajuda já está a caminho — disse Latus.

— Mas ainda faltam uns vinte dias, não está na hora de eu dar à luz.

— Sua bolsa estourou, amiga, deve ter sido consequência da descarga elétrica. Teremos que adiantar; mas não se preocupe, tudo dará certo. Agora se acalme, estou tentando posicionar o bebê para fazermos o parto.

Alguns minutos depois, chegaram mais duas árguias e Matiacam. As outras duas árguias ajudaram Samir com o posicionamento do feto, enquanto Matiacam pediu para Mitro providenciar toalhas quentes e uma bacia com água.

Lara estava perdendo a consciência novamente. Por isso, Samir deu leves palmadas na face da amiga.

— Ei, Lara, acorde, vamos! Fique comigo, Lara... Lara... Latus, rápido, o pó, ela está desmaiando novamente.

— Não dá, não posso utilizar tanto assim, a mataria.

— Fique comigo, amiga; fique firme, por favor, seu bebê precisará de sua ajuda para nascer. VAMOS, REAJA!

Samir sacodiou Lara, que voltou a abrir os olhos, ainda muito fraca e tonta. Mitro chegou com a bacia e as toalhas. Suda veio ver o que está acontecendo.

Matiacam avaliou a posição do feto.

— Hummm! Parece que ainda não está na posição ideal, mas, dado o estado dela, precisamos começar logo os trabalhos enquanto Lara ainda consegue ajudar com seu esforço. Vamos, minha querida, vou precisar que você faça força para expulsar seu bebê, estamos aqui todos para te ajudar.

Matiacam ajeitou Lara de forma que facilitasse o parto e se posicionou para receber o bebê. A senhora pediu que Lara fizesse força enquanto as árguias usavam seu dom de cura, que servia também para ajudar no parto.

Já estavam há mais de uma hora tentando. Por vários momentos, Lara começou a perder a consciência. Mitro, que estava apoiando a cabeça de sua amada no colo, ficava chamando ela de volta, tentando evitar que Lara se fosse. Ele sacodia sua cabeça, abanava seu rosto e ia passando uma toalha com água fresca na testa dela.

Lara, com a voz trêmula, confessou:

— Eu não aguento mais...

— Aguenta, sim, você é a Herdeira Suprema, lembra? Força, meu amor! — disse Mitro.

Matiacam viu a criança que começava a nascer.

— Está vindo! Vamos, meu anjo, só mais um pouquinho, FORÇA!

Lara fez um último esforço, tirando forças nem se sabe de onde e solta um grito.

Finalmente o bebê nasceu, e o choro encheu toda a casa. Já não chovia tanto e nem havia trovões; agora caía apenas uma leve chuva.

— É um menino — disse Matiacam.

Logo, a senhora começou os cuidados com o cordão umbilical.

— Viu, meu amor, conseguimos, você conseguiu, temos um menino.

— Cuide dele por nós, e diga que eu o amei muito — sussurrou Lara.

Mitro sentiu a mão de sua amada, que segurava a sua, afrouxando, e os olhos se fecharam.

— Fique comigo! — Mitro sacudiu Lara, tentando abrir seus olhos com as mãos.

Suda procurou pela pulsação da árguia e percebeu que ela já não tinha mais pulso. Verificou a respiração e nada. Mitro ficou de joelhos ao lado dela. Continuou tentando acordá-la, mas Suda, sabendo que já não era mais possível, puxou o amigo, abraçando-o.

— Pare, meu amigo, ela não suportou.

— NÃO! Ela só está desmaiada, deixe-me acordá-la.

Mitro tentou sair dos braços do amigo para mexer com Lara, mas Suda o segurou firme.

— Infelizmente não podemos fazer mais nada por ela.

— NÃO! Não é justo. Por que isso, Grande Espírito? Não tire ela de mim. Por favor!

O bebê continuava chorando.

Suda disse:

— Controle-se, agora essa criança que acaba de nascer precisará muito de você.

As árguias também choravam, mas principalmente Samir e Mitro. Suda e Matiacam seguravam o choro para tentar dar força a Mitro. Apenas Latus não esboçava nem um choro, embora estivesse muito triste; os elcas não sabiam chorar, não fazia parte da natureza deles.

Ficaram ali por alguns minutos, numa tristeza profunda. Matiacam, então, para tentar consolar Mitro, se aproximou com o bebê.

— Veja, meu jovem, ela ainda vive aqui nessa criança linda que vocês tiveram. Cuide desse bebê e estará cuidando de sua amada.

Matiacam entregou a criança nos braços de Mitro. Ele segurou seu filho, em prantos, e se aproximou do corpo de Lara.

— Veja, meu amor, aqui está nosso bebê, sinta seu corpo ao menos uma vez.

Mitro colocou o recém-nascido de bruços sobre o busto de Lara. As lágrimas dele escorreram sobre o corpo dela: o hulo estava chorando alto e em desespero enquanto segurava a mão direita da amada. A cena era tão triste que Matiacam e Suda não conseguiram conter as lágrimas, que escorreram silenciosas sobre suas faces.

— Ela ainda está viva! — exclamou Mitro.

— Sim, agora ela vive no filho de vocês...

— Não é isso, Matiacam! Ela está viva mesmo, vejam, está apertando minha mão. — Ele ergueu a mão para mostrar, e realmente Lara segurava firme. — Vejam, não disse?

Todos ficaram espantados e alegres. Fixaram os olhos na mão de Lara por tanto tempo que nem perceberam que as mãozinhas do bebê permaneciam espalmadas sobre o corpo da mãe, emitindo uma luz no exato momento em que Lara abriu os olhos.

A luz das mãos da criança desapareceu e Lara acordou.

— Meu filho? Eu o ouvi me chamando.

— Veja nosso filho — disse Mitro enquanto Lara acariciava a cabeça do bebê, que estava deitado sobre seu corpo. — Pensei que tinha morrido.

— Eu, morrido? Não! Estou bem, eu acho. Sinto-me como se tivesse acabado de acordar, mas estou me sentindo ótima.

Mitro agora chorava, mas de alegria. Ele beijou Lara. Todos ficaram eufóricos.

— Você estava me chamando? Voltei para você, meu bebê!

Enquanto Lara conversava com o seu filho, tentou sentar-se para pegá-lo nos braços, mas Mitro não deixou.

— Melhor permanecer deitada, você sofreu muito nesse parto. Precisa repousar, quase morreu. — Dizendo isso, Mitro pegou o filho no colo.

— Eu quase morri? Estou ótima.

— Como isso é possível? Tenho certeza de que não havia pulso nem respiração. Não faz sentido ela estar assim tão bem. Não entendo o que aconteceu, minha filha.

— Aconteceu que meu filho nasceu e eu estou me sentindo muito feliz.

— Mas você parecia morta.

— Devo ter desmaiado. Tudo o que me lembro é da dor durante o trabalho de parto. Depois, meus olhos fecharam e tudo ficou escuro, não ouvi nada e nem senti mais nenhuma dor. Estava um silêncio absoluto; não sabia o que fazer: parecia que todos tinham sumido, eu não via nada, não sentia nada, não ouvia nada. Então a escuridão foi dando lugar à luz, mas eu continuava sem sentir ou ouvir nada. Parecia flutuar para um lugar distante, onde alguém ou alguma coisa me chamava. Quando senti uma sensação maravilhosa, era o calor das mãos de meu filho grudadas em meu peito, me puxando para voltar. Comecei a sentir um tremor por todo o meu corpo e, em seguida, ouvi o som de uma voz que parecia ser de uma criança e também senti a mão de Mitro que segurava a minha. Segurei forte nela e acordei. Acho que foi isso.

— Que maravilha que tenha voltado, pois tenho certeza de que algo de anormal aconteceu. Estou convicto de que você não estava viva, eu verifiquei seu pulso.

Matiacam argumentou:

— Não se esqueçam de quem ela é. Não é ela a Herdeira Suprema? Então ela tem algo grandioso ainda para fazer, não poderia nos deixar antes que se cumpra a profecia, que é liderar todos os povos de Primus, trazendo novamente a paz para todos os lugares deste mundo.

— Deve ser isso, milagre do Grande Espírito — disse Latus.

— Deixe-me sentar, estou ótima e quero segurar meu filho nos braços.

Lara sentou-se na cama e Mitro, com cuidado, entregou o bebê nos braços dela. Ele ajoelhou-se na cama atrás de Lara e a abraçou, segurando por baixo dos braços da jovem. O hulo colocou seu queixo sobre o ombro direito da amada e beijou seu rosto. Ficaram ali desfrutando de grande alegria. Todos estavam muito felizes, pois há pouco tempo parecia que seria um dia de grande tristeza, e agora era só felicidade.

Após um bom tempo, todos saíram e espalharam a notícia sobre o nascimento do filho da Herdeira Suprema.

Permaneceram juntos com a nova mãe e o recém-nascido apenas Suda, Mitro e Samir.

Durante a noite, tanto a mãe quanto o bebê passaram muito bem: a criança acordava apenas para mamar. Quem não conseguiu dormir foi Mitro, que ficou ali

babando de orgulho e amor, olhando para Lara e seu filho.

No início da manhã, tinha uma multidão do lado de fora da casa esperando para conhecer a criança, afinal, aquele não era qualquer bebê: era o filho da Herdeira Suprema. Todos estavam curiosos para saber como era o menino, pois, além de ser o filho da Herdeira Suprema, era também o filho de uma árguia com um hulo, e isso na história só havia acontecido com outro casal até então, há muito tempo.

Logo que Mitro soube da multidão que aguardava ansiosa para ver seu filho, enquanto Lara permaneceu deitada repousando, ele saiu com a criança nos braços, subiu em uma mesa e, orgulhoso, levantou a criança para que todos pudessem ver. Ouviram-se muitos aplausos e assovios.

— Este é meu filho, mas principalmente o filho de Lara, a Herdeira Suprema, ou melhor, meu único e grande amor. — A multidão aplaudiu novamente — O nome desta criança foi revelado em sonho para Lara: deverá ser chamado de Amarode, que significa “o Grande Filho”. — A multidão ovacionou novamente.

CAPÍTULO 28

Já era metade da tarde do dia seguinte quando Mitro saiu gritando:

— LATUS! LATUS!

Um dos elcas surgiu do chão, em meio a algumas folhas.

— O que foi, meu amigo?

Mitro estava muito agitado; segurou na mão de Latus e saiu o puxando para sua casa.

— Venha rápido!

— Calma, hulo. O que está acontecendo?

— É Lara...

— O que tem ela?

— Ela não está conseguindo fazer nada.

— Desmaio novamente?

Mitro foi puxando Latus pela mão a passos largos.

— Não, ela está de pé, mas não consegue fazer nada.

— Está paralisada?

— Está andando, ela está normal, não consegue fazer nada...

— Quê? Como assim?

Mitro continuou a passos largos, puxando Latus, sem explicar com clareza o que estava acontecendo. Próximos da casa, os dois avistaram Lara, que estava do lado de fora, em pé, com os braços estendidos.

— Veja, lá está ela — disse Mitro.

Latus, aproximando-se de Lara com certa cautela, questionou:

— Lara? Está sentindo algo?

— Não estou sentindo nada, estou normal, não sei mais o que fazer.

— E isso não é ótimo? Você está se sentindo normal.

— Como pode dizer isso? É horrível!

— Puxa, Mitro me deixou confuso, esperava que você me esclarecesse, mas agora é que bagunçou tudo mesmo. Como pode ser horrível se sentir normal?

— Sou a Herdeira Suprema, não sou?

— Sim, claro que é.

— Então, a última coisa que eu poderia ser agora era uma árguia comum; não estou conseguindo fazer nada de especial, estou normal, entende?

— Agora estou começando a entender... não está sentindo o poder, é isso?

— É o que estou tentando dizer, estou me sentindo normal como qualquer outra árguia, sem nenhum poder; veja, estou tentando usar magia para mover aquela pequena pedra e nada acontece. — Lara continuou com os braços

estendidos tentando usar a magia, mas não obteve sucesso. — Não tenho mais aquela força descomunal, não consigo me comunicar com os animais, nada, nada, nada. Nenhum dos poderes de Herdeira Suprema está funcionando. Tem ideia de por que isso ocorre?

— Estranho. Aconteceu algo de incomum?

— Nada relevante; dormi pouco, pois tinha que amamentar meu filho, mas fiquei na cama durante toda a manhã repousando. Estou um pouco cansada, mas nada fora do normal.

— Talvez seja isso, precisa repousar mais. Seus poderes devem voltar logo. Estou agora conversando com Matiacam e Margom para ver se eles têm alguma ideia.

Mitro disse:

— Está maluco, Latus? Você está aqui conosco agora.

— Outro eu. Esqueceu que somos seis, mas formamos apenas um?

— É claro. É que esse é um mistério difícil de entender, às vezes esqueço.

— Então se acalmem, tenho certeza que acharemos uma explicação para tudo. O mais importante é que os poderes em breve voltarão.

Mas parecia que Latus havia se enganado, pois já tinha passado muitos dias e os poderes de Lara não retornaram. Ninguém fazia a menor ideia de porque eles teriam desaparecido.

Não fazia sentido; eles revisavam a profecia tentando encontrar uma explicação, mas nada.

Lara, todos os dias, tentava alguma coisa para ver se conseguia fazer algo diferente, mas nada acontecia. Mitro, por muitas vezes, viu sua amada sozinha tentando algo e ficava triste com a decepção dela. Normalmente ele fingia não estar vendo, pois a árdua queria fazer isso sozinha. Contudo, em alguns momentos, não dava para disfarçar. Então o hulo a abraçava, demonstrando naturalidade.

Num desses dias, por exemplo, viu sua amada tentando levantar uma pedra de uns cento e vinte quilos, o que seria muito fácil para ela em outros tempos, mas o objeto nem se moveu. Lara, então, percebeu que Mitro estava observando. O hulo foi até ela e deu-lhe um abraço e um beijo.

— Não se preocupe, tudo a seu tempo. Confie no Grande Espírito: às vezes, não entendemos que as coisas não são da forma que nós queremos, mas que tudo deve ocorrer conforme o tempo determinado pelo Grande Espírito. Tenho certeza de que logo, logo seus poderes voltarão. Afinal, você é a Herdeira Suprema, tem um trabalho a fazer, que é trazer a paz para Primus, não é?

Mitro deu um grande sorriso para animar Lara, mas, por dentro, ele estava escondendo grande angústia e muitas incertezas.

Amarode já tinha treze meses de nascido. Lara estava sentada em uma cadeira com seu filho no colo quando Amarode estendeu as mãos em direção a um copo de argila cheio d'água que estava sobre a mesa.

— Meu bebê tá com sede, é?

Ela preparou-se para levantar e ir buscar, mas resolveu tentar usar a magia, mesmo sabendo que não iria funcionar. Porém, para sua surpresa, o copo começou a levitar e veio flutuando até sua mão. A árdua ficou tão chocada que se esqueceu de dar a água para Amarode. Ele, com seu limitado vocabulário de criança, pediu:

— Dá?

Lara continuou deslumbrada, sem notar que seu filho estava pedindo a água. Então, ele esboçou um choro; aí ela percebeu e lhe deu a água.

Lara estava eufórica. Amarode nem acabara de beber a água direito e ela já pegara o copo e estendera o braço em direção à mesa, para devolvê-lo flutuando, da mesma forma que pegou. No entanto, assim que ela abre a mão, o copo caiu e se despedaçou. Mitro, que estava lá fora, ouviu o barulho e entrou para ver o que tinha acontecido.

— Que barulho foi esse? Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem; aliás, está maravilhoso, eu consegui pegar o copo lá na mesa; não é incrível?

Mitro viu os pedaços do objeto no chão, não entendeu nada e apenas sorriu para demonstrar naturalidade.

— Aí, quando fui devolver, ele caiu, mas o que importa é que eu peguei.

— Você está se sentindo bem, meu amor?

— Estou ótima, deixa eu te explicar direito. Eu peguei o copo sem me levantar, trouxe-o flutuando, usando magia.

— Ah, tá! Agora estou entendendo o porquê de tanta alegria. Sim, isso é ótimo!

— Então! Deu errado quando tentei devolver usando a magia também, mas não tem problema. Meus poderes voltaram, avise aos elcas.

Algum tempo depois, junto com o casal estavam: os elcas, Samir, Suda, Matiacam, Margom, Giante, Julcra e Vernarute, irmão de Fargo, que, após seu desaparecimento, assumiu a liderança dos naturos.

Estavam todos ansiosos para ver Lara em ação, mas, por mais que ela tentasse novamente, não conseguia mover mais nada. A jovem procurou verificar como estava a força; nada. Olhou pela janela para ver se a excepcional visão dos árguios machos tinha voltado; nada. Seu raciocínio não era tão claro quanto o dos hulos, não conseguiu se comunicar com os animais, as habilidades dos brinos também não apareceram. Lara já começava a ficar irritada com a decepção, pois esperava que finalmente pudesse fazer as mesmas coisas fantásticas de antes.

— Não entendo, foi tão fácil fazer o copo flutuar até mim quando Amarode estendeu a mão pedindo a água, e agora nada funciona.

— É isso, claro! — exclamou Matiacam.

— Isso o quê? — perguntou Latus.

— Você disse que, quando moveu o copo, Amarode estava pedindo?

— Sim, ele estendeu as mãozinhas pedindo a água. Aí eu apenas estiquei meu braço e o copo veio em nossa direção, fiz isso com muita facilidade.

— Desconfio que você não fez nada. Como não vimos isso antes? Estava tão claro.

Margom não entendeu o que Matiacam estava dizendo e pediu explicações.

— Então nos explique, pois nosso raciocínio não é tão apurado quanto o seu.

— Lara perdeu os poderes após o parto, não foi? — perguntou Matiacam.

— Perdi, sim, percebi no dia seguinte que não podia fazer mais nada.

— Quando o copo flutuou, foi para trazer a água que Amarode queria, não foi?

— Sim...

Matiacam bateu com a palma das mãos nas coxas.

— Então? É isso...

Mitro estava tão ansioso a ponto de alterar a voz.

— Isso o que, infeliz? Fala! — Matiacam até se assustou com o tom de voz de Mitro. — Desculpe, é que estou nervoso.

— Tudo bem... — Matiacam disse isso gesticulando com as mãos. — Acredito que Lara nunca foi a Herdeira Suprema. Mais uma vez, erramos na interpretação da profecia.

Latus ficou surpreso com a afirmação de Matiacam.

— Como não? E os poderes fantásticos que ela demonstrou ao longo desses meses? Ela foi quem recebeu, de um enviado do Grande Espírito, a essência de todas as raças. Todos sabem disso.

Matiacam continuou com sua teoria:

— Ela era somente o vaso, foi apenas usada como caminho para transmitir tamanho poder a quem de fato o carrega. — Dizendo isso, Matiacam apontou para Amarode. — Não percebem? Ele é de fato o Herdeiro Supremo. Foi ele quem fez o copo flutuar, e não Lara.

— A grande sábia dos hulos pode estar certa, agora estou entendendo quando o enviado do Grande Espírito me disse: “Você é o caminho para que a grande profecia se realize”. Lembro-me disso — comentou Lara.

Matiacam continuou:

— Claro, não era você que estava recebendo os poderes: era a criança que se desenvolvia em seu ventre.

— Matiacam, respeito sua inteligência, mas e todo o poder que ela estava tendo? — perguntou Latus.

— Não era dela. Lara e Amarode, durante a gestação, estavam interligados. Acredito que os poderes dele se manifestavam através da vontade da mãe. Só pode ser isso. Devemos verificar o quanto ele é poderoso.

— Mas como? A mestra, sendo uma das mais sábias, tem alguma sugestão? — perguntou Latus.

— Bem, a criança ainda é muito pequena. Mesmo que eu esteja certa, Amarode ainda não sabe usar seus poderes e nem deve ter consciência disso tudo. Então, temos que ver o que ele já pode fazer. Precisamos confirmar se, de fato, o poder está nele; precisamos que ele faça algo visível.

Com isso, Margom perguntou:

— Mas o que seria visível? Não estou entendendo.

Matiacam, ao invés de responder, fez outra pergunta:

— Os olhos de um ilírio não mostram o universo mágico quando empunham um cajado?

— Sim, eles brilham de forma diferente, fazem aflorar todo nosso poder.

— Então, colocamos seu cajado nas mãos de Amarode e observamos seus olhos. Vamos, empreste seu cajado.

Margom se aproximou, tentando colocar o cajado na mão de Amarode. Este, por sua vez, não demonstrou interesse em pegá-lo. Então, Margom o fez brilhar para chamar a atenção, e isso funcionou.

Amarode segurou o cajado e imediatamente seus olhos brilharam com tanta intensidade como nunca se viu o olho de um ilírio brilhar. Em seguida, saiu do cajado um disparo que abriu um grande buraco no teto da casa. Todos se assustaram, mas logo comemoraram, pois Matiacam estava certa.

Suda soltou uma sonora gargalhada.

— Está visível o suficiente para vocês?

Julcra, que estava escondido atrás de uma cadeira, dá um riso debochado e disse:

— Para mim, está visível até demais.

Suda, também dá uma gargalhada no mesmo tom de Julcra e completa:

— Meu amigo, torça para não chover hoje, ou terá trabalho para tirar a água de dentro de sua casa.

— Pois que venha a chuva, tudo será ótimo.

Margom puxou o cajado, tentando tirá-lo da mão de Amarode para que não houvesse mais nenhum incidente, mas não conseguiu tomá-lo. Amarode segurava

com força e, por mais que Margom puxasse, não conseguia reavê-lo.

— Não consigo tirar o cajado das mãos dele. Está realmente muito forte para um bebê.

— Para um bebê comum talvez, mas não para esse bebê — retrucou Matiacam.

— Dá para a mamãe, meu amor?

Lara pediu com carinho, e Amarode, com um sorriso puro e sincero, entregou-o para sua mãe.

Amarode tinha os poderes, sim, mas eles eram ainda muito fracos em relação ao que se esperava do grande Herdeiro Supremo. Isso por dois motivos: a criança ainda não sabia usá-los, já que não tinha a consciência dos poderes que possuía; e esses poderes iriam se desenvolvendo conforme Amarode fosse crescendo.

De fato, à medida que ele ia se desenvolvendo, seus poderes cresciam proporcionalmente. Então, talvez não fosse necessário correr o risco de tentar pegar a última peça do amuleto, que estava presa no pescoço de Súrigam, o que seria uma tarefa difícilíssima. Nesse caso, restava esperar Amarode crescer até ser poderoso o suficiente. Pelo menos todos esperavam que ele pudesse ser mais forte do que o Imperador.

Assim, os guerreiros foram dando tempo ao tempo, permanecendo sempre dentro dos limites da Floresta dos Elcas. Com isso, estariam longe do alcance de Súrigam.

CAPÍTULO 29

Agora, Amarode já tinha dez anos e estava se desenvolvendo bem, sempre treinando. Estava cada vez mais forte, mas ainda não era páreo para Súrigam.

Nesse período, os gêmeos visitaram muitas vezes seu povo. Mitro, que era o melhor estrategista de todos, estava sempre planejando uma forma de tirar de Súrigam a última parte do amuleto antes mesmo de Amarode estar pronto para derrotá-lo, caso fosse necessário. Ele bem sabia que, do outro lado, o Imperador estava sempre planejando uma forma de destruir a Floresta dos Elcas. Portanto, era conveniente ter ao menos alguma estratégia de contra-ataque.

Mitro pensava em várias maneiras de tentar recuperar a última parte do amuleto, mas nenhuma era muito segura. Contudo, como Súrigam também não encontrava uma forma de destruir a floresta, eles estavam com o tempo a favor: quanto mais anos se passavam, mais forte ficava Amarode.

Num desses dias em que estavam reunidos os seis líderes, juntamente com Latus e Matiacam, Margom levantou uma questão:

— Estive pensando, se o amuleto foi criado para combater o Herdeiro Supremo, caso fosse necessário, e sabemos hoje que o Imperador não é o Herdeiro Supremo, então o amuleto, talvez, não tenha nenhuma influência sobre ele. Pode nos tirar essa dúvida, Latus?

— Caro amigo, você está enganado. Mesmo Súrigam não sendo o Herdeiro Supremo, ele recebeu os poderes. Tudo bem que não foram na sua totalidade, pois uma parte da poção foi ingerida por sua irmã Inaiala um pouco antes de ser morta. Sendo assim, corre pelo corpo de Súrigam a essência do poder que é afetado pelo amuleto. Portanto, ele seria, sim, destruído.

Margom fez outra pergunta:

— Tenho outra dúvida. Se eventualmente conseguíssemos a posse da parte que falta e a invocássemos para destruir Súrigam, então estaríamos também destruindo Amarode?

— Apenas se ele também estivesse no campo de atuação do amuleto. Quando invocamos a peça, ela abre o olho supremo e será atingida por seu poder, apenas quem estiver em sua...

Latus parou repentinamente de falar. Os demais ficaram esperando ele concluir a frase, mas nada; Latus continuava catatônico.

Mitro questionou:

— O que foi, meu amigo?

Latus continuou sem responder.

— Latus? O que foi?

— Um de meus irmãos está na parte sul da floresta, perto dos grandes picos. Algo bem estranho está acontecendo lá; preciso juntar-me a meus irmãos para ajudarmos na defesa de nossa floresta.

Latus desapareceu no chão, como se fosse absorvido pelo solo. Logo depois, os seis elcas estavam juntos no topo de um dos muitos picos da região, observando o perigo que se aproximava.

Uma enorme cratera vinha crescendo rapidamente em direção à floresta. Ela tinha quilômetros de largura e a profundidade não podia ser vista, tamanha era sua extensão.

Os elcas tiveram a ideia de fazer uma espécie de teia com as raízes das árvores para tentar bloquear o avanço da cratera assim que ela chegasse à floresta. Quando o imenso buraco já estava bem próximo do limite das árvores, os elcas desapareceram para dentro do solo e brotaram próximo das margens da floresta. O grupo uniu as mãos para invocar todo o poder que tinha. Nisso, eles conseguiram sentir a presença da energia maligna de Súrigam.

Assim que a cratera chegou e tentou engolir as primeiras árvores, não teve êxito. A união das raízes, juntamente com o poder dos elcas, estava contendo o avanço da erosão e absorvendo a magia de Súrigam.

Uma grande força tentava arrancar a terra das raízes das árvores, mas elas iam resistindo. Até que, aos poucos, a cratera começou a avançar novamente, agora de maneira bem lenta. Devagar, foi conseguindo engolir as primeiras árvores.

À medida que a cratera avançava e chegava onde os elcas estavam, eles sumiam dali e brotavam logo mais atrás. Já estavam assim há mais de duas horas quando um deles saiu e voltou para junto do grupo de líderes para comunicar o que estava acontecendo.

Após ouvir o relato de Latus, Mitro questionou:

— Mas como? O Imperador não deveria ter poder dentro da floresta, como sua magia está avançando?

— Porque ele não está entrando na floresta, ele está destruindo-a aos poucos e, assim, vai avançando. Portanto, onde ele destrói, não há mais floresta, não temos mais poder. Vamos ter que colocar um de seus planos em ação, caro Mitro, porque, embora o avanço da cratera esteja sendo muito lento, mesmo levando muito tempo para destruir toda a floresta, ela conseguirá se não fizermos algo eficiente para contê-la. Devemos pôr em prática um de seus planos para atacar e tirar a última parte do amuleto que está no pescoço do Imperador, pois Amarode ainda não está pronto para enfrentá-lo.

Depois de discutirem muito, chamaram Amarode, Aru e Ura para explicarem qual era o plano, já que, para ser executado, precisariam da participação de um dos gêmeos.

Assim que os gêmeos chegaram foram colocados a par do perigo e Mitro já foi logo detalhando o que deveriam fazer caso um deles concordasse em participar do plano para pegar a última parte do amuleto.

— Meus amiguinhos, é o seguinte: temos um plano para tirarmos do pescoço de Súrigam a última parte do amuleto e, assim, poder dar um fim nele. Não temos tempo suficiente para esperar que Amarode se desenvolva o suficiente para enfrentá-lo. Precisamos fazer algo, embora as chances não sejam muito boas, e a ideia é a seguinte: um de vocês invadirá o castelo disfarçado de soldado, graças à magia de nossos amigos ilírios. Lá estando, juntará a parte que ele leva no pescoço com o restante do amuleto. Em seguida, usará a peça contra o Imperador...

— Mitro continuou contando em detalhes o que deveria ser feito. — Concluindo, caso um de vocês aceite correr esse enorme risco, mesmo sabendo que são grandes as chances de serem descobertos e mortos pelo Imperador, deverá responder o mais rápido possível; cada minuto que passa é um pedaço da floresta que perdemos.

Aru se apresentou para a missão:

— Mesmo assumindo agora que sempre fui um grande covarde...

Mitro interrompeu a frase de Aru:

— Não acho que seja um covarde, meu amiguinho, você foi, sim, um grande herói em nossa última jornada.

Aru continuou:

— Tá, daquela vez até que fizemos algumas coisas legais, mas sempre me borrava de medo. Contudo, sei que todos sabem que as histórias de coragem e a falsa valentia que tentava demonstrar eram uma bobagem. Meu irmão e eu sempre fomos adeptos a uma boa fuga, e não a uma boa briga. Enfim, sinto que tenho a obrigação de tentar ajudar; mais que uma obrigação, será uma grande honra.

— Não, irmão, eu me ofereço...

— Por que você, Ura? Eu me ofereci primeiro.

— Porque não quero que você morra.

— E eu não quero que você morra, Ura, você já foi quem encontrou a parte do amuleto no Labirinto de Vitom, agora é minha vez de ser herói, tá bom, seu egoísta? Hehehehe! E tem mais: eu não irei fracassar; portanto, não vou morrer. Certo?

Mitro bateu no ombro de Aru.

— Muito bem, acho que Aru está certo, se ofereceu primeiro e você já pegou a peça escondida no labirinto. Mas antes precisamos que cada um dê o consentimento para que Aru use o amuleto em nome de todas as raças.

Os seis líderes dão o consentimento espontaneamente e de boa vontade, pois só assim teria algum valor o consentimento. Mitro e Aru partem cada um montado em um pergus.

Logo que chegam ao limite da floresta, eles param.

— Bem, meu amigo, é hora de relembrar o que deve fazer em detalhes. Antes de tudo, pegue essas duas poções. Este é o encanto criado pelos ilírios. Assim que você ingerir essa poção, terá a aparência de um soldado do Imperador, e essa outra poção fará com que você volte ao normal quando retornar. Lembre-se que você foi escolhido porque, dentre nós, apenas você e seu irmão têm a capacidade de atravessar pelas paredes do castelo de Súrigam sem serem notados. Isso provavelmente será necessário para invadir o local de repouso do Imperador, já que acreditamos que ele deve se proteger bem.

“Descubra onde ele dorme e quando tiver oportunidade, entre nos aposentos dele e encaixe a parte que ele leva junto no pescoço com essas que vou te entregar agora.”

Mitro puxa um cordão, que levava pendurado ao pescoço, fazendo surgir de dentro da roupa as outras partes do amuleto, e pendurou-o no pescoço de Aru.

— Não se esqueça de sempre mantê-lo escondido por baixo das vestimentas. Assim que você montar o amuleto, é só apontar para o peito do Imperador e o resto a joia fará sozinho, pois tudo lá é obra do poder de Súrigam; quando esse poder for aniquilado pelo amuleto, tudo que é dele cairá junto. Mas tome todo o cuidado para não levantar suspeita, ou o Imperador irá ler sua mente e você estará morto.

— Caramba, eu aceitei fazer isso?

— Aceitou, mas, se quiser desistir, ainda dá tempo.

— Desistir e perder a chance de ser o herói? De jeito nenhum.

— Você já é um herói, meu amiguinho, não faça isso apenas por isso.

— Estava só tentando desconstrair para quebrar o clima. Farei isso porque é uma grande honra ajudar meus amigos.

— Sempre soube que você e seu irmão eram criaturas muito especiais. Agora vamos aguardar: quando algum grupo de batedores passar por perto, eu apronto uma confusão para chamar a atenção deles e você aproveita para se misturar.

Não demorou muito e um grupo de soldados apareceu.

— Vá agora e volte com a glória que você merece.

Mitro deu um demorado aperto de mão em Aru.

— Só mais uma coisa: mande um abraço para Ura, diga a ele que sempre me orgulhei de tê-lo como irmão.

— Diga você mesmo quando voltar.

Os dois ficam ali parados. Aru puxou a mão, mas Mitro continuava segurando firme.

— Bem, se você não soltar, fica mais difícil de eu ir, não é? Hahahaha!

— Ah, sim, claro, desculpe! Hahaha!

Aru foi saindo, parou e olhou para trás.

— Não se esqueça de falar para meu irmão do orgulho que sinto dele.

Mitro não conseguia dizer uma palavra, apenas sacodiu a cabeça em sinal de positivo. Aru se virou e continuou andando. Mitro chamou-o.

— Aru? — O gêmeo se virou. — A poção, não esqueça, beba agora.

Aru bebeu e tomou a forma de um soldado do Imperador.

— Não se esqueça de esconder o amuleto nas vestimentas.

Aru escondeu a joia e se preparou para a hora certa de sair da floresta e se misturar aos soldados.

Mitro, a uma distância razoável, saiu da floresta e atirou uma pedra nas costas de um dos soldados. Assim que perceberam que se tratava de um hulo fora dos limites da floresta, o grupo entrou em alvoroço total e parte para cima de Mitro.

Ele correu alguns metros fora da floresta para dar tempo de Aru sair e se misturar ao grupo de soldados. Quando viu que o amigo já estava também correndo atrás dele, imediatamente, entrou no ritmo, buscando a segurança da Floresta dos Elcas.

Os soldados ficaram desapontados por não conseguirem capturar Mitro e nem perceberam que agora estavam com um membro a mais.

CAPÍTULO 30

Chegando ao castelo, os soldados relataram ao Imperador que quase capturaram um hulo que havia saído dos limites da floresta. Súrigam desconfiou que talvez os adversários estivessem acampados próximo dos limites, planejando um ataque desesperado, já que a grande cratera ia avançando aos poucos e destruindo a floresta.

Ele sabia que seus inimigos precisavam fazer algo, e esperava um ato desesperado por parte deles, que agora estavam em situação difícil. Por isso, decidiu intensificar as rondas naquela região onde Mitro foi visto, mas não imaginava que o inimigo já estava dentro de seu castelo.

Aru seguiu as orientações dadas por Mitro: ficou sempre atento aos passos do Imperador; falou o mínimo necessário para tentar não levantar suspeitas.

Já estava no castelo há seis dias e pôde observar que, todos os dias, Súrigam desaparecia por cerca de cinco horas; quase sempre próximo da meia-noite. O gêmeo concluiu, então: era provavelmente nesse período que o Imperador estava se recolhendo para repousar, mas nunca conseguia ver para que lado ele ia. Não podia ficar sempre ao redor de Súrigam, senão seria descoberto. Até que, nesse sexto dia, Aru participou da ronda que acabou próximo da meia-noite. Depois, ele foi um dos que relatou como tinha sido a ronda. Logo após ouvi-los, Súrigam ordenou que se retirassem, pois ele ia se recolher.

Aru viu ali a grande oportunidade de descobrir onde era o lugar de descanso de Súrigam. Ele fez como os demais soldados e saiu da sala do trono. Mas logo que fecharam a porta, o gêmeo ficou por último e, quando viraram a primeira curva, Aru entrou na parede que dava acesso à sala do trono.

Como eram paredes largas, ele pôde ficar completamente escondido dentro delas e colocou apenas o mínimo da cabeça para fora, a fim de observar se via para onde o Imperador ia. Já não tinha mais ninguém na sala, mas pôde ver que, atrás do trono, fechava-se uma passagem secreta. Então, com cautela, ele foi até lá e também atravessou essa parede, apenas com a cabeça, para ver do outro lado.

O Imperador estava se preparando para deitar e parecia ter percebido algo: seus olhos vermelhos, que já brilhavam naturalmente, intensificaram o brilho, e ele olhou na direção onde estava Aru, que rapidamente recuou para dentro da parede.

Súrigam ficou encarando por algum tempo e, depois, seus olhos voltaram ao normal, se é que se pode dizer que os olhos dele eram normais. Em seguida, o Imperador deitou-se.

Aru ficou um bom tempo escondido.

Mais uma vez, Aru colocou apenas a cabeça para fora da parede, olhando dentro dos aposentos do Imperador e vendo que ele está deitado na cama de barriga para cima. Então, Aru aproximou-se silenciosamente, já que a peça que faltava no amuleto estava bem ali na sua frente, era só unir e finalmente pôr um fim em tudo.

Aru retirou de seu pescoço as partes do amuleto que ele carregava e, cuidadosamente, foi uni-las com o pedaço que se encontrava com Súrigam. Assim que ele levou a mão para pegar essa peça, seus dedos atravessaram o amuleto sem que ele quisesse. Então, o gêmeo sentiu seu corpo laçado e, em seguida, o encanto que o disfarçava de soldado se desfez. Era Súrigam quem estava atrás dele, prendendo-o com magia e desfazendo o feitiço de Margom.

— Seu tolo, achou mesmo que eu já não sabia que estava aqui? Vi-o quando me observava pela parede. Habilidade bem interessante essa, eu encontrarei uma forma de absorvê-la para mim. Por isso, você não morrerá até que eu descubra uma forma de retirá-la. Mas acredite: você preferiria ser morto agora.

Nesse instante, a imagem do Imperador sobre a cama desapareceu, tratava-se de uma ilusão.

— Tenho que admitir, foram bem ardilosos e audaciosos em criarem esse disfarce e entrarem em meu castelo, mas agora suas memórias já me foram todas reveladas. E o que devo fazer? Agradecer por trazerem todas as partes do amuleto até mim?

Súrigam solta uma gargalhada aterrorizante e em seguida pegou as partes do amuleto que estavam com Aru e foi para a sala do trono, levando o rapaz preso no feitiço, flutuando logo à sua frente. Convocou seus soldados para que, imediatamente, se prepara para invadir a Floresta dos Elcas; com o amuleto, Súrigam seria capaz de anular a magia do local, e ele não podia esperar nem um minuto mais.

CAPÍTULO 31

Pouco tempo depois, milhares de soldados do Imperador partiram em direção à floresta. Enquanto isso, Aru ficou paralisado, flutuando na sala do trono.

Assim que chegaram às margens da floresta, Súrigam levantou o amuleto em direção às árvores. Com isso, abriu-se um olho na joia e um raio de luz saiu dela. Dava para ver uma espécie de energia sendo sugada da floresta para o amuleto, o que levou cerca de dez minutos.

Súrigam se esbaldava de rir: soltava gargalhadas tenebrosas que faziam arrepiar. Em seguida, ele interrompeu o encanto que fazia a cratera avançar sobre a floresta, pois já não era mais necessário. As árvores perderam o verde e estavam acinzentadas.

— Pronto! Agora essa não passa de uma floresta comum. Vamos, avancem e aniquilem nossos inimigos, de preferência com muita dor. Mas não se esqueçam: os líderes são meus; para esses, tenho uma forma mais cruel de fazê-los sofrer muito antes de morrerem.

Lá na Grande Vila, um naturo, avisado por seus animais batedores do que estava acontecendo às margens da floresta, bateu à porta de Mitro insistentemente. Assim que Mitro atendeu, o naturo já foi dando o relatório. O comandante, por sua vez, convocou rapidamente todos para a batalha e, um tempo depois, já estava reunido com os líderes de cada raça.

— Meus amigos, conforme eu lhes disse, Súrigam está preparando-se para invadir a floresta, se é que já não invadiu. Ele conseguiu anular a magia do lugar, já que tomou posse do amuleto. Portanto, preparem seus exércitos, hoje teremos a batalha mais difícil de nossas vidas, provavelmente a última.

Nesses seis dias, Mitro já havia alertado que, a qualquer momento, essa batalha poderia acontecer. Assim, os soldados se organizaram rapidamente e marcharam com tudo o que tinham para enfrentar o inimigo.

Os aliados do Imperador já avançavam quando se confrontaram inicialmente com gurtos e cracos. Súrigam ficou do lado de fora da floresta, apenas observando para ter certeza de que não havia mais magia naquele lugar.

Após algum tempo de batalha, poucos gurtos ou cracos eram atingidos pelas armas envenenadas dos soldados. Estes, por outro lado, caíam aos montes. No entanto, o exército do Imperador estava levando vantagem, pois tinha um número muito maior de guerreiros, e que se recuperavam dos ferimentos. Enquanto isso, os animais, mesmo que aos poucos, estavam sucumbindo.

Os ilírios e árguios entraram na batalha. Os ilírios disparavam rajadas com seus cajados, fazendo soldados voarem aos pedaços pelos ares, e os árguios

disparavam flechas explosivas, também fazendo os soldados explodirem.

Os mantros jogavam pedras e troncos de árvores, derrubando muitos soldados, e os hulos e brinos aguardavam um pouco atrás.

Os comandados de Mitro estavam optando por essa estratégia de ataque à distância para evitar o combate corpo a corpo, diminuindo ao máximo as baixas do lado deles. Como já era esperado, do outro lado, os soldados se remontavam e voltavam para o combate, sem, contudo, conseguir avançar. Todavia, cedo ou tarde, os inimigos passariam a levar vantagem, já que eles não morriam ou se cansavam; os demais, em algum momento, começariam a fraquejar.

Súrigam permanecia do lado de fora da floresta, esperando que isso acontecesse. Após horas de combate, os árquios já estavam ficando sem flechas, bem como os ilírios sem energia. Os mantros já estavam se cansando e os animais comandados pelos naturos também já não tinham tanta disposição.

Com isso, os soldados conseguiram avançar um pouco, mas Súrigam permanecia do lado de fora da floresta.

De repente, como um raio, surgiu algo que foi de encontro aos soldados, fazendo todos os que estavam no caminho voarem pelos ares. O elemento estranho avançou cerca de cento e cinquenta metros para dentro do exército de Súrigam e, então, ganhou altura. Só nesse momento foi possível ver que era Amarode. Ele ficou a cerca de quinze metros de altura e bateu uma mão na outra, criando uma onda de choque que derrubou uma multidão de soldados. Súrigam ficou surpreso com aquela criatura até então desconhecida por ele. Surpreso; porém, sem medo.

Súrigam, com isso, avançou mais um pouco e ficou a centímetros de entrar na floresta. Por precaução, no entanto, continuou do lado de fora.

— Ora, ora! Parece que arranjam mais um para tentar me enfrentar; ainda bem, pois seus exércitos não iam nem me esquentar. Quem é você, criança?

— Curve-se diante do Herdeiro Supremo, seu infame.

Súrigam ri com desprezo.

— Você, o Herdeiro Supremo? Acho que seus pais não lhe disseram quem sou eu, não é mesmo? Eu sou o Herdeiro Supremo.

Nisso, alguns soldados tentavam atingir Amarode, mas suas armas eram bloqueadas por um campo de força criado pelo garoto. Súrigam, então, ordenou aos seus soldados:

— Continuem a avançar, deixem que dessa criança petulante cuido eu.

Amarode disparou um potente raio em direção à Súrigam, que bloqueou.

— Pensa que isso aí que você tem é poder? Isso é poder.

Súrigam contra-atacou com um raio ainda mais forte.

Amarode se esquivou, mas ainda foi atingido de raspão no ombro, caindo até o solo. O garoto se recompôs rapidamente, a tempo de bloquear mais um

disparo de Súrigam. Ele fez levitar muitas pedras, que foram arremessadas em direção a Súrigam. Porém, o Imperador as desintegrou.

— Ora, me poupe, vai ficar aí jogando pedrinhas? Isso aqui não é brincadeira de criança; é guerra de verdade.

Súrigam criou um encanto, fazendo aparecer uma imensa bola de energia sobre Amarode, esmagando-o no chão. O garoto foi enterrado, mas, pouco tempo depois, saiu de dentro do solo e fez erguer-se uma camada grossa de terra em cada lado do Imperador. Amarode tentou esmagá-lo, porém Súrigam abriu os braços e fez as duas camadas de terra voltarem ao chão, disparando outro raio que acertou em cheio o rapaz. Com isso, ele foi jogado a mais de cinquenta metros de distância.

Amarode ficou de joelhos, atordoado. Súrigam imediatamente avançou para dar um fim definitivo em Amarode, mas ele simplesmente evaporou e reapareceu junto de Mitro e Margom.

Enquanto isso, os soldados do Imperador iam avançando, chegando num imenso campo.

Do outro lado, podia-se avistar o exército inimigo, que foi recuando. Era um pelotão bastante numeroso; contudo, bem menor do que o exército de Súrigam.

Entre os dois exércitos, havia um rio; era o mesmo que, no passado, esteve em meio à batalha entre as raças, que agora eram aliadas.

Súrigam criou um encanto, fazendo surgir uma ponte de energia sobre o rio, e os soldados do Imperador começaram a avançar. Quando já estavam a uma distância razoável, primeiro os árguios, com suas flechas, e os ilírios, com seus raios mágicos, começaram a atacar novamente. Desse modo, eles atingiram muitos soldados, que acabavam sempre se recompondo e continuavam avançando.

Estavam no meio da ponte no momento em que serpentes aquáticas surgiram e devoraram muitos soldados. Contudo, muitas dessas serpentes logo começam a se contorcer: mesmo dentro de sua barriga, os soldados continuavam vivos e, com suas armas envenenadas, acabavam matando as criaturas. Súrigam avançou um pouco mais e tomou o controle de muitas serpentes, fazendo com que lutassem umas contra as outras. Realmente essa parecia ser uma batalha impossível de ser vencida pelos povos aliados.

Margom, falando com Mitro, afirmou:

— Meu amigo, respeito sua estratégia de batalha, mas parece que não está funcionando, pois Amarode não foi páreo para Súrigam.

— Confie em mim, meu amigo, espere um pouco mais. Vamos, dê o toque de recuar.

Mitro ordenou para um hulo que soprasse a corneta, fazendo ecoar o toque de recuar.

Enquanto eles recuavam, o imperador avançava.

Agora todos já estavam no mesmo lado do rio. Súrigam seguia absoluto e confiante, com seu exército logo à frente.

Os ilírios criavam paredes de magia para tentar conter o avanço dos soldados, mas Súrigam as destruía sem grande dificuldade.

Margom falou para Mitro:

— Se Amarode não tentar enfrentá-lo, não temos chance.

— Não, ainda não é o momento.

— Para de pensar como pai; mesmo sendo uma criança, ainda é nosso melhor soldado, nossa única chance, acredito.

— Confie em mim e continuem recuando.

Eles ouviram um rugido logo atrás: era a Fera que se apresentava para participar dessa batalha, a última delas, ao que tudo indicava. Margom, assim que viu a Fera, comentou:

— Sabia que você iria acabar aparecendo; sempre aparece quando precisamos de ajuda. Mas temo que, dessa vez, não possa fazer muita coisa.

Do outro lado, Súrigam achou estranho os adversários recuarem tanto e parou de avançar assim que atravessaram o rio.

Mitro, percebendo que o Imperador estancou, falou para Amarode:

— Seria necessário que o Imperador avançasse mais um pouco apenas. Por que ele parou?

— Talvez porque a Fera apareceu — respondeu Amarode

— Não. Ela é muito poderosa, mas não o suficiente para assustar o Imperador. Latus, falta muito ainda?

— Só mais um pouquinho — respondeu Latus.

— Falta um pouquinho para quê? — perguntou Margom.

— Depois explico, precisamos de mais um tempo — disse Mitro.

Mitro pediu que os árguios voltassem a disparar flechas incandescentes nos soldados, pois o fogo retardaria sua recomposição.

A Fera, os mantros, os brinos, os hulos e muitos cracos, gurtos e zimbuás avançavam para a batalha.

A Fera foi a primeira a chegar e passou como um trator por cima dos primeiros soldados, fazendo-os voar como peças de boliche. O animal foi abrindo caminho no meio deles, seguindo em direção a Súrigam, mas os soldados formaram um paredão até conseguirem conter o avanço da Fera, que se viu obrigada a recuar um pouco.

O Imperador ficou observando na retaguarda à medida que seus soldados avançavam. Nesse momento, ele foi atingido por um forte raio, que o jogou longe.

Súrigam levantou e viu lá longe, mais uma vez, Amarode. O garoto vinha rapidamente em sua direção, passando por cima dos exércitos.

Os soldados abaixo dele iam sendo jogados para os lados assim que ele passava. Novamente, Amarode se posicionou à frente do Imperador.

Súrigam ironizou:

— Ora, ora! Então voltou para me enfrentar? Estou deveras decepcionado de mandarem uma criança para fazer o trabalho deles. Pois saiba que uma criança nunca terá a menor chance contra o Herdeiro Supremo.

— Está errado em achar que você é o Herdeiro Supremo. Eu sou.

— Você?! — Súrigam riu com sarcasmo e fez outro disparo, deixando Amarode no chão, no meio da poeira.

Enquanto isso, a batalha estava fervendo.

Súrigam, vendo Amarode de joelhos, soltou uma gargalhada sinistra.

— Mas já? Nem começamos e já está de joelhos. Ainda acha que é o Herdeiro Supremo?

Súrigam andou em direção a Amarode com os olhos brilhando como nunca e lançou uma corda mágica. Com ela, prendeu Amarode, que é jogado contra o chão por três vezes até conseguir, com muita dificuldade, romper a corda.

Amarode continuou ajoelhado e atordado enquanto o Imperador avançava em sua direção.

— Não veio me pegar? Por que não se levanta? Ri ironicamente!

Latus gritou:

— Já é o suficiente. Faça agora, Amarode.

Amarode levantou seus braços e criou uma gaiola de magia ao redor de Súrigam.

— Acha mesmo que essa gaiolinha vai me prender por muito tempo?

— Só pelo tempo necessário — disse Amarode com um leve sorriso nos lábios.

Então, a floresta começou a ficar verde novamente. Mitro ordenou o toque de recuar; todos os seus aliados obedeceram e raízes começaram a surgir do chão, capturando cada um dos soldados.

Súrigam tentou usar seu poder para desfazer a gaiola, mas não funcionou.

— Como assim? O que está acontecendo?

Amarode ficou de pé e disse:

— Aqui, a floresta pode anular seu poder na hora em que ela quiser, esqueceu?

— Mas eu tenho o amuleto, eu cancelei o poder da floresta.

— Você tem mesmo o amuleto?

Agora era a vez de Amarode rir com sarcasmo.

— Vou te mostrar que sim — esbravejou Súrigam.

Ele empunhou o amuleto, que estava pendurado em seu pescoço, e apontou para todos os lados, mas nada aconteceu. Nesse instante, brotaram ao seu lado, dentro da gaiola, os seis elcas. Os sábios fizeram raízes surgirem do chão e imobilizarem o Imperador completamente.

Súrigam estava agora com o corpo completamente enrolado por raízes. Um dos elcas sinalizou para Amarode para que desfizesse a gaiola. Súrigam tentou invocar seu poder, mas nada funcionava. Ficou ali preso até que os líderes dos povos aliados chegassem ao local.

Margom questionou:

— Não entendo o que aconteceu, mas parece que saiu conforme o amigo planejou, não é mesmo, Mitro?

— Não perfeitamente, mas dentro do planejado.

— E poderia nos explicar?

— Bem, o plano de Aru ir até o castelo e juntar as nossas partes do amuleto com a parte que Súrigam carregava no pescoço não era real, mas precisava que isso estivesse na mente de cada um de vocês para que o Imperador não descobrisse o verdadeiro plano.

Zombando de Súrigam, Mitro provocou:

— Você precisa ficar mais esperto, Imperador, já é a segunda vez que cai nesse truque. Solta uma gargalhada debochada. — Enfim, contei o plano para vocês e, assim que concordaram, Amarode apagou da memória de todos o plano real. Apenas o garoto, os elcas e eu permanecemos cientes.

Margom confessou:

— Estou curioso para ouvir.

Mitro continuou:

— Aru deveria ir até o castelo com uma réplica das partes do amuleto, que nunca deixaram de estar comigo. — Mitro tirou os pedaços que estavam escondidos debaixo das suas vestimentas, junto ao pescoço. — Pois estávamos certos de que o Imperador perceberia a presença de um inimigo dentro de seu castelo e iria ler a mente dele. Então, Aru precisava mesmo acreditar que aquele era o plano real. Logo que o Imperador leu a mente do gêmeo, pensou estar de posse de todo o amuleto e veio para a floresta cair na armadilha. Uma vez aqui dentro, ele virou presa fácil sem poderes.

— Não pode ser falso, eu vi o amuleto anulando a magia da floresta — disse Súrigam.

— Na verdade, quem interrompeu essa magia foram os próprios elcas — explicou Mitro.

— Mas meus batedores viram quando Súrigam usou o amuleto para tirar a magia da floresta, como explica isso Mitro? — questionou Vernarute.

— Tudo ilusão criada pela própria floresta.

— E por que então não reativaram logo que a batalha teve início? Por que deixar perdermos tantos aliados? — quis saber Margom.

— Porque os elcas precisavam de um tempo para restaurar a magia da floresta, não conseguiriam fazer isso em menos tempo do que o fizeram, e também porque era necessário que Súrigam entrasse o suficiente para dentro do lugar. Próximo aos limites da floresta, ele ainda poderia ter chances de fugir. Por isso, fui pedindo para recuar; porém, precisávamos demonstrar que estávamos tentando enfrentá-lo ou ele desconfiaria, foram perdas necessárias.

Um dos elcas retirou o falso amuleto que estava pendurado no pescoço do Imperador. As partes fajutas se decompuseram, restando apenas a joia real. Então, o elca juntou os pedaços e pediu que os líderes segurassem o amuleto juntos e usassem contra Súrigam, que tentava inutilmente se libertar.

Os seis líderes seguraram o amuleto e abriram o olho supremo na direção de Súrigam. Uma luz saiu do amuleto e envolveu o Imperador; dava para ver a energia dele sendo sugada.

Pouco tempo depois, a luz emitida pelo amuleto se apagou e todos os soldados simplesmente foram evaporando em uma nuvem escura. Súrigam, agora, voltara a ficar com a aparência de antes, quando ainda não tinha tomado a poção. Ele foi solto e caiu de joelhos.

O amuleto se dividiu novamente em seis partes, ficando cada uma na mão de um dos líderes. Giate fez menção de devolver seu pedaço para os elcas.

— Não, meu amigo, essa parte pertence exclusivamente à sua raça, assim como as demais deverão ficar protegidas por cada uma de suas respectivas espécies. Façam isso com todo zelo necessário.

Assim, cada um guardou sua parte do amuleto.

Então, Mitro disse:

— Parece que esse é o fim da guerra. Finalmente estamos livres da tirania deste maldito.

Nesse momento, houve muita comemoração: muitos se abraçaram, gritaram, riram, jogaram coisas para o alto. Diversos ilírios dispararam feixes de luz explosiva para cima, fazendo com que parecessem fogos de artifício. Afinal, nada foi mais desejado nesse tempo todo do que a derrota do Imperador demoníaco.

Estavam tão felizes e comemorando tanto que não se atentaram para o fato de que Súrigam havia se levantado e, rapidamente, puxado a espada que Mitro levava na cintura. Seu objetivo era matar, ao menos, o hulo que planejava tudo. Ou seja, Mitro.

Súrigam desferiu um golpe para cortar a cabeça de Mitro, mas, a milímetros de a lâmina atingir o pescoço do hulo, Amarode desintegrou a espada, fazendo com que Súrigam rodopiasse e caísse novamente no chão. Como não atingiu nada, o impulso dos braços do antigo Imperador fez com que ele perdesse o equilíbrio.

Súrigam tentou se levantar mais uma vez e levou uma patada da Fera que o jogou a metros de distância, em direção a Amarode. Este o acertou com um potente soco de cima para baixo, jogando Súrigam no chão. Em seguida, o agarrou pelo pescoço e suspendeu. Súrigam estava todo mole, parecia desmaiado.

— Ops, quando olhei vindo em minha direção, não resisti, minha mão ficou coçando. — Riso geral.

Então, Mitro pediu que Amarode trouxesse o ex-Imperador até ele.

— Segure firme e traga-o até aqui.

Quando Amarode levou Súrigam, Mitro verificou que ele estava desacordado. No entanto, por precaução, solicitou que seu filho colocasse o corpo no chão e continuasse o imobilizando. Em seguida, constatou que, na verdade, Súrigam não estava desacordado, mas sem vida.

— Seu pescoço foi quebrado.

— Melhor verificar com mais cuidado, esse aí é muito ardiloso — disse Margom.

Mitro examinou mais uma vez.

— Com certeza está com o pescoço quebrado e sem vida.

Novamente, todos comemoraram muito, pois nenhuma outra criatura era tão odiada em todo o planeta Primus.

CAPÍTULO 32

A Fera se aproximou de Mitro e, com uma das patas, tocou levemente no peito dele. Mitro não entendeu o que ela queria. Então, a criatura insistiu, e Mitro percebe que a Fera não estava tocando em seu peito, mas sim na parte do amuleto que ele carregava pendurada naquele local. Logo, a Fera empurrou Mitro para perto de Suda e tocou na parte do amuleto que o segundo carregava.

Suda ficou intrigado.

— Mas o que essa Fera deseja? Por que está nos tocando e nos colocando um perto do outro? Tem alguma ideia, Mitro?

— Acho que ela não está nos tocando. Acredito que ela está mesmo é querendo mostrar as partes do amuleto.

— E por que estaria nos aproximando?

— Talvez queira que unamos as partes novamente. É isso, nobre amiga?

A Fera olhou para os demais líderes e, em seguida, dobrou as pernas dianteiras, curvando sua cabeça até encostar no chão diante de Mitro e Suda.

— Parece que é isso mesmo. Mas não faz sentido, para que montar o amuleto novamente? — questionou Suda.

A Fera deu um pequeno rosnado, parecendo mais um pedido de socorro, e se abaixou ainda mais. Então, Mitro disse:

— Ela vem demonstrando ser nossa grande aliada, merece nossa confiança. Venham todos, vamos montar o amuleto. Sinto que é o correto a se fazer.

Os demais líderes se aproximaram e a união foi feita novamente.

A Fera olhou para eles como se pedisse algo.

— Acho que ela quer que usemos o amuleto nela — disse Mitro.

— Mas não faz sentido; só funciona com a floresta ou com o Herdeiro Supremo. Esse amuleto é totalmente inofensivo para todo o resto — argumentou Margom.

— Não sei, já tivemos tantas surpresas que vale a pena arriscar, sem falar que estou muito curioso para ver o que acontecerá. Vamos, apontem para ela — ordenou Mitro.

Assim que apontaram o amuleto para a Fera, ele foi ativado e a mesma luz que envolveu Súrigam agora envolvia a Fera, que foi se transfigurando. Quando o amuleto desativou, todos puderam ver um corpo nu no chão.

— Mas é uma jovem hula?! — disse Julcra surpreso.

— Não. Vejam as orelhas. É uma árguia! — retrucou Vernarute.

Aquela criatura levantou seu rosto e olhou para Latus, que imediatamente pediu a blusa de Mitro e cobriu o corpo da jovem.

— Apesar de todos esses anos, nunca esqueci seu rosto, pensei que estivesse morta.

A estranha apenas sorriu.

— Você a conhece? Quem é ela?

Latus, segurando-a pela mão, ajudou a jovem a se levantar.

— Essa, meus amigos, não é nada menos que Inaiala.

Suda observou atentamente o rosto da jovem.

— Será? Não me lembro muito bem, só a vi uma vez.

— Te garanto que é — afirmou Latus.

Suda, observando melhor, concordou:

— Realmente parece ser. Mas como? Qual a explicação?

— Tenho certeza de que ela tem uma boa explicação para tudo isso, não é?

Ela sacudiu a cabeça, concordando com Latus, e também puxou a vestimenta para cobrir melhor seu corpo.

— Porém, antes parece prudente providenciarmos roupas dignadas para ela — ponderou Latus.

Assim fizeram. Todos se dirigiram para a Grande Vila para aguardar as explicações da jovem.

Estavam muito agitados; era muita coisa acontecendo em apenas um dia.

Algumas horas depois, na Grande Vila, a jovem Inaiala já estava devidamente vestida e pôde explicar como se transformara naquela fera; primeiro para os líderes, juntamente com Amarode e Lara, já que estavam na casa da árdua.

— No dia em que meu irmão nos traiu e me arremessou a quilômetros de distância, ainda no ar, veio uma nuvem de folhas que me envolveu e fui conduzida ao chão com cuidado. Eu estava muito ferida. Era para eu ter sido morta com o ataque que sofri, mas acredito que, devido à parte da poção que eu já tinha bebido, meu corpo estava mais resistente. Essa foi a parte boa da poção. No entanto, logo comecei a sentir mudanças; meus ossos doíam, parecia que estavam sendo triturados, a carne queimava. Passei a sofrer as transformações. Embora tenha sido com a melhor das intenções, foi um tremendo erro os elcas quererem fazer a poção, que deveria ser exclusiva criação do Grande Espírito. Ela dava poderes, mas também trazia outras consequências. Transformou a mim, assim como a meu irmão, em monstros. Evidentemente, cada um reagiu conforme seu verdadeiro caráter: Emiro deixou sua ambição lhe transformar em monstro tanto na parte física como no modo de agir; eu consegui preservar minha bondade e virei um monstro apenas na aparência. Tentei enfrentá-lo por diversas vezes, mas, como ele havia recebido muito mais poder do que eu, minhas chances sempre foram muito pequenas. Enfim, a poção ampliou o que de mais verdadeiro tínhamos: eu me tornei um monstro puro de coração, e Emiro se transformou em um demônio.

Inaiala continuou conversando muito tempo com eles, mas a multidão já aguardava ansiosa para saber detalhes sobre aquela Fera, que, no seu íntimo, sempre foi Inaiala.

Margom saiu e, como já fizera em outras vezes, invocou o encanto que fazia surgir uma espécie de miniatura do planeta Primus. Assim, pôde contar a todos o que Inaiala revelara.

CAPÍTULO 33

Finalmente, a grande guerra havia chegado ao fim. Agora, os guerreiros não estavam mais presos aos limites da grande Floresta dos Elcas, e isso exigia uma grande comemoração. Então, eles organizaram a maior festa que já ocorrera no planeta Primus.

Prepararam um grande banquete, com música e muita alegria, para coroar Amarode e também celebrar o fim da tirania de Súrigam.

No dia seguinte, a grande comemoração estava preparada. Todos pareciam felizes celebrando, exceto Ura: ele estava contente pelo fim da guerra, mas também trazia a tristeza de ter perdido seu irmão. Margom percebeu e foi até ele.

— É, eu sei, meu amiguinho, também sinto muito a falta dele. Você sabe que sempre foram meus filhos de coração. Infelizmente, a morte faz parte da vida.

— Eu sei, eu sei! Mas é que dói tanto.

Ura abraçou o mago e caiu em prantos. Chorou desconsoladamente, fazendo Margom derramar lágrimas também.

Perto dali, Latus subiu em uma mesa e chamou a atenção de todos, batendo com uma colher de pau em uma panela.

— Atenção, atenção! Estamos muito felizes por finalmente termos vencido o demônio. E que nunca nos esqueçamos de que a união é o que nos torna mais fortes. Cometemos graves erros no passado, e eles devem servir como aprendizado: que vos mostrem como os equívocos foram provocando vinganças que geraram mais desgraça. Não esperem que, daqui para frente, não haja momentos de discórdia, pois vocês têm diferenças. Mas que essas discórdias sejam resolvidas com diálogo e, principalmente, com o perdão. Seu próximo, talvez em um momento de fraqueza, vos ofenda, mas não se esqueçam de que vocês também podem tê-lo magoado e que ele, naquele instante, não teve capacidade e a nobreza da compreensão e se deixou levar pelo rancor. Não tente pagar na mesma moeda: mostre que você é capaz de perdoá-lo. Garanto-lhes que isso irá acertar o coração dele com muito mais força do que um ato de vingança. Irá mostrar que ele nunca deveria ter feito aquilo contigo. O seu perdão certamente tornará seu próximo uma criatura melhor, tanto para você quanto para o mundo. Porém, se escolher o caminho da vingança, isso tornará você menor do que ele. Talvez seu companheiro só sinta que não vale a pena ser seu amigo e busque ainda mais retaliações, gerando um ciclo que nós sabemos onde pode parar. Então, meus amigos, lembrem-se de que o perdão pode ser muito mais significativo do que a vingança e tornará quem perdoa superior ao que ofendeu. Preservará sua verdadeira felicidade.

Já a vingança deixará enraizado em seu íntimo o rancor e te condenará por toda a eternidade.

Todos aplaudiram.

Margom continuou:

— Que o dia da derrota de Súrigam seja lembrado como o dia da libertação, o dia da vitória do bem sobre o mal; que nunca nos esqueçamos de todos que lutaram e deram suas vidas nessa longa guerra. Sei que muitos se foram, eu não poderia citar aqui o nome de todos, mas peço uma salva de palmas a dois grandes heróis, que não hesitaram em sacrificar suas vidas em favor de seus amigos. Que nunca nos esqueçamos de Fargo, o maior naturo que já conheci. — Muitos aplausos e gritos homenageando Fargo. Podia-se ouvir alguns dizendo “viva Fargo”, “grande herói”. — E também o fantástico Aru, que, juntamente com seu irmão Ura, foi incrível, um verdadeiro herói. Fargo e Aru se foram fisicamente, mas sempre estarão na lembrança de todos. Uma salva de palmas para eles.

A multidão aplaudiu e, quando o barulho foi diminuindo, puderam ouvir uma voz que vinha do fundo.

— Obrigado! Obrigado! Eu sei que sou demais mesmo! — Riu de forma gostosa.

Era Aru que acabara de chegar à Grande Vila. Seu irmão correu em direção a ele e lhe deu um grande abraço. Todos ficaram, ao mesmo tempo, surpresos e muito felizes.

— Mas como? O Imperador não tinha te matado, meu irmão?

— Ele preferiu me deixar preso para tentar descobrir uma forma de apoderar-se da habilidade de atravessar paredes. Estava eu paralisado na sala do trono quando, de repente, fui solto. Os poucos soldados que lá estavam evaporaram-se no ar, tudo foi perdendo aquela aura sombria que dominava o local. Naquele instante, entendi que o Imperador havia sido derrotado, mas essa parte da história acredito que você conhece melhor do que eu...

Comemoraram muito e coroaram Amarode, que, embora ainda fosse uma criança, já tinha a sabedoria de um adulto. Com o fim de Súrigam, o garoto era agora, sem dúvida, a criatura mais poderosa de Primus. Ele usou seus poderes, inclusive, para alegrar ainda mais a festa, fazendo explodir bolas de luz nos céus.

E assim terminou essa grande luta contra a tirania de Súrigam. Os povos, apesar de suas diferenças físicas, entenderam que essas eram apenas características exteriores; eles podiam ser todos irmãos. Compreenderam, além disso, que a tolerância e o perdão são indispensáveis para que cresçam cada vez mais segundo os ensinamentos do Grande Espírito. Agora, eram povos amigos; e que Amarode nunca precise intervir para controlar guerras entre essas seis nações. Pois, se isso acontecer, significa que o ódio e o desejo de vingança, mais uma vez, corromperam

o coração de alguém. Contudo, se preciso for, o grande Herdeiro Supremo, que ainda era uma criança, estará ali. Tomara que esteja preparado para combater, porque, num mundo tão fantástico, quanto Primus, estou certo de que outros demônios tão ou mais poderosos do que Súrigam aparecerão.